

# A VIDA DE MUHAMMAD

SABEDORIA E LEGADO  
ESPIRITUAL DO PROFETA

MAULANA  
WAHIDUDDIN KHAN

# A VIDA DE MUHAMMAD

MAULANA  
WAHIDUDDIN KHAN

Traduzido por  
Ninevah Barreiros

Goodword Books

First published 2024  
This book is copyright free

French version: *Mohammad un Prophète pour l'humanité*  
Urdu version: *Paighambar e Inqilab*  
Marathi version: *Muhammad: Karantiche Preshit*

Goodword Books  
A-21, Sector 4, Noida-201301, Delhi NCR, India  
Tel. +91 120 4131448, Mob. +91 8588822672  
email: [info@goodwordbooks.com](mailto:info@goodwordbooks.com)  
[www.goodwordbooks.com](http://www.goodwordbooks.com)

CPS International  
Centre for Peace and Spirituality International  
1, Nizamuddin West Market, New Delhi-110 013, India  
Mob. +91-9999944119  
e-mail: [info@cpsglobal.org](mailto:info@cpsglobal.org)  
[www.cpsglobal.org](http://www.cpsglobal.org)

Center for Peace and Spirituality USA  
2665 Byberry Road, Bensalem, PA 19020, USA  
Cell: 617-960-7156  
email: [kkaleemuddin@gmail.com](mailto:kkaleemuddin@gmail.com)

Printed at Thomson Press India Ltd, New Delhi

# ÍNDICE

*Introdução* 5

## PARTE UM

- 1 De Adão até o Messias 13
- 2 O comissionamento e o legado do Profeta Muhammad 19
- 3 Conduta exemplar 25
- 4 Caráter Sublime 45
- 5 Lições da vida do Profeta 58
- 6 O caminho do Profeta 81

## PARTE DOIS

- 7 A revolução do Profeta 95
- 8 Superando os Eventos 129
- 9 O método profético 134
- 10 O Profeta em Meca 163
- 11 O Islam chega em Medina 204

## ÍNDICE

- 12 Emigração— de Meca para Medina 208
- 13 Vitória e Posteridade 234

### PARTE TRÊS

- 14 O encerramento da profecia 245
- 15 O Alcorão—O milagre concedido ao Profeta 255
- 16 Os Companheiros do Profeta 278

### PARTE QUATRO

- 17 Manifestação da profecia na atualidade 303
- Notas 322

## INTRODUÇÃO

**E**m uma publicação norte-americana intitulada “*The Hundred*”, o autor menciona as cem pessoas que ele acredita terem exercido maior influência na história da humanidade. O autor, Dr. Michael Hart, nasceu em uma família cristão e recebeu educação científica. Mas no topo de sua lista de honras ele não colocou nem o nome de Cristo nem o nome de Newton. Houve uma pessoa, ele crê, cujas conquistas superaram todos os outros, e essa pessoa foi o Profeta Muhammad. Ninguém mais teve o mesmo impacto na história do homem. “Ele foi o único homem na história”, escreve ele, “supremamente bem-sucedido a nível religioso e secular”.<sup>1</sup>

Assim como para o norte-americano Michael Hart o Profeta é a personalidade mais destacada da história humana, para o historiador inglês Thomas Carlyle ele é “o herói dos profetas”.

Em tempos antigos, quando Abraão e Ismael estavam construindo a Casa em Meca, eles suplicaram por um profeta dentre seus descendentes. 2500 anos depois, esse “herói”, o Profeta Muhammad, surgiu dentre o povo de Meca, trazendo com ele um socorro divino especial. A súplica de Abraão foi atendida e com ela foi alcançado o propósito da vinda dos profetas para este mundo.

Antes de Muhammad, a história não registrou precisamente as vidas dos profetas. De um ponto de vista estritamente acadêmico e histórico, era difícil estabelecer a profecia deles. O profeta Jesus foi o último dos profetas antigos e teve milhões de seguidores, no entanto sua posição histórica é tão sutil que Bertrand Russel afirmou: “Historicamente, é um tanto duvidoso que Cristo tenha realmente existido”. Esse não é o caso com o Profeta Muhammad, o último dos profetas. Sua vida está tão bem documentada e exposta na história, que qualquer pessoa que estude sua vida se vê forçada a concordar com o Professor Philip Hitti em que “Muhammad nasceu sob a luz clara da história”.<sup>2</sup>

O fator que contribui de forma mais significativa para a permanência da profecia de Muhammad é o Alcorão, o milagre permanente revelado a ele por Deus. Se esse milagre fosse da mesma ordem daqueles concedidos a seus antecessores proféticos, seus efeitos não teriam ultrapassado sua existência e sua profecia não teria sido aceita da forma que foi pelas gerações subseqüentes. Um milagre é um evento extraordinário que o homem, sozinho, não consegue produzir. Essa definição se aplica por inteiro ao Alcorão: está além da capacidade do homem emulá-lo. Por isso, não há dúvida de que o Alcorão é um milagre oriundo do Altíssimo.

O papel de Muhammad foi excepcional em que ele tenha tido de ser o último dos profetas. Deus ordenou assim. A revelação final da vontade de Deus deveria ser transmitida por ele às pessoas, e, para a posteridade, as escrituras tinham

## INTRODUÇÃO

de ser preservadas por ele e conseqüentemente por seus seguidores devotos ao longo dos séculos. Para garantir esse curso dos eventos, o profeta tinha que trazer uma revolução que desse a ele o mundo como seguidor.

Muhammad não é pai de nenhum de vossos homens, mas o Mensageiro de Deus e o selo dos profetas. E Deus, de todas as coisas, é Onisciente.<sup>3</sup>

Deus escolheu o profeta para conceder um tipo de orientação que as pessoas precisavam para levarem vidas boas e virtuosas. Se as pessoas aparentemente têm controle sobre o que fazem, isso é porque, neste mundo, elas estão sendo testadas. Se a ilusão do livre arbítrio os faz agir conforme escolhem, eles estão sendo testados. Apesar de sua missão divina, os profetas não podem forçar as pessoas a mudarem suas vidas. Tudo o que eles podem fazer é comunicar a mensagem que Deus confiou a eles:

Então, não impende aos Mensageiros senão evidente transmissão da Mensagem?<sup>4</sup>

Deus fez o máximo para garantir que nós não nos perdêssemos em nossa jornada ao longo da vida. Ele nos deu uma consciência, nos capacitando para distinguir entre o certo e o errado, e nos colocou em um mundo fundado na justiça. Mas, toda vez que o homem falhava em ouvir sua consciência ou se ensurdecia perante a mensagem silenciosa que emanava de cada objeto da criação de Deus, então Deus enviava Seus profetas para trazerem a verdade, e para que essas mensagens enviadas por Deus não fossem

## INTRODUÇÃO

incompreensíveis para as pessoas de diferentes terras, elas foram transmitidas em suas próprias línguas.

Na época pré-islâmica, instituições religiosas tinham se tornado degradadas pela adoração dos meros mortais, ao passo que o profeta Muhammad não admitia nenhuma outra forma de religião a não ser aquela baseada na adoração do Deus imortal. As crenças religiosas eram frequentemente pautadas em superstição, mas com ele, elas foram estabelecidas sobre a fundação da realidade. Ele ensinou as pessoas a conquistarem a natureza em vez adorá-la, preparando assim o caminho para a era científica. E onde o poder político tinha estado nas mãos de um monarca herdeiro, ele mostrou a forma de governo pelo povo. Enquanto o aprendizado havia sido baseado em conjectura e suposição, ele ensinou as pessoas a aprenderem pela observação da realidade. Em casos em que a sociedade estava corrompida pela crueldade e pela opressão, ele mostrou às pessoas como viver juntos com justiça e paz. Tudo isso são conquistas do Profeta Muhammad. Ele mudou a maré da história humana.

De qualquer ângulo que se observe a história, reverberações cada vez mais amplas de seu impacto se manifestam. Tudo o que há de melhor em valores humanos, todos os importantes avanços da civilização humana, são resultados diretos ou indiretos da revolução que ele provocou.

Sua vida pessoal era um exemplo perfeito para a humanidade. Devido a ele ter vivenciado todos os tipos de condições excepcionais, ele foi capaz de fornecer um modelo para a

## INTRODUÇÃO

vida tanto a nível individual como social. Ele nos mostrou a vida que Deus gostaríamos que nós vivêssemos na terra, pois em todos os assuntos, cada uma de suas ações foi pela vontade de Deus. Ele não só estabeleceu o padrão perfeito de adoração a Deus, como também mostrou de que forma Deus ajuda aqueles que verdadeiramente devotam suas vidas a serviço d'Ele. Nós podemos ver no exemplo de sua vida como não há nada mais a ser temido se a pessoa temer a Deus. Ele vai acalmar a situação se a pessoa permanecer paciente diante de uma provocação. Se a pessoa controlar sus impulsos negativos, ela sempre terá sucesso, mesmo contra os inimigos. Se a pessoa sacrificar est mundo pelo outro, ela vai alcançar o melhor dos dois mundos.

Da mesma forma que o agricultor que cultiva sua terra por métodos divinamente inspirados faz a melhor colheita, assim também a qualquer momento os seguidores do profeta podem prevalecer sobre os outros. Deus forneceu todas as condições necessárias e propícias para o domínio de Sua religião divina. Ao entender e utilizar essas condições, os adeptos desta religião podem fazer com que o pensamento islâmico seja proeminente.

Entre a época do profeta Abraão e a vinda do profeta Muhammad, passaram-se 2500 anos. Ao longo desse período, foi preparado o palco para a chegada do profeta. Agindo por ordem de Deus, o profeta desempenhou o papel para o qual foi escolhido. É por isso que sua missão foi supremamente bem-sucedida.

Ao tornar o profeta Muhammad a maior personalidade e,

## INTRODUÇÃO

consequentemente, um dos marcos mais resplandecentes da história humana, Deus concedeu Seu maior favor à humanidade. Portanto, quem buscar uma orientação para si não vai deixar de enxergá-lo, pois ele se destaca como uma torre, uma montanha no horizonte, radiando luz como um farol, orientando todos ao caminho correto. Por isso, é inevitável que aquele que busca a verdade seja elevado ao ápice magnífico em que ele se encontra.

Durante os 14 séculos que se passaram desde a época do Profeta Muhammad, as mudanças histórias que ocorreram e os incríveis avanços no conhecimento humano que foram alcançados se uniram todos para apoiar o Islam. A religião que o profeta ensinou ainda pode se orgulhar de ocupar o lugar de outras religiões. Mas, para que isso seja possível, métodos divinamente inspirados devem ser adotados. Essa regra, que se aplicava ao profeta, se aplica igualmente a seus seguidores.

# PARTE UM



## DE ADÃO AO MESSIAS

**T**odos os profetas que vieram para este mundo tiveram uma missão idêntica. Eles ensinaram que a vida do homem na terra não era senão uma parte infinitésima de sua vida eterna.

Neste mundo ele foi colocado em provação. Recompensa ou punição viria no próximo mundo. Após a morte, se ele seguisse o caminho do Senhor, ele encontraria sua morada eterna no paraíso. Mas, se ele se desviasse, seria introduzido direto no inferno. Sua danação seria terna. Essa era a realidade da vida ensinada por cada um dos profetas.

Adão foi o primeiro homem na terra e também o primeiro profeta. Uma longa linhagem de profetas o sucedeu até a época do Messias. Todos juntos somam 124 mil profetas de Deus, dos quais 315 foram mensageiros. Eles apareceram em diferentes terras e dentre diferentes povos, pregando a palavra de Deus e exortando as pessoas a viverem em temor a Ele. Mas muitos poucos daqueles a quem eles dirigiram mostraram que queriam desistir de sua liberdade por Deus. Poucas pessoas, por exemplo, seguiram o profeta Yahya (João Batista), e ele teve a morte de um mártir. Quando Ló deixou seu povo, apenas duas de suas filhas o acompanharam. De acordo com o Velho Testamento,

apenas oito pessoas entraram na arca com Noé. Quando Abraão deixou seu país, o Iraque, as únicas pessoas que o acompanharam foram sua esposa Sara e seu sobrinho Ló, apesar de depois seus dois filhos, Ismael e Isaque, terem se juntado a ele. Mesmo após grande esforço missionário da parte da Jesus, os padres e autoridades religiosas que ouviram seus ensinamentos não o seguiram, e mesmo seus 12 apóstolos o abandonaram temporariamente no momento da verdade.

Esse foi um grupo infeliz dentre os profetas. Os laços de parentesco às vezes traziam um grande número de seguidores aos mais afortunados, mas, muito frequentemente, aqueles que seriam profetas foram forçados, pela desatenção e insensibilidade daqueles a seu redor, a viverem suas vidas em solidão e sendo perseguidos. Este versículo do Alcorão resume apropriadamente atitudes comuns para com a profecia ao longo da história da humanidade: “Que aflição para os servos! Não lhes chegou Mensageiro algum, sem que deles zombassem”.<sup>5</sup>

Na visão de Deus, os profetas são os melhores dentre toda a raça humana. É extraordinário que eles sejam os mesmos a quem se dá menos importância histórica. A história relatou exaustivamente as vidas de reis e soldados, mas a vida de nenhum único profeta recebeu a devida importância nos anais da história. Aristóteles (384-322 a.C.), nascido mil anos depois do profeta Moisés, desconhecia o nome do profeta Moisés. A razão para isso não é difícil de entender: a maioria dos profetas foi rejeitada por seus povos, suas

casas foram destruídas, eles eram tratados como excluídos da sociedade, eles pareciam ser tão sem importância que ninguém considerou necessário sequer mencioná-los.

Por que os profetas foram tratados dessa maneira? Uma razão para isso era sua crítica às práticas correntes, principalmente das autoridades religiosas reconhecidas, o sacerdócio. As pessoas amavam ser elogiadas e não abominavam nada mais do que serem criticadas. Os profetas expuseram a diferença entre o certo e o errado, sem firmar compromisso com seus povos. Eles apontavam persistentemente os erros nas crenças e ações das pessoas. Consequentemente, as pessoas se voltaram contra eles. Se os profetas tivessem ensinado a todos o que queriam ouvir, eles jamais teriam sido tratados dessa forma.

Apesar de essa ter sido a sina da maioria dos profetas, alguns deles foram poupados, e os nomes de José, Salomão e Davi imediatamente nos vêm à mente. Mas o poder e prestígio que esses profetas adquiriram não foi devido à popularidade de seus ensinamentos: eles tinham uma origem totalmente diferente.

Davi era um jovem soldado no exército dos israelitas sob o Rei Saulo, quando os israelitas e os filisteus entraram em guerra um contra o outro. Dentre o exército dos filisteus estava o gigante Golias. Ele era um combatente tão poderoso que ninguém estava preparado para batalhar contra ele. O Rei Saulo então anunciou que quem matasse Golias se casaria com sua filha. Davi se apresentou, desafiou o gigante e o matou. Desta forma, ele se tornou genro do

Rei de Israel. Em uma guerra posterior, o Rei Saulo e seu herdeiro foram mortos em uma batalha. Davi então foi coroado como Rei de Israel. Salomão era filho de Davi e sucedeu seu pai no trono. Quando a José, Deus concedeu a ele a habilidade de interpretar os sonhos, e o Rei do Egito, impressionado com sua habilidade, confiou a ele os assuntos de Estado. Mas o Rei permaneceu como Chefe de Estado, e seus súditos continuaram a praticar sua religião pagã.

Esse tratamento agressivo dispensado aos profetas ao longo do tempo impediu que as pessoas tivessem a verdadeira orientação e, o que era ainda mais sério, tornou impossível a preservação das escrituras e ensinamentos dos profetas. Somente os seguidores de um profeta poderiam preservar seus ensinamentos após ele, mas os profetas ou não tinham seguidores ou tinham tão poucos que eles eram incapazes de enfrentar os desafios da sociedade para preservar as Escrituras Sagradas.

O conhecimento de Deus é eterno. Ele vê o futuro assim como o passado. Antes de enviar os profetas, Ele sabia qual seria o destino da raça humana. Então ele decretou que remediar essa situação ao final da era profética enviando Seu enviado especial para o mundo: um profeta cuja tarefa seria pregar a religião e exaltá-la sobre todas as demais na terra. Deus concederia a ele socorro especial, tornando-o capaz de convencer as pessoas a se curvarem perante a verdade. Deus o manteria na terra até que ele retificasse as perversões de sua sociedade. O poder de Deus auxiliaria o profeta a vencer seus oponentes. Desta forma, a verdadeira

religião seria estabelecida em bases sólidas e a palavra de Deus se perpetuaria, conforme está na Bíblia: “Mas a terra se encherá do conhecimento da glória do Senhor, como as águas enchem o mar”.<sup>6</sup>

Traduções e acréscimos levaram a Bíblia atual para muito longe do original. Mas ela ainda contém múltiplas referências à vinda do Profeta Muhammad. Quem estudar a Bíblia objetivamente encontrará referências específicas que não podem ser aplicadas a nenhuma outra pessoa. A missão do Profeta Jesus era anunciar para o mundo, e para a nação judaica em particular, a vinda do último Profeta. O “Novo Testamento” ao qual ele se referia era, na verdade, o Islam, pois ele marcava o fim da hegemonia religiosa judaica e protegia os filhos de Ismael como os verdadeiros destinatários da palavra de Deus. Daí o surgimento do Profeta Muhammad.

O Profeta Jesus veio para o mundo 600 anos antes do último dos profetas. Em uma referência à Jesus, o Alcorão diz o seguinte:

E quando Jesus, filho de Maria, disse: “Ó filhos de Israel! Por certo, sou para vós o Mensageiro de Deus, para confirmar a Torá, que havia antes de mim, e anunciar um Mensageiro que virá depois de mim, cujo nome é Ahmad”.<sup>7</sup>

“Ahmad” e Muhammad” têm o mesmo significado: o louvado. No Evangelho de Barnabé, o nome do profeta que estava por vir é citado claramente como Muhammad. Mas, como os cristãos consideram que o Evangelho de Barnabé

é apócrifo, nós não achamos apropriado citar desta fonte. Não podemos ter certeza se Jesus, em sua profecia, referiu-se a Ahmad ou Muhammad. Mias provavelmente, ele usou uma palavra com o mesmo significado desses nomes.

Em sua biografia do Profeta, Ibn Hisham cita que o historiador Muhammad ibn Ishaq, mais autêntica fonte sobre a vida do Profeta, disse que quando Jesus fala em sua língua materna, o aramaico, a palavra que ele usava para a vinda do Profeta era “Munhamann”, que significa “o louvado”. Essa nomenclatura tradicionalmente aceita foi, provavelmente, transmitida a ele pelos cristãos palestinos que passaram a viver sob o governo islâmico. Quando a Bíblia foi traduzida para o grego, a palavra se tornou “paracleto”.

## O SURGIMENTO E O LEGADO DO PROFETA MUHAMMAD

Posicionada entre a África, a Ásia e a Europa, a Península Arábica se encontra no coração do mundo. No entanto, nenhum ambicioso desbravador invadiu o território, nenhum governante buscou anexá-la a seus domínios. Todas as campanhas militares se limitavam à área que delineava a Arábia: Iraque, Síria, Palestina e Líbano. Quanto à Península Árabe, ninguém a considerou que ela valia a pena. Verdade, seu litoral era banhado por três mares, mas seu interior oferecia pouco mais que um deserto inóspito e montanhas áridas.

Meca era a capital dessa terra. Foi nesse “vale incultivável”, no qual ela se encontrava, que nasceu o Profeta do Islam, Muhammad, que a paz esteja com ele. Seu pai, ‘Abdullah ibn ‘Abdul Muttalib, faleceu alguns meses depois do nascimento do Profeta. Ele tinha apenas seis anos quando sua mãe, Aminah, também faleceu. Por dois anos, ele ficou sob os cuidados de seu avô, ‘Abdul Muttalib, e quando este veio a falecer, o tio do Profeta, Abu Talib, se tornou seu guardião. A morte de Abu Talib ocorreu três anos antes da emigração do Profeta para Medina. No estágio mais difícil de sua vida, o Profeta foi deixado sem um protetor. Mas a natureza dotou Muhammad com uma personalidade

notável. Aqueles que o viram em sua juventude diziam: “Esse menino tem um futuro grandioso”. Sua personalidade digna e impressionante evoluiu com a idade. ‘Ali<sup>8</sup> certa vez comentou: “Aqueles que o viam pela primeira vez ficavam maravilhados e aqueles que se aproximavam dele passavam a amá-lo”. O nobre caráter do Profeta era indiscutível, e mesmo assim a atitude para com ele mudou quando ele anunciou sua missão profética aos 40 anos. Eles despejaram escárnio diante de sua alegação da profecia: “Olhem para esse menino da aldeia que acha que tem contato com os céus”, eles diziam.

Sua missão de pregação se estendeu por cerca de 23 anos. Durante esse curto período, ele causou uma revolução dentre as tribos árabes, do tipo que jamais o mundo viu antes. Dentro de 100 anos, essa revolução derrotou os impérios Sassânida e Bizantino. Com a queda desses dois grandes impérios, o Islam anexou o território que se estendia do Irã e Iraque até Bucara, no leste, e no Ocidente, a Síria, a Palestina, o Egito e depois todo o norte da África adentrou o Islam. E a torrente não parou por aí. No ano de 711, o Islam atravessou o Estreito de Gibraltar e alcançou a Península Ibérica. Em 732, um príncipe franco, Carlos Martel, impediu o avanço do Islam na cidade de Tours. Então vieram as Cruzadas estendendo-se por dois séculos, e após a Cruzadas, os horrendos massacres das tribos mongóis. Mas, apesar dos ataques externos, o Império Islâmico se manteve até o séc. XV, quando a Espanha foi perdida devido a brigas internas entre os muçulmanos.

Então chegou a vez dos turcos e dos mogóis<sup>1</sup> de emergirem pelo espírito do Islam. Em 1453, os turcos conquistaram Constantinopla e avançaram pelo leste europeu, alcançando a Iugoslávia. Um exército turco ficou acampado fora de Viena até 1683. No séc. XVI, os mogóis estabeleceram um governo islâmico na Índia e no Afeganistão. Ao longo dos últimos trezes séculos, os muçulmanos se espalharam por cada canto do globo. Cerca de 48 países na Ásia e na África fizeram parte do mundo muçulmano. De acordo com o “*World Muslim Gazetteer*”<sup>9</sup> há cerca de 900 milhões de muçulmanos hoje<sup>2</sup>.

Isso resultou de um esforço de 23 anos na Arábia sob orientação do Profeta. Neste curto período de tempo, a revolução islâmica não só garantiu para si um lugar permanente na história da humanidade, como também criou uma nova história para si. Os humanos sozinhos não tinham como realizar uma tarefa tão gigantesca; somente Deus conseguiria isso. A revolução islâmica é certamente a obra de Deus. Quando os muçulmanos retornaram da vitória da Batalha de Badr, eles encontraram em Rauha alguns apoiadores que os parabenizaram pelo resultado do combate. “Por que vocês nos parabenizam?”, perguntou Salmah ibn Salamah, “O inimigo era como camelos amarrados e nós os abatemos como deveríamos”<sup>10</sup>.

Tudo isso foi, evidentemente, predeterminado por Deus. No vazio do deserto árabe, Ele fez surgir um povo de

---

1 N.T. Do império mogol ou mughal.

2 N.T. Note que o livro foi publicado em 2002, e esta tradução é de 2024.

extraordinária persistência cujo caráter foi moldado por seu ambiente. Eles só conheciam sim ou não, não havia terceira opção para eles. Todas as qualidades naturais necessárias para a dedicação à causa foram preservadas neles. Acrescente a isso o fato de que as duas grandes potências da época estavam localizadas bem nas fronteiras do país. Era natural que os grandes impérios de Roma e da Pérsia não recebessem bem a chegada de um novo poder bem na porta de casa. Em sua tentativa de impedir o avanço do Islam, eles travaram guerra contra os muçulmanos. Fazendo isso, eles forçaram os muçulmanos a se defenderem. Isso permitiu que os muçulmanos conquistassem os impérios persa e romano, cujas fronteiras, naquela época, se estendiam aos lugares mais longínquos conhecidos pelo mundo. Não há dúvida de que as conquistas do Islam não foram guerras contra outros, mas sim, foram uma resposta a agressão que partiu de outros. Foram guerras de legítima defesa, e nunca, em nenhum país, houve duas opiniões quanto à justificativa de tais batalhas.

Maior do que a importância política desses eventos foi que a revolução islâmica abriu oportunidades inexploradas para a humanidade. Ela fez da religião revelada de Deus uma realidade histórica, algo que ela não havia sido antes.

Ela inaugurou a era da imprensa, garantindo a preservação do Alcorão ao longo do tempo. Ela trouxe a era da democracia e da liberdade de expressão, removendo todas as barreiras artificiais que obstruíam os pregadores de convocarem à verdade. Por fim, ela tornou possível as descobertas

científicas, permitindo que verdades religiosas fossem comprovadas e explicadas racional e intelectualmente.

Um aspecto ainda mais importante desta revolução foi que, através do profeta, Deus mostrou ao mundo o que acontecerá no outro mundo. Sua vida e missão nos proporcionaram uma prévia dos eventos da próxima vida. Aqueles que aceitaram e viveram suas vidas com a verdade que ele trouxe a eles se tornaram supremos, e é assim que eles serão eternos na outra vida, se Deus quiser. Os perversos, por sua vez, provaram da humilhação da qual para sempre serão vítimas na outra vida.

A história mostra que aqueles que devotam suas vidas a Deus sempre emergem em uma condição passiva e rebaixada, ao passo que aqueles devotos da riqueza e do poder sempre parecem ter tudo neste mundo. Tal é a triste evidência da história sobre santos e profetas. Essa situação é um tanto contrária à realidade, pois, no fim, Deus vai conceder honra e glória eternas a Seus servos fiéis, enquanto os adoradores de si mesmos e do mundo irão para sempre estar em um abismo de humilhação e desgraça.

Este mundo é para nossa provação. Aqui, as pessoas têm a chance de agir como quiserem. É por isso que Deus não vai cobrar ninguém neste mundo. Mas, ao menos uma vez, através do profeta do Islam, Deus mostrou ao mundo a situação que prevalecerá em sua forma mais completa e permanente na próxima vida.

Os companheiros do profeta, cujas casas foram destruídas, para quem a terra se tornou um local de opressão absoluta,

que tiveram suas propriedades roubadas, que foram tão vitimizados e aterrorizados que viveram suas vidas em constante medo do extermínio – essas mesmas pessoas foram elevadas a uma posição de grande honra. Os coraixitas e os judeus, os romanos e os iranianos, os iemenitas e os gassânidas<sup>11</sup> – que se orgulhavam de sua riqueza e poder – foram reduzidos à ignomínia e desgraça.

Todo profeta enviado por Deus fornece um critério de justiça divina. Através dele, Deus anuncia à humanidade as decisões que Ele mesmo irá anunciar no outro mundo. Mas o profeta do Islam fez uma demonstração tal da justiça divina que ela se tornou uma experiência mundana e uma realidade histórica aceita. Nós pudemos ver com nossos próprios olhos como Deus honrou seus servos devotos e como rebaixou aqueles que se rebelaram contra Ele. É claro que o inferno e o paraíso são realidades que se manifestarão no outro mundo. Mas nós tivemos um vislumbre preliminar deles neste mundo para que ficássemos atentos.

O que realmente surgiu com a profecia de Muhammad foi a própria divindade de Deus. É por isso que o novo testamento prevê sua profecia como o “Reino de Deus”. Indubitavelmente, a revolução do profeta teve tremendas implicações políticas e estratégicas. Mas sua importância primordial é uma manifestação inicial da glória de Deus, uma revelação de justiça divina. A revolução do profeta Muhammad nos mostrou de antemão as realidades que se abaterão sobre nós de forma absoluta na outra vida.

## CONDUTA EXEMPLAR

O Profeta do Islam, Muhammad, que a paz esteja sobre ele, nasceu na Arábia em 22 de abril de 570 e faleceu em 8 de junho de 632. Ele era um homem muito bonito e bem constituído. Sua infância apontou a personalidade sublime e dinâmica que se desenvolveria nele. Conforme ele crescia, a nobreza de sua personalidade afetava as pessoas a seu redor, mas ele era tão gentil e de um caráter tão amável que qualquer pessoa que tinha contato próximo com ele aprendia a amá-lo. Uma personalidade perfeitamente equilibrada – tolerante, verdadeiro, perspicaz e magnânimo – ele se mostrou como o melhor exemplo de nobreza humana. De acordo com Dawud ibn Husayn, ele ficou conhecido, conforme crescia, como sendo o mais cortês dentre as pessoas, tolerante, sincero e confiável, e era sempre um bom vizinho. Ele sempre se mantinha neutro em quaisquer disputas e altercações e nunca se envolvia em conversas fúteis, xingamentos e injúrias. As pessoas inclusive deixavam seus pertences sob seus cuidados, sabendo que ele jamais trairia sua confiança. Sua confiabilidade impecável lhe rendeu o título de “al-Amin”, o guardião confiável, um depositário infalível.

Quando ele se casou aos 25 anos, seu tio Abu Talib realizou a cerimônia de casamento. “Não há ninguém que se compare

a meu sobrinho, Muhammad ibn ‘Abdullah”, ele disse. “Ele se destaca dentre todos em nobreza, gentileza, eminência e sabedoria. Por Deus, ele tem um grande future e vai alcançar uma posição elevada”. Abu Talib não disse essas palavras no sentido de que eventos futuros as comprovassem. Em vez disso, ele as disse em um sentido mundano. A natureza havia dotado seu sobrinho de uma personalidade versátil e magnética. Seu povo certamente apreciava suas qualidades e elevou sua posição. Abu Talib via um futuro de sucesso e de conquistas mundanas para seu sobrinho, o “grande futuro” que ele mencionou em seu sermão.

Sem sombra de dúvida, o profeta teve todas as oportunidades de progresso mundano. Ele nasceu em uma família nobre de Meca e suas virtudes lhe garantiram sucesso na vida. É fato que ele havia herdado de seu pai um camelo e um servo, mas suas qualidades inatas impressionaram Khadija, a mulher mais rica de Meca, uma viúva de 40 anos, vinda de uma família de comerciantes. Quando o profeta tinha 25 anos, ela propôs se casar com ele. O casamento com Khadija não só garantiu ao profeta grande riqueza e prosperidade, como também abriu um vasto campo de comércio para ele na Arábia e além. O profeta teve todas as oportunidades de levar uma vida confortável de sucesso. Mas ele abandonou tudo isso e escolheu para si algo totalmente diferente. Quase que intencionalmente, ele tomou um rumo que só poderia levar à ruína mundana. Antes de seu casamento, o profeta ganhava a vida de formas diferentes. Agora, ele renunciava a todas as atividades e passaria a se dedicar a sua

vocação de vida – a busca pela verdade. Ele costumava se sentar por horas ponderando sobre os mistérios da criação. Em vez de socializar e tentar alcançar um lugar dentre os nobres de Meca, ele vagava pelos vales e colinas do deserto. Costumava se retirar em solidão na caverna da montanha de Hira’ – cerca de 8km de Meca – e lá ficava até que seu pouco suprimento de água e comida acabassem. Ele retornava para casa para reabastecer suas provisões e depois voltava à solidão da natureza para rezar e meditar. Ele suplicava ao Criador dos céus e da terra por respostas para as perguntas que surgiam em sua mente. Qual é o nosso verdadeiro objetivo de vida? O que o Senhor requer de nós como Seus servos? De onde viemos e para onde iremos depois da morte? Incapaz de encontrar respostas para essas perguntas nos centros de atividade humana, ele se retirou para a quietude do deserto; talvez lá estaria mais próximo da resposta.

O orientalista romeno Konstan Virgil George escreveu em seu livro “*The Prophet of Islam*”:

Até que alguém passe algum tempo no deserto da Arábia e do Oriente Médio, não será capaz de entender como a vastidão e tranquilidade do deserto expande o intelecto humano e fortalece a imaginação. Há uma notória diferença entre as plantas europeias e as árabes. Nenhuma planta nas regiões áridas do deserto exala perfume doce, as acácias dessa terra não são sequer aromáticas. O deserto se estende por 3 milhões de km<sup>2</sup>. Aqui é como se o homem ficasse em contato direto com

Deus. Outros países são como construções cujas paredes obstruem a visão, mas não há nada que bloqueie a visão da realidade nas vastas regiões abertas da Arábia. Para onde quer que se olhe, vê-se areia sem fim e um céu profundo. Aqui, não há nada que impeça a pessoa de estar na companhia de Deus e de Seus anjos<sup>12</sup>.

Não foi coisa pouca que um jovem tomasse esse rumo no auge de sua vida. Ele renunciou a felicidade mundana e escolheu um caminho permeado de dificuldades e sofrimento. Ele tinha todos os meios possíveis e oportunidades para ter uma vida confortável, mas sua alma turbulenta não encontrava satisfação nisso. Ele buscou investigar além das aparências e encontrar a realidade da vida. Ganhos e perdas mundanos, conforto e aflição não eram relevantes para ele; o que importava para ele era a grande questão da verdade e da falsidade.

Essa fase da vida do profeta é mencionada no Alcorão:

E não te encontrou descaminhado e te guiou?<sup>13</sup>

A palavra usada nesse versículo para “perdido” (“*dhallan*”) também pode ser usada para descrever uma árvore sozinha no deserto vazio. O profeta era como uma árvore sozinha em meio a vastidão de ignorância que era a Arábia. A ideia de consolidar sua posição nessa sociedade era algo que o aborrecia. Ele buscava a verdade e nada menos que a verdade poderia satisfazer sua alma. Sua busca chegou ao ponto de sua vida se tornar um fardo insuportável. O Alcorão faz referência a esse tempo:

Não te dilatamos o peito? E não te depusemos o fardo que te vergava as costas?<sup>14</sup>

Certamente, Deus aliviou seu fardo. Ele trouxe misericórdia para Seu profeta, iluminando seu caminho e guiando-o em sua jornada. Em 12 de fevereiro de 610, o profeta se sentou sozinho em sua caverna. O anjo do Senhor apareceu perante ele em forma humana e ensinou a ele as palavras que aparecem no começo do 96º capítulo do Alcorão. A busca do profeta tinha finalmente sido recompensada. Sua alma inquieta tinha entrado em comunhão com o Senhor. Deus não só concedeu a ele orientação, mas Ele escolheu Muhammad como Seu profeta e enviado especial para o mundo. A missão do profeta se estendeu ao longo dos 23 anos seguintes. Durante esse período, todo o conteúdo do Alcorão – a derradeira escritura divina – foi revelado a ele.

O profeta do Islam descobriu a Verdade aos 40 anos de sua árdua vida. Foi uma conquista que não traria facilidade e conforto, pois essa Verdade era que ele estava face a face com um Deus Poderosíssimo. Foi a descoberta de seu desamparo perante o poder de Deus, de sua insignificância perante a magnitude sobrenatural do Onipotente. Com essa descoberta, ficou claro que o fiel servo de Deus não tinha nada a não ser responsabilidade, ele não tinha direitos.

O significado que a vida ganhou para o profeta após a Verdade chegar a ele pode ser entendido nestas palavras:

Nove coisas o Senhor me ordenou;

Temor a Deus em privado e em público;

Justiça, seja na raiva ou na calma;  
Moderação, tanto na pobreza como na abundância;  
Que eu devo segurar na mão daqueles que se  
afastam de mim;  
E dar aos que me restringem;  
E perdoar os que me injustiçam;  
E que meu silêncio seja meditação.  
E minhas palavras, lembrança de Deus;  
E minha visão, atenta observação.<sup>15</sup>

Essas não são meras palavras, elas refletem a própria vida do profeta. Palavras comoventes e maravilhosamente convincentes desta natureza não emanam de uma alma vazia. Elas indicam o status de seu autor, elas são uma manifestação de seu ser interior, um espírito inextinguível revelado em forma verbal.

Mesmo antes do alvorecer de sua profecia, a vida do profeta seguia o mesmo padrão. A motivação, no entanto, estava subconsciente. Agora, ela havia subido ao nível da consciência. Ações previamente baseadas em impulsos instintivos agora se tornavam resultado bem concebido do pensamento profundo. Esse é o estado daquele que reduz suas necessidades materiais ao mínimo, cuja vida assume um padrão único, cujo corpo vive neste mundo, mas o espírito reside em outro plano. O profeta uma vez disse:

Uma pessoa com discernimento deve ter alguns momentos especiais: um momento de comunhão com Deus; um momento de autoavaliação; um

momento de reflexão sobre os mistérios da criação; e um momento que ela reserva para comer e beber.<sup>16</sup>

Em outras palavras, é assim que o fiel servo de Deus passa o dia. Às vezes, o anseio de sua alma o leva para tão perto de Deus que ele se encontra como que em comunhão com o Senhor. Às vezes, o medo do dia em que ele será trazido perante seu Senhor para a prestação de contas faz com ele preste contas a si mesmo. Às vezes, ele fica tão deslumbrado pelas maravilhas da criação de Deus que ele começa a ver o esplendor do Criador refletido nela. Assim, ele encontra seu Senhor, a si mesmo e o mundo a seu redor, enquanto separa um tempo para atender suas necessidades físicas.

Essas palavras não são a descrição de um ser remoto; elas são o reflexo da personalidade do profeta, um raio da luz da fé que iluminava seu coração. Esses “momentos” eram parte integral da vida do profeta. Aquele que não experimentou esses estados jamais pode descrevê-los de maneira tão sublime. A alma da qual essas palavras emanaram estava no estado que elas representam. Através de palavras, o estado de perfeição espiritual foi comunicado a outros.

Antes de ele receber a palavra de Deus, este mundo – com todas as suas falhas e limitações – parecia não ter sentido para o profeta. Mas, agora que Deus tinha revelado a ele que havia outro mundo perfeito e eterno além deste mundo, que era a verdadeira morada do homem, via e universo agora tinham sentido. Ele agora havia alcançado um nível em que sua alma pode subsistir, uma vida com a qual ele

poderia se envolver de alma e coração. O profeta agora via um mundo real no qual ele poderia colocar seu coração e sua alma, um alvo para suas esperanças e aspirações, um objetivo para todos os esforços de sua vida.

Essa realidade não é meramente descoberta a nível intelectual. Quando ela se implanta, ela transforma a pessoa completamente e eleva seu nível de existência. O profeta do Islam nos dá um excelente exemplo em seu modo de vida. A maior lição transmitida por sua vida é que a menos que a pessoa mude seu plano de existência, ela não poderá mudar suas ações.

Quando o profeta Muhammad descobriu a realidade do outro mundo, ela dominou toda a sua vida. Ele se tornou mais desejoso pelo paraíso sobre o qual havia dado as boas novas às pessoas e ele era o mais temente ao inferno sobre o qual havia advertido as pessoas. Uma profunda preocupação pela vida futura sempre havia existido dentro dele. Às vezes ela vinha em seus lábios como súplica e às vezes em forma de uma contrição profunda. Ele vivia em um plano completamente diferente daquele dos seres humanos comuns. Muitos incidentes ilustram isso, alguns mencionados aqui.

Uma vez, o profeta estava em casa com Umm Salamah. Ele chamou sua serva, que demorou um tempo para chegar. Vendo sinais de raiva do rosto do profeta, Umm Salamah foi até a janela e viu que a serva estava brincando. Quando ela chegou, o profeta tinha um “*miswak*”<sup>17</sup> na mão. Ele disse a ela: “Se não fosse o temor pela retribuição no Dia do Juízo,

eu teria batido em você com esse *miswak*". Mas, até mesmo o mais brando castigo deveria ser evitado.

Os homens prisioneiros na Batalha de Badr eram os piores inimigos do profeta, mas seu tratamento dispensado a eles foi impecável. Um dos prisioneiros era um homem chamado Suhayl ibn 'Amr. Orador ardente, ele denunciava publicamente o profeta e incitava as pessoas contra ele e sua missão. 'Umar ibn al-Khattab sugeriu que dois de seus dentes inferiores fossem arrancados para abafar seu zelo oratório. O profeta ficou chocado com a sugestão de 'Umar. Ele disse a 'Umar: "Deus me desfiguraria por isso no Dia do Juízo, mesmo eu sendo Seu mensageiro".

É isso que significa o mundo ser um solo fértil para a próxima vida. Aquele que se dá conta desse fato vive uma vida orientada para a próxima, uma vida em que todos os esforços almejam alcançar o sucesso em um mundo vindouro e eterno. Uma vida em que o verdadeiro valor está não neste mundo efêmero, mas em uma vida após a morte. Assim nos damos conta de que este mundo não é o destino final, mas apenas uma estrada ao ponto de chegada, um ponto inicial da preparação para a vida futura. Assim como cada ação de uma pessoa neste mundo é realizada tendo em mente interesses deste mundo, cada ação do servo fiel de Deus é focada na outra vida. Suas reações a cada situação na vida refletem essa atitude de olhar para cada assunto a partir da perspectiva da vida após a morte e de como a situação em questão vai afetar seus interesses no outro mundo. Seja uma ocasião de felicidade ou de tristeza,

sucesso ou fracasso, dominação ou depressão, louvor ou condenação, amor ou raiva – em qualquer estado, essas pessoas são guiadas por seus pensamentos na outra vida até que finalmente esses pensamentos se tornam parte de seu inconsciente. Elas não deixam de ser mortais, mas suas mentes passam a funcionar somente em função de questões relativas ao mundo da imortalidade, o que faz com que elas esqueçam o interesse nos assuntos mundanos.

## Humildade e Paciência

O profeta era um homem como os outros. Coisas felizes o agradavam, coisas tristes o entristeciam. No entanto, entendimento do fato de que ele era, antes de tudo, servo de Deus, impedia-o de dar mais importância a seus sentimentos do que à vontade de Deus.

Perto do final da vida do profeta, Mariah Qibtiyah deu a ele um filho bonito e cheio de vida. O profeta deu a ele o nome de Ibrahim, em homenagem a seu mais ilustre antepassado Foi Abu Rafi' quem havia dado as boas novas ao profeta. Ele ficou tão feliz que presenteou Abu Rafi' com um servo. Ele carregava o filho no colo e brincava com ele carinhosamente. Segundo o costume árabe, Ibrahim foi entregue a uma ama de leite, Umm Burdah bin al-Mundhir ibn Zayd Ansari, para ser amamentado. Ela era esposa de um ferreiro, e sua pequena casa geralmente ficava cheia de fumaça. Ainda assim, o profeta ia à casa do ferreiro para visitar seu filho, apesar de sua condição delicada – a fumaça enchia seus olhos e suas narinas. Ibrahim tinha apenas

um ano e meio quando faleceu no décimo ano da hégira (janeiro de 632). O profeta chorou pela morte de seu único filho, como qualquer pai choraria. Quanto a isso, o profeta parecia ser como qualquer outro ser humano. Sua felicidade e seu pesar era os mesmos de qualquer pai. Mas com tudo isso, ele fixou seu coração firmemente na vontade de Deus. Mesmo em seu luto, essas foram as palavras que ele proferiu:

Deus sabe, Ibrahim, como lamentamos sua partida. Os olhos choram, o coração lamenta, mas nós não dizemos nada que possa desagradar ao Senhor.

Aconteceu que a morte de Ibrahim coincidiu com um eclipse solar. Desde tempos antigos as pessoas acreditavam que a morte de pessoas importantes provocava o eclipse solar ou lunar. Então o povo de Medina começou a atribuir o eclipse ao falecimento do filho do profeta. Isso causou um grande incômodo ao profeta, pois sugeria que esse evento astronômico previsível tinha sido causado por respeito a seu filho pequeno. Então, ele reuniu as pessoas e se dirigiu a elas assim:

Eclipses do sol e da lua não são devido à morte de nenhum ser humano; eles são apenas sinais de Deus. Portanto, quando vocês virem um eclipse, devem rezar para Deus.

Em uma de suas viagens, o profeta pediu a seus companheiros para assarem um bode. Um se voluntariou para abater o animal, outro para fazer a esfolagem e outro para cozinhar. O profeta disse que iria buscar lenha. Seus companheiros

protestaram: “Mensageiro de Deus, nós vamos fazer todos o trabalho”. O profeta respondeu: “Eu sei que vocês farão, mas isso seria discriminação, o que eu desaprovo. Deus não gosta que Seus servos atribuam superioridade em relação a seus companheiros”.

O profeta era tão humilde que uma vez ele disse:

Por Deus, ainda que eu seja mensageiro de Deus,  
eu não sei o que vai ser de mim e o que vai ser de  
vocês.<sup>18</sup>

Um dia, Abu Dharr al-Ghifari estava sentado ao lado de um muçulmano negro. Abu Dharr o chamou de “homem preto”. Ao ouvir isso, o profeta ficou muito aborrecido e disse a Abu Dharr para se redimir. “Branços não são superiores a pretos”, ele acrescentou. Abu Dharr percebeu seu erro quando o profeta o advertiu. Ele se jogou no chão em remorso e disse ao homem que havia ofendido: “Levante-se e ponha seu pé em meu rosto”<sup>3</sup>.

---

3 N.T. O preconceito e a discriminação, em qualquer forma que seja, pela classe social, pela escolaridade, pela cor, condição financeira, nacionalidade etc. é totalmente proibido ao muçulmano e considerado um costume da era pré-islâmica chamada pelos muçulmanos da era da ignorância, pois, nela os árabes não seguiam um código de vida baseado em valores e princípios que foram passados por Deus. No capítulo 49 do Alcorão, Deus traz uma série de orientações sobre como as pessoas devem conviver umas com as outras e se respeitar, dentre elas que os crentes são como irmãos (49:10), que os crentes não devem escarnecer uns dos outros nem devem atribuir nomes depreciativos uns aos outros (49:11), que não devem falar mal uns dos outros pelas costas (49:12) e que “Por certo, o mais honrado de vós perante Deus é o mais temente” (49:13). Portanto, devemos notar cuidadosamente aqui que o profeta Muhammad, a paz e as bênçãos de Deus estejam com ele, se aborreceu com a situação de uma característica de uma pessoa estar sendo usada como ofensa ou tratada de forma pejorativa, algo claramente proibido por Deus em Seu livro sagrado.

Uma vez, o profeta viu um muçulmano rico puxando sua roupa comprida para se afastar de um muçulmano pobre que estava sentado ao lado dele. O profeta falou: “Você está com medo da pobreza dele passar para você?”.

Uma vez, o profeta precisou pegar dinheiro emprestado com um judeu chamado Zayd ibn Sa’nah. Alguns dias antes da data determinada para pagamento, o judeu foi cobrar a devolução do dinheiro. Ele foi até o profeta, segurou suas roupas e disse a ele rispidamente: “Muhammad, por que você não me pagou o que me deve? Pelo que eu conheço dos descendentes de Muttalib, eles todos tratam de pagar suas dívidas”. ‘Umar ibn al-Khattab estava com o profeta nesse momento. Ele ficou enfurecido, repreendeu o judeu e estava já a ponto de bater nele. Mas o profeta só sorria. Tudo que ele disse ao judeu foi: “Ainda faltam três dias para cumprir minha promessa”. Depois ele se voltou para ‘Umar e disse: “Zayd e eu merecíamos um tratamento melhor da sua parte. Você deveria ter me dito para ser melhor no pagamento de minhas dívidas e que ele deveria ser melhor ao cobrar. Então leve-o com você, ‘Umar, e pague a ele o que é devido. E dê a ele 20 *sa’ahs* (cerca de 40kg) de tâmaras como um extra por tê-lo assustado com suas ameaças”. O que é mais excepcional nesse episódio é que o profeta conseguiu se comportar com tamanha paciência e humildade mesmo após se estabelecer como chefe do estado muçulmano de Medina.

A vida do profeta foi tão bem-sucedida que, durante sua vida, ele se tornou governante de toda a Arábia até a

Palestina. Como mensageiro de Deus, o que ele dissesse era aceito como lei. Seu povo o reverenciava como nenhum outro homem jamais foi reverenciado. Quando ‘Urwah ibn Mas’ud foi mandado a ele como enviado dos Coraixitas (no ano 6 da hégira), ele ficou impressionado de ver como os muçulmanos não deixavam nem a água usada pelo profeta para ablução cair no chão sem usá-la em suas mãos e passar no corpo. Tal era a veneração por ele. Anas ibn Malik, companheiro próximo do profeta, disse que apesar de seu grande amor pelo profeta, por respeito, ele não olhava diretamente em seu rosto. De acordo com Mughirah, se qualquer um dos companheiros do profeta quisesse chamá-lo, ele, primeiro, bateria na porta com os dedos. Uma noite, quando a lua estava cheia, o profeta estava deitado coberto com um lençol vermelho. Ele chegou à conclusão de que o profeta era mais belo que a lua.

Choveram flechas do inimigo sobre o profeta, porém seus seguidores formaram um círculo ao redor dele, deixando as flechas os atingirem. Era como se eles fossem feitos de madeira, não de carne e osso. As flechas ficaram penduradas nos corpos de alguns deles como os espinhos de um cacto.

Devoção e veneração desta natureza podem causar a vaidade em um homem e incutir nele um sentimento de superioridade, mas esse não foi o caso com o profeta. Ele viveu dentre as pessoas como igual. Nenhuma crítica ácida ou provocação o fazia perder a compostura. Uma vez, um beduíno se aproximou do profeta e o puxou com tanta violência pela capa que estava usando que seu pescoço ficou

marcado. “Muhammad”, ele disse, “Dê-me dois camelos carregados de mercadorias, pois o dinheiro em sua posse não lhe pertence nem era de seu pai”. O profeta disse: “Tudo pertence a Deus e eu sou servo d’Ele”. Então ele perguntou ao beduíno: “Você não ficou com medo da forma com que me tratou?”. Ele respondeu que não e o profeta perguntou por quê. O homem respondeu: “Porque eu sei que você não revida o mal com o mal”. O profeta sorriu ao ouvir isso e providenciou para ele um camelo carregado de cevada e outro de tâmaras.

O profeta viveu tão impressionado com Deus que ele sempre foi a personificação da humildade e da docilidade. Ele falava pouco e até mesmo seu caminhar sugeria uma reverência a Deus. As críticas nunca o enfureceram. Ao se vestir, ele dizia: “Eu sou servo de Deus, e eu me visto como um servo de Deus deve”. Ele se sentava em postura de reverência para compartilhar a comida e dizia que era assim que um servo de Deus deveria comer.

Certa vez, um companheiro disse: “Se for da vontade de Deus e da vontade do profeta...”. O rosto do profeta mudou de cor por raiva quando ele ouviu isso. Ele questionou severamente o homem dizendo: “Você está tentando me equiparar a Deus? Em vez disso, diga: ‘Se Deus, somente, quiser’”. Em outra ocasião, um companheiro do profeta disse: “Aquele que obedece a Deus e Seu profeta é bem guiado, e aquele que desobedece a eles está desviado”. “Você é o pior dentre os que falam” observou o profeta, desgostoso pela referência que o colocava no mesmo

pronome do Onipotente. Ele era muito sensível quanto a essas questões.

O profeta teve três filhos meninos e todos morreram na infância. Suas quatro filhas, todas da primeira esposa, Khadijah, cresceram até a idade adulta. Fátima era a filha mais nova do profeta e ele era extremamente ligado a ela. Quando ele retornava de qualquer viagem, a primeira coisa que fazia, após rezar duas *rak'at*<sup>19</sup> na mesquita, era visitar Fátima e beijar suas mãos e sua testa. Jumai' ibn 'Umayr uma vez perguntou a 'Aisha quem o profeta mais amava. "Fátima" ela respondeu.

Mas a vida inteira do profeta foi moldada pelos pensamentos sobre a próxima vida. Ele amava seus filhos, mas não de uma forma mundana. 'Ali ibn Abi Talib, marido de Fátima, uma vez disse a 'Abdul Wahid uma história sobre a filha mais amada do profeta. As mãos de Fátima, ele disse, ficavam empoladas devido à moagem constante, seu pescoço ficava dolorido por carregar água, suas roupas ficavam sujas por ela varrer o chão. Quando o profeta tinha recebido uma grande leva de servos vindos de um determinado lugar, 'Ali sugeriu que sua esposa fosse até o pai e pedisse um servo. Ela foi, mas não conseguiu falar com o pai por causa da multidão. No dia seguinte, ele foi até a casa deles e perguntou a Fátima o que ela queria falar com ele. 'Ali contou ao profeta toda a história e disse que ele a havia enviado. O profeta disse: "Tema a Allah, Fátima. Cumpra suas obrigações com o Senhor e siga com seu serviço de casa. E quando você for se deitar de noite, louve a Allah 33 vezes, glorifique-O

o mesmo número de vezes e exalte Seu nome 34 vezes, e assim completará cem. Isso é muito melhor do que ter um servo”. Fátima respondeu: “Se essa é a vontade de Deus e de Seu profeta, então que assim seja”. Essa foi a única resposta do profeta. Ele não deu a ela nenhum servo.

A verdade revelada ao profeta foi que esse mundo não surgiu sozinho, mas sim, foi criado por um Deus único, que continua a cuidar dele. Todos os homens são Seus servo e responsáveis perante Ele por suas ações. A morte não é o fim da vida do homem; em vez disso, ela é o começo de outro mundo permanente, onde os bem-aventurados desfrutam da felicidade do paraíso e os perversos são lançados em um inferno furioso. A revelação desta verdade veio com o mandamento de propagá-la perto ou longe. Desta forma, subindo no monte de Safa, profeta convocou as pessoas a se reunirem. Primeiro, ele fez menção à grandiosidade de Deus. Depois, ele procedeu a dizer:

Por Deus, assim como vocês dormem, vocês irão morrer; assim como vocês despertam vocês serão ressuscitados após a morte: vocês prestarão contas de suas ações. A benfeitoria será recompensada com o bem, e o mal com o mal. E por toda a eternidade, os benfeitores estarão no paraíso e os perversos estarão no inferno.

Aquele que vai contra sua época enfrenta dificuldades em sua vida quase que a cada passo, mas essas dificuldades não são prejudiciais. Elas podem ferir os sentimentos da pessoa, mas não ferem seu corpo. No máximo, elas são um teste que requer paciência em silêncio. Mas a posição

é diferente quando a pessoa assume como missão opor-se publicamente ao convencional, quando a pessoa começa a dizer ao povo o que se espera que eles façam e que eles não façam. O profeta não era só um crente: foi confiado a ele transmitir a palavra de Deus às pessoas. Esse papel trouxe a ele um conflito impetuoso contra seus conterrâneos. Todas as formas de adversidade – desde a dor da fome até a trepidação da batalha – foram infligidas a ele. Ainda assim, ao longo dos 23 anos de sua missão, ele sempre se manteve justo e circunspecto em suas ações. Não é que ele não tinha sentimentos humanos dentro dele e, por isso, era incapaz de se amargurar. É que, simplesmente, o temor a Deus governava sua conduta.

Três anos após a migração do profeta para Medina, os oponentes mecanos se juntaram para atacar Medina e assim ocorreu a Batalha de Uhud. No começo, os muçulmanos aguentaram firme. Depois, um erro cometido por um dos companheiros do profeta deu ao inimigo a chance de atacá-los pelas costas e virar a batalha a seu favor. Foi uma situação desesperada e muitos dos companheiros do profeta começaram a fugir do campo. O profeta foi deixado sozinho, cercado pelo exército do inimigo. Como lobos famintos eles avançaram sobre o profeta. O profeta começou a chamar seus companheiros: “Voltem para mim, ó servos de Deus! Não há ninguém que vá sacrificar sua vida e afastar os opressores de mim e ser meu companheiro no Paraíso?”.

Imagine o quão terrível deve ter sido a situação, com

o profeta gritando por ajuda desta maneira. Alguns de seus companheiros atenderam seu chamado, mas reinava uma confusão tal naquele momento que mesmo esses bravos soldados não conseguiram protegê-lo totalmente. Primeiro, ‘Utbah ibn Abi Waqqas arremessou uma pedra no rosto do profeta, arrancando alguns de seus dentes inferiores. Depois, um famoso soldado coraixita, ‘Abdullah ibn Qumayyah, o atacou com um machado, o que fez duas argolas de sua armadura penetrarem seu rosto. Elas estavam tão profundamente enterradas que Abu ‘Ubaydah quebrou dois dentes quando tentou extraí-las. Então foi a vez de ‘Abdullah ibn Shahab Zuhri que jogou uma pedra no profeta e machucou seu rosto. Sangrando profusamente, ele caiu em um buraco. Quando profeta ficou por longo tempo sem ser visto no campo de batalha, correu o boato de que ele tinha sido martirizado. Então um dos companheiros do profeta o avistou caído no buraco. Vendo que ele estava vivo, ele gritou de felicidade: “O profeta está aqui!”. O profeta fez sinal para ele ficar em silêncio para que o inimigo não soubesse onde ele estava caído.

Nessa situação perigosa, o profeta amaldiçoou alguns líderes coraixitas, principalmente Safwan, Suhayl e Harith. “Como um povo pode ferir seu profeta, prosperar!”, ele exclamou. Mas isso não foi do agrado de Deus, e Gabriel veio com essa revelação:

Nada da determinação divina de pertence, ó Muhammad – ou para Ele voltar-se para eles, remindo-os ou para castigá-los, pois eles, por certo, são injustos.<sup>20</sup>

Essa admoestação foi suficiente para o profeta e sua raiva se foi. Arrasado pelas feridas, ele começou a rezar pelas pessoas que o haviam ferido. Abdullah ibn Mas'ud depois se lembrou de como o profeta estava limpando o sangue de sua testa e ao mesmo tempo suplicando:

Senhor, perdoe meu povo, pois eles não sabem o que fazem.<sup>21</sup>

As biografias do profeta estão repletas de incidentes dessa natureza, o que mostra sua vida como um modelo perfeito para a humanidade. Elas mostram que nós somos servos de Deus e servos devemos permanecer em qualquer condição. Sendo servos humildes de Deus, devemos sempre nos manter em um estado de trepidação perante nosso Senhor e a outra vida. Tudo no universo deve servir para nos lembrar de Deus. Em cada ocasião devemos ver a mão do Onipotente. Para nós, cada objeto deve representar os sinais de Deus. Em todos os assuntos de natureza mundana, devemos lembrar que tudo será, por fim, retornado a Deus. Temor do inferno deveria nos fazer viver humildemente dentre nossos iguais e almejar o paraíso deve imprimir em nós a relevância deste mundo. Devemos ser tão conscientes da grandiosidade de Deus que qualquer ideia de demonstrar nossa grandiosidade deve parecer ridícula. Nenhuma crítica deve nos provocar e nenhum louvor deve nos encher de vaidade. Esse é o caráter humano ideal que Deus demonstrou para nós na conduta de Seu profeta.

## CARÁTER SUBLIME

O Alcorão descreve o profeta Muhammad como tendo um “caráter sublime”.<sup>22</sup> Aqui estão dois ditos do profeta que elucidam em que consiste esse caráter sublime:

Nunca rebaixe seu caráter dizendo que se as pessoas te tratarem bem, você as tratará bem, nem que se elas te prejudicarem, você as prejudicará. Em vez disso, acostume-se a fazer o bem para aqueles que são bons com você e a não injustiçar aqueles que te prejudicam.<sup>23</sup>

Junte as mãos com aqueles que se afastarem de você, perdoe aqueles que te injustiçarem e seja bom com aqueles que te prejudicarem.<sup>24</sup>

O caráter sublime descrito aqui foi demonstrado em sua forma mais nobre pelo próprio profeta. É claro que os muçulmanos comuns devem ter tal caráter como um acessório, mas para o profeta, era um requisito essencial.

Há dois níveis de caráter, um nível comum e um nível superior. Um caráter comum está baseado no princípio “faça o que te fizerem”. Tal caráter pode ser chamado de instintivo, pois aqueles que o possuem normalmente dão respostas reflexas ao tratamento dos outros, rompendo com aqueles que rompem com ele, injustiçando aqueles que os injustiçam e prejudicando aqueles que o prejudicam.

Mas o caráter mais Elevado está baseado no princípio “faça o que gostaria que fizessem com você”. Aqueles possuem tal caráter lidam da mesma maneira com um amigo e com um inimigo, independentemente de como forem tratados. Eles são amistosos, aproximando-se de quem se afastou dele. São compassivos mesmo com aqueles que querem prejudicá-lo. São tolerantes mesmo com aqueles que os injustiçam.

De acordo com o filósofo francês Voltaire (1694-1778), “ninguém é herói de seu valete”. Isso porque um valete tem acesso à vida privada da pessoa. Na vida privada, ninguém é perfeito. Portanto, aqueles que são próximos da pessoa geralmente não têm tanta estima por ela como as pessoas que estão distantes. É por isso que eles não podem considerar a pessoa como herói. Mas esse não é o caso com o profeta Muhammad. Ao contrário, a história mostra que quanto mais alguém se aproximava dele, mais se impressionava com suas qualidades refinadas.

Certa vez, alguns membros da tribo de Banu Qayn ibn Jasn atacaram o território de Banu Ma'an, uma parte da tribo de Tay. Durante a pilhagem, eles capturaram uma criança de oito anos chamada Zayd, que eles venderam como escravo na feira de 'Ukaz. Aconteceu que esta criança foi entregue a serviço do profeta, tendo sido presenteado por seus compradores à Khadija pouco tempos antes do casamento com o profeta. O pai do menino e o tio logo souberam de seu paradeiro e foram à Meca recuperá-lo e trazê-lo de volta para casa. Eles encontraram o profeta e disseram que dariam alguma compensação que ele pedisse em troca

de devolver o menino. O profeta disse que não queria compensação. Se Zayd quisesse ir com eles, eles poderiam levá-lo. Então o profeta chamou Zays e perguntou a ele se conhecia aquelas pessoas. Zayd disse que sim, que eles eram seu pai e seu tio. “Eles querem levar você com eles”. “Zayd respondeu: “Eu não vou te deixar para ir à lugar nenhum”. Seu pai e seu tio ficaram indignados ao ouvir aquilo. Eles perguntaram: “O que, você prefere a escravidão à liberdade? Você prefere abandonar seu povo e viver dentre outros?”. Zayd respondeu: “Eu não prefiro ninguém à Muhammad, não depois de ver as qualidades dele”. Eles não tiveram escolha a não ser voltar para casa sem ele. Tal era o carisma do profeta.

Esse incidente, que ocorreu antes do comissionamento do profeta, revela a gentileza que lhe era inerente. O Alcorão fez referência a essa característica com as seguintes palavras:

E por uma misericórdia de Allah, tu, Muhammad, te tornaste dócil para eles. E se houvesse sido ríspido e duro de coração, eles haveriam debandado de teu redor.<sup>25</sup>

Essa magnanimidade do profeta deu a ele o poder de cativar os corações das pessoas: quanto mais perto se ficava dele, mais e mais se ficava rendido a seu nobre caráter.

O profeta uma vez disse: “Honrar os laços de parentesco não significa honrar os laços com aqueles que honram os laços com você; significa honrar os laços com aqueles que rompem os laços com você”. O famoso caso de ‘Aisha,

esposa do profeta e filha de Abu Bakr, ter sido acusada de adultério é um bom exemplo desse princípio.

A acusação difamatória foi feita contra 'Aisha quando ela foi acidentalmente deixada para trás enquanto retornavam de uma expedição a Banu al-Mustaliq, no ano 6 da hégira, e depois resgatada por um jovem companheiro do profeta chamado Safwan ibn al-Mu'attal. Certamente, o episódio ficou famoso na história islâmica como “o caso da difamação”. Uma das pessoas responsáveis por inventá-lo e espalhá-lo foi um parente de Abu Bakr chamado Mistah. Quando Abu Bakr soube que Mistah foi um dos que difamaram sua filha inocente, ele cortou a ajuda que costumava dar a Mistah, que era um parente necessitado. Quando Abu Bakr fez isso, Deus revelou esse versículo do Alcorão a Seu profeta:

E que os dotados, dentre vós, do favor e da prosperidade, não prestem juramento de nada conceder aos parentes e aos necessitados e aos emigrantes no caminho de Allah. E que eles os indultem e os tolerem. Não amarieis que Allah vos perdoasse? E Allah é Perdoador, Misericordiadior.<sup>26</sup>

Uma pessoa necessitada não deve ser privada de assistência financeira por causa de sua má conduta. Em vez disso, ele deve ser perdoado e deve continuar recebendo a ajuda.

Um homem insultou Abu Bakr um dia quando ele estava sentado junto com o profeta. Abu Bakr ouviu, mas permaneceu em silêncio. O homem continuou a xingá-lo. Abu Bakr se manteve calmo. Finalmente, quando homem

continuou repetindo sua fala suja, Abu Bakr não conseguiu mais se segurar e respondeu-o.

Ao ouvir isso, o profeta imediatamente se levantou e saiu. Abu Bakr questionou: “Por que se levantou de seu lugar, profeta de Deus?”. O profeta respondeu: “Enquanto você estava em silêncio, o anjo de Deus estava respondendo por você. Mas quando você estourou, o anjo foi embora”. Assim, o profeta ilustrou que Deus retribui qualquer injustiça feita à pessoa, conquanto ela não responda. A quem busca vingança, Deus não dá ouvidos. Portanto, a retribuição será mais completa se for deixada a cargo de Deus.

Uma vez o profeta pegou dinheiro emprestado de um sábio judeu. Após alguns dias, o judeu exigiu o pagamento da dívida. “No momento, eu não tenho nada com o que pagar você”, o profeta disse a ele. “Eu não vou deixar você até que me pague”, retorquiu o judeu. E assim ele permaneceu ali, desde a manhã até a noite, mantendo o profeta como prisioneiro. Nessa época, o profeta tinha sido declarado governante de Medina: ele tinha autoridade para tomar medidas contra o judeu. Seus companheiros queriam repreender o homem e fazer ele sair dali. Mas o profeta os proibiu de fazer qualquer coisa. “Um judeu está te mantendo prisioneiro”, protestou um deles. O profeta disse: “É verdade, mas o Senhor me proibiu de injustiçar qualquer pessoa que seja”. A noite virou dia. Com a luz da alvorada, os olhos do judeu abriram. Ele estava profundamente comovido por ver a tolerância do profeta, apesar da autoridade que ele tinha para agir, e por causa

disso ele abraçou o Islam. Esse judeu, um homem rico, tinha detido o profeta no dia anterior por causa de alguns trocados; mas a conduta nobre do profeta teve um impacto tal nele que agora ele estava propenso a doar toda a sua riqueza para o profeta, dizendo “Gaste-a como quiser”.

‘Abdullah ibn Abi al-Hasma’ estava fazendo uma transação com o profeta. Ela ainda não estava concluída quando ele precisou ir para casa por causa de um assunto urgente. “Espere aqui”, ele disse ao profeta. “Nós vamos terminar o assunto quando eu voltar”. Quando ele chegou em casa, ficou tão ocupado com algumas tarefas que esqueceu sua promessa. Ele se lembrou dela três dias depois e retornou ao local, onde encontrou o profeta esperando. Ele disse a ‘Abdullah ibn Abi al-Hasma’: “Você me causou bastante problema, estou esperando aqui há três dias”. Tal conduta tinha um magnetismo poderosos, que nem mesmo a pessoa mais obstinada consegue resistir.

Uma vez, um grupo de rabinos veio até o profeta. Quando eles entraram, em vez de cumprimentá-lo normalmente com ‘*Assalamu ‘Alaykum*’, eles disseram ‘*Assamu ‘Alaykum*’, que significa “a morte sobre você”. ‘Aisha ouviu isso e não conseguiu se conter. Ela disse: “Morte sobre vocês, isso sim. Que Deus os amaldiçoe”. O profeta disse a ‘Aisha para não responder dessa maneira. Ele disse: “Deus é gentil e Ele gosta da gentileza em todos os assuntos”. Na verdade, não há método mais eficaz de se ganhar o coração da pessoa que devolver com boas palavras as más. É possível se resistir a um ataque armado, mas a conduta nobre é uma força a que

ninguém pode resistir. Com certeza ela prevalece em todas as situações.

Que coisa terrível deve ter sido para um homem como o profeta, quando, enquanto anoitecia, ele encontrou os moleques de Ta'if correndo atrás dele fora da cidade arremessando pedras nele. Ta'if era onde a aristocracia do Hijaz costumava passar o verão, e o profeta tinha feito uma viagem de cerca de 100km de Meca para convidá-los para o Islam. Mas os senhores de Ta'if não deram ouvidos a essas palavras bem-intencionadas; em vez disso, eles mandaram moleques de rua atrás dele que continuaram perseguindo-o até a noite estender seu véu sobre eles e o profeta de Deus. Seu corpo estava coberto de feridas, Sangrando da cabeça aos pés e completamente exausto, ele buscou refúgio em um vinhedo. Isso, mesmo para o homem mais comum, já seria uma experiência traumática. O profeta uma vez contou à sua esposa 'Aisha que aquela tinha sido a noite mais difícil de sua vida. Mas mesmo nos momentos mais tensos, o profeta não desejou nenhum mal a seus inimigos.

Ao contrário, ele disse: “Senhor, guia-os, pois eles não sabem o que fazem”. Esse era o nobre caráter do profeta, e essa nobreza finalmente venceu seus oponentes e trouxe toda a Arábia para dentro do Islam. A força de seu espírito sublime foi suficiente para conquistar tudo em seu caminho. Nenhum de preconceito, antagonismo ou teimosia era páreo para o poder mágico do bem incutido em sua pessoa.

## Ausência de Acrimônia

O profeta fez as pazes com os coraixitas em Hudaybiyyah (ano 6 da hégira) com três condições: uma era que se qualquer Mecano aceitasse o Islam e quisesse se mudar para Madina, ele deveria ser entregue aos coraixitas. Mas se qualquer muçulmano de Medina tivesse de ir à Meca, os mecanos não o enviariam de volta para Medina. Tão logo esse tratado foi feito, um jovem chamado Abu Jandal escapou de Meca e foi para Hudaybiyyah, seu corpo carregando marcas e hematomas onde correntes tinham corroído sua pele. “Me salvem do inimigo!”, ele implorou aos muçulmanos. Esse foi um momento muito sensível. Os companheiros do profeta desembainharam suas espadas. A visão de Abu Jandal irritou seus nervos a um tal grau que a maioria deles queria romper o tratado e salvar a vida do jovem. Nesse ínterim, os coraixitas lembraram o profeta de que essa era uma ocasião em que ele deveria respeitar o pacto que tinha feito com eles. Por fim, o profeta decidiu que não poderia voltar atrás nos termos que haviam sido acordados. Por mais dolorosa que essa decisão fosse para os muçulmanos, Abu Jandal foi entregue aos coraixitas. De fato, ele estava colocando uma vítima inocente da opressão de volta nas garras de seus opressores. Mas, em efeito, ele estava agindo sob os mais elevados princípios. Os opressores, por sua vez, ficaram confusos e impressionados por essa conduta ética única, então não foi pouca coisa para eles levarem Abu Jandal embora e aprisioná-lo; Em vez disso, o evento se tornou um símbolo de sua degradação, em contraste com

a elevação moral do Islam. O resultado foi que o povo de Meca foi vencido pelos altos padrões éticos do Islam, o que fez muitos deles começarem a se converter. A presença de Abu Jandal em Meca se tornou um atestado da veracidade da fé do profeta. Mesmo como prisioneiro, Abu Jandal começou a parecer aos seus sequestradores uma ameaça a segurança nacional. No fim, eles consideraram prudente libertá-lo e deportá-lo de Meca.

Enquanto o profeta estava vivendo em Madina, onde ele tinha alcançado liderança política e religiosa, ele enviou alguns homens a Najd, cujos habitantes eram seus inimigos declarados. No caminho, eles cruzaram com o governante da cidade de Yamamah, Thamamah ibn Uthal. Eles o pegaram como prisioneiro e o levaram para Medina, onde o amarraram em um pilar da mesquita. O profeta veio perguntar por ele. Thamamah disse: “Se você me matar, meu povo vai vingar meu sangue, e se você me libertar, eu estarei para sempre em dívida com você. Se é dinheiro que você quer, estou pronto para dar o tanto que você desejar”.

O profeta não matou Thamamah fisicamente, mas conquistou a alma do homem por meio do tratamento humano. Após sua libertação, Thamamah foi a um jardim próximo, se banhou e voltou à mesquita. As pessoas se perguntaram o motivo de ele ter retornado. Mas quando ele declarou sua aceitação do Islam ao pronunciar o testemunho de fé em voz alta, as pessoas perceberam que, ao libertar Thamamah, o profeta tinha, de fato, o capturado para sempre. Thamamah então foi peregrinar em Meca. Quando o povo de Meca

ouviu sobre sua conversão, disseram a ele que ele tinha perdido sua fé. Thamamah respondeu: “Eu não perdi minha fé. Na verdade, eu adotei a fé de Deus e de Seu profeta”. Além disso, Thamamah se tornou uma fonte de força para o Islam. Yamamah era um dos principais locais de onde o povo de Meca obtinham grãos. Thamamah disse a eles que sem a permissão do profeta Muhammad, ele não forneceria um único grão a eles. O caso de Thamamah mostra que a conduta nobre – apesar de parecer não ter valor prático – pode ganhar o mundo.

Adotar um código elevado de ética significa praticar o que se prega, tratar os fracos com a mesma cortesia e deferência que mostra aos fortes, estabelecer para si os mesmos padrões que estabelece para os outros, jamais desviar-se de seus princípios, manter uma postura moral elevada, mesmo quando outros caem nas profundezas da degradação. Desse ponto de vista, o profeta do Islam esteve no ápice da ética humana, jamais abandonando os padrões sublimes que pregava. Conveniência ou contenda não o faziam recorrer a condutas antiéticas. Nenhuma evidência pode ser mais substancial a esse respeito do que a de seus companheiros mais próximos.

Sa'id ibn Hisham era da geração imediatamente posterior à do profeta Muhammad. Uma vez ele perguntou 'Aisha, viúva do profeta, sobre o caráter de seu falecido marido. Ela respondeu: “Ele era a personificação do Alcorão”. Isto é dizer que o profeta moldou sua vida segundo o padrão ideal de vida, que ele apresentou aos outros na forma do Alcorão.

Anas Ibn Malik serviu o profeta por dez anos. Ele disse que o profeta jamais o repreendeu. “Quando eu fazia uma coisa, ele nunca questionava minha forma de fazê-lo. E quando eu não fazia, ele nunca questionava minha falha em fazê-lo. Ele era um homem de muito boa natureza. De acordo com ‘Aisha, o profeta jamais agrediu um servo, uma mulher ou qualquer um. Com certeza ele lutou pelo que era certo. Mas, quando ele tinha que escolher entre duas alternativas, ele escolhia a mais fácil, desde que não envolvesse nenhum pecado: ninguém era mais cuidadoso em evitar o pecado do que ele. Além do mais, ele nunca buscou vingança – de sua parte – por nenhuma injustiça feita contra ele. Somente se mandamentos divinos fossem violados ele retribuía por causa de Deus.

Essa conduta por parte do profeta fez ele ser respeitados até mesmo aos olhos de seus inimigos. Seus seguidores estavam do seu lado diante de todos os tipos de dificuldades e infortúnios. Ele era amado em tempos de opressão assim como em tempos de vitória e supremacia. Seus seguidores mais próximos o viam sem máculas, assim também quem o visse de longe. Ele deu à humanidade um modelo inimitável de conduta exemplar. Os princípios nos quais o profeta baseava sua vida eram os mesmos moldes de sua natureza sublime. Esses princípios nunca vacilaram. Eles formavam uma parte permanente de sua vida. Ele os aplicava igualmente àqueles que seguiam seu caminho e àqueles que o prejudicavam ou o ofendiam.

Mesmo na época pré-islâmica – conhecida como era da

ignorância – a função de guardião da porta da Kaabah era tida com muita alta estima. Desde tempos antigos a tarefa tinha sido atribuída a uma família específica. Na época do profeta Muhammad, um membro dessa família, ‘Uthman ibn Talhah, era o custódio.

Al-Bukhari, o maior compilador de tradições de profeta, relatou como o profeta, antes de migrar para Madina, uma vez desejou entrar na Kaabah para fazer adoração. Ele pediu a ‘Uthman as chaves para abrir a porta. ‘Uthman se recusou e insultou o profeta. O profeta disse: “‘Uthman, talvez você veja que eu vou ter essas chaves em minhas mãos um dia. Então, eu terei poder de usá-las como quiser”. ‘Uthman retorquiu: “Será um dia de desgraça e pesar para os coraixitas quando as chaves de Kaabah forem entregues a alguém como você”.

Então veio o tempo em que o profeta conquistou Meca e lá reinou supremo. A primeira coisa que ele fez ao entrar na cidade sagrada foi ir até a Casa de Deus. Sete vezes ele circungirou a Kaabah. Então ele chamou ‘Uthman ibn Talha. De acordo com um relato, ‘Uthman tinha se tornado muçulmano durante o período entre Hudaybiyyah e a conquista de Meca. Então o profeta pegou as chaves dele, abriu a porta da Kaabah e entrou. Ele permaneceu lá por um tempo, retirando os ídolos das paredes.

Então ele saiu, segurando as chaves em suas mãos. Em seus lábios estava um versículo do Alcorão:

Por certo, Allah vos ordena que restituais os depósitos a seus donos.<sup>27</sup>

Então, ‘Ali ibn Abi Talib, primo e genro do profeta, se levantou e disse ao profeta: “Deus o abençoe, mas sempre foi atribuída a Banu Hashim a tarefa de dar de beber aos peregrinos. Agora é a época de assumir a função de guardião da porta também”. O profeta não respondeu ‘Ali e perguntou onde ‘Uthman estava. Quando ele se aproximou, disse: “Aqui estão suas chaves, Este é um dia de justiça e cumprimento de promessas. Elas ficaram em sua família, geração após geração. Somente um injusto vai tirá-las de você”.

Essa atitude do profeta ilustra que os muçulmanos devem ser meticulosos em cumprir as obrigações e devolverem os que lhes é confiado. Mesmo que se eles tiverem disso tratados com teimosia por aqueles com quem estão lidando, eles devem dar aquilo que é de direito deles. Não importa o quanto possa magoá-los, eles jamais devem negar às pessoas seus direitos.

Quando pessoas mundanas obtêm poder, a primeira coisa que elas fazem é atacar seus oponentes, tirando-os de seus postos e colocando neles seus apoiadores. Todas as pessoas que ganham poder pensam em termos de apoiadores e oponentes. Promover apoiadores e rebaixar os oponentes é uma parte essencial da política dessas pessoas. Mas quando o profeta do Islam obteve controle da Arábia, ele fez o total oposto. Ele não tratou as questões em termos de apoiadores e oponentes; ele considerou somente o que era certo e justo. Ele enterrou todos os rancores lidou com todos conforme demandam a justiça e a compaixão.

## LIÇÕES DA VIDA DO PROFETA

### As recompensas da restrição

No Alcorão, essas palavras foram dirigidas aos crentes:

Com efeito, há para vós, no Mensageiro de Deus, belo exemplo, para quem espera em Deus e no Derradeiro Dia, e se lembra amiúde de Deus.<sup>28</sup>

Está claro nesse versículo que na vida do profeta Muhammad há um exemplo perfeito para cada ser humano. Mas os únicos beneficiários reais serão aqueles cuja compreensão de Deus é profunda, cujas esperanças e aspirações se centram em Deus e cujas vidas são vividas em temor da punição do Senhor. Aqueles que apreciam a ideia de felicidade eterna e que com certeza almejam por ela com cada fibra de si, esses serão os que aprendem com o exemplo do profeta.

Por que deveria ser assim? A razão é que a pessoa deve ser sincera em sua busca pela verdade se quiser encontrá-la. Se a pessoa “olhar para Deus e para o último Dia”, será sincera ao preocupar-se com ambos. A sinceridade faz a pessoa ver a vida do profeta a partir da perspectiva correta e extrair as lições corretas dela.

Essa questão pode ser entendida com um exemplo. O dito do profeta a seguir é relatado:

Aquele que é morto ao defender sua propriedade é um mártir. Aquele que é morto ao defender sua vida é um mártir. Aquele que é morto ao defender sua religião é um mártir. Aquele que é morto ao defender sua família é um mártir.<sup>29</sup>

Como mostra o texto, esse *hadith* é sobre “ser morto” e não sobre lutar. O profeta não quis dizer que toda vez que houver uma ameaça a propriedade, a vida, a religião ou família, a pessoa deve imediatamente recorrer às armas, mesmo que a pessoa seja assassinada. Esse *hadith* não é uma incitação à luta, mas sim uma promessa do martírio àqueles que forem mortos.

Aqueles que não são sinceros em sua atitude com a religião, porém, são os mais preocupados em dar às suas fantasias um selo de sanção profética, que pegarão as palavras desse *hadith* e as usarão para justificar suas desavenças egoístas e seus conflitos nacionalistas. Eles dirão que o Islam ensina a lutar por seus direitos como um homem, que ele incita as pessoas a lutar em defesa de sua fé, de sua vida e de sua propriedade, de sua família e de seus parentes. Se você for vitorioso, então você alcançou seus objetivos e se você for derrotado então você é um mártir e é somente uma pequena minoria que alcança a glória do martírio.

Mas aqueles que temem a Deus olham para a questão sobriamente. Então, após intensa reflexão interior, eles se perguntam: se não é pedido a pessoa que lute em defesa de sua propriedade, de sua vida, de sua religião e de sua família, então por que há casos na vida do profeta em que ele não fez

isso? Diante da opressão manifesta, por que o profeta com frequência adotou uma atitude passiva e exortou as pessoas a fazerem o mesmo?

O incidente a seguir, por exemplo, foi registrado por Ibn Hisham, de autoria de Abu ‘Uthman al-Nahdi. Quando Suhayb decidiu emigrar para Medina, os coraixitas disseram: “Você veio a nós em um estado desprezível e destituído. Você se tornou rico dentre nós. Por fim, você alcançou a situação atual de sua riqueza. Você acha que nós vamos deixar você fugir e levar tudo com você? Se sim, você está enganado!”. Suhayb questionou: “Se eu entregar toda a minha riqueza a vocês, vocês vão me deixar ir?”. Eles disseram que sim, então Suhayb deu a eles tudo o que tinha. Quando o profeta ouviu isso, ele disse: “Que excelente para Suhayb! Ele obteve um grande lucro!”.

Se o *hadith* anteriormente mencionado significasse – em sentido absoluto – que a pessoa deve lutar e dar sua vida em defesa de sua propriedade sob quaisquer condições que sejam, o profeta deveria ter condenado o fracasso de Suhayb em vez de ter parabenizado seu sucesso.

O caso de Abu Jandal (ver Parte Um, capítulo IV) também ilustra essa questão. Quando, em Hidaybiyyah, no ano 6 da hégira, durante as negociações de paz com os coraixitas, o jovem Abu Jandal, ensanguentado e acorrentado, implorou aos muçulmanos que não o enviassem de volta aos politeístas agora que ele tinha aceitado o Islam, o profeta ordenou que, segundo os termos do tratado que foram acordados, ele deveria ser enviado de volta a Meca. Ele disse: “Abu

Jandal, seja paciente. Deus vai conceder a você e àqueles que também forem perseguidos, o alívio do sofrimento”.

Se o *hadith* anteriormente mencionado aconselhasse a pessoa a lutar e ser martirizada, independentes das condições, o profeta não teria recomendado resignação paciente a Abu Jandal. Em vez disso, ele teria dito a ele que buscasse o martírio, que ele e seus companheiros iriam lutar com grande dedicação ao lado de Abu Jandal.

Durante o mesmo encontro em Hodaybiyyah, os coraixitas disseram ao profeta que não o deixariam entrar em Meca naquele ano. Aceitando isso, o profeta retornou para Medina sem insistir em visitar a Casa de Deus. Essa foi uma questão inteiramente religiosa. É fato que o profeta agiu sob inspiração divina ao sair rumo a Meca com seus companheiros. Mesmo assim, ele se retirou. Se o *hadith* anteriormente mencionado se referisse a lutar e ser martirizado em sentido absoluto, o profeta teria insistido em visitar a Casa de Deus naquele ano, fosse para ter sucesso na empreitada ou para ser martirizado no processo.

‘Ammar ibn Yasir e seus pais eram servos da tribo de Banu Makhzum em Meca quando eles aceitaram o Islam. Sua conversão foi totalmente rechaçada para Banu Makhzum. Eles levaram sua família para o deserto no calor do meio-dia e os colocaram deitados sobre a areia ardente, onde os torturavam com selvageria. Eles foram ao extremo de matar a mãe de ‘Ammar. Sobre esse incidente, eis o que Ibn Hisham, biógrafo do profeta, escreveu:

Quando o profeta passava por eles, pelo que eu

ouvi, ele dizia a eles: “Sejam pacientes, ó família de Yasir. O paraíso é sua terra prometida”.<sup>30</sup>

Se o *hadith* mencionado anteriormente era para ser tomado em sentido absoluto, então o conselho do profeta a Yasir teria sido equivalente a encorajar a covardia. O profeta então nunca daria tal conselho. Em vez disso, ele teria incitado Yasir a lutar e ser martirizado. Então, ele teria prosseguido com essa causa sagrada, quer fosse o resultado dela a libertação de Yasir ou seu martírio.

A verdade é que o exemplo do profeta está aberto a mais de uma interpretação, e pode acontecer de ser feita a interpretação errada ou certa. Somente se a pessoa for sincera ela irá interpretar a situação corretamente e isso só pode ser alcançado através do realismo que vem do temor a Deus.

Quando a pessoa sincera considera esses incidentes na vida do profeta, é possível que surjam questões como as apresentadas aqui. Elas não estão buscando um significado que atenda a seus objetivos, mas sim, estão buscando determinar a natureza exata do exemplo transmitido pelo profeta. Essa abordagem as deixa afastadas da interpretação errônea. Elas olham para a questão de forma objetiva, e a graça de Deus os fará chegar ao centro da questão. Elas irão ver que o segredo está em perceber uma coisa: perdas menores devem ser suportadas em nome de um ganho maior.

A consideração que deve predominar na mente do crente é o que serve aos interesses do Islam e não a seus interesses

peçoais. Sua preocupação deve ser divulgar a mensagem do Islam. Se houver um choque entre os interesses peçoais e de divulgação, então a divulgação deve vir primeiro. No interesse de sua missão de divulgação, o profeta aconselhou a paciência nas situações mencionadas acima. O profeta suportou todos os tipos de perdas peçoais, financeiras e domésticas para garantir a continuação de seus esforços de espalhar a fé. Ele sabia que o sucesso dos muçulmanos nesta vida e na próxima estava em sua insistência em seu trabalho missionário.

Quando se tem um propósito na vida, esse propósito assume importância primordial. A pessoa aguenta perdas na vida para alcançá-lo. Na ausência de um tal propósito, o indivíduo fica preocupada com qualquer assunto trivial. Para evitar pequenas perdas, o indivíduo deve tolerar perdas ainda maiores. Os pregadores da palavra de Deus são as pessoas com mais propósito de vida no mundo: eles aguentam perdas menores em busca de seu objetivo maior. Eles evitam entrar em embates com as pessoas por causa de qualquer questão que possa prejudicar seu trabalho missionário. Eles só agem em legítima defesa quando forçados a isso, pois isso não interfere em seu objetivo maior.

Considerando isso, vamos olhar para os incidentes de grande importância moral durante a vida do profeta Muhammad.

### Jamais render-se ao desespero

O sistema tribal prevalente na época do profeta protegia os indivíduos. Raramente alguém conseguia sobreviver sem

ele. No começo do período que passou em Meca, o profeta Muhammad desfrutava da proteção de seu tio, Abu Talib, chefe de Banu Hashim. Porém, Abu Talib faleceu no décimo ano da missão e sua liderança recaiu sobre Abu Lahab. Como Abu Lahab se recusou a estender sua proteção a ele, o profeta começou a buscar proteção de outra tribo para continuar seu trabalho de pregação. Foi com esse propósito que ele foi até Ta'if.

Junto com Zayd ibn Haritha, o profeta saiu em uma jornada de 100km até Ta'if, um oásis fértil ao sul de Meca. Ele tinha alguns parentes na cidade, mas o poder estava nas mãos de três indivíduos na época: 'Abd Yalayl, Mas'ud e Habib. O profeta se encontrou com todos três e todos se recusaram a unirem-se a ele ou a estenderem sua proteção a ele. “Eu vou rasgar a cortina da Ka'bah sagrada se Deus tiver feito de você profeta d'Ele”, disse um deles. “Deus não conseguiu encontrar nenhum outro para enviar como profeta d'Ele?” disse outro, zombando. “Eu juro que não falarei com você”, disse o terceiro. “Para mim, seria um insulto a você fazer isso se você for um verdadeiro profeta e seria um insulto a mim se você estiver mentindo em suas alegações”<sup>31</sup>.

Desanimado, o profeta se retirou em retorno de sua jornada. Mais nem assim o povo de Ta'if o deixou em paz. Em vez disso, mandaram moleques atrás dele e uma saraivada de pedras e xingamentos o acompanhou até sair da cidade. Zayd tentou proteger o profeta com sua manta, mas não conseguiu: ele ficou machucado da cabeça aos pés.

Fora da cidade havia um vinhedo que pertencia a dois

irmãos, ‘Utbah e Shaybah. Era fim de tarde quando o profeta chegou até lá e se refugiou. Seu corpo estava coberto de feridas, mas em seus lábios havia oração: “Senhor”, ele clamou, “me ajude. Não me deixe para me virar sozinho”.

‘Utbah e Shaybah eram ambos politeístas, mas quando viram a condição do profeta, ficaram com pena dele. Eles tinham um servo cristão chamado ‘Addas. Disseram a ele para pegar alguns cachos de uvas e levá-los em um recipiente para o hóspede. ‘Addas fez conforme ordenado: levou algumas uvas para o profeta e pediu para compartilhar com ele. O profeta recitou o nome de Deus ao pegá-las na mão para comer. ‘Addas olhou para o rosto do profeta. “Por Deus”, ele disse, “não é comum o povo dessa terra dizer essas palavras”. O profeta perguntou a ‘Addas de onde ele vinha e qual era sua religião. ‘Addas respondeu que ele era cristão e vinha de Nínive no Iraque. “Então você é da terra do bom Jonas, filho de Mateus”, o profeta observou. “Como você conhece Jonas, filho de Mateus?”, ‘Addas retorquiu. “Ele era um profeta e eu também sou”, disse o profeta. Ao ouvir isso, ‘Addas se curvou diante do profeta e beijou sua cabeça, suas mãos e seus pés.

‘Utbah e Shaybah estavam observando. “Olhe”, disseram um ao outro, “esse homem corrompeu nosso servo”. Quando ‘Addas retornou, eles disseram: “Que vergonha! Por que você estava beijando a cabeça, as mãos e os pés daquele homem?”. ‘Addas respondeu: “Mestre, não há nada maior do que ele na face da terra. Ele me disse algo que ninguém, a não ser um profeta, pode dizer”. Eles repetiram: “Que

vergonha! Cuidado para ele não afastar você de sua religião, pois sua religião é melhor do que isso”.

Em uma única viagem o profeta de Deus foi tratado de três formas por três diferentes grupos de pessoas: um lhe apedrejou, o segundo lhe estendeu hospitalidade e um terceiro reconheceu sua profecia.

Uma grande lição desse evento é que não há fim para as possibilidades neste mundo. Se você estiver a céu aberto, certamente haverá uma sombra de árvore onde você poderá descansar. Se alguém oprimir você, não se desespere, pois se você aderir ao caminho da verdade e não responder negativamente a um tratamento parecido por partes dos outros, Deus certamente virá em seu auxílio. Alguns podem não se juntar à sua causa, mas você com certeza vai encontrar um lugar nos corações de outros.

## O Profeta forçado ao exílio

O profeta Muhammad encontrou forte oposição quando começou sua missão de pregação em Meca em 609 d.C. Quando ele apresentou a mensagem do Islam aos incrédulos de Meca, eles orgulhosamente indicaram que já estavam envolvidos em um grande trabalho religioso. Eles protestaram: “Por que deveríamos nos tornar muçulmanos quando já guardamos a Mesquita Sagrada e damos água aos peregrinos?”. Este versículo do Alcorão foi revelado em condenação ao argumento deles:

Julgais os que dão de beber aos peregrinos e os que cuidam da Mesquita Sagrada como aqueles

que creem em Deus e no Derradeiro Dia e lutam no caminho de Deus? Não se igualam perante Deus. E Deus não guia o povo injusto. Os que creem e emigram e lutam no caminho de Deus, com suas riquezas e com si mesmos, têm escalões mais elevados junto de Deus. E esses são os triunfadores.<sup>32</sup>

Inicialmente, a mensagem do profeta do Islam não tinha nada além da verdade conceitual por trás dela. Foi uma mensagem resumido sem qualquer grandeza material atrelada a ela. Por outro lado, a Kaaba em Meca tinha atingido o status de uma instituição respaldada por grande arquitetura e tradições históricas gloriosas. Consequentemente, associar-se com a Kaaba era algo socialmente aceito, chegou a se tornar até um símbolo de orgulho. Enquanto isso, associar-se com a mensagem do profeta do Islam, equivalia à crença em uma religião que não tinha se formado e não tinha nenhum benefício material a oferecer.

O povo de Meca, então, fez o que pode para impedi-lo e ele foi submetido a tormento após tormento. Mas sua missão continuou a ganhar espaço e, por fim, a mensagem do Islam chegou ao povo de Medina, a maioria dos quais aceitou o Islam. Junto com o profeta, outros muçulmanos também foram perseguidos em Meca. O profeta disse a eles para irem para Medina, onde eles seriam recebidos por seus irmãos muçulmanos, que estavam prontos para dar-lhes socorro. Então, um por um, os muçulmanos começaram a migrar para Medina. Quando os coraixitas souberam desse esquema, eles tentaram impedir os muçulmanos

de deixarem Meca: alguns eles espancavam, outros eles faziam prisioneiros, mas de alguma forma, a maioria dos muçulmanos conseguiu obter refúgio em Medina.

Finalmente (em 622 d.C.) havia chegado a vez do profeta. Os coraixitas perceberam que, com o resto dos muçulmanos seguramente instalados em Medina, não demoraria para que o profeta se juntasse a eles. Então os líderes de todas as tribos coraixitas, exceto Banu Hashim, se encontraram no grande salão da casa de Qusayy ibn Kilab, onde aconteciam todas as reuniões desse tipo. Várias propostas foram sugeridas, mas, por fim, todos concordaram que uma pessoa de cada tribo deveria atacar e matar Muhammad: seu sangue então seria dividido entre todas as onze tribos os Banu Hashim, tribo à qual o profeta pertencia, sendo incapaz de lutar contra todos eles, aceitariam uma compensação. Na noite seguinte, eles cercaram a casa do profeta esperando que ele surgisse para que eles dessem início ao ataque e o matassem.

O profeta sabia exatamente o que estava acontecendo. Quietamente continuou seus preparativos. Então, de acordo com o plano, ele saiu de Meca com Abu Bakr naquela noite. O profeta percebeu que eles iriam enviar grupos atrás deles quando a notícia de sua partida chegasse aos coraixitas. Então ele e Abu Bakr se esconderam em uma caverna no monte de Thawr, a cerca de 6km de Meca. Eles planejaram ficar lá por alguns poucos dias até que os coraixitas cancelassem as buscas, e então os dois continuariam a viagem até Medina.

Os homens da cavalaria coraixita buscaram por toda parte pelo profeta. Não passou muito tempo até que um grupo

deles alcançasse seu esconderijo no Monte de Thawr. Lá estavam eles, armados e parados bem na entrada da caverna: o profeta e Abu Bakr podiam até ver os pés deles. Abu Bakr, sentindo o perigo crítico em que estavam, disse ao profeta: “o inimigo está em cima de nós”. “Não se preocupe”, disse o profeta. “Deus está conosco. Nós somos apenas dois – disse calmamente – mas o que você acha de dois que têm Deus como terceiro companheiro?”.

## Confiança absoluta em Deus

Outro incidente parecido ocorrido durante uma expedição feita pelo profeta, conhecida como Dhat al-Riqá’ (Ano 4 da hégira). Registrado no al-Bukhari e também em biografias do profeta, é relatado por Jabir.

“Você gostaria que eu matasse?” Essa pergunta terrível foi feita por um membro da tribo de Banu Ghatfan, Ghaurath ibn al-Harith, a seu povo. A resposta foi esmagadoramente afirmativa, mas eles queriam saber como isso seria possível. Ghaurath respondeu com confiança: “Eu vou pegá-lo desprevenido e matá-lo!”. E foi precisamente isso que ele se preparou para fazer. Quando ele alcançou o local de Muhammad e seus companheiros, ele escolheu bem o momento. Ele esperou até o profeta e seus companheiros se ajeitassem para descansar, desarmados, sob a sombra das árvores. O profeta se recostou sozinho e sua espada balançava pendurada nos galhos acima dele. Ghaurath disparou para frente, pegou a arma e atacou o profeta. “Quem vai salvar você

de mim”, desafiou ele, saboreando o momento. “Deus”, respondeu o profeta de maneira simples. Admirado, Ghaurath disse: “Olhe para a espada que eu estou segurando. Você não tem medo dela?”. “É claro que não” disse o profeta. “Porque deveria temê-la quando eu sei que Deus vai me salvar?”. A confiança suprema da resposta do profeta provou muito para Ghaurath e sua coragem o abandonou. Em vez de atacar o profeta, ele colocou a espada de volta na bainha e a devolveu a ele. O profeta então o fez sentar e chamou seus companheiros. Quando eles chegaram, ele contou toda a história. Ghaurath ficou petrificado, esperando ser morto a qualquer momento. Mas o profeta o deixou ir sem infligir qualquer punição a ele.<sup>33</sup>

Aqueles que colocam confiança total em Deus não temem nada nem ninguém. A fé em que Deus, um ser Vivo e Onipotente, está sempre lá para ajudar torna a pessoa corajosa face a qualquer outro poder. A coragem é a maior força da pessoa quando diante de um inimigo. Não tema nenhum adversário e o adversário vai começar a temer você.

## Chegando a um consenso

Pouco tempo antes da Batalha de Badr (2º ano da hégira), os coraixitas enviaram uma grande caravana de mercadorias e sessenta homens para a Síria. Apesar de os muçulmanos terem subsequentemente derrotado os coraixitas em Badr, seu comandante, Abu Sufyan, teve êxito em conduzir sua caravana, na qual o povo de Meca tinha colocado todo

o seu capital, de volta para casa em Meca, por uma rota costeira. Porém, a derrota em Badr deixou os coraixitas sedentos por vingança de Muhammad e seus seguidores. Seus líderes, então, se reuniram em Dar al-Nadwah (Salão de Convenções), onde foi unanimemente decidido que os sócios da caravana deveriam pegar somente seu capital de volta, deixando os lucros para os preparativos para a guerra. Os lucros alcançaram 50 mil dinares, uma quantia considerável naquela época.

Os coraixitas fizeram preparativos elaborados e no ano 3 da hégira, avançaram para Medina.

Foi então que aconteceu a Batalha de Uhud, apenas 3 anos após a migração do profeta para Medina. Ele chamou seus companheiros quando lhe chegou a notícia do avanço dos coraixitas. A maioria deles estava inclinada a receber o ataque dentro da cidade. Os jovens dentre eles, no entanto, se opuseram veementemente a isso. Eles contestaram dizendo que se permanecessem na cidade o inimigo interpretaria isso como sinal de covardia e fraqueza: eles deveriam entrar no combate fora da cidade. ‘Abdullah ibn Ubayy, porém, concordou com a opinião dos companheiros líderes.<sup>34</sup>

Havia motivos razoáveis para a visão de que o ataque deveria ser enfrentado dentro da cidade. A geografia de Medina tinha todos os elementos de um sistema natural de defesa. Ao Sul estavam os pomares de tamareiras, tão densamente agrupadas que ficava impossível um ataque por aquele lado. Ao leste e oeste, altas montanhas forneciam uma barreira natural contra qualquer invasor. Só havia um lado

pelo qual Medina poderia ser atacada. A cidade em si era uma fortaleza natural. Deixar a cidade seria se expor a um ataque do inimigo por todos os lados, enquanto por dentro da cidade, somente um lado precisaria de defesa. E de fato, a localização favorável de Medina foi posteriormente bastante vantajosa na batalha que ficou conhecida como Batalha das Trincheiras, na qual a cidade inteira ficou protegida pelo simples trabalho de cavar uma trincheira no lado aberto ao nordeste da cidade.

Apesar de a maioria dos companheiros líderes, assim como ‘Abdullah ibn Ubayy, serem a favor de enfrentar o ataque por dentro da cidade, o profeta decidiu aquiescer a vontade dos muçulmanos mais jovens: junto com um exército de mil pessoas, ele saiu da cidade partindo para Uhud. ‘Abdullah ibn Ubayy ficou profundamente ofendido de sua opinião e conselho corretos terem sido rejeitados. Ele seguiu o exército com o coração pesado, mas antes de os muçulmanos chegarem a Uhud, ele e 300 seguidores voltaram. “Ele concordou com eles e não comigo”. ‘Abdullah ibn Ubayy lamentou “então eu não consigo ver por quê deveríamos nos destruir nesse campo de batalha”.<sup>35</sup>

A derrota dos muçulmanos em Uhud justificou a opinião daqueles a favor de enfrentar o ataque por dentro da cidade. Assim, essa estratégia foi devidamente adotada na Batalha das Trincheiras (ano 5 da hégira). Todos os companheiros líderes do profeta, no entanto, esqueceram a discordância e permaneceram no exército muçulmano. Apesar das pesadas perdas por suportar o peso da batalha, eles

lutaram bravamente junto ao profeta. Apenas ‘Abdullah ibn Ubayy se separou das forças muçulmanas, então ele ficou conhecido como “líder dos hipócritas”. Em princípio, a opinião de ‘Abdullah ibn Ubayy estava correta; ela também estava respaldada por experiência em campo de batalhar, mas apesar de ele estar certo, sua desobediência incorreu no desagrado de Deus e foi considerada uma forma de transgressão.

O Islam atribui grande importância à consulta. Todos têm o direito de apresentar seu ponto de vista. Mas nenhuma política pode ser efetivamente aplicada se todos esperarem que suas opiniões prevaleçam, não importa as circunstâncias. Apenas um curso pode ser seguido, então quando há discordância sobre qual curso tomar, não tem como aceitar as opiniões de todos. Verdadeiros muçulmanos, então, devem, após apresentarem suas opiniões, esquecer o que pensaram e seguir as diretivas daqueles que tomam as decisões como se fossem suas próprias decisões.

Não há sacrifício maior do que aquele da própria opinião. Como uma edificação, que só pode ser construída se muitos tijolos forem colocados no solo, uma sociedade forte só pode passar a existir se os indivíduos estiverem prontos para enterrarem suas opiniões pessoais – agir em unidade com os outros apesar das divergências. Essa é a única fundação sobre a qual uma comunidade de indivíduos pode ser formada; ela é tão necessária para a fundação da sociedade humana quanto os tijolos são na fundação de uma edificação.

Durante o ano 8 da hégira, foi feita uma expedição para Muta. A seguir, parte da descrição da expedição por Muhammad ibn Jarir al-Tabari:

Abu Qatadah nos conta que o profeta enviou um exército para Muta. Ele nomeou Zayd ibn Haritha como comandante; ele foi martirizado, depois Já'far ibn Abu Talib assumiu; e se ele fosse morto no combate, o comando recairia sobre 'Abdullah ibn Rawahah. Já'far pulou quando ouviu a decisão do profeta e disse que ele não serviria sob comando de Zayd. O profeta lhe disse para ir junto com ele "pois você não sabe o que é melhor para você". Então o exército partiu.<sup>36</sup>

Um crente não é nenhum anjo; ele é um ser humano mortal como qualquer outro. Ainda assim, há uma enorme diferença entre um crente e qualquer outro ser humano. Outros não sabem como voltar atrás nos erros e em noções perversas uma vez que as tenham fixado em suas mentes. Então certo ou errado, eles mantem suas opiniões. Eles seguem seus desejos em vez da razão.

Por outro lado, o posicionamento do crente deve ser bem diferente. Verdadeiros crentes se corrigem quando lhes é mostrado que estão do lado errado e quando seus erros são apontados. Ao invés de se fixarem em suas opiniões, eles devem ser estar abertos à crítica e prontos para se retificarem, mesmo que isso signifique fazer algo que eles não querem.

Um crente se submete à verdade, enquanto outros não se submetem a nada senão a si mesmos.

## Evitando o confronto

O ano após a Batalha das Trincheiras, no ano 6 da hégira, o profeta Muhammad teve um sonho em Medina. Nele, ele via a si e a seus companheiros visitando a Casa de Deus em Meca. Seus companheiros ficaram encantados ao ouvir isso, pois significava que, após um lapso de seis anos, ele estariam em breve indo para Meca e visitando a Kaabah Sagrada. De acordo com esse sonho, o profeta partiu para a cidade sagrada com 1400 companheiros. Quando eles chegaram em Ghadir Ashtat, eles souberam que a notícia de sua viagem tinha chegado aos coraixitas. Indignados com a ideia de muçulmanos visitando a Casa de Deus, eles reuniram um exército e juraram impedir Muhammad e seus companheiros de entrarem em Meca, apesar de ser o contrário da tradição árabe impedir qualquer pessoa de visitar a Kaabah. O profeta estava agindo sob inspiração divina: talvez tenha sido por isso que ele permaneceu calmo quando ouviu sobre a reação dos coraixitas. Porém, ele foi informado por seus espiões de que Khalid ibn al-Walid, com intuito de bloquear o caminho dos muçulmanos, tinha avançado com 200 cavaleiros para Ghamim. Ao ouvir isso, o profeta mudou a rota, desviando de um caminho bastante movimentado para outro mais árduo e menos conhecido, que o levou até Hudaybiyyah. Desta forma, ele evitou um confronto com o exército de Khalid. Foi assim que o historiador Ibn Hisham descreveu os eventos:

“Quem pode nos mostrar um caminho não ocupado pelos coraixitas?”, disse o profeta. Alguém

se voluntariou. Ele então guiou os muçulmanos por uma rota que levava por passagens difícil, rochosas e montanhosas. Os muçulmanos tiveram muita dificuldade em cruzar essas passagens, mas quando eles conseguiram passar e chegaram no campo aberto, o profeta os convocou para pedirem perdão a Allah e se arrependem para Ele. Assim eles fizeram e o profeta disse que essa era a palavra do perdão, com a qual os israelitas foram convocados a proferir, mas que haviam se recusado fazer.<sup>37</sup>

Esse foi um tempo de provação para os muçulmanos, mas eles enfrentaram sua provação com paciência e perseverança. Esse era o caminho determinado a eles por Deus. Mesmo a mais simples hesitação em seguir aquele caminho era considerada uma transgressão, para a qual eles deveriam pedir perdão. Portanto, o profeta incitou seus seguidores a se arrependem e a pedirem perdão por qualquer fraqueza ou irritação que pudessem ter demonstrado no momento da passagem. Dificuldades devem ser enfrentadas com Fortitude. Nenhum impulse deveria fazer com que a pessoa se desviasse do caminho de Deus.

Para avaliar a situação, o profeta parou em Hudybiyyah, cerca de 14km de Meca. De Hudybiyyah, ele enviou Kharash ibn Umayyah de camelo para informar os mecanos de que os muçulmanos tinham vindo visitar a Casa de Deus e não para batalhar. Ao chegar em Meca, o camelo de Kharash foi abatido, foram feitas tentativas de assassiná-lo, mas de alguma maneira ele conseguiu escapar e retornar

a Hudaybiyyah. O profeta então enviou ‘Uthman para apelas aos mecenos que parassem as hostilidades e para dizer a eles que os muçulmanos retornariam calmamente a Medina após realizar os rituais da ‘Umrah<sup>38</sup>. Os mecenos não deram a menor atenção o fizeram prisioneiro. Depois, Mikraz ibn Hafs e 50 homens atacaram o acampamento dos muçulmanos à noite, lançando pedras e flechas sobre os peregrinos. Mikraz foi capturado, mas nenhuma atitude foi tomada contra ele: ele foi libertado sem qualquer resgate. Depois, enquanto os muçulmanos faziam a oração da alvorada, 80 homens de Tan’im os atacaram. Eles também foram feitos prisioneiros e depois foram libertados sem nenhum resgate.

Seguiram-se longas negociações com os coraixitas. Por fim, foi feita uma trégua entre os dois lados. À primeira vista, essa trégua pareceu ser uma vitória imediata para os coraixitas e uma derrota para os muçulmanos. Os seguidores do profeta não podiam entender como, quando Deus lhes tinha dado as boas novas de uma visita a Casa de Deus, o profeta poderia ter concordado em retornar para Medina sem realizar a visita. Eles teriam permissão para vir no ano seguinte, mas teriam que deixar a cidade após uma estadia de três dias. Cláusulas humilhantes como essa, exacerbadas como eram para os muçulmanos, foram inquestionavelmente aceitas pelo profeta. Parecia ser uma aceitação da derrota.

Os coraixitas agiram deliberadamente com agressão para ofender o profeta. Eles queriam provocá-lo a iniciar hostilidades para que eles tivessem uma desculpa para lutar

contra ele. Impedir a visita a Kaabah era bem o contrário da tradição árabe. Além disso, era o mês de Dhu'l-'Qa'dah, um dos 4 meses sagrados na tradição árabe, nos quais é proibido o combate. Os coraixitas queriam combater os muçulmanos, mas não queriam ser acusados de terem violado um mês sagrado. Eles queriam poder colocar a culpa nos muçulmanos, que eram poucos em número na época e não estavam armados para batalhar. Ainda assim, lá estavam eles, mais de 400km longe de casa, bem na fronteira do território inimigo. Era a oportunidade perfeita para os coraixitas desencadearem um ataque feroz sobre os muçulmanos e dar plena vazão a seu antagonismo. Eles fizeram tudo o que puderam para provocar os muçulmanos a iniciarem um combate, mas o profeta ignorou todas as provocações. Escrupulosamente, ele evitou cair na armadilha deles.

A situação era tão grave que Abu Bakr foi o único dos companheiros a não sentir que, em aceitar os termos humilhantes de paz, eles tinham se curvado perante o agressor. Eles ficaram ainda mais assustados quando um versículo do Alcorão foi revelado, referindo-se ao acordo como uma “vitória clara”. “Que tipo de vitória é essa?” protestou um deles. “Nós fomos impedidos de visitar a Casa de Deus. Nossos camelos para o sacrifício não tiveram permissão para entrar. O profeta de Deus foi forçado a retornar de Hudybiyyah, dois de nossos irmãos perseguidos, Abu Jandal e Abu Basir, foram entregues a seus sequestradores...”. Ainda assim, esse tratado humilhante

preparou o caminho para uma grande vitória muçulmana. O Tratado de Hudaibiyah pareceu ser uma rendição ao inimigo. Porém, ele permitiu que os muçulmanos se fortalecessem e consolidassem sua posição. O profeta aceitou todas as exigências dos coraixitas em troca da garantia de que eles cessariam todas as hostilidades contra os muçulmanos por 10 anos. No entanto, ameaças contínuas de ataques e guerras impediram os muçulmanos de buscar um trabalho missionário construtivo. Assim que o profeta retornou de Hudaibiyah, ele intensificou o trabalho missionário dentro e fora da Arábia, tendo o trabalho fundamental tinha sido feito de antemão. Agora que a paz prevalecia, a mensagem do Islam se espalhava como fogo.

Pessoas aos milhares, tribos após tribo, vinham às turbas para adentrar no Islam. O Islam começou a se espalhar pelas fronteiras da Arábia também. A salvo dos politeístas de Meca, o profeta foi capaz de agir contra, e expulsar, os judeus de Khaybar, que tinham perdido uma oportunidade de ajudar os inimigos do Islam. Ele também voltou sua atenção para a construção da força do Islam em Medina. A culminação veio dentro de apenas dois anos do Tratado de Hudaibiyah: os coraixitas se renderam sem iniciar nenhuma luta. Não havia mais nenhuma barreira para a entrada triunfal do profeta em Meca. A imposição deliberada de um retorno humilhante de Meca preparou o caminho para a vitória.

As pessoas hoje tendem a recorrer às armas ao menor sinal de provocação de seus inimigos. Quando a perda de uma Guerra insignificante é apontada a eles, eles justificam dizendo que

não foram os agressores. O inimigo tinha perversamente os envolvido na Guerra. Eles não perceberam que a não-violência não significa ficar em paz enquanto ninguém agir violentamente contra você. Significa se abster da violência mesmo Diante da violência, recusar-se a ser provocado mesmo diante da provocação. Tramoias insidiosas deveriam ser enfrentadas e derrotas por deliberações silenciosas. Por mais profundamente enraizado o antagonismo do inimigo possa estar, não devemos deixar que a resistência se torne nem um estímulo nem uma justificativa para nossas ações.

Combater seus inimigos não é, de forma alguma, ter êxito na vida. Apenas evitando o conflito a pessoa pode consolidar sua força. Então, apenas com admiração, a pessoa vai conseguir dominar seus inimigos?

Responder à menor provocação e ignorar a necessidade de construir sua força silenciosamente é se condenar à destruição. Tal conduta jamais levará ao sucesso neste mundo de Deus, O profeta alcançou o sucesso ao buscar uma política de não-confrontação. Como, então, poderiam seus seguidores terem sucesso seguindo uma política de confronto? Como eles poderiam ser chamados de seus seguidores quando estavam cegos para seu exemplo? Como eles poderiam esperar que ele intercedesse por eles no Dia do Juízo Final?

## O CAMINHO DO PROFETA

### Evolução, não Revolução

A palavra “*sunnah*” em árabe significa caminho. No contexto religioso, ela se refere ao modo de vida que agrada a Deus, que foi revelado ao homem através de Seus profetas. A palavra é usada no Alcorão para todas as formas de lei divina que existiram ao longo do tempo.

Quando Deus criou o mundo, Ele também ordenou um caminho a ser seguido. Além disso, ele impôs esse curso divino tão rigidamente sobre o mundo da natureza que não pode haver qualquer desvio dele. Mas Deus não impôs Sua vontade sobre a humanidade. Em vez disso, Ele nos deu liberdade de pensamento e de ação: aqueles que seguissem Seu caminho por sua própria vontade seriam recompensados com o paraíso, enquanto aqueles que se desviassem dele seriam punidos no inferno.

Deus deseja tornar evidente para vós o que não sabeis e guiar-vos aos procedimentos dos que foram antes de vós e voltar-se para vós. Deus é Onisciente, Sábio.<sup>39</sup>

Os profetas de Deus vieram ao mundo para tornar claro para nós esse caminho escolhido. Em suas palavras e ações, eles nos mostraram como viver de acordo com a vontade

de Deus. Esse modo de vida é conhecido no Islam como “*sunnah*”, ou caminho, dos profetas. Ele abrange cada aspecto da vida, desde assuntos pessoais até reforma social e formação de nações. Aqueles que buscam intensamente serem incluídos dentre os servos escolhidos de Deus devem seguir o caminho do profeta em todas as questões. Em nenhum momento da vida eles devem se considerar livres para tomar qualquer outro rumo.

A prática mais importante da vida pessoal do profeta era pregar a palavra de Deus. Um estudo de sua vida mostra que sua maior preocupação era trazer as pessoas para o caminho do Senhor. Está claro no Alcorão que a sua preocupação se tornou a sua angústia:

Talvez te consume de pesar, ó Muhammad, por não ser meles crentes.<sup>40</sup>

O profeta disse que aquele que não leva em consideração sua “*sunnah*” não pertence à sua comunidade. Assim como essa afirmação se aplica ao contrato de casamento e a outras obrigações sociais, igualmente se aplica a chamar as pessoas para o caminho de Deus. Portanto, apenas possuem o direito de serem chamados de devotos seguidores do profeta aqueles que, junto com outras obrigações que ele cumpre, adota essa importante prática do profeta.

Um aspecto da missão pública do profeta era uma abordagem realista, passo a passo a tudo que ele fazia. Ao aplicar padrões teóricos, ele sempre fazia concessões às realidades práticas. Ele sempre tinha o cuidado de apresentar reformas sociais de forma gradual. No jargão moderno, sua

abordagem pode ser chamada de um tanto revolucionária. ‘Aisha, a esposa do profeta, explicou esse princípio muito claramente:

Os primeiros capítulos do Alcorão a serem revelados era curtos e faziam menção ao paraíso e ao inferno. Depois, quando as pessoas se tornaram condicionadas a aceitar os ensinamentos islâmicos, foram revelados versículos que tratavam do lícito e do ilícito. E se injunções como “não bebam vinho” e “não cometam adultério” fossem reveladas primeiro, as pessoas teriam se recusado a abandonar essas práticas.<sup>41</sup>

Com a Conquista de Meca no ano 8 da hégira, o Profeta assumiu controle total da capital árabe. Ainda assim, ele não buscou a implementação imediata das leis islâmicas na Casa de Deus em Meca. O que quer que fosse que precisava ser feito, ele o fez gradualmente. A regra islâmica foi estabelecida na terra sagrada quando da peregrinação no ano 8 da hégira, mas ela foi realizada de acordo com o antigo costume pré-islâmico. No ano seguinte, a segunda peregrinação da era islâmica foi realizada com os politeístas seguindo suas tradições e os muçulmanos as deles. Somente no terceiro ano o profeta anunciou que a peregrinação seria inteiramente realizada segundo a doutrina islâmica. Essa peregrinação é conhecida na história islâmica como Hajjat al-Wida’ – a peregrinação de despedida do profeta.

Era instintivamente repugnante para o profeta que os politeístas fossem até a Mesquita Sagrada e realizassem os rituais da peregrinação de acordo com seus costumes.

Ainda assim, apesar do poder que ele empunhava, ele não se apressou para implementar o sistema islâmico. Em vez disso, ele se absteve por dois anos de ir a Meca em peregrinação após a conquista. “Eu não gostaria de ir em uma peregrinação enquanto os politeístas estão indo lá e realizando os rituais da peregrinação desnudos” ele dizia ao chegar a época do Hajj.

Alguns muçulmanos saíram para o Hajj o ano após a conquista de Meca (ano 8 da hégira), mas o profeta não estava dentre eles. No ano seguinte, 9º da hégira, o grupo de peregrinos muçulmanos foi liderado por Abu Bakr. Foi após isso que os politeístas foram banidos de fazerem a peregrinação. A proibição veio neste versículo do Alcorão:

Ó vós, que credes! Os idólatras não são senão  
imundícia. Então, que eles não se aproximem da  
Mesquita Sagrada após este seu ano.<sup>42</sup>

O profeta enviou seu primo ‘Ali até Meca com ordens de que ele deveria misturar-se aos peregrinos reunidos e proclamar que após aquele ano, nenhum politeísta teria permissão de ir para o Hajj e fazer o “*tawaf*” (circungirar a Casa de Deus) em estado de nudez não seria permitido. Então, no terceiro ano, seguindo a gradual eliminação do politeísmo, o profeta partiu para o que foi a sua última peregrinação à Mesquita Sagrada.

Isso mostra que o profeta tinha o cuidado de introduzir as reformas gradualmente. Mesmo quando ele empunhava o poder, ele não tentava apressar a legislação islâmica. Ele permitia que os assuntos tomassem um rumo natural,

avançando estágio por estágio até que a conclusão desejada fosse alcançada. Ele não se hesitava em introduzir as medidas desejadas, mas ele procurava não impedir os politeístas de fazerem suas atividades até o momento em que eles estivessem prontos para se absterem delas.

Muitos lados do profeta não foram, em geral, reconhecidos como deveriam: por um lado, sua abordagem realista e gradual a tudo o que fazia nunca foi considerada como tendo alguma importância em particular. Por exemplo, o profeta viveu em Meca por treze anos após o início de sua missão profética, mas nenhuma vez ele protestou contra a profanação contínua da Kaabah. Mesmo após conquistar a cidade, ele não teve pressa em abolir os costumes vãos e frívolos. Ele esperou por dois anos, apesar de ter o poder para tomar uma medida imediata. Apenas no terceiro ano ele introduziu as reformas que tinha em mente.

Uma abordagem gradual traz várias vantagens que não podem ser obtidas com nenhum outro método. Primeiro, ela garante o sucesso em alcançar o objetivo. Aquele que adota essa abordagem não avança até ter consolidado sua posição anterior. Ele não se deixa ser levado pelo zelo: em vez disso, ele leva os fatores externos em consideração, e avança com o tempo. Não pode haver dúvida de que aquele que tem bastante cuidado em ser progresso, vai, por fim, alcançar seu objetivo.

Além do mais, há menos risco de incorrer em perdas e riscos desnecessários. Aqueles que buscam conseguir muito em pouco tempo descobrem, inevitavelmente, que eles

precisam transpor enormes obstáculos antes de estarem realmente em uma posição de conseguir isso. Tais tentativas podem resultar em incalculáveis perdas de vida e vasto dano material. Reparar em tal imprudência pode levar séculos.

## Obediência inabalável

Perto do final da vida do profeta, as regiões férteis que faziam fronteira com a Arábia pré-islâmica era controladas pelas duas grandes potências imperiais da época: os sassânidas e os bizantinos. Ao Norte estavam os emirados de Bosra e Gassânida e a Arábia Petreia, governada pelos chefes árabes. A influência romana ali tinha levado a maioria dos habitantes a abraçarem ao cristianismo. Ao sul e nordeste estavam os emirados de Bahrayn, Yamamah, Iêmen e Omã, o último conhecido como província de Mazun. Esses estados estavam sob o Império Persa (sassânida) e a religião dos mestres persas – o zoroastrismo – tinha se espalhado dentre seus povos.

No ano 6 da hégira, o profeta fez uma trégua de dez anos com os coraixitas em Hudaybiyyah. Então, com a paz no lar, ele enviou cartas para os governantes dos territórios que cercavam a Arábia, convidando-os a aceitarem o Islam. O enviado do profeta, Shuja' ibn Wahb al-Asadi, levou uma dessas cartas para al-Harith ibn Abu Shimr, dos gassânidas. As palavras na carta “tenha fé em Deus, você vai manter sua soberania” enfureceram o chefe árabe. Ele jogou de lado a carta, dizendo: “Quem pode tomar meu reino?”.

O governante de Bosra, Shurahbil ibn 'Amr Ghassani,

provou ser ainda mais desdenhoso. O profeta enviou Harith ibn ‘Umayr com uma carta para esse governador romano. Na fronteira com a Síria, ele entrou na cidade de Mu’tah e foi lá assassinado por um árabe a mando do governador.

De acordo com convenções internacionais, esse ato representava uma agressão de um estado contra outro. Havia também sinais de que o exército romano baseado na Síria estava planejando avançar para Medina: Bizâncio não podia mais tolerar o surgimento e o desenvolvimento de uma potência independente em solo árabe.

Quando a notícia do assassinato de Harith ibn ‘Umayr chegou em Medina, o profeta decidiu que uma medida militar teria de ser tomada contra os perpetradores de uma agressão tão a sangue frio. Ele deu ordens de que os muçulmanos se reunissem – com suas armas – em um local chamado Harq. Uma força de 3 mil homens, comandados por Zayd ibn Harithah, se reuniu. Após dar conselhos, o profeta os enviou à Síria.

Quando o exército muçulmano chegou em Ma’an na Síria, montaram acampamento. O governador de Bosra já tinha se preparado para a batalha e estava ainda mais encorajado pela notícia de que o imperador romano, Heráclios, tinha chegado perto em Ma’ab com uma força de 100 mil homens. As tribos cristãs locais, Lakhm, Juzam, Qayn, Bahra e Balli, apoiaram seus correligionários bizantinos e concordaram em lutar sob a liderança de Malik ibn Zafilah, chefe de Banu Balli. Então, esse exército romano de 100 mil homens foi

reunido na Síria para encontrar um exército muçulmano de apenas 3 mil homens.

Zayd ibn Harithah foi morto na batalha, e dois líderes que o sucederam – Já'far ibn Abi Talib e 'Abdullah ibn Rawahah – também foram martirizados. O colapso do estandarte levou desordem às fileiras muçulmanas. Quando um soldado chamado Thabit ibn Aqram de adiantou, levantou o estandarte e gritou a seus companheiros muçulmanos: “Nomeiem um líder!” “Eles gritaram de volta “Nós nomeamos você!” Porém, Thabit recusou-se a aceitar a ordem e pediu que ela fosse conferida a Khalid ibn al-Walid. Os muçulmanos gritaram concordando. Ao ouvir isso, Khalid ibn al-Walid tomou a frente, segurou alto o estandarte e avançou nas fileiras romanas. As forças bizantinas foram então forçadas a se retirar.

No entanto, o resultado dessa batalha foi indecisivo e sempre houve a possibilidade de que os árabes de Petreia, com ajuda romana, avançassem para Medina e buscassem erradicar a recente potência do Islam. A ameaça foi sentida ainda cedo no ano 5 da hégira quando 'Umar ibn al-Khattab, ao ser perguntado por outro companheiro se ele tinha ouvido alguma notícia, disse: “O que? Os gassânidas chegaram?”.

O profeta tinha plena ciência dessa ameaça e certificou-se em seus últimos dias de que se fizesse um preparo total de um exército para combater a parte petreia do exército romano. O exército recrutado incluía companheiros líderes como Abu Bakr e 'Umar, mas o profeta não os colocou no comando. Em vez disso, ele sabiamente nomeou Usamah

ibn Zayd, que, além de ser um jovem bravo guerreiro, também estava estimulado pelo fato de que seu pai, Zayd ibn Harithah, tinha sido morto pelos romanos na Batalha de Mu'ta. No entanto, esse exército foi incapaz de avançar durante a vida do profeta. Com sua morte no ano 10 da hégira, Abu Bakr foi nomeado como o primeiro califa e ele finalmente deu a ordem de marchar para a Síria.

Após a morte do profeta, começou a chover notícias de apostasia em massa das tribos árabes. A maioria das tribos árabes que tinham abraçado o Islam após a conquista de Meca no ano 8 da hégira, tinham se convertido impressionados pela dominação política do Islam e não por terem passado por alguma profunda transformação intelectual e por terem atingido alguma convicção, como tinha sido com os primeiros seguidores do profeta. Eles estavam acostumados a uma vida livre e fácil, e algumas das injunções islâmicas – principalmente o “*zakat*”<sup>43</sup> eram mais do que eles podiam tolerar. Alguns meses antes da morte do profeta, surgiram demagogos no Iêmen e em Najd que exploravam essa situação, apresentando uma nova forma de Islam, de acordo com a qual não havia necessidade de pagar o “*zakat*”. Para dar mais peso a suas palavras, esses demagogos – destaca-se Aswad e Musaylamah – alegavam profecia, pois só assim poderiam desafiar o sistema do “*zakat*”.

O *Zakat* era parte da religião revelada ao profeta Muhammad. Eles tinham que fingir profecia para falar com a mesma autoridade. A “profecia” deles se tornou bastante popular dentre as tribos que consideravam o “*zakat*” como um fardo,

então eles se reuniram para apoiar esses falsos profetas. A moral deles alavancou com a morte do profeta no ano 10 da hégira e a apostasia começou a se espalhar como um incêndio, ficando imunes somente Meca, Medina e Ta'if. Houve relatos também de que esses rebeldes estavam se preparando para atacar Medina.

Por mais que o primeiro califa, Abu Bakr, quisesse que o exército avançasse a maioria dos companheiros foi contra isso. “Essas tribos árabes estão em meio à revolta” eles disseram. “Medina corre risco de ser atacada a qualquer momento. O exército deve ficar e proteger Medina em vez de ser enviado para uma terra distante”.

Outra reserva que eles tinham era sobre a liderança de ‘Usamah, pois ele tinha apenas 17 anos e, pior, era filho de um servo. Como, eles pensaram, poderiam grandes companheiros do profeta servo sob seu comando, um mero adolescente? Mais ainda, um general de guerra mais velho e mais experiente que Usamah tinha sido designado para liderar aquele exército.

‘Umar, que tinha estado no exército de Usamah, retornou para Medina para transmitir a mensagem deles para Abu Bakr. O califa ouviu o que ele tinha a dizer sobre o primeiro assunto e respondeu: “Mesmo que eu seja o único que restar em Medina após a partida do exército, e seja deixado para ser devorado pelas feras selvagens, eu não posso pedir o retorno de um exército que o próprio profeta despachou”. Ele dispensou o assunto da juventude de Usamah com estas palavras: “O que, os muçulmanos ainda são orgulhosos e

arrogantes como no tempo da ignorância?”. Dizendo isso, ele foi a pé enviar o exército sob comando de Usamah. Com Usamah no alto de sua montaria, o califa dos muçulmanos caminhou a seu lado, falando com ele sobre assuntos referentes à campanha militar. Ele queria acabar com os receios sobre a liderança de Usamah, e esse foi o jeito mais prático e efetivo de fazer isso. Suas preocupações desapareceram ao ver o califa caminhando ao lado da montaria de Usamah.

Conforme as notícias do avanço do exército de Usamah se espalhavam pela Arábia, os oponentes viam isso como um sinal da confiança dos muçulmanos. Eles assumiam que os seguidores do profeta deviam ter reservas de forças consideráveis para enviar um exército de tão longe como Medina em um momento tão crítico. Por isso, eles decidiram esperar o resultado da campanha síria antes de atacarem a cidade: se os muçulmanos fossem derrotados, estariam fracos demais para uma ofensiva contra sua capital ser possível.

O exército de Usamah ibn Zayd teve grande sucesso contra os romanos. A campanha, que durou 4º dias, também provou que Usamah era a melhor pessoa para essa expedição por seu pai, que tinha sido martirizado combatendo o exército romano em Muta, e queria vingança. Conseqüentemente, muitos prisioneiros e uma grande quantidade de espólios foi levada para Medina com os muçulmanos. Os rebeldes ficaram desolados ao ver isso, e sua revolta foi reprimida com relativa facilidade. Então, os muçulmanos tiveram

sucesso em ambos os combates, simplesmente por terem feito como o profeta havia ordenado.

Assim, eles deram uma excelente lição para as gerações posteriores de muçulmanos: que o lugar para os muçulmanos testarem sua força era ao redor do mundo, e não dentre si. Mas as sucessivas gerações de muçulmanas falharam em aprender essa lição, e atualmente, a situação se deteriorou a ponto de o mundo muçulmano estar preso em uma batalha consigo mesmo em todos os âmbitos.

Ninguém está pronto para enfrentar qualquer desafio que seja fora do mundo muçulmano, mas todos têm vontade de lutar contra seus irmãos muçulmanos. Sem sombra de dúvida, o maior desafio dos muçulmanos hoje é a disseminação do Islam no mundo externo, mas como eles estão tão ocupados lutando entre si, não é de se surpreender que eles não tenham tempo nem força para realizar essa tarefa de suma importância.

Houve outra importante razão para a insistência do profeta quando a despachar esse exército. As tribos árabes tinham lutado entre si por tempos imemoriais e começariam a lutar de novo se não fossem confrontadas por algum inimigo externo que testasse sua força. Perto do fim de sua vida, o profeta evitou esse perigo ao colocá-los contra o poderio do exército romano. Os árabes agora tinham uma arena eminentemente adequada para mostrarem sua bravura. Eles não tinham mais tempo para o fratricídio nem para a pilhagem que até então tinham sido recorrentes entre eles. Em vez disso, eles voltaram sua atenção para horizontes distantes, abrindo caminho – no espaço de cem anos – para conquistas que abrangeram três continentes.

## PARTE DOIS



## A REVOLUÇÃO DO PROFETA

É a vontade de Deus que Sua religião reine suprema na terra. Ele deseja que ela exerça dominação intelectual sobre todos os demais sistemas. Mas para que isso aconteça, certas condições devem prevalecer. A vinda do Profeta Muhammad foi a culminação de um processo longo, que se estende por milhares de anos, tempo durante o qual foi preparado o terreno para sua missão. Foram criadas condições que facilitariam o cumprimento de sua missão. O que o profeta tinha que fazer era entender essas condições e usá-las com sabedoria. Isso ele fez, dando ao Islam uma posição de ascensão intelectual no mundo.

Agora, mais um vez, houve a continuação de um processo nos últimos mil anos, nos quais Deus criou condições que conduziram a um renascimento islâmico. Se elas forem exploradas em sua totalidade, o Islam mais uma vez irá dominar o pensamento mundial, assim como o fez no passado.

Mas se for para aproveitar ao máximo essas oportunidades, será preciso um esforço intenso que só poderá ser feito por aqueles com conhecimento profundo das condições contemporâneas. Serão aptos para essa tarefa aqueles que se elevarem acima da psicologia reacionária e se concentrarem

em ações positivas. Pessoas que podem sacrificar quaisquer considerações e dedicarem-se integralmente a um objetivo primordial: a ascensão do Islam. Aqueles que se afastam das confusões do pensamento humano e que são guiados pela sabedoria divina em suas ações. Espíritos nobres assim não são inspirados por ideias de glória e grandeza material. É a grandiosidade de Deus apenas que eles buscam estabelecer. Foram pessoas assim que fizeram o Islam grande no passado: pessoas que deram ao Islam sua posição de dominação intelectual e são pessoas assim que podem fazer isso acontecer mais uma vez. Se, por outro lado, formos iludidos por slogans superficiais e distraídos por qualquer coisa sem importância que apareça, todos nós iremos alcançar a destruição das oportunidades que Deus criou para nós. E com isso jamais seremos capazes de converter oportunidades em realidades.

## Uma Comparação

A revolução que ocorreu na época do Profeta foi alcançada ao custo de 1018 vidas. Durante os 23 anos em que esta revolução se completou, aconteceram 80 expedições militares. No entanto, o Profeta só participou de 27 delas e um número ainda menor de expedições envolveu combate. Como resultado, 259 muçulmanos e 759 não muçulmanos morreram nessas batalhas – 1018 mortos. Esse é um número ínfimo de baixas ocorridas durante a grande revolução que transformou a história humana. Portanto, a revolução

islâmica do Profeta pode ser considerada uma revolução sem sangue.

Escritos e palestrantes muçulmanos contemporâneos estão elogiosamente errados em comparar a revolução do Profeta com revoluções não islâmicas modernas. Eles destacam o fato de que apenas mil pessoas morreram na revolução islâmica enquanto só na revolução russa de 1917 13 milhões de pessoas perderam suas vidas. A revolução democrática na França também teve um total grande na casa dos milhares.

Os muçulmanos gostam dessa comparação pois ela gratifica seu orgulho. Mas há outra comparação que deve ser feita aqui, que eles nunca consideraram. Talvez a falha deles de abordar essa segunda comparação seja simplesmente uma maneira de evitar a admoestação, pois ninguém gosta de ser admoestado.

Seria preciso pegar o número de mortos na primeira fase missionária e compará-lo com o total a que chegaram os movimentos islâmicos atuais. Em outras palavras, ver quantas pessoas morreram na revolução islâmica original e quanto morreram em tentativas revolucionárias muçulmanas atualmente. O séc. XX assistiu a grandes movimentos revolucionários islâmicos e a grandes “cruzadas” no mundo muçulmano. Assim como os muçulmanos comparam a revolução islâmica do profeta com revoluções seculares não-islâmicas, eles também devem olhar para seus movimentos sob a luz da revolução do profeta e ver como elas são quando comparadas.

Se os muçulmanos fizessem essa comparação, eles ficariam assustados de descobrir que seus movimentos, em relação àquele do profeta, não são melhores do que os movimentos revolucionários do mundo não muçulmano. Assim como as revoluções não muçulmanas tiveram um alto custo em termos humanos, também as mortes totais dos esforços revolucionários muçulmanos foram incrivelmente altas: 2,5 milhões de mortos na guerra de independência da Argélia, 500 mil mártires muçulmanos nas investidas indianas de libertação, 10 milhões perderam suas vidas na formação do Estado muçulmano do Paquistão. O número de pessoas que deram suas vidas pelo Islam na Síria, Iraque, Irã, Egito, Palestina e vários outros países, chega aos milhões. E por tudo isso, esses sacrifícios foram em vão. Os efeitos da revolução do profeta foram sentidos em todo o mundo, e isso aconteceu ao custo de apenas mil vidas. Por outro lado, os movimentos islâmicos modernos envolveram milhões de vidas humanas e apesar disso, não se pode apontar nem mesmo um área mínima em que a revolução islâmica tenha sido verdadeiramente bem-sucedida e efetiva.

A questão não se encerra aqui. Longe de ter tido sucesso, nossos esforços recentes produziram o efeito contrário. Estas palavras da bíblia soam precisas e exatas sobre nossos esforços nos tempos atuais:

E semeareis em vão a vossa semente, pois os vossos inimigos a comerão (...) e os que vos odeiam, de vós se assenhorearão (...) E em vão se gastará a vossa força; a vossa terra não dará a sua colheita, e as árvores da terra não darão o seu fruto.<sup>44</sup>

Assim tem sido a história muçulmana moderna. Nós conduzimos o califado e os movimentos pan-Islâmicos com grande entusiasmo e fizemos sacrifícios inefáveis por essas causas, apenas para ver o mundo muçulmano se dividir em numerosos governos nacionais. Nos esforçamos pela independência de nosso país, mas quando ela veio, outros partidos assumiram as rédeas de nosso governo. Sofremos perdas significativas para na formação do Estado islâmico do Paquistão, mas líderes seculares assumiram o controle quando o Estado nasceu. Nós demos o nosso melhor para estabelecer a lei islâmica no Egito, mas por fim, o poder caiu nas mãos não de grupos religiosos, mas de ditadores militares. Por quase 40 anos estivemos em confronto com o estado de Israel, forçando enormes sacrifícios financeiros e humanos no processo. Mas tudo o que aconteceu foi a expansão e consolidação do estado judeu. E agora, após tribulações indescritíveis das pessoas no Irã, não vai demorar até escutarmos que a república islâmica foi apenas um degrau para o governo de forças não islâmicas.

Essas são duras realidades de nossa era. Podemos fechar nossos olhos mas não podemos esperar que os historiadores façam o mesmo. É verdade que eles serão forçados a dizer que a revolução russa levou consigo muitas vidas, mas que também trouxe mudanças significativas para o pensamento mundial. Ela causou o colapso do Czarismo, ou governo monárquico, e o substituiu por uma forma republicana de governo, estabeleceu a ascensão do sistema econômico socialista em vez do capitalismo. E apesar de

os esforços revolucionários islâmicos terem tido um custo humano muito mais alto, não deixaram nenhuma marca no pensamento mundial.

A revolução da época do profeta nos mostra que se apenas mil pessoas estiverem prontas para dar tudo o que têm pela causa islâmica, então Deus não deixa que seus sacrifícios sejam em vão. Ele estabelece a supremacia do Islam na terra. Atualmente, milhões de muçulmanos se mostraram prontos para fazerem sacrifícios, mas Deus não elevou nossa causa. Apesar de todos os nossos sacrifícios, nossos esforços não deram em nada. Isso indica que nossos esforços estão mal direcionados. Se nós estivéssemos seguindo a senda reta que Deus fez para nós, Ele certamente nos teria feito ter êxito, como prometido neste versículo do Alcorão:

Por certo, Nós te asseguramos a vitória, para que Allah te perdoasse o que se antecipou de teu delito e o que se atrasou, e que completasse Sua graça para contigo, e te guiasse a uma senda reta. E que Allah te socorresse com poderoso socorro.<sup>45</sup>

Um agricultor que planta trigo colhe trigo. Ele não estará dizendo a verdade se ele afirmar que plantou trigo se brotarem amoreiras em seu lugar. Simplesmente não acontece de uma semente de trigo germinar uma planta de amoreira. As coisas não funcionam assim neste mundo de Deus. O mesmo vale para nossos esforços nessa era. Se nós estivéssemos realmente seguindo o caminho do profeta e de seus companheiros e tivéssemos feito sacrifícios com

a mesma vontade, nossos esforços hercúleos teriam gerado resultados positivos. Não adianta nos iludirmos achando que estamos nos esforçando no caminho do Islam quando nossos esforços não estão produzindo os resultados garantidos ao esforço islâmico verdadeiro. A pessoa pode viver na ilusão de um paraíso na terra, mas o verdadeiro paraíso no outro mundo é apenas para aqueles que pautam suas vidas, não em ilusão e fantasia, mas em realidade.

## Socorro Divino

Ao se dirigir aos crentes, Deus diz no Alcorão: “Ó vós que credes! Se socorreis a Allah, Ele vos socorrerá e vos tornará firmes”<sup>46</sup>. Aqui “socorrer a Deus” significa encaixar-se em Seus planos. Deus colocou um padrão específico para fazerem as coisas acontecerem neste mundo. Ele criou circunstâncias favoráveis que, se forem corretamente exploradas, trarão bons resultados. Nós podemos nos encaixar em Seus planos ao coordenarmos nossos esforços com esse padrão. Deus fortalece aqueles o auxiliam desta maneira.

Eis um exemplo do que acontece se a pessoa falhar em agir assim. Um padre queria ver uma árvore frondosa diante de sua casa. “Se eu plantar uma semente, ela vai levar pelo menos uns 10 anos para se tornar uma árvore”, pensou ele. Então o que ele fez foi replantar uma árvore grande e, contratando muitos trabalhadores para transportar a árvore de onde ela estava plantada, ele “instalou” a árvore em frente à sua casa. Ele pensou: “Ótimo, consegui o trabalho

de 10 anos em um único dia”. Como ele ficou chocado quando, no dia seguinte, ele acordou e viu as folhas da árvore murchando. À noite, seus galhos estavam arriados e passados alguns dias, as folhas tinham morrido e caído no chão. Tudo o que havia restado em frente à sua casa era um toco seco. Poucos dias depois, um amigo do padre foi visitá-lo e o viu caminhando inquieto pelo jardim. “O que há de errado? Por que você está tão bravo hoje?”, ele inquiriu. “Eu estou com pressa, mas Deus não”, respondeu o padre, contando toda a história da árvore. Em qualquer coisa que aconteça no mundo, há uma parte que é feita por Deus e uma parte que é feita pelo homem. É como uma máquina que funciona quando duas engrenagem se movem em unísono: uma é a de Deus, a outra é do homem. O sucesso do homem só pode vir se ele acompanhar o passo de Deus. Se ele tentar agir de forma independente, sua engrenagem quebra porque a roda da engrenagem de Deus é mais forte do que a dele.

Ao longo dos milênios, Deus criou algumas condições para o crescimento das árvores e plantas: Ele colocou uma camada de solo fértil na superfície da terra, Ele deu o calor do sol de que elas precisam, deu a elas água e auxiliou seu crescimento com a alternância das estações. Depois, Ele criou bilhões de bactérias que fornecem nitrogênio às raízes. Esses arranjos são a engrenagem de Deus. Depois, nós temos que encaixar nossa roda dentada na de Deus, pois somente assim seremos capazes de usar essas oportunidades para “criar” uma árvore. Uma vez que nossa engrenagem

está encaixada com a de Deus, nós só precisamos pegar um semente e plantá-la no solo. A máquina da natureza então vai fazer seu trabalho e a produção vai acontecer. Se, por outro lado, nós plantarmos nossa árvore em uma rocha, plantarmos uma semente de plástico no solo ou se fizermos igual ao padre e transplantarmos uma árvore inteira, então nós não teremos colocado nossa engrenagem para funcionar com a de Deus, não teremos nos encaixado nos planos de Deus. E como resultado, não podemos esperar ver uma árvore frondosa crescendo em nosso jardim.

O mesmo vale para a revolução islâmica. Ela também vem de um reconhecimento das oportunidades criadas por Deus e de fazer bom uso delas. A verdadeira revolução islâmica não emerge de uma ação aleatória. A revolução islâmica inicial foi alcançada por uns poucos servos de Deus que encaixaram suas engrenagens nas de Deus. Mas, por outro lado, nossos sacrifícios nos dias de hoje deram errado porque nós não seguimos os planos de Deus. Em vez disso, nós trilhamos o caminho dos nossos desejos, buscando êxito através de protestos fúteis e irrelevantes, enquanto o êxito só é alcançado ao se usar com sabedoria as oportunidades que Deus criou para nós.

A geração inteira após Adão, o primeiro homem na terra, adorava um único Deus. A humanidade, conforme diz o Alcorão, “era uma só comunidade”<sup>47</sup>. A situação continuou por alguns séculos, mas a adoração de fenômenos naturais, ou o politeísmo, se tornou predominante. As pessoas acharam difícil focar em um *Deus* invisível, então focaram

em outra coisa, em objetos visíveis, reduzindo a crença em Deus a um status baixo e sem importância de crença abstrata. Nessa época, o sol, a lua e as estrelas se tornaram objetos de adoração, as montanhas e os oceanos foram considerados deuses. Foi atribuída divindade aos mortais que se destacavam dentre seu povo. E assim, dentro de cerca de 1000 anos na terra, as pessoas viram o fim da predominância intelectual do monoteísmo e seu intelecto ficou anuviado pelo pensamento politeísta<sup>48</sup>.

Depois de outras religiões monoteístas terem declinado, Deus começou a enviar profetas ao mundo. Porém, esses profetas nunca alcançaram popularidade suficiente para erradicar o politeísmo e recuperar a predominância do monoteísmo. Naquela época, os profetas vinham a cada canto habitado do mundo (de acordo com um *hadith*, foram 124 mil profetas), mas cada um deles foi algo de escárnio e risos.

Quando um indivíduo rejeita a verdade, ele o faz por uma razão. Ele o faz porque algo ocupa esse importante lugar em suas vidas de tal forma que ele não consegue abandoná-lo, mesmo que seja pela verdade. O alcorão nos fala que a natureza do apego aliena os indivíduos a ponto de não verem a verdadeira mensagem dos profetas:

E quando seus Mensageiros lhes chegaram com as evidências, jubilaram com o que possuíam de ciência; e aquilo de que zombavam envolveu-os.<sup>49</sup>

Conhecimento significa a forma corrompida de religião à qual as pessoas passaram a aderir por tanto tempo que

começaram a pensar nele como sagrado. A fé passada adiante de uma geração à outra desta maneira ficou alocada nas mentes das pessoas. Quando elas pensam sobre ela, pensam nos santos cujos nomes estão associados a ela. Ela se torna parte da premissa, da fundação da infraestrutura nacional das pessoas. Consagrada em tradições complexas, ela assume uma posição de dominância na sociedade.

Quando um profeta visita um povo que adere à religiões politeístas estabelecidas, seu ensinamento do monoteísmo é uma voz solitária naquele ambiente. Eles afirmam a verdade de seus ensinamentos, mas sua proclamação ainda fica por receber a ratificação da história. Eles só podem dialogar com seu povo, tentando persuadi-los a ver a luz. Com o clamor de uma religião estabelecida vindo por todos os lados, um raciocínio tão quieto fica mudo aos ouvidos dos surdos. Os profetas parecem insignificantes se comparados à grandiosidade que cerca a fé dos ancestrais do povo. Veja o caso de Jesus Cristo, sem teto que dormia debaixo das árvores enquanto o sacerdote máximo dos judeus residia no luxuoso esplendor do palácio de Haykal. Como as pessoas iriam aceitar alguém que dormia debaixo de uma árvore como portador da verdade em vez do habitante do grande palácio de Haykal? É por isso que as pessoas escarneciam dos profetas. Ele reverenciavam figuras proeminentes, por que deveriam abandoná-las por uma criatura de status insignificante? É verdade, os profetas do passado também eram objeto de sua estima, mas esses profetas tinham

se tornado mais heróis nacionais do que pregadores da verdade, aos olhos de seus admiradores.

Atribuir a mensagem a si e atribuí-la a uma instituição são coisas diferentes. Nada é mais difícil do que o serviço feito ao se seguir uma mensagem e nada é mais fácil do que o serviço feito em nome de uma instituição. Tudo o que a mensagem tem como apoio é a sua verdade conceitual, enquanto todo tipo de grandeza material auxilia as instituições. Aqueles que estendem seu apoio a uma mensagem quando ela não tem nada em que se apoiar a não ser a simples verdade, encontram honra e uma posição elevada perante Deus. Quando ela ganha o status de instituição, então seu apoio não tem mais crédito com Deus. O compromisso com o Islam enquanto mensagem é um ato feito por Deus. Já o compromisso com o Islam enquanto instituição é geralmente assumido pelos benefícios materiais que resultam dele.

## Exaltação da palavra de Deus

Assim como os semáforos são colocados nas estradas para guiar e controlar o trânsito, os profetas foram enviados por Deus para sinalizarem as estradas da vida, mostrarem aos viajantes a estrada que leva ao paraíso e alertarem-nos a se afastarem da que leva para o inferno. O Alcorão coloca isso nas seguintes palavras:

E assim fizemos de vós uma comunidade mediana, para que sejais testemunhas dos homens e para que o Mensageiro seja testemunha de vós. <sup>51</sup>

Para este propósito, quando o politeísmo substituiu o

monoteísmo pela primeira vez como religião predominante na humanidade, os profetas vieram ao mundo. Concedendo conhecimento da verdade, Deus os enviou para guiar as pessoas pelo caminho correto e para alertá-las de se afastarem do mal. Todos os profetas foram isentos dessa responsabilidade. Seus ensinamento da verdade eram tanto compreensível como lógico. Além disso, eles não uma deixaram pedra sem revirar em sua transmissão da verdade: aqueles que acreditaram neles se tornaram merecedores do paraíso e aqueles que os rejeitaram se fizeram merecedores apenas do inferno.

Mesmo assim Deus queria mais do que uma mera proclamação da verdade. Ele queria que ela fosse exaltada mais uma vez. A proclamação da verdade necessita ser completamente exposta perante nó. É para tornar a verdade clara para todos os seus ouvintes, para iluminá-los, usando a “exortação sábia e moderada” que o Alcorão prescreve aos pregadores a verdade<sup>52</sup>. As pessoas ficam sem qualquer desculpa para não aceitar a verdade quando isso é feito. Elas não podem mais dizer que foram deixadas na ignorância. A única defesa que as pessoas que falham em seguir a verdade podem oferecer é a falta de conhecimento. Onde a elas é mostrada toda prova, não resta pretexto para negação.

A exaltação da palavra de Deus é algo mais que isso. Significa que o pensamento religioso ascende acima de todos os outros sistemas de pensamento. A palavra de Deus não se torna exaltada na terra por nenhum programa legislativo ou político; ela só pode vir por meio do esforço de nível

intelectual. Quando é a verdade é gravada na mente das pessoas, a palavra de Deus se torna genuinamente exaltada, não quando ela é escrita em estatutos. Nestes tempos, o conhecimento moderno roubou os refletores das formas antigas de conhecimento: a ciência empírica substituiu da filosofia analítica como forma dominante de pensamento; o socialismo é uma força intelectual mais proeminente do que o capitalismo; a democracia é uma teoria política mais convincente do que a monarquia. Todos esses são exemplos de ascensão conceitual, de dominação de um sistema de pensamento sobre outro. Essa natureza da ascensão conceitual da verdade sobre a falsidade deve ser alcançada para que a palavra de Deus se torne exaltada.

Deus pode fazer todas as coisas. Assim, teria sido fácil para Ele fazer com que a verdade reinasse sobre tudo o mais, assim como ele fez do sol supremo sobre todas as outras formas de luz. Mas, uma vez que nós estamos sendo testados neste mundo, Deus faz as coisas acontecerem dentro do esquema de causa e efeito. Se os eventos tivessem ocorrido milagrosamente, nós não teríamos escolha a não ser ver a mão de Deus neles: não haveria nenhum teste aí. Foi dentro do esquema de causa e efeito que Deus estabeleceu a dominação de Sua palavra na terra. Ele criou todas as circunstâncias necessárias para alcançar este fim e então enviou um profeta encarregado de fazê-la dar frutos. A tarefa do profeta, portanto, não era apenas proclamar a verdade, mas também tornar a verdade uma força predominante na terra, completando assim o favor de Deus

para a humanidade e nos permitindo nos beneficiarmos do socorro divino do qual a teimosia humana nos privou:

Desejam apagar, com o sopro das bocas, a luz de Allah; e Allah completará Sua luz ainda que o odeiem os renegadores da fé. Ele é Quem enviou Seu Mensageiro com a Orientação e a religião da Verdade, para fazê-la prevalecer sobre todas as religiões, ainda que o odeiem os idólatras.<sup>53</sup>

## Nasce uma nova nação

O profeta Muhammad disse uma vez: “Eu sou a súplica de Abraão”. A súplica a que ele estava se referindo foi a súplica feita por Abraão quando ele estava construindo a Ka’bah em Meca:

“Senhor Nosso! E manda-lhes um Mensageiro vindo deles, o qual recitará para eles Teus versículos e lhes ensinará o Livro e a Sabedoria e os dignificará. Por certo, Tu, Tu és O Todo-Poderoso, O Sábio!”<sup>54</sup>

Mesmo assim, houve um lapso de cerca de 2500 anos entre a súplica de Abraão e o nascimento do Profeta Muhammad. O profeta Zacarias suplicou por um filho-profeta e dentro de um ano sua esposa deu à luz Yahya (João Batista). Por que a súplica de Abraão demorou tanto tempo para ser atendida?

Isso foi porque João Batista tinha uma missão prioritária a cumprir. Ele tinha que expor o fingimento religioso dos judeus ao ser martirizado pelas mãos deles, para que eles não mais pudessem ser os possuidores das escrituras

divinas. Outra nação teria de vir para substituí-los. O profeta Muhammad, por sua vez, tinha que reestabelecer a dominação do monoteísmo sobre o politeísmo. Mas, naturalmente, isso não se efetivaria sem os antecedentes necessários: condições que conduziriam a isso deveriam ser criadas no mundo; era preciso existir uma nação correta o suficiente para auxiliar o profeta no cumprimento de sua tarefa. Tudo isso levou 2500 anos para se constituir de forma que o evento pudesse acontecer dentro do esquema de causa e efeito, que é o procedimento de Deus.

De acordo com esse esquema, Abraão foi ordenado a deixar o território civilizado do Iraque para as terras áridas e secas da Arábia, onde ele se estabeleceria com sua esposa Hajar e seu filho Ismael<sup>56</sup>. Aquela era uma região incultivável, isolada do resto do mundo. Longe dos perigos da civilização, no colo da natureza, surgiria uma comunidade onde todas as habilidades naturais seriam completamente preservadas. Abraão suplicou pelo surgimento de um povo submisso a Deus e essa era a terra idealmente adequada para o desenvolvimento de tal povo:

“Senhor nosso! E faze de ambos de nós submissos (muçulmanos) para Ti. E faze de nossa descendência uma comunidade submissa para Ti”.<sup>57</sup>

Era necessário uma nação com dinamismo sem precedente para que se estabelecesse a domínio da verdadeira religião na terra. Faltava às gerações anteriores, que haviam crescido no ambiente artificial da civilização humana, o dinamismo e a vitalidade necessárias para realizar essa tarefa. Esta era

a razão de os profetas anteriores terem falhado em extrair uma resposta positiva. Portanto, uma nova nação deveria se formar, nutrida sob condições especialmente adequadas ao cultivo dessas qualidades. Isso envolveria um longo processo de reprodução humana, estendida por muitas gerações. Isso foi o que ocorreu na lacuna de 2500 anos entre a súplica de Abraão e sua resposta: quando o palco estava totalmente montada, o profeta pelo qual ele havia suplicado nasceu de Aminah, filha de Wahab ibn 'Abd Manaf, de Banu Hashim, em Meca.

Nada além de terra árida, rochosa e inóspita esperava Abraão quando ele chegou em Meca com sua esposa e seu filho. Logo acabou a água do cantil e Ismael começou a bater as mãos e os pés devido a sua sede intensa. Foi então que o poço de Zamzam brotou, um sinal de que apesar de Deus tê-los feito enfrentar um teste tão árduo, Ele não os deixaria enfrentá-lo sozinhos; eles eram comprometidos com a obra de Deus e Ele sempre estaria com eles nos momentos cruciais para socorrê-los. Quando Ismael estava na adolescência, Abraão sonhou que estava degolando seu filho. Ele interpretou o sonho como uma ordem de Deus e se preparou para cumprir. Então, quando ele segurou a faca posicionando-a no pescoço de Ismael, uma voz veio dos céus dizendo a ele que parasse e sacrificasse um cordeiro. O sonho era um sinal de Deus de que Abraão teria de se preparar para sacrifícios grandiosos: mas isso não foi exigido dele; era a vontade de fazer o sacrifício o que se exigia. No momento em que ele mostrou que poderia passar

nesse teste, ele foi poupado de sua execução. Afinal, Deus queria usar Abraão e sua família para decretar um grande plano; longe de deixá-los darem suas vidas sem razão, Ele os protegeria.

Ismael cresceu e se casou com uma jovem da tribo de Jurham, que tinha se estabelecido em Meca após o Zamzam brotar. Na época, Abraão estava na Síria. Um dia, ele veio a cavalo quando Ismael não estava em casa; somente a esposa dele estava, e ela não reconheceu seu sogro. Abraão perguntou: “Onde está Ismael?”. “Caçando” ela respondeu. “Como está sendo a vida?”, continuou Abraão, e a esposa de Ismael reclamou para ele da pobreza e das dificuldades que tinham de suportar. Então, ao ir embora, Abraão disse a ela para transmitir os cumprimentos a Ismael e pedir a ele que “troque a soleira”. Quando Ismael retornou, sua esposa lhe contou toda a história.

Ismael percebeu que o visitante era seu pai, que tinha vindo ver como estavam indo as coisas. Por “troque a soleira”, Ismael soube o que seu pai quis dizer: que ele tinha de se casar com outra mulher, pois aquela não era adequada para a criação da descendência que Deus planejava. Então ele se divorciou da esposa e se casou com outra. Após algum tempo, Abraão fez outra visita à cavalo. Novamente Ismael não estava em casa. Abraão fez à sua nova nora as mesmas perguntas que havia feito à anterior. Porém, desta vez, a esposa de Ismael elogiou muito o marido e disse que tudo estava bem com eles, que eles tinham muito pelo que agradecer. Abraão saiu e pediu que ela transmitisse seus

cumprimentos a Ismael e que dissesse a ele para “manter a soleira”. Essa esposa era a certa para a tarefa que estava por vir e Ismael deveria continuar casado com ela<sup>58</sup>.

E foi assim que, na solidão do deserto árabe, foram plantadas as sementes da descendência que seria conhecida como filhos de Ismael. Esses eram os estágios iniciais de preparação de um povo que, 2500 anos depois, iria dar ao último profeta o apoio de que ele precisaria para realizar a tarefa mais gigantesca da história.

As qualidades da nação que cresceu nas extensões do infértil deserto ao redor de Meca podem ser resumidas em uma só palavra — *al-muru'ah* (brio). Essa era a palavra de mais alta estima que os árabes usavam para descrever qualidades essenciais em uma pessoa. Como escreveu um antigo poeta árabe:

Se uma pessoa não desenvolver brio na juventude, será difícil desenvolver na velhice.

É assim que o eminente historiador Professor Philip K. Hitti, resume as qualidades que as pessoas desenvolveram ao longo de centenas de anos no deserto árabe:

Coragem, perseverança em tempos de dificuldade (*sabr*), observância dos direitos e obrigações da vizinhança (*jiwar*), brio (*murū'ah*), generosidade e hospitalidade, cuidado com as mulheres e cumprimento das promessas<sup>59</sup>.

## A melhor nação

A nação que surgiu desse processo de desenvolvimento de 2500 anos foi a nação mais ricamente dotada de qualidades humanas que a humanidade já viu:

Vós sois a melhor nação que se fez sair para a humanidade<sup>60</sup>.

Comentando esse versículo, ‘Abdullah ibn al-‘Abbas refere-se àqueles que migraram de Meca para Medina junto com o profeta. O pequeno grupo de *muhajirs* representava todos aqueles árabes que formavam o grupo conhecido como Companheiros do Profeta.

Os profetas em casa tempo foram confrontados por um grande obstáculo: a adesão de seu povo a uma religião ancestral, que desfrutava de grandeza material sem igual. Por outro lado, eles estavam pisando em solo vazio de verdade e razão. Essa nação que tinha crescido no deserto árabe tinha uma habilidade distinta de reconhecer a verdade abstratamente – antes de ganharem esplendor. Eles haviam sido criados nos céus abertos da imensidão do vasto deserto e tinha desenvolvido uma capacidade extraordinária de reconhecer a pura e plena verdade. Além do mais, eles estavam preparados para desistir de qualquer coisa pela verdade quando ela era uma força solitária e que parecesse não ter nada para oferecer em troca. ‘Abdullah ibn Mas’ud resumiu essas qualidades dos Companheiros com as seguintes palavras:

Eles eram a nata da comunidade muçulmana, os

mais calorosos, os mais conhecedores, e os menos formais. Eles eram os que Deus havia escolhido para acompanharem Seu profeta e estabelecer Sua religião.

O politeísmo tinha privado o homem, mais do que qualquer coisa, da habilidade de ver a verdade em nível abstrato. Ele fez o homem querer ver e sentir qualquer coisa antes de crer. Os profetas que vieram ao mundo falaram da verdade, que era uma força abstrata. Seus povos não conseguiam apreciá-la, por isso o escárnio e a ridicularização a que os profetas foram submetidos em todas as eras.

Os politeístas não negavam a existência de Deus. O que eles haviam feito foi moldá-Lo na imagem de objetos. Achando difícil conceber um Deus que não podia ser visto, eles O representaram em formas materiais ou humanas e fizeram desses objetos visíveis o foco de sua atenção. Os objetos que eles escolhiam reverenciar eram inevitavelmente coisas que pareciam grandes para eles. Assim, quando os profetas vieram, eles não conseguiram obter reconhecimento público, pois pareciam ser pessoas comuns. Nenhuma grandiosidade histórica foi atribuída a eles quando eles vieram ao mundo. Foi somente muito depois que eles passaram a ser considerados heróis nacionais.

Parte da súplica do profeta Abraão, quando ele começou a construção da Ka'bah em Meca, foi assim:

E lembra-lhes de quando Abraão disse: “Senhor meu! Faze esta cidade lugar de segurança e faze-me, e a meus filhos, evitar que adoremos os ídolos;

Senhor nosso! Por certo eles descaminharam a muitos dos homens. Então quem me segue, por certo, é dos meus. E quem me desobedece, por certo, Tu és Perdoador, Misericordioso. Senhor meu! Por certo eu fiz habitar parte de minha descendência em vale sem searas, junto de Tua Casa Sagrada – Senhor nosso! – para que eles cumpram a oração...”<sup>61</sup>.

O politeísmo alcançou o ápice na época de Abraão., Para onde quer se olhasse, encontravam-se grandes monumentos de glorificação aos ídolos. Parecia impossível para o intelecto humano livrar-se das correntes do pensamento politeísta. Naquela época, Abraão foi ordenado a se fixar em Meca e começar uma nova descendência. O propósito de Deus era fazer surgir um povo em uma terra sem influência politeísta para que se desenvolvesse uma nação de mentes elevadas o suficiente para se afastar do ambiente externo e pensar em termos de realidades profundas. O Alcorão caracteriza o produto final dessa descendência humana com as seguintes palavras:

Allah vos fez amar a fé e aformoseou-a, em vossos corações, e vos fez odiar a renegação da fé e a perversidade e a desobediência. Esses são os assisados<sup>62</sup>.

Só podemos entender esse versículo se considerarmos a situação que prevalecia 1500 anos atrás quando os Companheiros adotaram a fé. Eles estava rodeados de “deuses” visíveis que tinham para si um Deus invisível; dentre os maiores do mundo, eles reconheceram e

acreditaram em um profeta que não comandava nenhuma estatura mundana. Naquela época o Islam era uma religião estranha ao mundo, mas foi essa religião forasteira que os Companheiros passaram a amar tanto a ponto de quererem renunciar a tudo por ela. Em resumo, eles viram a verdade quando ela ainda era uma força abstrata, antes que a ratificação da história a apoiasse, antes de a ela se tornar um símbolo de orgulho nacional. A pessoa tinha que estar pronta para dar tudo por ela sem esperar receber nada em troca.

Um exemplo impressionante de altruísmo envolvido em fé naquela época, foi o episódio conhecido como “*bay’at ‘aqbah thaniyah*” (O segundo juramento de aliança), que foi feito antes de o profeta migrara para Medina. Bem quando a perseguição aos muçulmanos em Meca chegou a níveis intoleráveis, alguns deles começaram a espalhar a mensagem do Islam em Medina e ela logo alcançou cada casa. Na época, algumas pessoas de Medina resolveram ir até Meca, jurar aliança ao profeta e convidá-lo para migrar para Medina. Jabir al-Ansari depois se lembrou de como, quando o Islam tinha se espalhado para cada casa de Medina, eles fizeram consultas entre si. “Quanto tempo podemos deixar o profeta vagar pelas montanhas de Meca, temeroso e angustiado?”, disseram eles uns aos outros. Para aqueles que julgavam somente pelas aparências. O fato de o profeta estar sozinho, com alguns poucos apoiadores, era prova de que ele não estava sendo correto: como poderia ele ser o profeta de Deus e ser deixado em estado tão abjeto? Mas o

povo de Medina olhou para o assunto mais profundamente. Eles perceberam a verdade de sua profecia e viram que ao ajudá-lo, eles ganhariam a graça e o favor de Deus.

Setenta representantes do povo de Medina fizeram esse juramento de aliança. Podemos perceber em quais condições precárias eles estavam a partir do relato de um deles, Ka'b ibn Malik. Ele fala de como eles sorrateiramente se juntaram a um grupo comum de peregrinos de sua tribo, fingindo que também iriam fazer a peregrinação. Perto de Meca, os muçulmanos fingiram adormecer quando os outros montaram o acampamento. Porém, quando um terço da noite passou, eles se levantaram silenciosamente de suas camas para irem ao encontro do Profeta, caminhando “feito pássaros rastejando silenciosamente pela grama”<sup>63</sup>.

Que momento extraordinário deve ter sido quando, com o profeta rejeitado pelo mundo, uns poucos indivíduos surgem, ansiosos por segui-lo. Naquela época, não havia lugar para o profeta em sua cidade; ele já tinha sido perseguido em Ta'if com uma rajada de pedras e xingamentos; nenhuma tribo queria lhe dar proteção. Mesmo assim, sob essas condições adversas, o povo de Medina reconheceu a verdade de sua profecia e atendeu seu chamado. Quando os Ansar<sup>64</sup> foram prestar juramento, um deles se levantou e perguntou: “Vocês sabem o que seu juramento de aliança vai trazer? Vai trazer a destruição de suas propriedades e de suas casas”. Eles disseram: “Nós sabemos, e é em um juramento de destruição de nossas propriedades e casas que estamos entrando”. Então eles perguntaram ao profeta: “Qual será

nossa recompensa se nós formos fiéis até o fim?”. O profeta respondeu: “O Paraíso”. Eles disseram ao profeta: “Estenda sua mão para que possamos jurar aliança a você”.

Os Ansar, em massa, estavam dando suas vidas por uma verdade que ainda era questionada, por uma realidade que não tinha encontrado seu lugar no mundo da humanidade. Foi um ato que nenhuma comunidade jamais fez igual antes ou depois deles.

## Evitar questões estranhas

Geralmente são as questões chamadas de nacionalistas na terminologia moderna que capturam a imaginação da inteligência das pessoas e leva ao estabelecimento de movimentos populares. Questões dessa natureza também se apresentaram ao Profeta Muhammad, mas ele as evitou escrupulosamente. O sucesso de sua missão dependia de sua conformidade com o esquema de Deus, que já estava acontecendo há 2500 anos. Se ele se envolvesse com assuntos paralelos irrelevantes, todas as oportunidades que tinham sido criadas teriam sido arruinadas.

A fronteira árabe do território do Iêmen tinha ficado sob governo etíope em 525 d.C., e Abraha foi designado governante. Este indivíduo audacioso atacou a Ka’bah sagrado, almejando demoli-la e acabar com a posição central que ela ocupava por ser um local de peregrinação. O ano de seu ataque à Ka’bah, com um exército de elefante, foi também o ano de nascimento do Profeta (571 d.C.): o ano do ataque sassânida ao Iêmen e de sua assimilação ao Império

Persa. Badham se tornou o novo governante. Quando o Profeta Muhammad iniciou sua missão, o imperador persa ouviu falar dele e instruiu Badham a ordenar que o novo profeta desistisse de suas alegações. “Do contrário, traga-me a cabeça dele”, disse o imperador<sup>65</sup>.

Isso mostra como tinham ficado grandes os problemas de controle estrangeiro das fronteiras de Arábia quando o Profeta Muhammad iniciou sua missão. O profeta poderia ter incitado seu povo a se levantar contra os invasores estrangeiros e expulsá-los do território árabe. Mas fazer isso seria ir contra os planos de Deus. Foi a vontade de Deus que o profeta não confrontasse ninguém por causa de questões periféricas, mas que deveria se concentrar no tema central de sua missão, que era divulgar a palavra de Deus. Como testemunha a história, a consequência foi que Badham, assim como a maioria dos cristãos que viviam no Iêmen, aceitaram o Islam. O que um líder em seu lugar, assumindo questões nacionais, teria feito seria tentar resolver inescrupulosamente com atuação política, o profeta exitosamente resolveu através da transmissão a eles das ideias do Islam.

Após a morte de Abu Talib, Abu Lahab se tornou o líder da tribo de Banu Hashim. Desde que a nova chefia recusou proteção ao profeta, ele se via forçado a pedir proteção a alguma outra tribo. Para este propósito, ele visitou muitas tribos, incluindo a tribo de Banu Shayban ibn Tha’labah, da fronteira. O chefe dessa tribo, Musama ibn Haritha, explicou ao profeta que seu povo vivia perto da fronteira persa,

um território que o imperador sassânida tinha permitido que eles ocupassem somente se garantissem que eles não pregariam nenhuma doutrina nova nem dariam refúgio a qualquer pessoa que fizesse isso. “Talvez os governantes desaprovem seus ensinamentos”, acrescentou o chefe<sup>66</sup>.

Isso mostra como o governo estrangeiro das fronteiras da Arábia constituíam mais do que uma invasão política e territorial à soberania árabe. Obstruía também o trabalho missionário do profeta. O profeta poderia ter usado isso como pretexto para iniciar uma resistência ativa às forças estrangeiras, dizendo que nenhum trabalho missionário poderia ser cumprido até que todas as obstruções externas fossem eliminadas. Mas ao fazer isso nos estágios iniciais de sua missão ele teria sido um desvio dos planos de Deus, que era de que os impérios de Roma e da Pérsia se enfraquecessem lutando um contra o outro por vinte anos. Então, quando finalmente veio o momento de eles serem conquistados, eles não foram culpados pela hostilidade inicial. Foi, além disso, relativamente fácil para muçulmanos subjugar-los preparando o caminho para conquistas sem precedentes na era pós-profética. Se os muçulmanos confrontassem Roma e Pérsia prematuramente, quando esses impérios fossem fortes ou fracos, o resultado teria sido o oposto.

## Encaixe no Esquema Divino

Se um agricultor quer cultivar sua plantação, dele precisa encaixar sua engrenagem da de Deus. A Providência criou oportunidades únicas para o cultivo na terra, mas para

aproveitá-las, há certas coisas que o agricultor deve fazer. Por exemplo, na superfície da terra há uma camada de solo fértil que é única em todo o universo. Mas esse solo, apesar de sua fertilidade inata, não vai fazer brotar uma planta a não ser que esteja úmido: a infertilidade das regiões áridas da terra é devido à falta de umidade. Agora, não tem nada no universo que vai informar este fato aos agricultores. Eles devem descobrir sozinhos através da leitura dos sinais silenciosos da natureza e agir de acordo. O que um agricultor perspicaz fará, então, é esperar até que o solo seja umedecido pela chuva para então plantar. Se não houver chuva, ele vai irrigar sua terra. Assim também o grande disseminador da verdade. Eles vai esperar pelas condições corretas ou vai criá-las, para poder plantar as sementes da verdade nos corações da humanidade. Esse foi o método seguido pelo profeta Muhammad. O solo espiritual da Arábia, do qual ele vinha, era úmido e fértil, pronto para produzir frutos excelentes. Mesmo assim, o profeta teve de empregar métodos corretos para que sua missão avançasse: ele precisou se encaixar no esquema divino para ter sucesso. Não havia outra forma de ele utilizar as oportunidades que tinha.

O princípio básico da missão de ensinamento do profeta era colocar ênfase, inteiramente, nas questões sobre a eternidade. Em circunstância nenhuma seus ensinamentos repousariam em questões mundanas. A questão real que confronta o homem é a de seu destino eterno. Todas as outras questões são transitórias e supérfluas. Sucesso e

fracasso material não têm importância pois estão fadados ao fim. É no outro mundo, onde sucesso e fracasso serão permanente, que o homem deve prestar atenção.

Além disso, o profeta almejava construir uma sociedade de indivíduos corretos; e tal sociedade só pode ser constituída se cada indivíduo, separadamente, se comportar com retidão moral. Moralidade consistente e correta só podem advir de uma crença profunda na outra vida. Crença na outra vida significa que nós não somos livres para agir mas sim que esperamos prestar contas de nossas ações a Deus. Essa crença livra o indivíduo de atitudes de rebeldia, tornando-o um ser humano disciplinado e responsável. Quem quer que leia o Alcorão e os ensinamentos do profeta com a mente aberta perceberá que a vida após a morte tem quase toda a atenção. Outros assuntos são mencionados, porém apenas casualmente. O propósito da missão do profeta era direcionar a atenção das pessoas para a outra vida.

O segundo princípio do profeta era evitar qualquer conflito concreto entre ele – o professor – e aqueles a quem ele dirigia seus ensinamentos. Não importa qual preço ele tivesse que pagar, ele não deixava que nenhuma rivalidade mundana existisse entre ele e sua congregação. Um exemplo impressionante dessa política foi o Tratado de Hudaybiyyah. Ao travar guerras constantes contra os muçulmanos, os coraixitas dividiram muçulmanos e não muçulmanos em dois partidos eternamente divergentes. Ambos os lados estavam gastando todo o tempo se preparando para guerra e lutando. Nesse tratado, o profeta aceitou todas

as exigências dos coraixitas em troca de uma trégua de dez anos. Os termos do tratado eram tão unilaterais que muitos muçulmanos o consideraram uma humilhação. Na realidade, ele pavimentou o caminho para o que o Alcorão chamou de “uma vitória clara”<sup>67</sup>. Esse tratado acabou com a atmosfera de confronto que tinha se criado entre muçulmanos e não muçulmanos. Os muçulmanos agora podiam comunicar livremente os ensinamentos de sua fé aos não muçulmanos, que, por sua vez, estavam livres para aceitá-los. Nenhuma rivalidade mundana ou preconceito estava no caminho da disseminação da fé. Após esse tratado e o efeito calmante que ele provocou nos não muçulmanos, a mensagem do Islam se espalhou rapidamente pela Arábia. Em apenas dois anos, o número de muçulmanos ficou dez vezes maior. Parecia não haver nenhuma forma de Meca ser conquistada pela força das armas, no entanto ela sucumbiu dois anos depois à força dos ensinamentos islâmicos.

Um aspecto crítico do método profético era a compaixão para com seus inimigos, mesmo quando eles estão estavam completamente à sua mercê. Isso porque ele não olhava para ninguém como inimigo. Ele via todos os homens e mulheres como recipientes em potencial dos ensinamentos islâmicos e tendia a dar a eles qualquer chance possível de aceitarem a fé. Um exemplo impressionante de magnanimidade que o profeta demonstrou ao longo de toda a sua vida está no tratamento dispensado aos coraixitas após a conquista de Meca. O povo que havia perseguido ininterruptamente o profeta e seus seguidores nos vinte anos anteriores estavam

agora à mercê do profeta. Mas, em vez de puni-los por seus crimes passados, ele perdoou todos eles. Quando os coraixitas foram levados acorrentados até ele, ele disse: “Tomem seus caminhos, vocês são todos homens livres”. Ele pronunciou sentenças de morte suspensas a alguns, mas eles foram libertos quando apelaram por clemência, pessoalmente ou por meio de representantes. 17 pessoas foram sentenciadas à morte, mas somente 5 – os que não apelaram – foram executados. Na Batalha de Uhud, Hamza, tio do profeta, foi assassinado por Wahshi ibn Barb. Após isso, Hind bint ‘Utbah mutilou o corpo de Hamza. Quando o profeta soube disso, ele disse, no calor do momento: “Se Deus me fizer triunfar sobre eles, então eu vou mutilar três deles”<sup>68</sup>.

Wahshi e Hind estavam dentre os 17 que o profeta condenou à morte. Mas quando eles apelaram por clemência, ele perdoou a ambos. Isso porque era a vontade de Deus que Seu profeta fosse clemente e indulgente para com seus inimigos, pois essa política harmonizava com o esquema divino para o seguimento da causa islâmica.

Esse princípio se fundamenta em um entendimento profundo da natureza da sociedade humana, que é composta por um corpo de indivíduos vivos e sensíveis, nos quais se acende um desejo de vingança quando um de seus membros é prejudicado. Seres humanos não são pedras, que não reagem quando outra pedra é partida. Reprimir um indivíduo é convidar seus associados à rebelarem-se, o que significa que o tempo – que poderia ser gasto

produtivamente em construir a sociedade — é desperdiçado em conter o descontentamento. Ao perdoar todos os inimigos após a conquista de Meca, o profeta garantiu que não haveria nenhuma insurreição futura. A maioria daqueles que ele perdoou aceitaram o Islam, fortalecendo-o, sendo um exemplo disso 'Ikrimah, filho de Abu Jahl, antes um implacável adversário do profeta e de seus seguidores.

Uma vez que a autoridade do profeta foi estabelecida, reformas sociais específicas deveriam ser realizadas. Porém, o profeta teve o cuidado de proceder gradualmente ao início dessas reformas. Ele nunca se apressou em impor medidas quando as pessoas não estavam prontas para aceitá-las.

O povo de Meca era herdeiro da religião de Abraão, mas eles tinham distorcido a verdadeira fé de Abraão e acrescentado vários tipos de práticas inovadoras. Por exemplo, no tempo de Abraão, o Hajj (peregrinação) era realizado no mês lunar de Dhu'l-Hijjah. Como um ano, de acordo com o calendário lunar, tem onze dias a menos que um ano solar, seus meses não giram em torno das estações do ano. O Hajj ora cai em uma estação, ora em outra. Isso ia contra os interesses comerciais do coraixitas. Eles queriam que o Hajj caísse no verão todo ano. Para isso, eles adotavam um método conhecido como *nasi'*. Ele consiste em adicionar onze dias ao calendário lunar todo ano. Após essa alternância, eles mantinham os nomes dos meses lunares, mas efetivamente, o calendário deles era o solar. Isso significa que por 33 anos, todas as datas mudaram no calendário lunar. A cada 33 anos, quando o acréscimo anual dos onze dias no calendário lunar

percorria o calendário inteiro, o Hajj acontecia em sua data correta de acordo com o calendário lunar.

Uma das tarefas confiadas ao profeta foi de encerrar todas as inovações dos coraixitas e fazer com que o Hajj acontecesse de acordo com o sistema original de Abraão. A conquista de Meca aconteceu no mês do Ramadan, no 8º ano de Hégira. O profeta era agora o governante de toda a Arábia. Ele poderia ter colocado um fim imediato em todas as inovações dos coraixitas. Mas, em vez disso, ele aguardou. Faltavam apenas dois anos para completar o curso dos 33 anos do *nasi'*. O profeta aguardou esses dois anos e, apesar de ser o conquistador de Meca, ele não fez o Hajj nesse período. Somente no 3º ano após a conquista de Meca (ano 3 da Hégira) ele participou da peregrinação. Foi nesse ano que o Hajj foi realizado na data correta de Dhu'l Hijjah, de acordo com o sistema estabelecido por Abraão. Essa foi a peregrinação de despedida do profeta e, ao realizá-la, ele anunciou que, no futuro, o Hajj seria conduzido da mesma maneira que naquele ano. Assim ele encerrou a manipulação do calendário lunar para sempre. Ele anunciou: “O tempo se completou. Ele está agora na mesma posição em que Deus criou os céus e a terra. E existem doze meses em um ano na visão de Deus”<sup>69</sup>.

Havia lógica profunda para o profeta atrasar o acontecimento dessa reforma. As pessoas que tinham aderido a uma prática religiosa particular por muitos anos consideravam-na sagrada e achavam extremamente difícil mudar seu pensamento. Dentro de dois anos o Hajj cairia

no dia desejado pelo Profeta, então ele evitou tomar uma iniciativa prematura que teria transformado a questão em um problema. Quando a época do Hajj caiu naturalmente em sua data correta, ele anunciou que esse era o dia do ano para a realização do Hajj e que continuaria a ser realizado nessa mesma data.

Esses exemplos mostram como toda a política do profeta foi moldada pela sabedoria com que Deus o havia dotado. Podemos dizer que ele encaixou a engrenagem dele na de Deus. Todos os seus movimentos foram planejados para estarem de acordo com o padrão estabelecido por Deus. Foi por essa razão que todos os seus esforços produziram resultados frutíferos.

## INABALADO PELOS EVENTOS

A Península Árabe no período imediatamente anterior à vinda do profeta Muhammad era confrontada por grandes problemas políticos. As duas superpotências da época, os impérios Romano e Persa, ao oeste e ao leste da Península Árabe, tinham ambas transformado a terra dos árabes em um circo político. As regiões mais férteis da península estavam sob controle direto de uma dessas superpotências. Os persas tinham anexado o Iraque, enquanto Síria, Jordânia, Palestina e Líbano tinham se tornado parte do Império Bizantino. Apesar das fronteiras naturais de proteção do Mar Vermelho a oeste do Golfo Pérsico ao leste, as terras fronteiriças com esses mares não estavam imunes às invasões de seus poderosos vizinhos. Navios de guerra persas não tinham dificuldade de atravessar o Golfo de Omã e entrar no território árabe. O Mar Vermelho também não era barreira para o Egito e a Etiópia contra a interferência nos assuntos árabes, já que estavam ambos sob controle do Império Bizantino.

Os chefes tribais tinham delimitado estados nas regiões internas da Península Árabe, mas eles também não tinham uma independência real. A dominação de Roma e da Pérsia significava que esses chefes podiam preservar alguma autonomia governando como vassalos dessas potências

imperiais. Nas fronteiras da Síria ficava o estado da Arábia Gassânida, súdita do Império Romano, era governada por Harith ibn Abi Shimr Ghassani na época da missão do profeta Muhammad. Então havia Busra que, além de estar sob controle político dos romanos, também estava influenciada pela cultura romana, com muitos de seus habitantes tendo aceitado o cristianismo.

Na fronteira com o Iraque estava o estado de Hirah ‘Arabiyah, que era súdito do Irã. Havia também vários estados fazendo fronteira com o Golfo Pérsico, onde a influência da vizinha Pérsia era fortemente sentida. Dentre eles estava o Bahrain, governado por Mundhir ibn Sawa, onde muitos dos habitantes tinham aceitado a religião do zoroastrismo. Dois outros estados que tinha ficado sob influência persa desta forma foram ‘Ammam, governado pelos dois filhos de Jalandi (Jaifar e ‘Abd) e Yamamah, governado por Hauza ibn ‘Ali al-Hanafi. A rivalidade entre os impérios Persa e Romano era intensa e seus respectivos vassallos na Arábia participavam nas guerras travadas por eles. O estado Gassânida, por exemplo, estava com os romanos e Hirah com os persas. E assim o sangue árabe jorrava em busca dos objetivos das superpotências.

Naquela época, o Iêmen era muito maior do que é hoje. Nele existiam diversos pequenos governos tribais, o mais deles tinha sua capital em Sana’a. Era ali que se situava Najran. O governo estrangeiro no Iêmen começou em cerca de 343 d.C. quando os romanos enviaram missionários cristãos para a região. Esses missionários tiveram grande sucesso

em Najran e a maioria dos habitantes do país se converteu ao cristianismo.

Apesar de esse ser um evento religioso, os rivais dos romanos na Pérsia entenderam como uma ameaça política. Pareceu a eles que o Império Romano buscava estabelecer uma base na região sul da Arábia. Então os persas se aliaram às tribos judaicas que tinham se estabelecido no Iêmen após serem expulsas da Síria pelos romanos em 70 d.C. Yusuf Dhu Nuwas era nascido árabe, mas tinha aceitado o judaísmo. Com a ajuda dos persas, ele fundou um governo semiautônomo em Sana'a com patrocínio dos sassânidas. Ele então iniciou um extermínio dos cristãos de Najran, muitos dos quais foram queimados vivos em 534 d.C.

Os romanos então agiram para preservar seu domínio na região. Buscando ostensivamente proteger os cristãos iemenitas, eles escolheram o rei etíope Najashi, um cristão leal aos romanos, para alcançar os objetivos deles e incitaram o rei a combater Yusuf Dhu Nuwas. Najashi então enviou ao Iêmen um exército liderado pelo chefe etíope Aryat. Uma breve batalha se sucedeu, resultando na captura de Sana'a pela tropa etíope e em Dhu Nuwas se afogando no mar. Porém, em pouco tempo, Abraha, um soldado no exército de Aryat, assassinou seu comandante e, tendo recebido permissão de Najashi, instalou seu governo em Sana'a. Foi ele quem, em 571 d.C., atacou a Ka'bah Sagrada em Meca. Ele foi sucedido por seus filhos, primeiro Yaksum e depois Masruq.

Um membro da antiga família real do Iêmen, Sayf ibn Dhi-

Yazan, foi pressionado a expulsar os estrangeiros do país e restabelecer a dinastia de seus ancestrais. Ele iniciou um movimento de libertação, mas quando o apoio local se mostrou insuficiente para alcançar os objetivos, ele foi até o rei iraniano Nawshyrwan pedir ajuda militar. Nawshyrwan rapidamente aproveitou a chance de ouro: enquanto o exército iraniano liderado por Dahraz estava sendo preparado para avançar para o Iêmen, Sayf ibn Dhi-Yazan morreu, mas seu filho Ma'di Karb completou os preparativos para trazer as tropas iranianas para o país. Atravessando o Golfo o Omã, eles chegaram em Hadramaute e seguiram para Sana'a. A aliança entre Ma'di Karb e Dahraz teve êxito em expulsar os etíopes do Iêmen. Ma'di Karb se tornou rei de Sana'a, mas uma presença militar iraniana ainda se manteve, transformando o Iêmen em uma província transoceânica. Havia um governador iraniano lá na época do advento do Islam. Seu nome era Bazan e, após oposição inicial, ele depois aceitou o Islam.

Tudo isso mostra o quanto o território árabe tinha sido subjugado aos planos expansionistas de Roma e da Pérsia na época da missão do profeta Muhammad. Em tal situação, dois caminhos se abriram para um reformador como o profeta. Ele poderia ter se permitido ser levado pela corrente de eventos e iniciado uma agitação política contra as potências coloniais que ameaçavam sua terra. Ou ele poderia se concentrar em construir a força interna de seu povo a um nível tal que, com um pequeno esforço da parte deles, qualquer palácio imperial se despedaçaria no chão.

O profeta escolheu o segundo caminho em vez do primeiro. O ataque de Abraha à Ka'bah Sagrada é mencionado em dois capítulos (105 e 106) do Alcorão sob títulos de al-Fil e Quraich. O Alcorão afirma explicitamente que tais ameaças devem ser combatidas com “adoração”. Essa é a forma islâmica. Quando uma ameaça política é identificada, a solução deve ser buscada não a nível político, mas em nível espiritual, em nível de adoração.

## O MÉTODO PROFÉTICO

### Fortalecimento interno pessoal

A história do Islam começa em 610 d.C. quando o profeta Muhammad recebeu sua primeira revelação. Na época, ele era o único muçulmano, o único crente em todo o mundo. Em 622 d.C. o profeta migrou de Meca para Medina. Lá ele estabeleceu uma nação islâmica, mas suas fronteiras eram muito limitadas. Elas se estendiam até apenas algumas poucas partes da pequena cidade de Medina, sua maior parte tendo permanecido sob controle das tribos judaicas e dos árabes que ainda não tinham se convertido ao Islam. O profeta faleceu onze anos depois. Quando de seu falecimento, as fronteiras do Islam tinham se expandido pela Península Árabe e alcançado o sul da Palestina. Um Império Islâmico abrangendo mais de 2,5 milhões de quilômetros quadrados tinha nascido. O Islam tinha avançado pelo norte de África até a Espanha no lado oeste em apenas um século e da Espanha até as fronteiras com a China no leste. Ainda existem sinais da influência islâmica em lugares muito distantes como Budapeste, onde um santuário muçulmano, “Gul Baba”, ainda está de pé às margens do rio Danúbio, e na França, onde os campanários de muitas igrejas contêm pedras com gravações em árabe, remanescentes do século

VIII, quando o sul da França era uma província europeia do califado em Damasco.

Duzentos anos antes, o povo da Arábia montava camelos. Agora, eles estavam dominando o mundo. Bagdá se tornou o centro do mundo civilizado, passando por Selêucia, Persépolis, Babilônia e Roma como centro internacional de aprendizagem.

Esses triunfos impressionantes foram resultado de um programa de fortalecimento que o Alcorão explica com as seguintes palavras:

Ó agasalhado! Levante-te e admoesta os incrédulos. E a teu Senhor, magnifica-O. E a teus trajes, purifica-os. E ao abominável, abandona-o. E não faças mercê esperando receber mais. E quanto à determinação de teu Senhor, pacienta.<sup>70</sup>

Resumido, esse programa pode ser dividido em três estágios:

1. Transformação pessoal, para que a pessoa adore somente a Deus, corrija seus padrões morais e evite todas as formas de pecado e injustiça.
2. Ensinar aos outros a realidade de sua existência e seu destino final: que eles são servos de Deus e retornarão a Ele após a morte.
3. Ficar firme perante as dificuldades que afligirem a tentativa individual de reformar a si mesmo e a sociedade.

## Força interior

O esforço islâmico é pessoal, motivado por um ímpeto dominante de salvação no outro mundo, um anseio por que Deus nos perdoe quando nos apresentarmos perante Ele. Quando o Islam penetra nas profundezas de nossa consciência, nós nos preocupamos com apenas uma coisa: como merecer o favor e o perdão de Deus. Nós imediatamente buscamos moldar nossa fé, nossas ideias, nosso caráter, nossas ações e tudo o que fazemos na vida, seguindo nossa constante preocupação de evitar desagradar a Deus. É na outra vida que devemos focar toda a nossa atenção. Nós convidamos as pessoas para o Islam, tendo certeza de que primeiro devemos nós mesmos ser bons muçulmanos:

Dize: “Por certo, foi-me ordenado ser o primeiro do que se submetem”.<sup>71</sup>

Quanto à motivação, tornar-se o “primeiro a se submeter a Deus” é um assunto totalmente pessoal. Mas em suas consequências, esse ato tem implicações de amplo alcance na sociedade. Uma erupção vulcânica inicia dentro de uma montanha, invisível aos olhos da humanidade. Mas quando a erupção acontece, ela ilumina tudo ao seu redor com seu brilho. Assim é com aqueles que primeiro se submetem a Deus. A transformação que ocorre dentro deles tem repercussões em todo o ambiente. A sequência exata pode ser encontrada na revelação do Alcorão. Os primeiros versículos a serem revelados foram aqueles que tratam da reforma pessoa. Depois vieram os capítulos que tratam

da melhoria da sociedade em geral. Comparando essa sequência com o método adotado pelo profeta do Islam, Muhammad Marmaduke Pickthall escreve na introdução de sua tradução do Alcorão:

A inspiração do profeta progredia das questões internas para as questões externas.<sup>72</sup>

Geralmente, as pessoas consideram que as investidas no mundo exterior são as tarefas mais valiosas da vida. Mas a lição da vida do profeta é que a pessoa deve trabalhar para se fortalecer internamente. Os indivíduos que se consolidaram por dentro se tornam fascinantes quando se revelam. Como uma pessoa se fortalece internamente? O que o Alcorão nos dá não é nenhuma receita mágica para chegar a esse objetivo. Apenas fé, ações virtuosas e perseverança firme podem levar a esse objetivo. Primeiramente, as verdades divinas devem se enraizar em nossas mentes e corações. Devemos tentar fixar nossos pensamentos no outro mundo, o mundo das realidades eternas. Devemos cultivar a atitude de que não temos direitos na vida, apenas responsabilidades. Dificuldades estão destinadas a aumentar enquanto buscamos o caminho divino. Em vez de buscar colocar a culpa delas nos outros, temos de ter em mente um espírito de aceitação silenciosa e humilde. Essas são as qualidades que consolidam a força interior. O profeta Muhammad nos deu um exemplo perfeito de cultivo dessas qualidades. Ele as desenvolveu a tal grau que ninguém conseguia alcançar a força de seu caráter. Quando o profeta se abriu para o mundo exterior, quase todo o mundo conhecido então se

rendeu a ele. As pessoas sucumbiram diante de seu caráter inspirado, pois a força de sua personalidade vinha de dentro. Em seu artigo “*Bravura*”, o renomado autor hindu Sardar Pooran Singh (1882-1932) chamou o profeta Muhammad de homem mais corajoso da história. E bravo ele tinha que ser para fazer uma revolução tão grandiosa da Península Árabe. Sua grandiosidade pode ser julgada por qualquer um que o encontrasse o aceitava como líder. Que tipo de bravura é essa que faz alguém ser tão poderoso? Nas palavras de Pooran Singh:

Se esforçar a todo momento, a toda hora, para fazer se tornar cada vez maior é bravura. São os covardes que dizem “Vai em frente” enquanto os bravos dizem “Espere” (volte atrás). Os covardes dizem “Levantem as espadas” enquanto os bravos dizem “Levantem as cabeças”. A política do corajoso é reunir e aumentar a força em todos os lados. Os bravos constroem suas reservas internas, marchando em frente consigo mesmos. Eles podem mover um mundo inteiro tocando os corações das pessoas. A bravura não consiste em se tornar emocionalmente quente e esfriar como uma lata de metal que esquenta e esfria a qualquer momento. O fogo pode arder por séculos e ainda assim não queima o bravo, enquanto nem mesmo séculos de neve podem resfriar a ponta do bravo. As pessoas dizem: “Faça, Faça, trabalhe, trabalhe”, mas essas falas parecem inúteis. Primeiro, crie e reúna a força para o trabalho. É inútil gritar “Faça, faça, faça” sem primeiro criar e reunir a força

para trabalhar. O indivíduo deve crescer e firmar suas raízes como uma árvore. O mundo não está em cima de lixo onde qualquer galo ganha fama e aclamação só cantando. Em vez disso, os princípios eternos das verdades religiosas e espirituais sustentam o mundo. Quem se associar completamente com essas verdades surgirá vitorioso.<sup>73</sup>

O segredo dessa bravura não está em receitas mágicas ou exercícios espirituais feitos em retiro. Práticas no oculto podem iludir no mundo da matéria, mas são inúteis para pessoas que enfrentam os problemas do dia a dia que as confrontam. A verdadeira força é aquela que nos leva a superar as dificuldades da vida.

As pessoas desenvolvem força interior quando se libertam de todas as amarras egoístas quando alcançam um nível de pensamento em que todas as considerações superficiais são deixadas de lado e, como o profeta coloca: “veem as coisas como elas são”. Seus pensamentos e ações não são guiados por preconceito, raiva, ganância, ódio, paixão pelo poder, vaidade, interesse pessoal ou qualquer anseio básico. É isso que faz a força do caráter. É uma força fascinante que permite que a pessoa enfrente qualquer teste. As iniciativas de quem está imbuído de tal força interior são inevitavelmente vistas em sua conclusão. Eles abrem brechas para eventualidade prováveis e possíveis, em sua tomada de decisão. Quanto mais as pessoas se opõem a eles, mais eles aderem à sua posição de verdade e retidão.

Um exemplo de como a força interior do profeta

Muhammad forneceu soluções para todos os problemas que ele enfrentava pode ser vista na situação que ocorreu após a conquista de Meca. Sua força de espírito se manifestou de formas diferentes conforme a necessidade. As vezes ela tinha forma de perdão, as vezes de coragem suprema e as vezes de confiança em Deus. As vezes seu sucesso era devido à visão ampla. As vezes ele mostrava como alguém que renuncia a seus próprios interesses se torna uma força invencível que ganha tudo ao abandonar tudo.

Após o profeta captura de Meca no ano 8 da Hégira, alguns dos coraixitas fugiram para as tribos de Hawazin e Thaqif e os incitaram a começarem uma nova guerra contra os muçulmanos. As tribos responderam mobilizando todos os seus recursos humanos e reunindo um exército de 20 mil homens. Eles encontraram os muçulmanos no campo de Hunayn. Os arqueiros de Hawazin tinham se escondido em um desfiladeiro e, quando eles fizeram chover suas flechas sobre os muçulmanos, cerca de 11 mil, do forte exército de 12 mil, se virou e fugiu. Ainda assim, apesar do revés inicial, os muçulmanos finalmente tiveram uma vitória extraordinária. A razão de eles se recuperarem foi a força interior de seu líder, o profeta Muhammad, que, nessa conjuntura crítica, não mostrou nenhum sinal de pânico, mas foi a epítome da tranquilidade<sup>74</sup> e permaneceu pleno de confiança em Deus. Uma vez que sua força interior se mostrou, ele imediatamente alterou o curso da batalha. Ficando de pé em meio ao inimigo, ele convocou seus seguidores assustados:

Eu sou o profeta e eu não minto

Eu sou o neto de ‘Abdul Muttalib.

“Para mim, servos de Deus!” o profeta chamou. Seu primo Ibn ‘Abbas tinha uma voz alta. O profeta pediu a ele que apelasse para seus soldados fugidos: “Vocês juraram lealdade ao profeta sob a sombra da árvore de Ridwan, vocês juraram que vocês dariam suas vidas pela fé! Onde estão vocês agora?”. Quando os muçulmanos viram seu líder firme diante do inimigo, eles perceberam que o socorro de Deus estava com ele. Seus espíritos desfalecidos foram reanimados e eles voltaram com uma nova determinação para o campo de batalha. Seu nome entusiasmo era tão sem limites que eles não conseguiram esperar seus camelos darem a volta: eles desmontaram de suas selas e correram a pé para o campo de batalha. Agora era a vez de o inimigo bater em retirada. Os muçulmanos ganharam o dia junto com um espólio de 24 mil camelos, 40 mil cabras e mais de 1 tonelada de prata. E fizeram 6 mil prisioneiros.

Apesar desta vitória, a situação continuou a se deteriorar. Thaqif era a segunda tribo mais proeminente de toda a Arábia. Eles também possuíam uma cidade fortificada na península. Eles agora estavam cercados em Ta’if, mas durante as três semanas de cerco, eles infligiram nos muçulmanos mais perdas do que os muçulmanos tiveram em Hunayn. Além disso, a oposição deles ao Islam era tão enraizada que quando um deles, ‘Urwah ibn Mas’ud Taqafi, que tinha fama de ser mais amado para seu povo do que as virgens, aceitou

o Islam, eles esqueceram a afeição que tinham por ele e cruelmente o crivaram com flechas.

Mais uma vez, a força interior do profeta veio a seu resgate. Conforme o cerco apertava, ‘Umar pediu ao profeta que suplicasse pela destruição do povo de Ta’if. Em vez disso, o profeta suplicou pela orientação deles. Ele foi totalmente isento de raiva e preconceito no tratamento a eles. Finalmente, após sitiarem a cidade por três semanas, ele ordenou que o exército se retirasse. Em seu retorno de Ta’if, o profeta alcançou Ji’ranah, onde os espólios da Batalha de Hunayn tinham sido divididos. Ali o profeta teve uma oportunidade de tomar represálias contra os aliados de Thaqif, Hawazin. Mas ele fez exatamente o oposto, aceitando o apelo de uma delegação daquela tribo para libertar todos os seis mil prisioneiros. Seu tratamento magnânimo deles – libertá-los e dar a eles roupas e provisões para a viagem – foi para causar uma impressão neles. E causou: toda a tribo de Hawazin aceitou o Islam, conquistados pela generosidade sem limites do profeta.

Os efeitos desse evento também foram sentidos em Ta’if. Hawazin e Thaqif eram divisões de uma grande tribo. Thaqif se sentiu muito mais ameaçada pela conversão de Hawazin ao Islam do que se sentiram pelo cerco da cidade. O rompimento da aliança deles por Hawazin era uma ferida mortal, que eles sabiam que os tornaria incapazes de batalha contra os muçulmanos.

A tribo de Thaqif fez uma consulta entre si. Eles perceberam que não seriam capazes de combater

todos os árabes ao redor deles que tinham jurado lealdade ao profeta e aceitado sua fé.<sup>75</sup>

No ano 9 da Hégira (630 d.C.), uma delegação de Ta'if chegou em Medina. Eles estavam inclinados a aceitar o Islam, mas somente sob condições um tanto incomuns. Por exemplo, eles negaram direito de passagem ao exército muçulmano em seu território, recusaram-se a pagar impostos territoriais, negaram-se a participar na jihad, também disseram que não rezariam nem reconheceriam nenhum líder que não fosse de sua tribo. O profeta aceitou todas as condições deles, mas esclareceu que não há nem algum em uma religião que não inclui curvar-se para Deus. Os companheiros ficaram impressionados de o profeta aceitar o Islam deles junto com todas essas reservas. Mas o profeta estava olhando para além no futuro e os acalmou com estas palavras:

Quando eles tiverem se submetido a Deus, eles irão, após um tempo, farão caridade e se esforçarão no caminho de Deus.<sup>76</sup>

O Imam Ahmad relatou, da autoria de Anas ibn Malik, que o profeta atendia aos pedidos que qualquer pessoa fizesse antes de aceitar o Islam. Por exemplo, um homem que foi até o profeta recebeu um rebanho caprino tão grande que eles se estendiam de uma montanha até outra. Ele então voltou para seu povo e os incentivou a aceitarem o Islam “pois Muhammad concede em abundância tal que a pessoa jamais vai querer alguma coisa de novo”. Mas, conforme apontou Ibn Kathir, mesmo que a pessoa fosse até o profeta

buscando apenas esse mundo, era questão de um só dia para a pessoa se transformar: a fé do profeta se tornava mais querida para a pessoa do que tudo o que o mundo tivesse a oferecer.

Uma vez resolvido o assunto das tribos de Thaqif e Hawazin, outro problema ainda mais grave apareceu. Os muçulmanos tinham acumulado um montante enorme de espólio com a vitória sobre Hawazin. O profeta distribuiu esses espólios dentre os novos convertidos de Meca com incrível generosidade. Porém, alguns dos Ansar, que tinham ajudado o profeta quando ele migrou para a cidade deles, acharam isso muito difícil de aceitar. Parecia a eles que agora que o profeta estava restabelecido em sua cidade natal, ele tinha adotado uma atitude chauvinista e estava derramando riquezas sobre seu povo para agradá-los. Não há dúvidas de que o profeta estava acima dessas motivações básicas, mas o ressentimento que os Ansar sentiram por terem sido deixados de fora foi algo natural e poderia trazer problemas graves para a união muçulmana. No entanto, a sinceridade de propósito do profeta mostrou uma forma empática com que ele removeu as dúvidas dele.

O profeta reuniu todos os Ansar em um local e falou a ele da seguinte maneira: “O que é isso que eu ouvi sobre vocês? Não é fato que vocês estavam perdidos e Deus os guiou, através de mim, ao caminho correto? O que vocês precisaram, Deus concedeu a vocês em abundância, através de mim. Vocês estavam em guerra uns com os outros e Deus os uniu em um só povo junto comigo!”. Todos confirmaram, então o profeta continuou:

Vocês têm todo o direito de dizer que os Muhajirs vieram a vocês como refugiados, expulsos de nossa terra e que vocês nos abrigaram; nós estávamos necessitados e vocês cuidaram de nós; nós estávamos aterrorizados e vocês nos deram segurança, amizade e companhia. Digam-me, socorredores, vocês estão ressentidos só porque eu dei a alguns novos convertidos um presente trivial para animar os espíritos deles e assegurá-los na fé enquanto confiei a vocês o grande presente que Deus concedeu sobre vocês que é o Islam? Companhia dos socorredores, vocês não estão felizes de ver pessoas levarem camelos e cabras com eles para casa enquanto vocês retornam com o Mensageiro de Deus?<sup>77</sup>

Ao ouvir essas palavras, todos começaram a chorar. Eles disseram em uníssono “Nós estamos felizes com o Mensageiro de Deus”. Desta forma, o a força interior do profeta rompeu cada barreira, abriu cada porta e ultrapassou cada obstáculo. Ela foi a chave dele para o sucesso em cada situação da vida.

## O Alvo exterior: atividade missionária

Quando o profeta Muhammad iniciou sua atividade, ele não era motivado por nenhum anseio de vingança do mundo exterior que o havia maltratado. Normalmente, movimentos populares são iniciados por algum instinto de vingança, mas os esforços do profeta eram baseados em concepções positivas, não em uma reação negativa

a como os outros tinham tratado ele. Certamente, todas as circunstâncias que normalmente provocam reações políticas, sociais e econômicas, que levam à formação de movimentos populares, existiam por completo quando o profeta foi enviado ao mundo. Mas não foram esses pontos que o profeta abordou em sua comunicação da fé. Ele foi atrás de seus objetivos de forma contínua, de acordo com o programa mencionado no início deste capítulo, mas ele o fez sem confrontar ninguém em questões políticas, sociais ou econômicas.

Quando o profeta começou sua missão, a terra dos árabes tinha se tornado alvo de ataques das potências imperiais de então, que tinham extremamente rápidas em anexar as partes férteis e prósperas do país. A Síria estava sob domínio romano no norte da península, governada por chefes árabes leais a César. Ao sul, no território do Iêmen, os persas tinham imperavam e governavam durante a época do profeta com um governador chamado Bazan. As únicas regiões ainda independentes eram Hijaz, Tahamah e Najd. Além disso, só existiam desertos de pedras, com alguns oásis em meio à vastidão desértica. Os imperadores consideravam a Arábia como propriedade deles: foi por isso que quando o profeta escreveu ao imperador da Pérsia, convidando-o para o Islam, o orgulhoso monarca rasgou sua carta e disse, indignado:

“Ele escreve para mim! Ele, que é um servo meu!”

O ataque de Abraha à Ka’bah no ano do nascimento do profeta (570 d.C.) era parte dessa usurpação das potências

estrangeiras ao território árabe. Antes do advento do Islam, a Ka'bah era um centro da idolatria para toda a Arábia: todas as tribos tinham um ídolo lá e consideravam a região sagrada. Ao longo do ano, as pessoas iam às turbas para Meca, vindas de lugares distantes, para celebrar a Ka'bah e fazer suas oferendas aos ídolos. A economia de Meca se beneficiava muito desse fluxo constante de peregrinos e Abraha almejava desviar essa grande fonte de riqueza para sua terra, o Iêmen, que estava ao sul de Meca. Ele estava disposto a recorrer a qualquer meio para alcançar seu objetivo, matando o antigo governador iemenita, tomando controle do país e forçando o rei da Abissínia a reconhecer sua autoridade na província. De fé cristã, Abraha tinha construído uma imensa igreja em Sana'a e, em seguida, fez uma intensa campanha de divulgação para induzir as pessoas a fazerem peregrinação até lá. Desta forma, ele esperava desviar o lucrativo comércio da peregrinação de Meca para Sana'a. Foi registrado na história árabe que, quando seus esforços falharam, ele saiu em direção à Ka'bah para destruí-la, para que as pessoas não tivessem outro lugar onde fazer a peregrinação a não ser a igreja que ele tinha construído em Sana'a. Para conseguir isso, ele reuniu um exército de elefantes, que rendeu a ele o título de "Senhor dos elefantes". Até mesmo os nomes de algumas pessoas que construíram a igreja são conhecidos. Os árabes chamavam a estrada por onde ele passou de Estrada dos Elefantes. A fonte de onde eles beberam, o portão por onde eles entraram em Meca e o ano do ataque receberam nomes parecidos.

O que a maioria dos líderes teria feito em tão adversa situação seria iniciar um movimento popular contra a ameaça das potências imperiais estrangeiras. Teriam procurado livrar sua terra do jugo da dominação estrangeira e revitalizar instintos nacionalistas do povo. Mas o profeta do Islam se absteve completamente de incitar qualquer luta nacionalista de libertação desse tipo.

Também existiam problemas econômicos críticos assolando a Arábia quando o profeta veio ao mundo. A Arábia era uma terra quase que inteiramente árida: numa época agrária, ela não tinha qualquer base agrícola sobre a qual assentar a sua economia. Esse problema afetava todos os habitantes do país e poderia facilmente ter constituído o incentivo para um movimento revolucionário popular. Mas o Profeta não se aproveitou de forma alguma dos problemas econômicos do seu povo. Numa ocasião, a burguesia de Meca se reuniu diante da Ka'bah depois do pôr do sol e convocou o Profeta. Quando ele apresentou os ensinamentos básicos do Islam, foi assim que reagiram à sua mensagem:

Muhammad, você sabe que nenhum país é mais pobre ou mais seco do que o nosso. Você sabe como é difícil para nós ganharmos a vida. Então suplique ao seu Senhor, em nosso favor, para que Ele remova essas montanhas secas que dificultam nossa vida, que Ele torne nossa terra fértil e faça correr em seus vales rios como os da Síria e do Iraque.<sup>78</sup>

Para entender o que fez os líderes coraixitas falarem com o profeta dessa maneira, precisamos entender a situação

geográfica da Arábia. Uma cadeia de montanhas que se estendia ao longo da costa de Hijaz até Najd impedia que os ventos marítimos penetrassem no interior, resultando em chuvas na Península Arábica, ao contrário do Iraque e da Síria, que era mínima. Essa situação geográfica era a raiz dos problemas econômicos da Arábia. Qualquer líder em ascensão poderia instantaneamente atrair a atenção das pessoas explorando esses problemas. O Profeta, no entanto, não escolheu esse caminho. Ele não deu nenhuma atenção direta a questões dessa natureza e dedicou os seus esforços inteiramente à pregação da unicidade de Deus. A história mostra que a luta do Profeta no campo da atividade missionária teve efeitos de longo alcance, criando novas oportunidades para os árabes nas áreas política e econômica. Mas é essencial perceber que essas vantagens foram um resultado indireto da luta do Profeta: não foi para o ganho político e financeiro que ele dirigiu os seus esforços.

Toda a vida do Profeta mostra que o assunto a que ele atribuía importância fundamental era a pregação da fé. Logo que iniciou a sua missão ativa, ele deixou de lado todas as outras questões e concentrou-se unicamente na propagação da mensagem do Islam. Primeiro, ele estava decidido a informar seus familiares de que tinha sido escolhido para comunicar a palavra de Deus à humanidade. Para isso, ele convidou todos os seus familiares (cerca de quarenta foram convidados, dos quais pelo menos trinta compareceram) para um jantar. Depois do jantar, ele se dirigiu a seus convidados, mas teve pouco sucesso. “Banu Muttalib”,

disse ele, “eu fui enviado a vocês em particular, depois à humanidade como um todo. Quem então cumprirá, em meu nome, minhas dívidas e minhas promessas? Quem cuidará da minha família enquanto eu estiver ausente? Quem o fizer será meu companheiro no paraíso”. O Profeta repetiu as suas palavras, mas apenas ‘Ali, ainda um menino naquela época, respondeu positivamente. “Eu, Profeta de Deus”, disse ele. “Você, ‘Ali, você, ‘Ali!”, foi a resposta do Profeta.<sup>79</sup>

Um dia, Abu Jahl jogou uma pedra no Profeta, fazendo sangrar seu rosto. O tio do Profeta, ‘Abbas, soube disso. Embora Abbas ainda não tivesse aceitado o Islam, o orgulho familiar o levou a ir bater em Abu Jahl. Ele então voltou até o Profeta: “Sobrinho”, disse ele triunfante, “eu te vinguei”. “Eu ficaria mais feliz se você aceitasse o Islam”, respondeu o Profeta.

Uma vez, os líderes dos coraixitas foram ter com Abu Talib, outro tio do Profeta. “Abu Talib”, eles disseram, “seu sobrinho entra nas nossas arenas e reuniões e diz coisas que nos irritam. Por favor, se você pode, impeça-o de fazer isso”. Abu Talib enviou seu filho, Aqil, para buscar o Profeta. Quando ele contou ao sobrinho o que os coraixitas tinham dito, o Profeta ergueu os olhos para o céu. “Por Deus”, disse ele, “alguém dentre vocês pode acender um fogo a partir de uma chama do sol? Bem, eu não posso mais abandonar a mensagem que o próprio Deus me confiou”. Tendo dito isto, o Profeta se desfez em lágrimas.

Banu Hashim, tribo a que pertencia o Profeta, era a nata

da sociedade árabe. Uma vez que a sua tribo já tinha uma posição dominante na Arábia, algumas pessoas pensaram que talvez o Profeta quisesse consolidar sua autoridade e ser coroado rei. Mas as ações do Profeta mostraram que ele estava interessado em uma coisa apenas: transmitir às pessoas a importância de se prepararem para o outro mundo. Ele enfatizava esse assunto com tanta persistência que, às vezes, os chefes dos coraixitas imploravam em termos quase desesperados, que os deixasse em paz. “Muhammad”, disse Abu Jahl uma vez, “ você pode parar de insultar nossos deuses? Se você quer que nós testemunhemos que você comunicou sua mensagem, então tudo bem: nós testemunhamos; você certamente a comunicou”.

O Profeta, porém, não se intimidou e continuou a transmitir sua mensagem. Isso enfureceu ainda mais os coraixitas, que decidiram excluir toda a família Banu Hashim. Um interdito impediu os casamentos e as relações comerciais. Ao saber disto, Banu Hashim se mudou para o local conhecido como Shi'b Abi Talib.

Enquanto o interdito esteve em vigor, a divulgação ficou confinada às pessoas afetadas e o Profeta aproveitou isso ao máximo. No entanto, essas restrições terminavam temporariamente nos meses sagrados. A família do Profeta se beneficiava desse período, pois podia efetuar transações. Depois, juntando a carne do sacrifício, eles a secavam para o resto do ano. Mas o Profeta usava este tempo de forma diferente: ia às tendas onde se encontravam várias tribos e comunicava a elas a mensagem do Islam.

Imagine como era precária a situação do profeta quando ele migrou de Meca para Medina. Mas mesmo durante essa viagem, ele não perdeu nenhuma oportunidade de pregar o Islam para aqueles que encontrava. Quando ele chegou em Ghamim, por exemplo, ele comunicou a mensagem do Islam à Baridah ibn Hasib, que então – junto com 80 membros de sua família – aceitou o Islam. Ao chegar na passagem da montanha de Rakubah, ele encontrou dois homens a quem ele falou sobre o Islam e que aceitaram a fé. Quando o profeta perguntou seus nomes, eles disseram que pertenciam à tribo de Aslam e que eram bandidos. Por essa razão, explicaram, eles eram chamados de “*muhanan*” “a dupla desprezível”. O profeta disse: “Não, você são a dupla honorável”<sup>80</sup>.

O profeta Muhammad inculcou em seus companheiros a mesma atitude. Não era ser objetivo deles conquistar territórios e acumular espólios de guerra. Em vez disso, eles tinham que se tornar para os outros a fonte de riqueza – a riqueza da verdadeira fé. Então, quando o profeta confiou a ‘Ali o estandarte muçulmano no campo de Khaybar, ele disse a seu primo que agisse cautelosamente: “E quando você entrar na área deles, convoque-os ao Islam e diga a eles quais são as responsabilidades deles para com Deus. Por Deus, se o Senhor guiar um só deles ao Islam por meio de ti, então isso será melhor para você do que um rebanho de camelos vermelhos”.

A atividade missionária era foi uma parte tão proeminente da vida do profeta que se fôssemos dar um título para

todo o seu esforço, esse seria o título correto. Ele não se concentrou em questões políticas, econômicas ou sociais, como líderes comuns fazem. Em vez disso, ele devotou todo tempo e energia em transmitir a palavra de Deus. No início, pode ter parecido que sua obstinação não era plausível. Mas pelo resultado de seus esforços, ficou claro que objetivos mundanos são automaticamente alcançados se nós direcionarmos nossa visão para o outro mundo, como fez o profeta.

## Paciência e Firmeza

A terceira parte da missão profética, mencionada no começo deste capítulo, foi a perseverança em face às dificuldades encontradas no caminho divino. A palavra árabe para paciência é “*sabr*”. Um das palavras derivadas da mesma raiz é “*sabbarah*”, que significa solo duro, infértil, que não aceita nenhuma semente. Igualmente, o paciente dotado de “*sabr*” não deixa que os eventos o afetem, jamais perde o ânimo e corre atrás de seu objetivo com resolução incansável. Pessoas corajosas também são chamadas de “*sabar*”, pois não se curvam com a pressão: elas ficam firmes e inabaladas, não importa o quão adversa sejam as circunstâncias.

A paciência é a virtude mais elevada que pode ter aquele que adotou o Islam como causa. Quando o Islam se torna parte vital da nossa vida, ele nos imbuí de um espírito eterno que nos faz “jamais desanimar por causa do que nos acontece no caminho de Deus” – jamais fraquejar ou encolher-se abjetamente<sup>81</sup>. Acreditar em Deus é confiar absolutamente

n'Ele, e aquele que confia em Deus é possuidor de uma grande força: nada pode enfraquecer sua determinação.

Sem paciência, os pregadores da palavra de Deus não conseguem continuar seu trabalho por muito tempo. Quando eles embarcam em sua missão, se veem sozinhos na companhia de estranhos. Eles ficam restritos pelas ordens de Deus, enquanto os outros são livres para fazerem o que quiserem. Tudo o que eles fazem é voltado para o sucesso e para a salvação no outro mundo, ao passo que todos os caminhos para o sucesso mundano se abrem para seus adversários. Todos os seus esforços ficam concentrados em fins espirituais, enquanto as expertise política e econômica dos outros os faz fortes diante dos olhos dos homens. Eles mantêm padrões éticos rígidos, enquanto as ações dos outros são livres de todas as restrições. Os pregadores da palavra de Deus podem facilmente ser afetados por essas questões. Eles podem até se sentirem tentados a seguir a multidão enlouquecida e abandonarem sua missão. Pode ocorrer a eles que se suas ações não forem eficazes, eles podem muito bem se pouparem do problema. É aí que “*sabr*” vem ao resgate, impedindo-os de desistir por suas palavras parecerem não afetar os outros:

Então, paciente, Muhammad, por certo, a promessa de Deus é verdadeira. E que não te abalem os que não se convencem da ressurreição.<sup>82</sup>

Às vezes, “*sabr*” assume outra forma: firmeza e perseverança face à perseguição dos outros. Esse era o método adotado por todos os profetas de Deus. Eles diziam a seus adversários:

...E, em verdade, pacientaremos quanto ao que nos molestais. E que os confiantes, então, confiem em Deus.<sup>83</sup>

As aflições assolam os pregadores da palavra de Deus e são parte integral de sua missão. Aqueles a quem eles falam são obrigados a mostrar alguma reação às palavras deles e, às vezes, ela vai ser violenta e inflexível. Se eles forem ficar lamentando o tratamento que recebem das pessoas, a própria seriedade de seus esforços de trazê-las para a verdadeira religião será motivo de dúvida. Quem trabalha pela causa de Deus não se afetará com as reações das pessoas ao que eles estão fazendo. As dificuldades que encontramos em busca da satisfação de Deus são um teste da nossa sinceridade. Não podemos esperar que nossas palavras afetem as pessoas a não ser que tenhamos comprovado a nossa sinceridade.

Quando as pessoas são confrontadas com ataques inimigos, elas geralmente tomam suas próprias medidas de retaliação. Em geral, elas estão acostumadas a retaliar quando recebem qualquer tratamento desagradável dos outros. “*Sabr*”, por sua vez, significa aguentar pacientemente qualquer coisa infligida pelo inimigo. Por exemplo, se os muçulmanos de um determinado país se verem confrontados pelo preconceito econômico de seus compatriotas não muçulmanos, o caminho do “*sabr*” não é começar a exigir tratamento igualitário mas sim se esforçar para ser melhor do que os outros. O preconceito só vai ter um efeito contrário quando pessoas com habilidades semelhantes competirem

por um emprego. Se um dos candidatos superar os demais nas habilidades, aí então nem mesmo o preconceito poderá lhe negar seu merecido lugar.

Quando os muçulmanos ficaram economicamente isolados em Meca durante a vida do profeta, alguns migraram para a Abissínia, consolidando assim sua posição. O povo de Meca tornou impossível aos seguidores do profeta continuarem fazendo comércio. Então, os muçulmanos se mudaram para um país vizinho onde buscaram seus meios de subsistência. Eles eram trabalhadores tão árdios e honestos em seus comércios que Najashi, rei da Abissínia, decretou que qualquer um que cometesse injustiça contra um muçulmano deveria compensá-lo com 8 dirhams. Essa foi apenas uma forma com que Deus ajudou os muçulmanos a se restabelecerem, considerando a paciência que mostraram diante da perseguição sofrida.

A paciência pode parecer uma virtude negativa, mas no que diz respeito a seus resultados, ela é altamente positiva. Depois de compreendermos o valor do “*sabr*”, não tomamos medidas retaliatórias imediatas contra os nossos opressores. Em vez disso, olhamos além e iniciamos uma série de eventos que levam ao sucesso final. Os sentimentos aumentam quando acabamos de ser injustiçados. Se tomarmos medidas imediatas, podemos não ser capazes de considerar racionalmente o que devemos fazer: em vez disso, podemos agir com base nas nossas emoções do momento.

Por outro lado, a paciência nos leva a considerar com frieza e objetividade todas as possibilidades que se abrem para nós

e a natureza fundamental da situação com a qual temos de lidar. Ficamos então em condições de buscar uma política sã e sólida. A impaciência precipita a ação imediata para conter a outra parte, enquanto a paciência nos inclina a esperar que as leis eternas da natureza criadas por Deus comecem a trabalhar contra os nossos adversários

Quando combatemos nosso inimigo com impaciência, somos estimulados por motivos superficiais e emoções básicas. Como resultado, ficamos fadados a errar e a julgar erroneamente, o que só enfraquece nosso caso. Por outro lado, uma força divina – a inteligência – nasce dentro de nós quando somos pacientes. Nosso intelecto é uma fonte extraordinária de força. Ele pode olhar para o futuro, para além dos obstáculos e barreiras temporárias, e planejar o futuro. A inteligência liberta a pessoa dos impulsos negativos e permite que ela pense profundamente, penetrando nas profundezas de uma situação. Lá descobrimos segredos que nos permitem controlar nossos rivais de todos os ângulos. Ele se torna como a presa capturada na rede do caçador: o movimento só o enreda ainda mais e aumenta o domínio do caçador sobre ele.

A migração de Meca para Medina ilustra a paciência do profeta. Quando os coraixitas decidiram matar o profeta, ele tinha duas opções: pegar a espada para se defender ou sair de Meca para um algum lugar mais seguro. O profeta escolheu a segunda opção. Ele pensou friamente sobre a situação e decidiu migrar para Medina, onde poderia continuar o mesmo trabalho, só que em um lugar

diferente. De acordo com 'Aisha, o profeta ia na casa dela todos os dias antes da migração. Lá, ele se consultava com o pai dela, Abu Bakr. Foram feitas preparações o mais secretamente possível durante seis meses. Tudo saiu de acordo com o plano e, finalmente, o profeta partiu para Medina, levando o guia com ele. Do ponto de vista de um líder político muçulmano cuidadoso da atualidade, a migração pareceria uma fuga, pois o que ele defenderia numa situação semelhante seria uma luta até a morte. Ele não estaria buscando outra coisa a não ser fazer de si mesmo um mártir. Mas se olharmos para os resultados da migração do Profeta, podemos ver que foi o divisor de águas mais significativo na história islâmica.

A paciência também permite nos abstermos de agir e deixar que as coisas sigam o seu curso natural. A natureza humana é uma realidade imutável que sempre influencia fortemente a vida humana. No fundo, as pessoas têm sempre uma fraqueza por aquele que suporta os maus tratos em silêncio e se recusa a ser provocado, mesmo perante a maior das provocações. A consciência humana tende naturalmente a favorecer o oprimido em vez do opressor. Grandes oportunidades se abrem no mundo da natureza para aqueles que são privados delas no mundo dos homens: quando se mantêm firmes diante da perseguição, provam que estão com a razão. O boicote imposto ao Profeta e à sua família no sétimo ano da missão profética foi um exemplo disso. Como resultado desse boicote, o clã Banu Hashim, com exceção de Abu Lahab, ficou sitiado

em uma montanha chamada Shi'b Abi Talib. A forma como estas pessoas suportaram silenciosamente toda esta cruel opressão iria afetar a consciência dos outros. E afetou. Em três anos, pessoas como Abu'l Bakhtari, Hisham ibn 'Amr, Zubayr ibn Umayyah, Zam'ah ibn al-Aswad e Mut'am ibn 'Adi romperam com as fileiras do inimigo, desafiando abertamente a propriedade do pacto pelo qual o boicote havia sido imposto a Banu Hashim. O pacto caiu por terra e Banu Hashim foi salva da sua terrível situação.

A coisa mais importante da paciência é o fato de ela nos qualificar para o socorro divino. A perseverança paciente na busca de uma causa digna significa colocar os assuntos nas mãos do Senhor do Universo. É inconcebível que quem confia em Deus Todo-Poderoso por uma causa justa se veja abandonado.

Há várias maneiras em que o socorro divino se manifesta. Mas, infelizmente, a mente humana não consegue compreendê-las nem as imaginar. No entanto, algumas das formas que o socorro divino assume foram mencionadas no Alcorão. Quando os muçulmanos enfrentam os não-muçulmanos no campo de batalha, por exemplo, o socorro divino compensa a sua insuficiência de recursos: a calma e a confiança entram no coração dos crentes, enquanto o medo enfraquece os seus adversários:

Ó vós que credes! Lembra-vos da graça de Deus para convosco, quando um exército vos chegou, então, enviamos contra eles um vento e um

exército de anjos que não vistes. E Deus, do que fazeis, é Onividente.<sup>84</sup>

Este versículo se refere à Batalha da Trincheira (627 d.C.), quando Deus enviou duas coisas: o vento e um exército de anjos para apoiar os crentes. Não há nada de extraordinário no vento extraordinário. Não há lugar onde ele não sopra. Mas fez-se com que ele soprasse mais rápido num determinado momento e num local especial, ajudando assim os crentes. Isto mostra que quando Deus decide ajudar alguém, os acontecimentos físicos normais assumem uma certa intensidade, garantindo o sucesso.

Quanto ao exército de anjos, eles não vieram e empunharam suas espadas ao lado dos muçulmanos. Eles prestaram apoio psicológico e não militar. Como em várias outras ocasiões, “deram coragem aos crentes e lançaram o terror no coração dos infiéis<sup>85</sup>”. Eles fizeram com que o inimigo parecesse um “pequeno bando”, enquanto os muçulmanos eram vistos como um “grande exército” aos olhos dos seus inimigos<sup>86</sup>.

Durante o governo do segundo califa, ‘Umar (634-644 d.C.), o exército muçulmano desembarcou em Qadsiyyah, no limiar do Irã, sob a liderança de Saad ibn Abi Waqqas. Eles tiveram de ficar mais tempo do que o esperado e não passou muito tempo até que as provisões comesçassem a se esgotar. Então, Saad então alguns homens à procura de gado que pudessem comer. Encontraram um iraniano a quem perguntaram se havia cabras ou vacas na região. Apesar de o iraniano ser pastor, ele negou saber da existência de animais nas redondezas. Ele tinha escondido seu rebanho

numa densa floresta próxima quando soube da presença do exército muçulmano. Mas então um boi gritou: “O pastor está mentindo. Nós estamos aqui, nessa vegetação rasteira”. Ao ouvirem o grito, os muçulmanos entraram no bosque, pegaram alguns animais e os levaram até Sa’d. Quando o resto do exército ouviu a história, ficaram satisfeitos e interpretaram como um sinal de que o socorro de Deus estava com eles.

Mas, como escreveu o historiador Ibn al-Taqtaqi, não se deve ficar com a impressão de que o boi gritou “Estamos aqui”, em árabe. Em vez disso, o boi mugiu como os bois costumam fazer e, pelo seu som, os muçulmanos souberam que o gado estava escondido na vegetação rasteira.

## Confiando em Deus

O Alcorão resume o método islâmico nas seguintes palavras:

E se eles se inclinam à paz, inclina-te também a ela e confia em Deus. Por certo, Ele é O Oniouvinte, O Onividente. E se desejam enganar-te, Deus te bastará.<sup>87</sup>

Isso mostra que o método islâmico correto é buscar nossos objetivos pacificamente. Mesmo quando há o medo de que nossos adversários nos enganem, os muçulmanos devem confiar em Deus e estar prontos a fazer a paz.

Isso significa que devemos concentrar nossos esforços no campo de ação em que, sem confronto com os outros, existem oportunidades para avançarmos. Quanto aos outros campos, aqueles em que não se apresentam oportunidades,

devemos deixar as forças da natureza trabalharem. Se reservarmos os nossos esforços para aquelas áreas em que podemos atuar eficazmente, Deus nos ajudará nas outras em que nada podemos fazer. Por outro lado, se deixarmos o campo de ação que nos foi atribuído e procurarmos agir onde não nos foram dadas oportunidades, será como se tentássemos atuar não no nosso campo, mas no de Deus. Tentar usurpar Deus em Sua obra só pode levar ao Seu desagrado. Isso não nos fará ganhar Seu socorro.

## O PROFETA EM MECA

**H**á dois períodos na vida do profeta Muhammad: Mequita e medinita, derivados das cidades de Meca e Medina. Nomear é algo que tende a dar significado histórico para além de seu significado literal, e Meca e Medina não são exceções. Inicialmente, podiam ser apenas nomes de lugares, mas agora tinham se tornado símbolos das duas faces da moeda islâmica - dois aspectos do processo pelo qual o Islam tinha vindo ao mundo. Por um lado, Meca simboliza a “*dawah*”, ou seja, o chamamento das pessoas para a fé, enquanto Medina simboliza a revolução. Podemos colocar isto de outra forma e dizer que Meca foi onde o “poder de *dawah*” do Islam foi ativado pela primeira vez, enquanto Medina foi onde esse poder alcançou a supremacia. Este versículo do Alcorão conta a história completa do Islam de Meca e de Medina:

Muhammad é o Mensageiro de Deus. E os que estão com ele são severos para com os renegadores da fé e misericordiosos entre eles. Tu os vês curvados, prosternados, buscando um favor de Deus e agrado. Suas faces são marcadas pelo vestígio deixado pela prostração. E seu exemplo, no Evangelho, é como planta que faz sair seus ramos e esses a fortificam e ela se enrobustece e se levanta sobre seu caule. Ela faz se admirarem

dela os semeadores. Assim Deus fez para suscitar,  
por causa deles, o rancor dos renegadores da fé.  
Deus promete aos que creem e fazem as boas  
obras, dentre eles, perdão e magnífico prêmio.<sup>88</sup>

A referência à Tora neste versículo é feita em relação às qualidades individuais dos companheiros do Profeta. No entanto, a referência à Bíblia mostra suas qualidades quando se juntaram como um grupo. Suas qualidades individuais se desenvolveram em Meca, enquanto as suas qualidades como comunidade emergiram em Medina.

As biografias do Profeta geralmente tratam-no como se ele fosse dotado de poderes mágicos extraordinários, alguém que, por meios misteriosos, colocou toda a Arábia sob sua proteção. Esses livros parecem contos de fadas. Até mesmo acontecimentos sem conteúdo miraculoso receberam uma interpretação miraculosa fantasiosa. Veja o caso da migração de Suhayb ibn Sanan de Meca para Medina. Quando alguns jovens coraixitas bloquearam seu caminho, Suhayb suplicou: “Se eu deixar vocês ficarem com todos os meus bens, vocês me deixam ir?”. Eles disseram que sim. Suhayb tinha consigo algumas gramas de prata. Ele deu tudo a eles e prosseguiu para Medina. De acordo com uma tradição em Bayhaqi, Suhayb disse que quando o Profeta o viu em Medina, ele disse a Suhayb que seu comércio de entregar seus bens aos coraixitas tinha sido muito lucrativo. Suhayb, de acordo com a tradição, ficou impressionado, pois ninguém tinha chegado a Medina antes dele para ter levado a notícia. “Deve ter sido Gabriel quem te contou”, disse ele ao Profeta.

Mas o mesmo acontecimento foi relatado por Ibn Marduyah e Ibn Sa'd. De acordo com eles, Suhayb contou sua própria história com estas palavras:

Eu continuei até chegar em Medina. Quando o profeta soube que eu entreguei meus bens aos coraixitas, ele disse: "Suhayb lucrou! Suhayb lucrou!"<sup>89</sup>

O fato de que o Profeta levava uma vida tão simples significa que ela é simples para os outros seguirem seu exemplo. Ele era um ser humano como qualquer outro, mas sua vida era um modelo perfeito para os outros. De acordo com al-Bukhari, ele tropeçava na rua como qualquer outra pessoa. Na verdade, a razão pela qual a sua congregação se recusou a acreditar que ele era o receptor da revelação divina foi o próprio fato de, aparentemente, o Profeta parecer um ser humano normal

Você faz negócios na cidade. Você busca o sustento assim como nós.<sup>90</sup>

A verdade é que a grandiosidade da vida do Profeta está no fato de ela ser um acontecimento humano e não uma história rebuscada de ações milagrosas inimitáveis. O Profeta foi o servo humilde e muito humano de Deus e, tendo sido escolhido por Deus para difundir a Sua mensagem, foi ajudado por Ele em todas as horas críticas. Nesse sentido, o seu sucesso foi milagroso, mas o Profeta não era dotado de poderes milagrosos.

Em vez disso, o aspecto humano de sua vida vem de um estudo do Alcorão.

## O Começo da divulgação da missão do Profeta

Quando, aos 40 anos, o profeta Muhammad recebeu sua primeira revelação, ele reagiu como qualquer ser humano normal teria reagido em tal situação. Ele estava meditando na Caverna de Hira' no momento. Petrificado, ele retornou para casa, onde sua esposa Khadijah o aguardava. Julgando imparcialmente, ela estava em posição de ver a situação com objetividade. Ela viu que a experiência do profeta, longe de ser um pesadelo, deveria ser um sinal de que Deus o havia escolhido. Ele disse: "Não pode ser, Deus certamente jamais iria te humilhar. Você é gentil com seus parentes, você sempre ajuda os fracos, você ajuda os necessitados a ficarem bem de novo, você honra seus visitantes. Quando as pessoas estão em dificuldade, vocês presta socorro"<sup>91</sup>.

O Profeta desempenhou sua missão de uma forma adequada a quem tinha de pregar uma nova mensagem em uma sociedade ligada a crenças e costumes tradicionais. Ele procedeu com cautela, seguindo uma sequência inteiramente natural. No início, teve que trabalhar em segredo. É assim que o historiador Ibn Kathir descreve um incidente que ocorreu no início da missão do Profeta:

'Ali, filho de Abu Talib e primo do Profeta, entrou na casa do Profeta enquanto ele e Khadija estavam rezando. Ele perguntou ao primo o que eles estavam fazendo. O Profeta disse a ele que esta era a religião de Deus, o caminho que Deus tinha escolhido. Foi para chamar as pessoas a este

caminho que Ele enviou Seus profetas ao mundo. O profeta disse: “A crença em só Deus. Ele não tem parceiro. Adore só a Ele. Abandone os ídolos Lat e ‘Uzza”. “Não ouvi nada dessa natureza até hoje”, respondeu ‘Ali. “Não posso decidir até ter discutido o assunto com meu pai, Abu Talib”. Mas o Profeta não queria que ninguém soubesse de seu segredo até que chegasse a altura de torná-lo público. “‘Ali”, disse ele, “Se você não está pronto para se tornar muçulmano, guarde o assunto com você.” ‘Ali esperou por uma noite e, então, Deus fez com que o seu coração se inclinasse para o Islam. Ele então voltou até o profeta de manhã cedo. “O que é que me você me disse ontem?”, ele perguntou. “Testemunhe que não há ninguém digno de ser servido senão Deus. Ele é Único. Ele não tem parceiro. Abandone Lat e ‘Uzza e renegue todos que são colocados como iguais a Deus”. ‘Ali fez isso e se tornou muçulmano. Então, temendo Abu Talib, ele ia ver o Profeta secretamente. ‘Ali manteve o seu Islam em segredo; não o contou a ninguém.<sup>92</sup>

Mesmo mais tarde, quando os primeiros muçulmanos das tribos de Aws e Khazraj regressaram a Medina, eles seguiram a mesma política. De acordo com o historiador Tabarani, “eles regressaram a seu povo e convidaram-nos, secretamente, a abraçar o Islam”.

Ao longo de toda a sua missão pública, o Profeta teve o cuidado de não tomar qualquer iniciativa até ter a certeza de que possuía os recursos necessários. ‘Aisha, esposa do

Profeta e filha de Abu Bakr, conta como, quando o Profeta reuniu 38 seguidores à sua volta, Abu Bakr o incitou a divulgar a sua missão. Abu Bakr achava que o profeta e seus companheiros deviam sair e pregar publicamente o Islam. Mas o Profeta disse “Não, Abu Bakr, somos muito poucos”. A mesma coisa aconteceu no sexto ano da missão do Profeta, quando ‘Umar aceitou o Islam. Ele protestou ao Profeta: “Por que devemos manter o nosso Islam em segredo quando estamos certos? E por que os outros devem divulgar a sua fé quando estão errados?”. O Profeta deu a ‘Umar a mesma resposta que tinha dado a Abu Bakr vários anos antes: “Somos muito poucos, ‘Umar.” Ele continuou com essa postura cautelosa enquanto o Profeta permaneceu em Meca. Após a emigração, com a consolidação das fileiras muçulmanas, quando os coraixitas armados avançaram para Medina para extirpar o Islam e os muçulmanos, foi dada autorização aos muçulmanos para enfrentarem os coraixitas. A primeira batalha travada entre os muçulmanos e os seus antagonistas foi a Batalha de Badr. “Quem tiver êxito nesse dia”, disse o Profeta quando a batalha começou, “terá êxito nos tempos que estão por vir”. O significado da observação do Profeta era que o momento para os muçulmanos tomarem iniciativas positivas seria apenas quando pudessem moldar um novo futuro para o Islam. Se suas ações não tinham probabilidade de produzir tais resultados, então era melhor para eles serem pacientes.

Uma coisa fica bem clara nas biografias no profeta. Quando a missão de pregar publicamente recaiu sobre ele, ele ficou

muito consciente da grandiosidade dessa missão, percebendo que exigiria sua atenção completa e exclusiva. Portanto, esperava que sua família cuidasse dele financeiramente, para que ele pudesse se concentrar em seu trabalho de pregação, sem ter que procurar um meio de subsistência. Então ele reuniu a família de ‘Abd al-Muttalib na sua própria casa. Nessa altura, havia cerca de trinta membros da família. O Profeta disse a eles qual era agora sua verdadeira missão na vida. Ele pediu apoio para poder cumprir seus deveres proféticos. O Imam Ahmad descreve o incidente, com base na autoria de ‘Aisha:

O profeta disse: “Banu Muttalib, eu fui enviado a vocês em particular e à humanidade em geral. Quem de vocês jurará lealdade a mim e se tornará meu irmão e companheiro? Quem vai cuidar de minhas dívidas e de minhas promessas por mim? Quem vai cuidar dos meus assuntos familiares para mim? Este vai estar no paraíso!”. Alguém falou: “Muhammad, você é um oceano! Quem pode se apresentar e aceitar uma responsabilidade dessa?”<sup>93</sup>.

A própria família do profeta não estava pronta para aceitar a responsabilidade por ele. ‘Abbas ibn ‘Abd al-Muttalib, tio do profeta, tinha condições financeiras de cuidar do sobrinho. Ainda assim, ele ficou em silêncio por medo de que essa responsabilidade fosse consumir sua riqueza. Porém, Deus ajudou Seu profeta, primeiro por meio de sua primeira esposa, Khadijah bin Khuwaylid, e, depois, por meio de Abu Bakr, cuja riqueza ajudou o profeta nos anos em Medina.

O Profeta demonstrava um entusiasmo juvenil para comunicar a fé aos outros. Na autoria de ‘Abdullah ibn ‘Abbas, o historiador Ibn Jarir conta que os nobres coraixitas se reuniram um dia à volta da Ka’bah e chamaram o Profeta. Ele veio rapidamente, pensando que eles poderiam estar sentindo alguma inclinação para o Islam. Ele estava sempre ansioso para que seu povo aceitasse a orientação do Islam. A ideia de eles estarem condenados era uma grande angústia para ele. No entanto, o que transpassou foi que eles só queriam provocar uma discussão. A aceitação do Islam era a última coisa que lhes passava pela cabeça. O Profeta conversou longamente com eles e depois foi embora, angustiado. Ibn Hisham retoma a história:

O profeta retornou para sua casa triste e desiludido, pois suas esperanças para seu povo, quando o chamaram, tinham sido frustradas. Ele tinha visto como as pessoas estavam longe de aceitarem sua mensagem.<sup>94</sup>

Quando o tio do Profeta, Abu Talib, estava no leito de morte, as pessoas foram até ele e pediram que resolvesse as questões entre eles e o sobrinho antes de morrer. “Assuma um compromisso com ele em nosso nome e um compromisso conosco em seu nome, para que ele não tenha nada a ver conosco, nem nós com ele”, disseram. Abu Talib chamou o sobrinho e perguntou o que ele queria do povo. O Profeta respondeu que queria apenas que eles testemunhassem que não havia ninguém digno de ser servido a não ser Deus e que abandonassem todos os outros objetos de adoração.

Seu povo, porém, não estava disposto a aceitar isto. Quando todos foram embora, Abu Talib disse ao sobrinho: “Você sabe, eu não acho que tenha sido difícil o que você pediu a eles”. Ao ouvir as palavras do tio, as esperanças do Profeta aumentaram. Pois agora, talvez ele aceitasse o Islam. “Tio”, disse ele, “então por que você não testemunha a unicidade de Deus para que eu possa interceder por você no Dia do Juízo?”<sup>95</sup>. O Profeta ficou muito desapontado por o seu tio nunca ter aceitado o Islam.

A dedicação com que o Profeta se aplicava à sua missão era total, sendo toda a sua energia mental e física canalizada para ela. Não só seu tempo, mas também os seus bens foram usados para a promoção da causa islâmica. Antes do início de sua missão, o Profeta tinha se tornado bastante rico devido a seu casamento com a rica Khadijah. No início do período mequita, os coraixitas enviaram ‘Utbah ibn Rabi’ah para falar com o Profeta. Como Ibn Kathir explica, Utbah rapidamente se viu conquistado (um acontecimento que os seus familiares, infelizmente, interpretaram erroneamente como sendo devido ao amor pela riqueza do Profeta):

Depois disso, ‘Utbah ficou em casa e não saiu para ver ninguém. “Companheiros coraixitas,” Abu Jahl disse, “Me parece que ‘Utbah ficou atraído por Muhammad. Ele deve ter sido levado pela comida que Muhammad ofereceu a ele. Isso só pode ser devido a alguma necessidade dele. Vamos vê-lo”. E lá se foram eles. “‘Utbah,” disse Abu Jahl, “nós viemos te ver porque temos certeza de que você gostou de Muhammad e de sua religião. Veja,

se você quiser, nós podemos acumular dinheiro suficiente para garantir que você não tenha que ir até ele para se alimentar”. ‘Utbah ficou furioso e jurou que nunca mais falaria com Muhammad!<sup>96</sup>

Assim também, Walid ibn Mughirah uma vez foi ter com o Profeta. Quando este lhe recitou alguns versículos do Alcorão, Walid ficou muito impressionado com o estilo do Livro de Deus. Quando Abu Jahl soube disto, foi ver Walid e disse a ele que as pessoas fariam uma arrecadação para ele, porque ele precisava de dinheiro e tinha ido até Muhammad para esse fim. Portanto, o profeta estava financeiramente muito bem colocado quando começou sua missão. Mas após 13 anos, quando migrou para Medina, a história ficou muito diferente. Não lhe restava nada e ele teve que pedir dinheiro emprestado a Abu Bakr para a viagem.

## A chamamento do profeta

Visto do ponto de vista lógico, o chamamento islâmico consiste em alguns fatores recorrentes. São os mesmos pontos: unicidade de Deus, importância e inevitabilidade da vida após a morte e a necessidade de as pessoas entenderem sua posição de servos de Deus e viverem de acordo com o exemplo profético. Esses mesmos pontos são enfatizados repetidamente. Porém, quando esses pontos veem da língua de um pregador da palavra de Deus, elas ganham a tonalidade da pessoa do pregador. Ele acrescenta um elemento de individualidade a temas invariáveis. Esse acréscimo significa que a mensagem do Islam, longe de ser

uma repetição de um conjunto de textos, é expressa com apaixonante vitalidade e espontaneidade. De significado único, ela se torna diversa nas formas que assume. Por mais que seus tópicos sejam fixos, fica impossível compilar uma lista deles. O coração do pregador da palavra de Deus é cheio de temor a Ele: é seu maior desejo aproximar o público do caminho da orientação correta. Ele sabe que se ele puder trazer os servos de Deus para perto d'Ele, Deus ficará satisfeito com ele. Esses fatores o motivam em sua missão. Eles garantem que suas palavras, longe de serem repetitivas e monótonas, têm um ar de inspiração. Apesar de ser um só tema, sua mensagem ganha tons variados. O pregador da palavra de Deus pensa primeiro em sua congregação. Mais do que qualquer coisa, ele quer que eles encontrem a orientação correta. Isso significa que ele faz concessões para as necessidades de cada indivíduo a quem ele se dirige e usa suas palavras de uma forma que seja compreensível a eles.

Ninguém seguiu esse padrão de forma mais completa do que o profeta do Islam. Dia e noite ele estava ocupado pregando a palavra de Deus. Mas sua pregação estava longe de ser uma repetição insípida de certos discursos. Em vez disso, ele considerava a natureza de sua congregação ao formular sua mensagem.

Em uma ocasião, nos primeiros momentos em Meca, o profeta pregou o Islam para Abu Sufyan e sua esposa, Hind. Foi desta forma que ele escolheu falar:

Abu Sufyan ibn Barb, Hind bint 'Utbah. Vocês vão morrer e depois serão ressuscitados. Então, os

bons serão admitidos no paraíso e os perversos entrarão no inferno. Eu digo a vocês a verdade.<sup>97</sup>

O historiador Ibn Khuzaymah registrou a seguinte conversa entre Husain, membro da nobreza de Meca, e o profeta Muhammad: “Diga-me, Husain – disse o profeta – quantos deuses você adora?”. Husain respondeu: “Sete na terra e um no céu”. O profeta perguntou: “Por quem você chama quando está em dificuldade?”. Husain respondeu: “Por aquele que está no céu”. De novo o profeta perguntou: “E por quem você chama quando sofre alguma perda material?”. Veio a mesma resposta, “aquele que está no céu”. O profeta então disse: “Somente ele atende suas orações. Por que você coloca outros como iguais a Ele?”<sup>98</sup>.

O Imam Ahmad relatou, da autoria de Abu Umamah, que um homem de uma determinada tribo foi até o profeta e perguntou a ele quais ensinamentos ele trazia sobre Deus. Ele respondeu: “Que as relações devem ser fortalecidas, que a matança injusta deve ser evitada. As estradas devem ser liberadas, os ídolos devem ser destruídos. Somente Deus deve ser servido, nenhum outro deve ser considerado igual a Ele”.

Porém, depois de chegar em Medina, quando ele enviou um convite formal ao povo de Najran, ele apresentou sua mensagem de forma diferente:

Eu os convoco para servir a Deus em vez de ao homem e para reconhecer o poder soberano de Deus em vez daquele do homem.<sup>99</sup>

O Alcorão forneceu uma base constante e essencial para a pregação do Profeta. Sempre que o Profeta se encontrava com alguém, ele recitava uma passagem do Alcorão. Muitas vezes, frases como: “Mencionou o Islam e leu uma passagem do Alcorão para eles” ou “Apresentou a mensagem do Islam e recitou uma passagem do Alcorão para eles” são recorrentes nas tradições relativas à missão de pregação do Profeta. O Alcorão possuía um magnetismo extraordinário para os árabes. Até mesmo alguns dos mais terríveis inimigos do Islam iam escondidos até a casa do Profeta à noite, encostavam os ouvidos na parede e ouviam-no recitar o Alcorão. O estilo sublime do Alcorão tinha mais profundo impacto no povo do Profeta.

Veja-se o caso de Walid ibn Mughirah, que uma vez foi até o Profeta em nome dos coraixitas. Quando o Profeta leu uma passagem do Alcorão, Walid ficou tão impressionado que regressou aos coraixitas e disse a eles que o Alcorão era uma obra literária de uma excelência tão insuperável que ofuscava todo o resto. Naqueles dias, a recitação do Alcorão era um método padrão de pregação do Islam. Quando Mus'ab ibn Zubayr foi enviado para Medina como pregador, ele “falava com as pessoas e recitava para elas uma passagem do Alcorão”. Foi por isso que as pessoas passaram a conhecê-lo como “*al-Muqri*”, o recitador do Alcorão.

Durante seu tempo em Meca, a pregação do profeta avançou em um nível intelectual. Era dominada pelo elevado padrão literário estabelecido pelo Alcorão. Por outro lado, os oponentes do Profeta só podiam oferecer

xingamentos e injúrias em resposta. As pessoas sensatas de Meca não puderam deixar de concluir que os opositores de Muhammad não tinham nada de concreto para defender a sua posição. De acordo com Ibn Jarir, alguns dos nobres coraixitas planejavam convocar uma reunião para falar com o Profeta. Eles pretendiam “colocar-se acima de qualquer censura no que lhe dizia respeito”, para assegurá-lo de que eles não tinham nada a ver com as tácticas vulgares seguidas pelos piores inimigos do Profeta.

## A aptidão dos árabes

Agora nós chegamos aos fatores que produziram a reação que a pregação islâmica provoca. Independente do quão incansáveis são os esforços do pregador, sem importar o quão precisamente ele apresente a verdadeira mensagem do Islam, é muito mais a disposição da audiência que determina se sua convocação será aceita. O caráter dos árabes era um fator valioso que contribuía para sua aceitação do Islam. Eles eram seres humanos criados num ambiente simples e natural. Apesar de sua ignorância superficial e de sua teimosia, eles conservavam as qualidades do seu ambiente. Trinta milhões de quilômetros quadrados de deserto, o país quente, vazio e acidentado em que viviam era um terreno ideal para a criação dos valores humanos mais elevados. Um árabe comum tinha apenas uma fonte de sustento: seu camelo. Mas se ele recebesse convidados, ele sacrificava esse animal de valor incalculável para lhes dar de comer. Se uma vítima de opressão se refugiava com um árabe na sua

tenda, ela sabia que tinha um amigo que daria sua própria vida para defender o injustiçado. Até os saqueadores faziam suas pilhagens de forma cavalheiresca. Se quisessem roubar as roupas e as joias das mulheres de uma tribo, eles não se permitiam arrancá-las do corpo das mulheres com as suas próprias mãos: em vez disso, diziam às mulheres para entregarem seus pertences e olhavam na direção oposta para não as verem enquanto se despiam.

Seria um erro pensar que nos árabes do desertos como chucros que não sabiam nada. Ao contrário, eles eram pessoas brilhantes, alertas, rápidas em chegar no mais profundo de alguma questão.

Sete muçulmanos convertidos de uma determinada tribo foram até o Profeta. Eles disseram a ele que tinham aprendido cinco coisas durante a ignorância que precedeu o Islam. Eles iriam aderir a esses princípios, a menos que o Profeta lhes desse outras instruções. O profeta então perguntou quais características eles tinham herdado da ignorância. Eles responderam: “Gratidão em tempos de abundância e paciência em tempos de dificuldade. Firmeza no campo de batalha e resignação ao destino. Nós aprendemos a não nos deleitarmos com as desgraças alheias, mesmo que o nosso inimigo estivesse aflito”. “Essas pessoas são intelectuais, homens de letras”, disse o Profeta quando ouviu isso. “Eles são moldados no molde dos profetas. Como são maravilhosas as suas palavras”<sup>100</sup>.

Damad, um exorcista praticante, pertencente à tribo de Banu Azdashanuah, chegou uma vez em Meca. As pessoas

contaram a ele sobre Profeta. Elas disseram: “Um espírito maligno o possuiu”. Então Damad foi ver o Profeta, pensando que poderia curá-lo. Mas, quando ouviu as palavras do Profeta, sua atitude mudou. “Já ouvi adivinhos e conjuradores”, disse ele. “Vi as obras de poetas. Mas nunca me deparei com nada dessa natureza. Me dê sua mão”, disse ele ao Profeta. “Deixa-me jurar fidelidade a você.” Como era seu costume, o Profeta não fez um longo discurso nessa ocasião. Isto foi tudo o que ele disse:

Louvido seja Deus. Nós O louvamos e somente d’Ele buscamos ajuda. Aquele a quem Deus guia, ninguém o desviará. E aquele a quem Deus desvia, ninguém o guiará. Eu testemunho que ninguém merece ser adorado além de Deus. Ele não tem semelhantes.<sup>101</sup>

Nessas poucas palavras, Damad encontrou uma riqueza de significado. Ele pediu ao profeta: “Diga mais uma vez. Suas palavras são profundas como o oceano”<sup>102</sup>.

Para um árabe, não havia diferença entre palavras e ações. O árabe honrava sua palavra e esperava o mesmo dos outros. Ele aceitava a verdade tão logo a compreendesse. De acordo com Ibn Ishaq, biógrafo do profeta, a tribo de Banu Sa’d tinha enviado Damam ibn Tha’labah ao profeta como representante deles. Ele chegou em Medina, parou seu camelo perto da porta da mesquita e o amarrou. Depois ele entrou. O profeta estava sentado com seus companheiros. Damam era um homem corajoso e inteligente. Ele se apresentou ao grupo e perguntou: “Quem de vocês é o

filho de ‘Abdul Muttalib?’”. O profeta respondeu: “Sou eu”. Damam disse: “Muhammad! Eu vou fazer algumas perguntas e serei bem severo no que vou perguntar. Espero que você não se importe”. O profeta respondeu: “De forma alguma. Pergunte o que quiser”. “Você jura, em nome do seu Deus, do Deus dos que te antecederam e do Deus dos que virão depois de você, que Deus te enviou como Seu Profeta?”. “Por Deus, sim”, respondeu o Profeta. “Você jura – continuou Damam – em nome do seu Deus, do Deus dos que te antecederam e do Deus dos que virão depois de você, que Deus mandou você nos exortar a adorar somente a Ele e a não atribuir parceiros a Ele, e que Ele ordenou você nos dizer para abandonarmos a adoração de ídolos e todas as coisas que os nossos antepassados costumavam adorar?”. “Por Deus, sim”, respondeu o Profeta. “Eu peço que você jure”, disse Damam mais uma vez, “pelo nome do seu Deus e do Deus daqueles que te antecederam, e do Deus daqueles que virão depois de você, que Deus ordenou que rezássemos cinco vezes por dia”. Damam perguntou então sobre o *zakat* (esmola), o jejum, o *Hajj* (peregrinação) e todas as outras injunções do Islam, formulando cada pergunta de forma semelhante.

Quando terminou seus questionamentos e o Profeta tinha dado a mesma resposta simples a todas as perguntas, Damam disse estas palavras:

Eu testemunho que não há outro digno de ser servido além de Deus, Muhammad é o profeta de Deus. Eu vou cumprir essas obrigações e vou me

abster da coisas que você proibiu. E não farei nem mais nem menos.<sup>103</sup>

Ele então montou seu camelo e foi embora. Quando chegou a seu povo, ele contou o que tinha acontecido. Ande o dia terminar, todos os homens e mulheres que aguardavam seu retorno tinham aceitado o Islam.

Não havia um só traço de hipocrisia nessas pessoas. Eles só conheciam a aceitação ou a negação – sem meio termo. Quando faziam uma promessa, eles a cumpriam, não importa o que acontecesse. Nenhuma ameaça de perda de vida ou de propriedade os impedia de converter suas palavras em ações. Tal era a natureza do temperamento árabe. Os historiadores descreveram os discursos dos Aws e dos Khazraj – as duas tribos de Medina – por ocasião do Segundo Juramento de Fidelidade. Eles têm todo o brilho que distinguia sua raça. ‘Abbas ibn ‘Ubaydah disse: “Povo de Khazraj, vocês sabem com o que vocês se comprometendo, jurando fidelidade a esse homem? Vocês estão se comprometendo a entrar em guerra com homens de todas as raças. Pensem nisto. Se, quando perderem vidas e bens, vocês forem mandá-lo de volta ao povo dele, então é melhor que o façam agora. Se fizerem isso mais tarde, isso vai ser uma humilhação para vocês neste mundo e no outro. Mas se vocês acham que podem cumprir suas promessas, independentemente das perdas em que incorrerem e do número de líderes que forem mortos, levem-no para Medina. Isso será melhor para vocês neste mundo e no outro”.

Todos disseram em unísono que levariam o Profeta com

eles, independentemente da perda de vidas e de bens. “O que teremos em troca se mantivermos a nossa palavra?”, perguntaram ao Profeta. “O Paraíso”, respondeu ele. “Estenda sua mão”, gritaram eles. Ele estendeu a mão e aceitou a sua fidelidade<sup>104</sup>.

Essas não eram meras palavras da parte dos Ansar. Elas eram palavras confirmadas por ações. Mesmo quando os muçulmanos se tornaram dominantes, eles não exigiram qualquer compensação política por seus sacrifícios. Ao contrário, eles estavam dispostos a deixar o califado nas mãos dos mecanos. Eles não buscavam recompensa neste mundo, mas contentaram-se em deixar este mundo para os outros e em esperar de Deus a sua recompensa no outro mundo.

## A difusão da mensagem do profeta

Ibn Ishaq, biógrafo do profeta, conta como os nobres coraixitas se reuniram na casa de Abu Talib, tio do profeta. Entre os presentes estavam ‘Utbah ibn Rabi’ah, Shaybah ibn Rabi’ah, Abu Jahl ibn Hisham, Umayyah ibn Khalaf e Abu Sufyan ibn Harb, todos líderes destacados dos coraixitas. Por Abu Talib, perguntaram ao Profeta o que ele queria deles. “Só uma coisa”, respondeu o Profeta. “Se a aceitarem, vocês se tornarão senhores dos árabes. Até os não árabes renderão a vocês”<sup>105</sup>.

O monoteísmo é mais do que uma doutrina. É o segredo de todas as formas de sucesso humano. Acreditar em um Deus único é dar verdadeira expressão à natureza humana.

É por isso que essa fé se aloja nas profundezas da psique humana. Ela encontra lugar até mesmo nos corações dos inimigos. Khalid ibn al-Walid tornou-se muçulmano pouco antes da conquista de Meca, mas já havia muito tempo que ele tinha consciência da verdade da mensagem do Islam. Posteriormente, ele contou sobre sua convicção inicial de que Muhammad, não os coraixitas, tinha razão e de que deveria unir forças com o Profeta do Islam. Ele disse: “Eu participei em todas as batalhas contra Muhammad. Mas não houve uma única batalha da qual eu não tenha saído com a sensação de que estava lutando do lado errado”<sup>106</sup>.

É dito que muitas pessoas tiveram inclinações para o Islam muito antes de aceitarem a fé. Algumas até mesmo tiveram sonhos sobre o Islam. Uma dessas pessoas foi Khalid ibn Sa'id ibn al-'As. Por fim, ele viu a si mesmo em um sonho diante de uma enorme fogueira. Alguém tentava empurrá-lo para dentro. Então, o Profeta Muhammad apareceu e o salvou do poço da perdição.

Por mais difícil que seja ver a relação econômica no trabalho missionário, existe uma relação indireta que é da maior importância. Quando uma pessoa se torna muçulmana, todos os seus recursos são automaticamente postos à disposição da causa islâmica. Primeiro, Khadijah, esposa do Profeta, forneceu ajuda financeira ao movimento islâmico. Depois, Abu Bakr, que tinha acumulado 40 mil dirhams com o seu comércio, colocou todo o seu capital ao serviço do Islam. Quando ele e o Profeta migraram de Meca para Medina, ele levou consigo 6 mil dirhams — o suficiente para

financiar todas as despesas da viagem. ‘Uthman doou 10 mil dinares para a expedição a Tabuk no ano 9 da Hégira. Em uma só ocasião, ‘Abd al-Rahman ibn ‘Awf deu 500 cavalos para serem utilizados ao serviço da causa islâmica. O mesmo aconteceu com outros que aceitaram o Islam. Assim que entraram no Islam, suas propriedades se tornaram parte do tesouro islâmico.

A crença num único Deus é a única que não permite qualquer distinção social ou preconceito racial. Por esta razão, as pessoas se juntam em massa a qualquer movimento que se forma com base nessa crença. Elas percebem que, sob a bandeira do monoteísmo, todas as pessoas se tornam iguais no sentido real. Como humildes servos de um grande Deus, todos se tornam verdadeiros seres humanos com direito à dignidade humana. Ao encontrarem o seu lugar correto no mundo, elas alcançam a posição mais importante a que o homem pode aspirar. Quando Mughirah ibn Shu’bah entrou na corte do guerreiro iraniano Rustam, ele fez um discurso aos cortesãos ali reunidos. Como Ibn Jarir explica, suas palavras tiveram um efeito devastador em todos os que as ouviram:

As classes mais baixas disseram: “Por Deus, esse árabe falou a verdade”. As classes mais altas disseram: “Por Deus, ele nos atacou com palavras que nossos servos vão achar irresistíveis. Malditos sejam nossos antecessores! Como foram burros de pensar tão pouco dessa comunidade!”<sup>107</sup>

Quando ele e Abu Bakr chegaram a Medina, no 13º ano

da missão do Profeta, cerca de 500 pessoas foram ao seu encontro. Eles saudaram os recém-chegados com estas palavras:

Sejam bem vindos! Vocês dois estão a salvo conosco! Nós os aceitamos como nossos líderes!<sup>108</sup>

A pregação do Profeta apenas fez dele o líder da população de Medina. O primeiro habitante de Medina a quem o Profeta pregou o Islam foi provavelmente Suwayd ibn Samit al-Khazraji. Quando o Profeta apresentou a ele um esboço dos ensinamentos do Islam, Suwayd disse: “Parece que sua mensagem é a mesma que a minha”. “Qual é a sua mensagem?”, perguntou o Profeta. “A sabedoria de Luqman”, respondeu Suwayd. Quando o Profeta pediu que ele explicasse a sabedoria de Luqman, Suwayd recitou alguns poemas. O profeta disse: “Eu tenho o Alcorão, que é muito superior a isso”. Ele então recitou alguns versículos do Alcorão e Suwayd imediatamente aceitou o Islam. Ele regressou a Medina e pregou a mensagem do Islam à sua tribo, mas eles o mataram.<sup>109</sup>

Depois disso, um chefe de Medina, Abu'l Haysar Anas ibn Rafi', foi para Meca. Com ele estava um grupo de jovens da tribo Banu 'Abd al-Ashhal. Eles tinham ido a Meca para fazer uma aliança com os coraixitas em nome dos Khazraj, uma das principais tribos de Medina, que estavam envolvidos em um conflito com a outra tribo principal, os Aws. O Profeta soube que eles estavam em Meca. Ele foi vê-los e disse: “Posso contar a vocês sobre algo ainda

melhor do que aquilo que vocês vieram buscar?”. Ele então explicou a eles o significado da crença em Deus Único. Um jovem dentre eles, chamado Ayas ibn Mu’adh, disse a seu povo que o que o Profeta tinha dito era muito melhor do que aquilo que tinham vindo buscar. Mas a delegação não concordou. Eles disseram: “Deixe-nos! Nós estamos aqui para outro negócio”. Ele retornaram para Medina. Pouco tempo depois, aconteceu a feroz e devastadora batalha entre Aws e Khazraj, conhecida como Bu’ath.

De acordo com Khubayb ibn ‘Abd al-Rahman, duas pessoas de Medina, Sa’d ibn Zarah e Zakwan ibn Qays, foram até Meca e ficaram com ‘Utbah ibn Rabi’ah. Quando ouviram falar do Profeta, foram vê-lo. O Profeta convidou os dois a aceitarem o Islam e recitou uma passagem do Alcorão. Eles aceitaram o convite do Profeta e tornaram-se muçulmanos. Em vez de retornar à casa de seu anfitrião, ‘Utbah, eles retornaram para Medina depois de terem visto o Profeta. Eles foram os primeiros a comunicarem a mensagem do Islam ao povo de Medina. Isso aconteceu no 10º ano da missão do Profeta, três anos antes da migração para Medina.

No ano seguinte, seis pessoas da tribo Khazraj foram a Meca para o Hajj. Elas se tornaram muçulmanas, juraram fidelidade ao Profeta e retornaram para Medina, para lá propagarem o Islam. Depois, doze pessoas foram jurar fidelidade ao Profeta no 12º ano da missão do Profeta. Seu juramento em ‘Aqabah, perto de Meca, é famoso na história islâmica como o Primeiro Juramento de ‘Aqabah. No mesmo local, seguiu-se outro pacto no ano seguinte, do qual participaram 75 pessoas.

Contrário ao que aconteceu em Meca, as personalidades mais importantes da cidade de Medina aceitaram o Islam logo no início. De acordo com os costumes tribais, as pessoas seguiam a religião dos seus líderes. Assim, o Islam se espalhou rapidamente em Medina. Logo, já não havia uma única casa em que o Islam não tivesse entrado. Assim, era natural que, à medida que os muçulmanos atingissem a maioria em Medina, eles se tornassem a força dominante nos assuntos da cidade. E foi assim que, como Tabarini relatou, “os muçulmanos eram as pessoas mais influentes da cidade”.

### Fatores operando a favor do trabalho de pregação

Alguns resistem à corrupção do seu mundo e permanecem apegados à sua verdadeira natureza primordial. Isso é válido em todos os dias e épocas, mas era especialmente verdade para os árabes quando o Profeta começou a sua missão. Para além do modo de vida simples a que estavam habituados, havia o legado da religião de Abraão, que fazia com que muitos se sentissem inclinados a procurar a verdade e a afastarem-se da adoração de ídolos. Estas pessoas eram comumente conhecidas como *hanif* ou corretos. Quss ibn Sa'idah e Waraqah ibn Nawfal encontravam-se entre esses *hunafa'*. O mesmo aconteceu com Jandub ibn 'Amr al-Dawsi. Durante o período de ignorância que precedeu o Islam, sabe-se que ele disse:

Eu sei que deve haver um Criador de toda essa criação, mas eu não sei quem Ele é.<sup>110</sup>

Quando ouviu falar do Profeta, ele foi com 75 dos seus companheiros de tribo e aceitou o Islam. Abu Dharr al Ghifari foi outra dessas pessoas. Assim que ouviu falar do profeta, ele enviou o seu irmão a Meca para saber mais sobre ele. Uma frase do relato que o irmão de Abu Dharr lhe fez mais tarde é a seguinte:

Eu vi um homem a quem as pessoas chamavam de não religioso. Eu nunca vi alguém que pareça mais com você do que ele.<sup>111</sup>

Pessoas como essas não tiveram problema algum em entender a verdade da mensagem do profeta.

O pregador da palavra de Deus é como um semeador que sai para plantar sementes. Se, por vezes, as suas sementes caem em terrenos estéreis, outras vezes caem em lugares que dão uma boa colheita sem que o semeador perceba.

Algumas pessoas demoraram bastante tempo para aceitar o Islam. Isso não significa que a verdade do Islam tenha feito sentido de repente. O Profeta viveu uma vida de mais alta qualidade moral. Além disso, passou todo o seu tempo pregando a palavra de Deus. Mesmo a oposição ao Profeta se revelou um fator a seu favor: isso significava que a sua personalidade e a sua mensagem eram temas de conversa. Todas essas coisas contribuíram para plantar a semente do Islam na mente de muitos árabes. A adesão à tradição tribal e ao culto dos antepassados ainda se mantinha, o que por vezes fazia parecer que havia uma forte oposição ao Islam, mas, ao mesmo tempo, no coração das pessoas, a semente do Islam crescia silenciosamente. Pensa-se geralmente que

a aceitação do Islam por parte de ‘Umar, por exemplo, ocorreu subitamente, sob a influência de um acontecimento específico. Seria mais correto dizer que esse acontecimento selou definitivamente a sua fé, que se vinha desenvolvendo há algum tempo dentro de sua alma.

Muito antes de ‘Umar ter aceitado o Islam, quando ele parecia estar na linha da frente da oposição à missão do Profeta, alguns muçulmanos migraram para a Abissínia. Umm ‘Abdullah bint Abi Hathmah foi um deles. Ela conta sua própria história com estas palavras:

Nós estávamos nos preparando para partir para a Abissínia. Meu marido, ‘Amir, pegou alguns de seus pertences. De repente, ‘Umar ibn al-Khattab, um homem que havia infligido sofrimento e tormento indizíveis, veio e ficou ao meu lado. Até então, ele ainda não tinha aceitado o Islam. Ele me disse: “Umm ‘Abdullah, vocês estão indo a algum lugar?”. Eu respondi: “Sim, estamos, pois vocês infligiram a nós tamanho sofrimento e nos atormentaram tanto que nós devemos ir embora e buscar um lugar para nós na terra de Deus. Nós vamos continuar seguindo até que Deus nos liberte da aflição de vocês!”. ‘Umar disse: “Que Deus esteja com vocês” e as lágrimas caíram em seu rosto. Eu nunca tinha visto ele agir daquela forma antes. Então ele saiu e ficou triste de nos ver indo embora de Meca.<sup>112</sup>

Em todas as épocas, algumas ideias ficam enraizadas na psique popular. Antes de essas ideias serem banidas, nenhuma mensagem nova, por mais racional que seja, pode se tornar

aceitável. A oposição que os árabes primeiro apresentaram à mensagem do Islam não foi apenas o resultado de teimosia ou de interesse da parte deles. Ao contrário, era verdadeiramente difícil para eles compreenderem que uma religião diferente da dos patronos da Ka'bah sagrada pudesse ser a verdadeira religião. As tribos árabes que viviam nas imediações das zonas judaicas, em geral, não tinham credos tão restritivos. Elas tinham ouvido frequentemente dos judeus que estava escrito em suas escrituras que um Profeta viria entre os árabes. Como explica o historiador Tabarani, foi por isso que foi mais fácil para o povo de Medina ver a verdade do Islam:

Quando os Ansar ouviram os ensinamentos do profeta, eles ficaram em silêncio. Seus corações estavam satisfeitos de que o que ele pregava era verdade. Eles tinham ouvido do Povo do Livro sobre como seria o último profeta. Eles reconheceram a verdade de sua mensagem. Eles confirmaram seus ensinamentos e acreditaram nele<sup>113</sup>.

Quando o Profeta foi à feira de 'Ukaz e, entrando na tenda dos Banu Kandah, explicou seus ensinamentos, eis o que um jovem disse em resposta:

Ó meu povo! Vamos nos apressar e ser os primeiros a seguirem esse homem, pois, por Deus, o Povo do Livro nos falava que um profeta surgiria na Terra Sagrada e que sua época estava próxima.<sup>114</sup>

Os Aws e os Khazraj tinham se preparado intelectualmente para a vinda de um profeta árabe. Por isso, foi relativamente

fácil para eles aceitarem-no quando ele chegou. No entanto, no que diz respeito ao povo de Meca e à maioria de seus compatriotas, a verdade só podia ser vista em relação a quem controlava a Ka'bah. Na antiga tradição árabe, a Ka'bah era considerada a coroa de um rei. No entanto, seu simbolismo era de uma ordem mais elevada do que uma coroa, pois esta última traz consigo apenas poder político, ao passo que aquele que detinha o controle da Ka'bah era herdeiro de uma riqueza de tradição espiritual. Por conseguinte, como mostra a seguinte conversa entre Dhu'l Jawshan al-Dubba'i e o Profeta, os árabes, em sua simplicidade, só podiam pensar na verdade em termos de quem controlava a Casa de Deus, a Ka'bah em Meca:

O profeta disse a Dhu'l Jawshan: “Por que vocês não aceitam o Islam, para que sejam daqueles que foram os primeiros a aceitar?”. Dhu'l Jawshan disse que não e o profeta perguntou o motivo. Dhu'l Jawshan disse: “Eu ouvi que seu povo está atrás do seu sangue”. O profeta perguntou: “Você não ouviu sobre a derrota deles em Badr?”. Dhu'l Jawshan disse que sim. O profeta disse: “Nós só estamos mostrando o caminho da orientação”. Dhu'l Jawshan disse que não aceitaria o Islam enquanto o profeta não conquistasse Meca e ganhasse controle da Ka'bah. “Se você viver, você verá isso acontecer”, disse o profeta. Dhu'l Jawshan disse que mais tarde ele estava com sua família em Ghawr quando passou um cavaleiro. Dhu'l Jawshan perguntou a ele o que estava acontecendo. Ele disse: “Muhammad conquistou

Meca e assumiu controle do Território Sagrado”. Dhu’l Jawshan disse: “Ai de mim! Se ao menos eu tivesse aceitado o Islam naquele dia, se eu tivesse pedido a Muhammad por uma esmeralda, ele teria me dado uma”<sup>115</sup>.

## Reação à Mensagem do Islam

Quando o Profeta do Islam iniciou a sua missão de pregação, ele se deparou exatamente com a reação que seria de esperar de uma sociedade que ouve uma nova mensagem. As pessoas não conseguiam compreender o significado dos seus ensinamentos. Uma vez, a nobreza coraixita enviou ‘Utbah ibn Rabi’ah como seu representante ao Profeta. Ele fez uma longa denúncia do Profeta e de seus ensinamentos. Depois de ter dito o que tinha a dizer, o Profeta perguntou: “Você terminou?”.

‘Utbah disse que sim. “Em nome de Deus, O Clemente, O Misericordioso”, o profeta começou então a recitar os primeiros 13 versículos do capítulo do Alcorão chamado *Al-Fussilat* (Os Detalhados). ‘Utbah perguntou indignado: “Você não tem nada a dizer?” e o profeta disse que não. Quando ele retornou aos coraixitas, eles perguntaram o que havia acontecido. “Eu disse o que vocês queriam que eu dissesse”, respondeu ‘Utbah. Eles perguntaram se Muhammad tinha dado uma resposta. ‘Utbah disse que sim, mas que as provas que ele ofereceu eram incompreensíveis. Tudo o que ele havia entendido era que ele os estava advertindo quanto a um raio como o que havia atingido Thamud e Ad. Os coraixitas perguntaram: “O que aconteceu com você? Como é que

uma pessoa fala com você em árabe e você não entende o que ele diz?”. ‘Utbah insistiu: “Eu não entendi nada. Tudo o que percebi foi que ele mencionou um raio”<sup>116</sup>.

Algumas pessoas só conheciam religião de uma forma particular e convencional. Para elas, a mensagem do Islam parecia ser apenas uma acusação contra os mais velhos. Certa vez, Damad foi a Meca para fazer a ‘Umrah. Aconteceu de ele se sentar em uma reunião com Abu Jahl, ‘Utbah ibn Rabi’ah e Umayyah ibn Khalaf. “Ele (Muhammad) causou uma divisão em nossa comunidade”, declarou Abu Jahl. “Ele pensa que somos todos tolos e considera nossos ancestrais terrivelmente desviados. Ele insulta nossos ídolos”. “Ele está louco, sem dúvida”, acrescentou Umayyah<sup>117</sup>.

Quando ‘Amr ibn Murrah al-Juhani pregou o Islam para sua tribo, os Juhaynah, um deles falou: “Que Deus faça você provar a amargura da vida, ‘Amr. Você quer que abandonemos nossos ídolos, separemos nosso povo e contradigamos a religião dos nossos justos antepassados? A religião que esse coraixita de Tahamah prega não tem afeto nem graciosidade”.

Ele então recitou três versículos, sendo este o último deles:

Ele busca provar que nossos antepassados são tolos.

Quem age assim jamais prosperará.<sup>118</sup>

Algumas pessoas foram impedidas, por inveja, de aceitar a mensagem do Islam. O Profeta não escondeu o fato de Deus tê-lo enviado. Ele proclamou a verdade todo tipo de gente. Mas as pessoas têm sempre muita dificuldade em

aceitar que outra pessoa tenha recebido um conhecimento da realidade que lhes foi negado. Bayhaqi relatou, da autoria de Mughirah ibn Shu'bah, que Abu Jahl chamou uma vez o Profeta de lado e disse a ele: "Por Deus, eu sei muito bem que o que você diz é verdade, mas há uma coisa que me impede de acreditar. A tribo de Banu Qusayy diz que eles são os guardiões da Ka'bah e eu concordo com eles. Eles dizem que é trabalho deles levar água aos peregrinos e, mais uma vez, concordo. Eles reivindicam um lugar no Dar al-Nadwah e eu concordo que eles têm todo o direito a isso. Eles dizem que responsabilidade deles carregar o estandarte em batalha e mais uma vez concordo. Agora dizem que há um Profeta entre eles. Isto não posso aceitar"<sup>119</sup>.

Para algumas pessoas, a ameaça de perdas financeiras as impediu de aceitar a mensagem do Islam. A Casa de Deus em Meca tinha sido transformada em uma casa de adoração de ídolos antes da vinda do Profeta. Pessoas de todas as religiões tinham colocado ali seus ídolos. Havia até mesmo estátuas de Jesus e d Maria dentro das paredes da Ka'bah, que se tornou assim um local de peregrinação para pessoas de todas as denominações. Foi por isso que quatro meses se tornaram sagrados, para que as pessoas pudessem visitar a Ka'bah durante esse período sem receio de serem prejudicadas ou atacadas. Durante os quatro meses em que as pessoas iam em massa a Meca, os comerciantes de Meca faziam excelentes negócios. Se os ídolos fossem retirados da Ka'bah, as pessoas deixariam de visitar a cidade e seus habitantes sofreriam imensas perdas. Assim, havia muitas

pessoas com interesse na continuação das práticas politeístas. Elas temiam que, se o monoteísmo se espalhasse na terra, Meca sofreria drasticamente: a área ficaria reduzida ao vale incultivável que era.

Acrescente-se a isso que, devido à sua posição de patronos da Ka'bah, os coraixitas passaram a dominar tribos muito distantes. Suas caravanas viajavam para leste e oeste, muito além das fronteiras da península. Na sequência dos pactos de longa data, eles faziam negócios com tribos em lugares tão distantes como a Pérsia, a Abissínia e o Império Bizantino. Sendo assim, os coraixitas pensavam que a aceitação de Muhammad como profeta só poderia ter como consequência que as tribos vizinhas – na verdade, todos os politeístas da Arábia – romperiam os acordos comerciais que tinham feito com os coraixitas. Seria também o fim da hegemonia deles sobre os árabes. Esse é o significado do versículo na surat do Alcorão chamada de *al-Waqi'ah* (O Evento Inevitável): “E vocês fizeram de sua negação um meio de subsistência”<sup>120</sup>. A alusão é à noção dos coraixitas de que eles estavam se salvando da ruína financeira ao negarem o Profeta Muhammad e a religião monoteísta que ele ensinava.

Quando o Profeta começou a pregar a sua mensagem, sua pessoa virou objeto de curiosidade geral. De acordo com o historiador Abu Ya'la, as pessoas que o viam perguntavam umas às outras: “É ele?”. Ele podia estar viajando no meio de um grupo de pessoas numa caravana, mas as pessoas apontavam mencionando. Quem quer que fosse a Meca

levava, entre outras coisas, notícias do Profeta. “Muhammad, o filho de Abdullah, afirmava a profecia e o filho de Abu Qahafah o seguia”, elas diziam. Os coraixitas chamavam ao Profeta “*muzammam*”, que significa censurável, em vez de Muhammad, que significa louvável. Acusavam-no de insultar seus antepassados. Uma vez, como o biógrafo do Profeta, Ibn Hisham, relatou, quando o Profeta reparou no lixo que os seus companheiros coraixitas tinham posto na rua por onde passava, ele disse desanimado: “Que maus vizinhos são os Banu ‘Abd al-Manaf”<sup>121</sup>.

Enquanto o tio do Profeta, Abu Talib, era vivo, seus inimigos não podiam agir contra ele, porque, de acordo com os costumes tribais, uma agressão contra o Profeta equivaleria a uma agressão contra toda a sua tribo, Banu Hashim. Antes de aceitar o Islam, ‘Umar ibn Khattab tentou uma vez matar Muhammad. ‘Umar só mudou de ideia quando alguém lhe disse: “Como você vai viver com os Banu Hashim se matar Muhammad?”. A mesma pergunta era feita a todos os que tentavam prejudicar o Profeta. A perseguição em Meca era sobretudo dirigida contra os escravos que tinham se tornado muçulmanos, pois eram pessoas sem uma tribo que as protegesse. De acordo com o companheiro íntimo do Profeta, ‘Abdullah ibn Mas’ud, nos primeiros tempos de Meca, apenas sete homens se declararam muçulmanos: o próprio profeta, Abu Bakr, ‘Ammar, Sa’id, Suhayb, Bilal e Miqdad. “Quando ao profeta, Deus o protegia por meio de seu tio. Abu Bakr, sua tribo cuidava dele. Os politeístas pegavam os demais, vestiam eles com armaduras e os deitavam debaixo do sol escaldante”<sup>122</sup>.

Quando o chefe de Banu Hashim, o tio do Profeta, Abu Talib, morreu, um membro rude dos coraixitas jogou terra no Profeta e ela ficou agarrada a ele. Quando ele chegou em casa, uma das suas filhas, Fátima, limpou a sujeira. “Os coraixitas não me fizeram nada ruim assim antes”, comentou o Profeta. Só depois da morte de Abu Talib é que eles cometeram atos de agressão dessa natureza. Como salientou o companheiro do Profeta, Abu Hurayrah: “os coraixitas tratavam o Profeta de forma muito dura depois da morte de seu tio”. “Tio, como senti rapidamente a sua perda”, lamentou o Profeta<sup>123</sup>. Os coraixitas começaram até mesmo a planejar a morte do Profeta. Durante esse período, Abu Jahl atirou os intestinos de um animal sobre a cabeça do Profeta e ‘Uqbah ibn Mu’it amarrou um lençol em seu pescoço e puxou-o com força para o estrangular. Felizmente, não teve sucesso. No entanto, agora que Abu Talib estava morto, nada parecia impedir ataques violentos contra a pessoa do Profeta.

A única coisa que ainda segurava as pessoas era o fato de que nada desta natureza ter acontecido antes na Arábi: um membro dos Banu Hashim ser atacado e morto pelos seus próprios companheiros coraixitas teria sido uma ação sem precedentes. Além disso, havia ainda entre os idólatras pessoas com a consciência pesada, que apoiavam o Profeta nos seus corações.

A primeira vez que Abu Jahl atacou homicida ao Profeta, Abu’l Bakhtari soube disso. Ele pegou um chicote e foi até a Ka’bah, onde Abu Jahl estava sentado triunfante com seus

associados. Abu'l Bakhtari primeiro se certificou de que Abu Jahl havia atacado o Profeta daquela maneira e, quando descobriu que sim, pegou seu chicote e bateu tão forte na cabeça de Abu Jahl que este rugiu de dor.

Podemos ver na história de várias religiões como, mesmo enquanto credo, o politeísmo sempre foi muito sensível à crítica. Mas na Antiguidade, o politeísmo era mais do que um simples credo: era a própria base da estrutura das ordens sociais. Havia também razões políticas para o apego fanático do povo ao politeísmo. Essa era a situação em Meca e, por essa razão, o tempo do Profeta lá foi um teste supremo de paciência. Apenas um punhado de pessoas acreditou nele durante os primeiros três anos da sua missão. A cidade de Meca estava tão desprovida de apoiadores que ajudassem o Profeta como de árvores que lhe dessem sombra. Apenas quatro pessoas permaneceram próximas a ele: 'Ali, Zayd, Abu Bakr e Khadijah. Cinco se incluímos a primeira pessoa a nascer muçulmana, 'Aisha, a filha de Abu Bakr.

A situação se manteve assim por três anos inteiros. Quando o Profeta saía de casa, era recebido na rua com zombarias como se ele fosse um louco. Um dia, por instigação de Abu Jahl, um grupo de pessoas estava xingando o Profeta. Um transeunte não aguentou ver uma pessoa de uma família nobre dos coraixitas ser tratada desta forma. Dirigiu-se diretamente ao tio do Profeta, Hamzah. Ele disse: "Será que você perdeu a noção de honra? Você fica aí sentado enquanto as pessoas estão desgraçando seu sobrinho". Isso foi suficiente para incitar o sentimento de orgulho árabe em

Hamzah. Ele tinha um arco de ferro que carregou consigo e foi ver Abu Jahl. Batendo no inimigo do profeta, ele disse: “Eu adotei a religião de Muhammad como minha religião. Faça alguma coisa à respeito se tiver coragem!”<sup>124</sup>.

Hamzah era famoso como combatente em toda a Arábia. Depois de agira dessa forma, as pessoas ganharam nova coragem e o número de muçulmanos aumentou para trinta. Nessa altura, havia duas pessoas muito influentes em Meca – ‘Umar ibn al-Khattab e Abu Jahl ibn Hisham. O Profeta rezou a Deus: “Senhor, fortaleça o Islam com ‘Umar ibn al-Khattab ou Abu Jahl ibn Hisham”. Sua súplica foi aceita no caso do primeiro. No sexto ano da missão do Profeta, ‘Umar ibn al-Khattab aceitou o Islam.

Junto com ele, várias outras pessoas se converteram e o número de muçulmanos aumentou para quarenta. Durante esse período, os muçulmanos tinham um esconderijo em Dar al-Arqam. De acordo com o historiador Ibn Kathir, 39 pessoas costumavam se reunir ali.

Mas um número tão pequeno não podia combater o poder do sistema convencional, que era muito mais forte em número e recursos. A opressão sobre os muçulmanos não tardou a recomeçar. O Profeta foi submetido a todas as formas de perseguição, mas todas as tentativas de matá-lo falharam. O sistema tribal ainda protegia o Profeta. Ninguém se atrevia a tirar sua vida, pois isso seria declarar guerra contra toda a tribo do Profeta. Ele não foi o único profeta a ser defendido dessa forma. O povo do Profeta Shu’ayb também se absteve de matá-lo pela mesma razão, apesar de desejarem matá-lo:

Disseram: “Ó Shu’ayb! Não entendemos muito do que dizes e, por certo, te vemos fraco entre nós. E não fora teu clã, iríamos te apedrejar. E para nós, tu não és poderoso.”<sup>125</sup>

Certa vez, os coraixitas pediram ao chefe dos Banu Hashim, o tio do Profeta, Abu Talib, que expulsasse o sobrinho da tribo. Só assim poderiam matar o Profeta. A honra de Abu Talib o impediu de dar esse passo. Quando Abu Talib, a pedido dos coraixitas, pediu ao sobrinho que deixasse de criticar os deuses deles, o Profeta ficou preocupado com a possibilidade de o tio entregá-lo aos coraixitas. Mas Abu Talib imediatamente tranquilizou o sobrinho. “Por Deus, nunca te entregarei a ninguém”, disse ele<sup>126</sup>.

Quando tudo o resto falhou, os coraixitas expulsaram a tribo de Banu Hashim no sétimo ano da missão do Profeta. Assim, Abu Talib levou o sobrinho e a família para fora de Meca, onde se instalaram na ravina de Abu Talib. Não havia nada neste desfiladeiro além de algumas árvores selvagens. Por três anos, a família de Abu Talib viveu das folhas e das raízes dessas árvores. O seu único descanso era durante os quatro meses sagrados em que Banu Hashim ia para Meca. Eles levavam animais para sacrifício e viviam durante alguns meses da carne seca que preparavam.

Após três anos, no décimo ano da missão do Profeta, o pacto de banimento que os coraixitas tinham feito entre si terminou. Os Banu Hashim podiam agora retornar para Meca. Mas a tensão do tempo no exílio tinha sido demais para Abu Talib, que morreu no mesmo ano (620 d.C.). Assim,

‘Abd al-‘Uzza, conhecido como Abu Lahab, se tornou chefe de Banu Hashim. Ele era um opositor implacável do Profeta e tomou a decisão que Abu Talib tinha evitado. Ele expulsou o Profeta de sua tribo.

## Expulsão

Naquela época, expulsar um árabe de sua tribo era como colocá-lo no meio de uma matilha de lobos. Nenhum governo era responsável pela segurança dos seus cidadãos naquela época. Havia apenas o sistema tribal e só era possível viver se fosse sob a proteção de uma tribo. Nas tendas dos peregrinos em Mina, o Profeta pregou uma vez sua mensagem a uma determinada tribo, mas esta se recusou a aceitá-la. No entanto, pode-se dizer, pelo que um deles, Maysirah ibn Masruq al-’Abbasi, disse, que as palavras do Profeta o tinham afetado. Ibn Kathir explica como as esperanças do Profeta foram aumentadas em relação a Maysirah. “Quão bem você falou e quão esclarecedoras foram suas palavras. Mas a minha tribo não concorda comigo e ninguém pode ir contra a sua própria tribo”<sup>127</sup>. Isso era o quanto uma tribo significava para uma pessoa. Que grave deve ter sido ser expulso da sua tribo.

O Profeta agora não tinha para onde ir em sua terra. Não havia outra opção senão procurar a proteção de outra tribo. Sua primeira tentativa nesse sentido foi a viagem a Ta’if. Mais tarde, Ele explicou o episódio à sua esposa ‘Aisha, dizendo que tinha “se apresentado perante Ibn ‘Abd Yalil”. Nas palavras de ‘Urwah ibn Zubayr: “Quando Abu Talib

morreu e a aflição do Profeta se tornou mais intensa, ele se dirigiu à tribo Thaqif, esperando que eles lhe dessem asilo e apoio”<sup>128</sup>. Mas é possível perceber o tratamento selvagem que o Profeta recebeu das mãos deles a partir desta súplica que ele fez quando voltou para Meca:

Senhor! Eu só reclamo ao senhor da minha fraqueza e desamparo. Como estou vulnerável dentre os homens, ó Misericordioso!<sup>129</sup>

Após o seu regresso a Meca, o Profeta comentou que seria melhor o povo de Meca não ouvir falar do que tinha acontecido em Ta’if. Se tivessem ouvido, eles teriam sido ainda mais audaciosos<sup>130</sup>. O Profeta não podia viver dentro da cidade. Ele ficou no exterior e enviou mensagens a várias pessoas, pedindo que o protegessem para que pudesse voltar à cidade. Por fim, Mut’im ibn ‘Adi concordou em dar proteção ao Profeta, que, protegido pelas espadas dos filhos de Mut’im, entrou de novo nas muralhas da cidade.

Naquela época, aconteciam vários locais feiras frequentadas por tribos de toda a Arábia. O Profeta ia e falava com diferentes tribos, na esperança de que uma delas concordasse em lhe dar proteção. Ele explicou sua situação a seu tio ‘Abbas: “Eu não estou seguro aqui com você e com seus familiares. Você me levaria amanhã à feira, para visitarmos as pessoas nas tendas e falarmos com elas?”, o profeta pediu<sup>131</sup>.

O Profeta entrava então nas tendas das pessoas e, apresentando-se a elas, perguntava que proteção podiam dar. Ele contava a elas que seu povo o tinha rejeitado e

expulsado. “Protejam-me e concedam-me refúgio para que eu possa continuar a pregar a fé que Deus revelou”. Os historiadores mencionam os nomes de quinze tribos a que o Profeta se dirigiu individualmente, mas que só encontrava recusa de uma após a outra. Embora fosse considerado um assunto vergonhoso alguém procurar refúgio numa tribo e seu pedido não ser atendido (na verdade, esse foi o primeiro exemplo notável na história árabe de uma pessoa que passou vários anos à procura de uma tribo que o acolhesse), ninguém estava preparado para assumir essa responsabilidade no caso do Profeta. Quando um grupo de uma tribo se sentiu inclinado a ter pena do Profeta, um dos seus anciãos os repreendeu: “A tribo dele o expulsou e vocês pretendem dar-lhe proteção. O que vocês querem fazer? Travar guerra contra toda a nação árabe?”<sup>132</sup>. Ele sabia que ao dar abrigo a uma pessoa cuja tribo tinha expulsado era o mesmo que declarar guerra àquela tribo.

Os coraixitas o expulsaram e os coraixitas eram senhores de toda a península árabe. Conceder asilo a alguém que tinha sido expulso por eles era declarar guerra a todas as tribos árabes – a todos os que olhavam para os coraixitas como seus líderes e guardiães da Ka’bah sagrada. Foi por isso que, quando os Ansar juraram fidelidade ao Profeta, Abu’l Haytham ibn al-Tayyihan os advertiu: “Se levarem-no com vocês, toda a nação árabe descerá sobre vocês de comum acordo”<sup>133</sup>.

Além disso, havia o fato de que as tribos árabes fronteiriças tinham feito pactos com potências estrangeiras vizinhas. Essas

tribos temiam repercussões se levassem uma personalidade controversa como o Profeta. Como Ibn Kathir explicou em *Al-Bidayah wa al-Nihayah*, o Profeta entrou uma vez na tenda dos Banu Shayban ibn Tha'labah, em Meca e falou com os seus anciãos. Eles ficaram impressionados com as palavras do Profeta, mas acabaram decidindo que sua posição na fronteira com a Pérsia era precária demais para assumirem a responsabilidade pelo Profeta. Como disse o seu porta-voz, Hani ibn Qubaisah, eles tinham feito pactos com o imperador persa e “é possível que os reis não aceitem bem a mensagem que você prega”<sup>134</sup>.

O Profeta estava desesperado para encontrar uma tribo que lhe desse proteção, pois não havia outra forma de continuar sua missão. Um dia, ele foi ter com uma tribo que se chamava Banu 'Abdullah. Depois de o Profeta, como de costume, os ter chamado para o Islam e ter se apresentado a eles, na esperança de que lhe concedessem asilo, ele disse “Banu 'Abdullah, que belo nome tinha seu ancestral”. Mas eles não foram tocados por sua evidente boa vontade e rejeitaram suas propostas<sup>135</sup>.

Os últimos três anos do tempo do Profeta em Meca foram passados entre várias tribos, à procura de uma que lhe concedesse asilo. No entanto, apesar dos seus esforços incansáveis, nenhuma tribo estava disposta a acolhê-lo. Algumas das pessoas de quem ele se aproximava costumavam provocá-lo, dizendo: “Já não passou das hora de você perder as esperanças em nós?”. Por fim, Deus deu às tribos de Aws e Khazraj, que vinham de Medina, a coragem de apoiar o

Profeta. Havia uma razão psicológica particular para sua decisão. Nas suas proximidades viviam tribos judaicas, nomeadamente os judeus de Khaybar, que possuíam as terras mais férteis da área e que controlavam o comércio da região. Muitos dos Aws e dos Khazraj foram contratados por eles, mas o trabalho era tão duro e a recompensa tão insuficiente que mais parecia uma escravidão para eles. O profeta mencionou esse fato quando, após a migração para Medina, ele pediu aos companheiros que construíssem a mesquita do profeta com suas próprias mãos. De acordo com Ibn Kathir, o profeta comentou: “Esse não é o trabalho de Khaybar, esse é um trabalho muito mais digno e honesto”. Durante o domínio econômico dos judeus e sua exploração das tribos de Medina, frequentemente surgiam lutas entre os judeus, de um lado, e Aws e Khazraj do outro. Os judeus ridicularizavam essas tribos, dizendo que em breve um profeta chegaria entre os árabes e que, quando ele chegasse, eles uniriam forças com ele e eliminariam os Aws e os Khazraj.

Quando Aws e Khazraj ouviram os ensinamentos do Profeta Muhammad, ele o reconheceram como o profeta com que os judeus os tinham insultado e se apressaram em aceitá-lo antes dos judeus. Além disso, havia outras razões históricas para que fosse comparativamente mais fácil para Aws e Khazraj compreenderem a mensagem trazida pelo Profeta e acreditarem nele pessoalmente, do que para outras tribos. Por isso, não passou muito tempo antes de eles jurarem fidelidade a ele.

Assim, o momento que o Profeta vinha aguardando há anos finalmente chegou. Ele tinha encontrado um lugar onde, sob a proteção de uma tribo, poderia continuar sua luta de forma eficaz. Os muçulmanos de Meca e dos territórios ao redor seriam reunidos num só centro. O fato de a maioria dos habitantes de Medina ter aceitado o Islam facilitou a reunião dos recursos dispersos dos muçulmanos num só local e sua utilização mais eficaz para promover a causa islâmica. Quando Aws e Khazraj juraram lealdade, o Profeta rapidamente voltou para seus companheiros. “Louvado seja Deus”, disse a eles, “pois hoje a descendência de Rabi’ah já venceu os persas”<sup>136</sup>. O Profeta viu como os Ansar fortaleceram o Islam acolhendo os muçulmanos. Ele percebeu que seria apenas uma questão de tempo até os muçulmanos conquistarem a poderosa Pérsia.

O Profeta começou a fazer os preparativos para a migração para Medina. Ele iria levar seis meses após a conversão de Aws e Khazraj para fazer isso. Durante todo este tempo, ele tentou manter o máximo de sigilo, mas os politeístas, os coraixitas, souberam de seus planos de partida. Souberam do refúgio que lhe tinha sido concedido em Medina e da proteção que os Ansar lhe concederam. O fato de os Ansar terem aceitado o Islam também chegou ao conhecimento deles e eles souberam que os muçulmanos estavam se reunindo em Medina. Conspirando contra o Profeta, eles decidiram capturá-lo no momento de sua partida e matá-lo ou mantê-lo prisioneiro<sup>137</sup>. Mas seus planos não deram em nada. Quando todos os preparativos estavam completos, ele conseguiu migrar para Medina em total segredo.

## O ISLAM VAI PARA MEDINA

Antes do advento do Islam, a cidade de Medina era conhecida como Yathrib. Além das duas principais tribos, Aws e Khazraj, algumas tribos judaicas viviam na região e estabeleceram o seu domínio seguindo uma política de dividir e governar. A principal preocupação deles era manter seus vizinhos árabes fracos e desunidos. Apenas cinco anos antes de o Profeta emigrar para Medina, os Khazraj, instigados pelos judeus, levantaram-se contra os Aws. Um chefe dos Aws chamado Abu'l Baysar Anas ibn Rafi' foi até Meca com alguns dos seus companheiros para pedir ajuda aos coraixitas. Sabendo da chegada deles, o Profeta foi ter com eles e convidou-os a aceitarem o Islam.

Um de seus companheiros, um jovem chamado Ayas ibn Mu'adh, ficou impressionado com as palavras do Profeta. Ele disse a seus companheiros que isso era muito melhor do que o que tinham vindo buscar, mas eles discordaram. Abu'l Baysar jogou um pouco de terra no rosto de Ayas, com desagrado, e disse a ele que esquecesse o que Muhammad tinha dito, pois eles tinham outros assuntos mais urgentes.

A delegação de Aws regressou sem aceitar o Islam. Pouco tempo depois, os Aws e os Khazraj travaram uma guerra conhecida como Bu'ath. A inimizade entre as duas tribos ficou tão intensa que cada uma desejava destruir a outra.

Nesta guerra, os Khazraj começaram dominando. Depois, os Aws, sob o comando de Abu Usayd, derrotaram os Khazraj. Ambos infligiram perdas pesadas um ao outro, chegando a queimar casas e pomares. Desta forma, os árabes se enfraqueceram com suas guerras internas.

Foram os judeus que beneficiaram com esta guerra e a sua supremacia em Medina foi ainda mais consolidada. Quando os ânimos se acalmaram, as pessoas responsáveis tanto dos Aws como dos Khazraj, perceberam que tinham cometido um grave erro. Eles tinham feito o jogo de seus inimigos. Eles se enfraqueceram e fortaleceram os judeus.

Muitas pessoas de ambas as tribos perceberam a necessidade de retificar essa situação. Mas isso só poderia ser feito se ambas as tribos concordassem em perdoar e esquecer. A melhor maneira de conseguir a reconciliação seria nomear um rei para coordenar a pacificação. ‘Abdullah ibn Ubayy, da tribo Khazraj, um homem de personalidade e dotado de qualidades de liderança, foi escolhido para esta tarefa. Nessa conjuntura, alguns Khazrajis viajaram para Meca em peregrinação. Lá, eles encontraram o Profeta Muhammad. Ele disse a eles que Deus o tinha enviado com a verdadeira religião e os convidou a acreditarem nele. As palavras do Profeta os fizeram se lembrar de algo. Eles se lembraram que os judeus contavam que em breve chegaria um Profeta que reinaria supremo. Os judeus se regozijavam com a promessa de sua vinda, pois já imaginavam unir forças com ele para derrotar definitivamente os árabes. O povo de Medina percebeu que este era o Profeta de quem os judeus

tinham falado. Ali estava uma oportunidade de ouro de aceitá-lo antes dos judeus.

Então, expressando sua crença no profeta, eles disseram a ele: “Nós deixamos nosso povo para trás. Nenhuma nação é dividida pela hostilidade e pelas brigas internas como eles. Talvez Deus nos una por meio de você. Vamos regressar a eles e contar sobre nossa aceitação da religião. Se nosso povo se unir nessa fé, então não vai haver ninguém mais poderoso do que você nessa terra”<sup>138</sup>.

Depois disso, o povo de Medina aceitou o Islam em massa. Como resultado, eles ficaram conhecidos como Ansar, os socorredores do Islam. O apoio altruísta deles ao Islam permitiu que a religião do profeta ganhasse supremacia na Arábia.

Cinco anos antes da migração do profeta para Medina, o povo da cidade fazia pouco de sua mensagem e a rejeitaram. E passados cinco anos, essas mesmas pessoas aceitaram o Islam. Quando eles viram o profeta pela primeira vez, eles estavam preocupados com questões militares. A única coisa em que eles pensavam era como subjugar seus inimigos. Isso significava que eles não tinham tempo de pensar em questões espirituais. Como resultado, Deus e a vida após a morte pareciam a eles questões designadas para desviar sua atenção do verdadeiro propósito.

Os Aws e os Khazraj juntaram todos os seus recursos na guerra de Bu'ath. Tudo o que eles ganharam em troca foi autodestruição. O próprio futuro das duas tribos era

duvidoso: parecia que se os judeus os jogariam uns contra os outros até que eles se aniquilassem.

Esses pensamentos deram início a uma mudança de atitude. Eles começaram a pensar em paz em vez de guerra e união em vez de guerra civil. Eles começaram a organizar suas relações com os vizinhos em um contexto mais amplo do que o campo de batalha. Eles viram que o problema estava mais entre as tribos árabes de Aws e Khazrah de um lado e os judeus de outro do que entre as duas tribos árabes apenas. Se os Aws e os Khazraj se unissem em uma só plataforma, eles poderiam formar um fronte unido contra os judeus. Uma fé unificadora era exatamente o que eles precisavam para curar as feridas dos conflitos tribais e consertar as diferenças entre as duas tribos. E se eles pudessem encontrar um líder aceitável aos dois lados, ele poderia fazer acontecer o processo de reconciliação. Na pessoa do profeta Muhammad, eles encontraram o líder e a fé de que precisavam. Então eles se apressaram em aceitar sua religião.

Então, o Islam indiretamente se beneficiou da guerra de Bu'ath, pois os Aws e os Khazraj perceberem a futilidade da guerra e buscarem a paz entre si. Eles encontraram a paz no Islam e se uniram como socorredores dos profeta. O incidente de Bu'ath, de acordo com 'Aisha, foi a tragédia que provou ser o momento da virada para o povo de Medina. Depois dessa guerra, eles estavam prontos para a paz e eles aceitaram o profeta do Islam como seu guia religioso.

## MIGRAÇÃO — DE MECA PARA MEDINA

A Migração do profeta de Meca para Medina foi o evento mais importante na história islâmica. Foi por isso que os Companheiros marcaram o início do calendário islâmico com esse evento. Mas para entender a real importância da migração, é necessário remover a poeira das lendas e contos de fadas que foi se acumulando ao longo dos anos sobre a caixa de vidro da história.

Um desses mitos é sobre a estada do profeta da Caverna de Thawr, no caminho de Meca para Medina. Os coraixitas estavam no encalço e o profeta se refugiou na caverna para se esconder deles. Diz a história que Deus ordenou que uma aranha tecesse sua teia na entrada da caverna após o profeta ter entrado. Ele ordenou que uma pomba fosse e colocasse um ovo no topo da teia, dando assim — providencialmente — a impressão de que a caverna estava inabitada. Mas, como é comum com tais eventos, os fatos da migração do profeta para Medina foram exagerados e distorcidos a ponto de não serem reconhecidos. Isso fica claro a partir da versão histórica verdadeira do que ocorreu.

Conforme destacou o historiador Ibn Kathir, o relato mais confiável dos eventos é o do Imam Ahmad, da autoria de

‘Abdullah Ibn Abbas. O relato é o seguinte:

Eles (os coraixitas) seguiram no encalço do profeta, mas quando eles chegaram à montanha, eles perderam o rastro dele. Então eles escalaram a montanha e passaram por uma caverna. Notando uma teia de aranha na entrada, eles disseram uns aos outros: “Se ele tivesse entrado na caverna, a teia de aranha não estaria intacta”<sup>139</sup>.

Não é explícito que eles viram a caverna de Thawr. Mesmo se aceitarmos que era, tudo o que fica claro deste relato é que eles viram uma teia de aranha na entrada de uma caverna. Não há qualquer menção a que Deus tenha ordenado uma aranha a tecer uma teia após a entrada do profeta ou de que Ele fez uma pomba botar um ovo no topo da teia. Tais acréscimos são fantasiosos e são resultado da imaginação.

O maior prejuízo causado por tais interpolações é que elas desviam a atenção para contos fantásticos inventados e fazem com que se perca a verdadeira lição a ser extraída dos relatos puramente factuais.

## Os imigrantes são bem recebidos

Como as tribos de Medina auxiliaram o profeta é um dos eventos mais extraordinários da história. Por causa da assistência deles, eles ficaram conhecidos como Ansar — os Socorredores. Geralmente, quando as pessoas dão algo, é em retorno por algum favor ou para serem agradáveis com alguém. Alguns concedem ofertas a “homens sagrados” porque pensam que fazendo isso terão bênçãos em suas

famílias e seus bens. Mas a migração do profeta é talvez o único exemplo de pessoas que abriram suas portas a refugiados destituídos e desamparados quando eles não tinham nada a ganhar, e provavelmente tinham era muito a perder! A ação dos Ansar foi baseada inteiramente em seu zeloso comprometimento com a causa do Islam. Eles acomodaram os imigrantes em suas casas, trataram-nos como irmãos e irmãs e dividiram seus bens com eles. E eles fizeram tudo isso plenamente conscientes de que sua ação envolvia muito mais do que sacrifício econômico. Eles sabiam muito bem que o que eles estavam fazendo aumentaria a hostilidade das facções mais poderosas da Arábia e da Pérsia. Não há palavras mais adequadas do que as de ‘Ali para descrevê-los: “Eles cumpriam sua palavra, eram firmes na adversidade”<sup>140</sup>.

Quando os *muhajirun* abandonaram suas terras por Medina, todos os Ansar estavam ansiosos para estender sua hospitalidade a eles. Eles até fizeram sorteio entre si de quem teria o privilégio de receber convidados não nobres. Eles entregaram as melhores porções de seus bens aos *muhajirun*. E tudo isso, apesar de, em seu juramento de fidelidade, ter ficado explícito que os outros teriam prioridade em relação a eles. Apesar de eles terem feitos os maiores sacrifícios pela causa do Islam, eles não mostraram a menor desaprovação dessa cláusula<sup>141</sup>.

Apesar de toda o auxílio, o profeta não teve uma vida fácil em Medina. A apreensão de que toda a Arábia se uniria contra os muçulmanos se confirmou. Foi desta maneira que

Ubbay ibn Ka’b, um companheiro do profeta, descreveu a situação:

Quando o profeta e seus companheiros chegaram em Medina, e os Ansar deram asilo a eles, os árabes se uniram contra eles. Os muçulmanos ficavam com suas armaduras noite e dia.<sup>142</sup>

Os coraixitas declararam sanções econômicas contra o povo da Medina. Todas as tribos árabes, seguindo a liderança dos coraixitas, romperam laços com a cidade. Recursos internos foram ficando escassos e já não atendiam às necessidades consideravelmente aumentadas da população de Medina, e o custo de defender a cidade empurrou a economia ao limite. ‘Umar diz que o profeta ficava inquieto e com fome o dia todo em Medina. Não havia nem mesmo tâmaras descartadas suficientes para ele saciar a fome. Em tempos posteriores, perguntaram à ‘Aisha se eles tinham um lampião. Ela respondeu: “Se nós tivéssemos um lampião a óleo, nós o teríamos bebido”. Os muçulmanos saíam em expedições com quase nenhuma provisão. Abu Musa nos conta sobre um expedição que ele fez com o profeta: “Havia apenas um camelo e nós éramos seis. Nós nos alternávamos em montar o camelo. A pele dos nossos pés começou a descascar por causa do excesso de caminhada e nós amarrávamos a pele com trapos. Foi por isso que essa expedição ficou conhecida como Dhat al-Riqa (*riqa* significa trapos ou remendos)”.

As rações se esgotavam a tal ponto de as pessoas sugarem tâmaras em vez de comê-las. Folhas de acácia e gafanhotos

compunham o resto da alimentação deles. Além disso, os *muhajirun* tinham que se adaptar à drástica mudança alimentar. Em Meca, eles estavam acostumados a comer carne e leite. Em Medina, as tâmaras compunham a maior parte de sua dieta. Tabarani relata um incidente de um dia quando o profeta foi liderar a oração congregacional de sexta-feira. Um muçulmano Mecano reclamou para ele dizendo: “Ó profeta de Deus, essas tâmaras queimaram nossos intestinos”<sup>143</sup>.

A migração para Medina foi um divisor de águas na história islâmica. De um ponto de vista prático, o Islam surgiu de um episódio puramente missionário e entrou em um período de confronto ativo. Durante o período em que ele estava preocupado unicamente com a pregação, o profeta trabalhava de acordo com um princípio restrito. Ele se afastava de qualquer assunto controverso e se concentrava inteiramente em dar as boas novas das alegrias do paraíso e as advertências de punição do inferno. Ele evitava qualquer discussão de questões políticas, econômicas e tribais. Quando ele pregou a mensagem do Islam para a tribo de Banu ‘Amir Sa’sa’ah, na feira de ‘Ukaz, ele garantiu, ao mesmo tempo, que tudo o que ele queria era buscar pacificamente cumprir sua pregação. Ele não tratava de nenhuma questão alheia a isso. Ele dizia: “Eu sou o profeta de Deus. Se eu for até vocês, vocês me protegerão para que eu continue transmitindo minha mensagem? Eu não vou impor a vocês nenhum assunto”<sup>144</sup>.

Em Medina, o trabalho de pregação se situava no propósito

principal da missão do profeta. Mas o espectro tinha ficado mais abrangente e agora o Islam também tinha que considerar questões sociais. A política adotada pelo profeta nessa conjuntura almejava amolecer os corações das pessoas para o Islam para que o propósito da missão pudesse ser alcançado sem qualquer conflito. Certa vez ele disse: “Eu tive ajuda dos sentimentos de reverência que eu inspirei – e isso foi equivalente a uma jornada de um mês”. Normalmente, as missões eram bem-sucedidas devido apenas à força de sua personalidade.

Há dois aspectos complementares nesse métodos: uma era baseado em impressionar os inimigos do Islam, ao passo que o outro almejava plantar neles a semente do amor. O primeiro queria acumular uma força grande o suficiente para convencer os inimigos do Islam de que eles não poderiam vencê-lo e que, desta forma, o melhor era que eles abraçassem o Islam<sup>145</sup>.

A segunda forma era oferecer presentes aos inimigos do Islam para amolecer seus corações para com o Islam e os muçulmanos<sup>146</sup>. A generosidade que o profeta mostrava para trazer as pessoas para sua causa não tinha paralelos. Ninguém, antes ou depois dele, pode alegar uma munificência tão ilimitada. Safwan ibn Umayya, um nobre de Meca, estava escondido no desfiladeiro de uma montanha. Depois da conquista de Meca, o profeta concedeu anistia a ele e pediu para vê-lo. Após Hawazin ser capturado, o profeta estava supervisionando a distribuição dos espólios em Ji’ranah. Safwan ibn Umayyah estava com ele. Até

ali, ele ainda não havia aceitado o Islam. Parado perto do desfiladeiro, ele olhou maravilhado para as cabras e camelos espalhados diante dele. Ao vê-lo, o profeta indagou: “Abu Wahab! Você gostaria de todo esse gado?”. Safwan disse que sim. Então o profeta respondeu: “Ele é todo seu”. Safwan respondeu: “Ninguém poderia ser mais generoso!”. Ele imediatamente aceitou o Islam e testemunhou que não havia nenhuma divindade digna de adoração a não ser Deus e que Muhammad era Seu servo e Profeta<sup>147</sup>.

Os vários casamentos do profeta também foram parte de sua política. O sistema tribal conferia grande importância aos relacionamentos por meio do casamento. Isso nos dá uma compreensão dos casamentos do profeta após emigrar para Medina. Eles estabeleciam relações com inúmeras pessoas e depois adoçavam seus corações para sua missão. O primeiro casamento do profeta foi com Khadijah, uma viúva com quase o dobro de sua idade. Fora esse casamento, seus outros casamentos foram celebrados por causa das vantagens políticas e missionárias deles para o Islam.

No ano posterior ao Tratado de Hudaibiyyah (628 d.C.), o profeta e outros 2 mil muçulmanos saíram em peregrinação à Ka’bah Sagrada. Durante sua estadia de 3 dias em Meca, ele se casou com uma viúva chamada Maymunah Ibn Harith. Ela tinha oito irmãs, todas casadas em famílias importantes de Meca. Ao casar-se com ela, o profeta criou laços com todas essas oito famílias. Khalid ibn al-Walid era sobrinho de Maymunah e havia sido criado por ela como um filho. Então Khalid, o melhor guerreiro dos coraixitas, se tornou

enteado do profeta. Após isso, Khalid não participou de mais nenhuma hostilidade contra os muçulmanos e, não muito tempo depois, abraçou o Islam. Após seu casamento com Maymunah, os profeta preparou uma festa de casamento para o povo de Meca, mas os coraixitas o lembraram de que, de acordo com o Tratado de Hudaibiyyah, ele só poderia ficar em Meca por três dias. Depois disso, o período encerrava e ele deveria deixar a cidade imediatamente. A festa de casamento então, que almejava atrair as pessoas para a fé, não aconteceu. Mas Khalid ibn al-Walid e ‘Amr ibn al-‘As se tornaram muçulmanos juntos. Então, ao chegarem em Medina, o povo disse: “Como esses dois na bagagem, Meca está domada”.

Umm Habibah, filha de Abu Sufyan, destacado membro coraixita, e seu marido, Ubaydullah ibn Jahsh, tinham aceitado o Islam e emigrado para a Abissínia. Lá, porém, seu marido se tornou cristão. Não muito tempo depois, ele faleceu. Ao saber isso, o profeta se preparou para casar-se com Umm Habibah por procuração. Após a morte de Abu Jahl no campo de batalha, Abu Sufyan se tornou o mais importante líder dos coraixitas. O profeta seria então genro dele. O casamento tinha que ser realizado por procuração, pois havia o medo de que se Umm Habibah retornasse a Meca, seu pai não permitiria o casamento. A cerimônia foi conduzida por Najashi, rei da Abissínia, e imediatamente depois a noiva partiu para Medina. Com esse relacionamento firmado, a inimizade de Abu Sufyan contra o profeta diminuiu e ele se converteu ao Islam um dia antes da conquista de Meca.

Outro aspecto desta política era o de “lançar terror” nos corações dos inimigos do Islam. Isso consistia em reunir forças suficientes e fazer uma exibição dela de forma que não fosse necessário fazer uso dela. A derrota dos muçulmanos em Uhud (ano 3 da Hégira) poderia ter se tornado um tumulto se Abu Sufyan procedesse a um novo ataque após essa vitória em vez de retornar para Meca. De fato, quando ele chegou em Ruha, ele se deu conta do erro e deu a volta rumo ao reduto dos muçulmanos. Mas mesmo em meio à desordem, o sistema de informações do profeta funcionou com eficácia. Ele soube a intenção de Abu Sufyan e decidiu encontrá-lo. Imediatamente ele reuniu seu exército amedrontado e partiu de volta para Meca.

Ao contrário de sua prática moral de manter em segredo suas manobras militares, essa expedição recebeu a fanfarra da publicidade. Quando os muçulmanos alcançaram Hamra al-Asad, a cerca de 13km de Medina, Abu Sufyan soube da perseguição. Pensando que os reforços tinham chegado, ele desistiu da ideia de atacar Medina e retornou a Meca. O profeta retornou para Medina quando teve certeza da retirada do exército de Abu Sufyan.

Um ano depois da Batalha de Mu'tah, que ocorreu no mês de Jumada al-Awwal no ano 8 da Hégira, o imperador bizantino começou a juntar forças na fronteira com a Síria.

Os gassânidas e outros aliados romanos dentre as tribos árabes na região seguiram o imperador. Em respostas, o profeta avançou para Tabuk com um exército de 30 mil homens. A expedição de Tabuk foi uma manobra militar,

um ataque de preventivo. O objetivo era lançar medo no inimigo para que eles perdessem o ânimo e abandonassem suas intenções hostis. Quando o profeta chegou em Tabuk, ele ouviu que César não estava mais avançando para alcançar os muçulmanos, mas, em vez disso, estava começando a retirar suas tropas da fronteira. Não havia dúvidas quanto à batalha e a retirada de César garantiu ao profeta uma vitória moral, que ele decidiu transformar em vantagem política. Durante os vinte dias que ficou em Tabuk, ele fez contato com as tribos árabes vizinhas, que estavam sob influência romana. Como resultado, o líder cristão de Daumat al Jandal, Ukaydir ibn ‘Abd al-Malik al-Kindi, Yuhannah ibn Ruyah de Aylah, junto com cristãos de Maqna, Jarba e Azruh, concordaram em pagar a *jizyah*, um imposto cobrado dos não muçulmanos que vivem sob a proteção de um governo muçulmano, que garante a segurança de suas vidas e de seus bens e liberdade de culto de outras religiões.

Essa também foi a razão da expedição comandada por Usamah, realizada logo após o falecimento do profeta. Com exceção das tribos de Medina, toda a Arábia havia se rebelado quando o profeta faleceu. Repentinamente os muçulmanos se viram em desacordo com todos os outros árabes. Era necessário preservar toda a força de Medina para enfrentar o inimigo interno. Mas em vez disso, Abu Bakr agiu conforme a decisão tomada pelo profeta. Uma tropa de 700 homens comandados por Usamah foi enviada ao fronte romano. Abu Hurayrah explica o impacto que essa expedição teve sobre a rebelião das tribos árabes:

Quando o exército de Usamah passou por aquelas tribos que estavam à beira da apostasia, elas disseram: “Se os muçulmanos não tivessem uma exército de reserva, eles jamais teriam enviado uma tropa como essa. Vamos deixá-los lutarem contra os romanos”. Os muçulmanos combateram os romanos e os derrotaram, retornando em segurança após travarem batalha com eles. Vendo isso, os que pensavam em apostatar ficaram firmes no Islam<sup>148</sup>.

Quando o profeta chegou em Medina, havia ali, além da minoria de politeístas, duas grandes comunidades: os judeus e os muçulmanos. Essas suas comunidades estavam divididas em vários pequenos grupos. Nenhum deles tinha conseguia apresentar uma frente unida. As pessoas estava esperando por alguém que os organizasse e os unisse. Quando o profeta percebeu que era isso que o povo queria, ele emitiu um decreto de que os judeus e os muçulmanos seriam reconhecidos como comunidades com direito próprio. “Os judeus são uma comunidade junto com os muçulmanos. Eles terão sua religião e os muçulmanos terão a deles”. Não houve qualquer usurpação dos direitos dos costumes e responsabilidades nem dos judeus nem dos muçulmanos, e foram feitas concessões aceitáveis de acordo com o sentimento de ambos. No entanto, foi acrescentada uma cláusula, que dizia o seguinte:

Quando houver um desentendimento sobre algum assunto, a questão será levada à Deus Todo-Poderoso e a Muhammad<sup>149</sup>.

Esse decreto constituía uma iniciativa política que, tácita e engenhosamente, apresentava o governo constitucional islâmico à Medina.

Em vez de apaziguar os coraixitas, a ida do profeta para Medina levou a raiva deles a novos níveis de intensidade. Eles viam os muçulmanos se reunindo em um local e ficando mais fortes. Apenas dois anos se passaram antes de o profeta decidir se encontraria o exército coraixita fora da cidade ou se permitiria que eles entrassem em Medina aterrorizando o recém-formado ninho do Islam. Os coraixitas tinham 950 homens em seu exército, enquanto os muçulmanos eram apenas 313. Mas a visão do profeta dizia a ele que somente impulsos negativos estavam movendo os coraixitas.

Ódio aos muçulmanos e ciúmes do profeta foram as razões da agressão. Os muçulmanos, por sua vez, eram movidos pelos instintos mais positivos e nobres. Eles tinham fé em que Deus os iria incentivar e tinham a certeza de que estavam lutando por uma causa genuína. Então, os muçulmanos estavam incomensuravelmente mais motivados do que seus oponentes. Além disso, a guerra árabe era um assunto de cunho pessoal. Cada soldado buscava fazer seu próprio nome demonstrando bravura. A fé em Deus eliminava a fraqueza dos muçulmanos, O profeta foi a primeira pessoa na história árabe a comandar seu exército em busca de uma ação unidade e a lutarem em fileiras. Ele enfatizou a importância de lutar, não como indivíduos, mas como um todo. Os crentes ansiavam por destruir a força coraixita com a força da solidariedade:

Por certo, Deus ama os que combatem em Seu caminho, em fileira, como se fossem edificações ligadas por chumbo.<sup>150</sup>

A fé e a capacidade dos muçulmanos de lutarem como um todo unificado trouxe a eles a primeira vitória da história islâmica: a Batalha de Badr.

## Vitória do Islam

A derrota em Badr teve o efeito de aumentar a provocação dos coraixitas, e diversas batalhas, notavelmente as de Uhud (ano 3 da Hégira) e das Trincheiras (ano 5 da Hégira) aconteceram em um lapso de poucos anos. Os muçulmanos passaram por muitas dificuldades durante essas campanhas. Por exemplo, os 800 que participaram da Batalha das Trincheiras sofreram o frio extremo, fome e exaustão. Tanto que nenhum deles se levantou quando o profeta pediu que alguém se voluntariasse para um grupo de espionagem no acampamento no inimigo. Por fim, o profeta delegou pessoalmente essa tarefa à Huzayfah.

Também havia problemas recorrentes com os judeus de Medina que, aliados aos coraixitas, estavam sempre conspirando contra os muçulmanos. Como resultado, Medina ficou sitiada por vinte dias durante a Batalha das Trincheiras. No final, os coraixitas foram forçados, por uma violenta tempestade de areia, a retornarem para Meca. Agora que a cooperação com os coraixitas tinha sido exposta, o profeta escolheu esse momento para resolver

esse problema. Havia três tribos judaicas dentro e ao redor de Medina: Banu Nadir, Banu Qaynuqah e Banu Qurayzah. Imediatamente após a Batalha das Trincheiras, eles foram cercados e exilados, de acordo com a lei judaica. A ameaça que eles antes representavam aos muçulmanos em Medina foi então eliminada definitivamente.

Então houve o problema de Khaybar. Seis anos após a migração do profeta, Medina era uma ilha do Islam entre os coraixitas em Meca, a 400 km ao sul, e os judeus em Khaybar, 200 km ao norte. Os coraixitas e os judeus estavam unidos em sua inimizade com o Islam, mas não sendo nenhum deles forte o suficiente para enfrentar sozinho os muçulmanos, eles negociaram um plano de ação conjunta contra os muçulmanos. Estes, por sua vez, não estavam em posição de enfrentar os dois inimigos ao mesmo tempo.

Contra esse cenário, o profeta, agindo sob orientação divina, saiu para Meca no ano 6 da Hégira, junto com 1400 companheiros. Eles esclareceu que os muçulmanos não tinham qualquer intenção de lutar com ninguém e que estavam apenas indo para a Umrah. Os camelos para o sacrifício, que os muçulmanos levavam junto, eram prova de suas intenções pacíficas. Os camelos até tinham um emblema sacrificial, conhecido como *qaladah*, para que o povo de Meca pudesse ter certeza de que eles eram para o sacrifício. A jornada também tinha o objetivo de aliviar os temores dos coraixitas de que os muçulmanos intencionavam destruir o status religioso e comercial da Ka'bah.

Como esperado, os coraixitas trataram de impedir os muçulmanos de entrarem em Meca. Os dois partidos se encontraram em Hdaybiyyah, cerca de 11 km de Meca. Ansioso para evitar hostilidades, o profeta montou acampamento. Ele então enviou uma mensagem aos coraixitas, sugerindo um tratado de paz entre as duas partes. Ele surpreendeu os enviados por não estar ali para lutar com os coraixitas. “Nós viemos como peregrinos. A guerra enfraqueceu e fez os coraixitas sofrerem grandes perdas. Se eles quiserem, estou disposto a fazer uma trégua com eles: eles não ficaram entre mim e o povo durante a trégua. Se eu me tornar superior a eles, e se eles quiserem, eles podem aceitar a religião que os outros aceitarem. Se eu não me tornar superior, eles terão o direito de fazerem o que quiserem. Se os coraixitas recusarem essa oferta, eu vou lutar com eles pela minha causa, mesmo que arrisque perder minha vida. E o que Deus quiser é o que será”<sup>151</sup>.

O teor dessa mensagem mostra que o profeta estava apelando para um ponto fraco da psique dos coraixitas. Quando o profeta iniciou sua missão pública em Meca, ‘Utbah ibn Rabi’ah foi até ele em nome dos coraixitas. Ele retornou a seu povo e isso foi o que ele disse a eles:

Deixem esse homem continuar seu trabalho pois, por Deus, ele nunca vai desistir. Não o impeçam de pregar aos árabes. Se eles os convencer, então a honra dele será a honra de vocês. Se eles prevalecerem, então, graças aos outros, vocês terão se livrado dele<sup>152</sup>.

O profeta então apelou aos coraixitas nos mesmos termos que eles estavam pensando. Consequentemente, ele encontraria apoiadores para sua iniciativa de paz dentro do próprio campo do inimigo.

O profeta enviou essa mensagem aos coraixitas e, ao mesmo tempo, iniciou diversos procedimentos com objetivo de influenciá-los. Alguém de Banu Kinanah tinha vindo de Meca para Hudaybiyyah para verificar as intenções dos muçulmanos. Quando o profeta ouviu sobre a aproximação dele, ele contou a seus seguidores sobre a reverência de Banu Kinanah aos camelos sacrificiais e orientou-os a levar os camelos com eles quando fossem encontrá-lo. Assim eles fizeram, simultaneamente proferindo as palavras da peregrinação: “Eis-me aqui, ó Senhor”. O enviado dos coraixitas ficou muito impressionado. Ao retornar a Meca, ele contou aos coraixitas que tinha certeza de que os muçulmanos tinham vindo em peregrinação sem qualquer outro motivo e que deveriam ter permissão para continuar.

O espetáculo dos 1400 muçulmanos exibindo sua fé em Deus também impactou profundamente os coraixitas. Quando um dos enviados foi até o acampamento dos muçulmanos, eles estavam rezando enfileirados, alinhados atrás do profeta. Ele ficou muito impressionado pela organização e disciplina dos adoradores. Quando ele retornou aos coraixitas, ele contou a eles que os muçulmanos trabalhavam unidos: quando Muhammad fazia um movimento, todos os seus seguidores faziam o mesmo. Outro enviado viu quando o profeta fez ablução e os muçulmanos se apressavam em

pegar a água que ele havia usado em suas mãos antes que ela caísse no chão. Ele notou a pressa deles quando o profeta falava, a reverência os impedia de olhá-lo diretamente nos olhos. Quando esse enviado relatou tudo aos coraixitas, eles ficaram muito impressionados com a descrição da lealdade dos muçulmanos e afeição por seu líder. ‘Urwah ibn Mas’ud perguntou: “Vocês não são pais de seus filhos?”. Eles disseram que sim, claro. “Vocês suspeitam de mim de alguma forma?”, ele perguntou. Eles disseram que não. ‘Urwah continuou: “Bem, esse homem (Muhammad) fez uma boa proposta a vocês. Concordem com ela e deixem-me ir ter com ele”<sup>153</sup>.

O profeta deixou clara sua intenção de aceitar qualquer exigência que os coraixitas fizessem contanto que não contradissesse a lei de Deus. Os coraixitas mostraram muito preconceito enquanto o tratado era redigido. Eles removeram as palavras “Muhammad, Mensageiro de Deus” do rascunho e inseriram “Muhammad, filho de ‘Abdullah”. Tendo se ofendido com as palavras “Em nome de Deus, O Clemente, O Misericordioso”, eles insistiram que “Em Seu nome, Ó Deus” fosse escrito. Por fim, eles acrescentaram uma cláusula dizendo que qualquer coraixita que tivesse se juntado a eles deveria ser enviado de volta.

Por sua vez, os coraixitas não teriam que fazer o mesmo de qualquer muçulmano fosse até eles. Eles recusaram permissão aos muçulmanos de entrarem em Meca para a peregrinação naquele ano. Essas cláusulas era mais do que os Companheiros podiam aceitar. ‘Urwah ibn Mas’ud até

mesmo comentou que aqueles que o profeta tinha reunido ao redor de si estavam prestes a desertá-lo. A observação de 'Urwah foi demais para o normalmente plácido Abu Bakr, que retrucou severamente dizendo: “Então você acha que nós vamos deixar o profeta sozinho?”. Mas o profeta se recusou a ser provocado. Ele aceitou todas as exigências dos coraixitas e firmou uma trégua de dez anos com eles. Enquanto a trégua durou, os coraixitas evitaram, direta ou indiretamente, participarem em qualquer hostilidade contra os muçulmanos.

Essa trégua foi fardo tão grande para os muçulmanos que, após firmado o acordo, ninguém atendeu aos repetidos pedidos do profeta de sacrificarem os camelos que eles tinham trazido com eles. Então, foi com corações pesados que eles finalmente se puseram a fazer o sacrifício. Tanto que, quando eles raspavam as cabeças depois, pareciam que eles estavam indo cortar as gargantas uns dos outros, tamanha era a amargura deles. Mas essa trégua, cujos termos pareciam tão desfavoráveis aos muçulmanos, estava destinada a render benefícios incalculáveis para eles.

Na época da trégua, dois inimigos principais confrontaram os muçulmanos: os judeus de Khaybar e os coraixitas de Meca. Os muçulmanos ainda não estavam fortes o suficiente para enfrentar os dois simultaneamente. Atacar um daria ao outro a oportunidade de ouro de atacar Medina pela retaguarda, demolindo a fortaleza dos muçulmanos. Ao aceitar todas as exigências dos coraixitas, o profeta consolidou uma trégua de dez anos com um dos dois inimigos. Eles não iriam mais

fazer investidas contra os muçulmanos. Com os coraixitas fora do caminho, o profeta podia agora voltar sua atenção aos judeus de Khaybar. O ataque à Khaybar (em Muharram, ano 7 da Hégira) aconteceu logo após o Tratado de Hudaibiyyah (em Dhu al-Qa'dah, ano 6 da Hégira), resolvendo de uma vez por todas o problema com os judeus.

20 mil homens armados estavam guardando as oito poderosas fortalezas de Khaybar. As fortalezas também eram equipadas com defesas altamente sofisticadas. As histórias do saque a essa cidade fortificada é longa, métodos de engenhosidade militar extraordinários foram usados. Primeiro, o portão da cidade foi quebrado com um tronco massivo de árvore carregado por cerca de 50 homens. Alguns poucos golpes foram suficientes para quebrar o portão, permitindo que os muçulmanos adentrassem em meio a uma chuva de flechas e pedras. Quatro fortalezas foram capturadas dessa maneira. As restantes, temerosas, abriram seus portões e se colocaram à mercê do exército muçulmano.

Ainda restava os coraixitas serem subjugados. A intuição do profeta dizia para esperar eles quebrarem o tratado antes de irem ao campo de batalha com eles. O profeta conhecia os maus sentimentos que impulsionavam os coraixitas a lutar contra os muçulmanos. Como eles eram movidos por sentimentos de ciúme, ódio, ambição e arrogância, o profeta percebeu que eles cessariam apenas brevemente de ações imorais e desarrazoadas em busca de seus objetivos. E sua suposição provou estar correta. No mês de Sha'ban, no ano 8 da Hégira, houve uma briga entre as tribos de

Khuza'ah e Banu Bakr. Banu Bakr era aliada dos coraixitas e Banu Khuza'ah dos muçulmanos. Descaradamente contra os termo do Tratado de Hdaybiyyah, os coraixitas deram apoio clandestino a seus aliados que atacaram Khuza'ah. Esse incidente se deu apenas dois anos depois do tratado. Durante esse período, número de pessoas com o profeta subiu de 1.500 para 10 mil. Junto com eles, o profeta secretamente saiu rumo a Meca. Sua estratégia foi tão sábia e diplomática que Meca foi conquistada com praticamente nenhuma gota de sangue derramada.

Deus prometeu-vos muitos restos de guerra, para tomardes e apressou para vós esta e deteve as mãos dos homens afastando-as de vós.<sup>154</sup>

Quando o Tratado de Hdaybiyyah foi assinado, fazia vinte anos que o profeta estava pregando. A mensagem do Islam tinha se espalhado por toda a península árabe. Havia pessoas em cada tribos em cujo coração a religião do profeta tinha encontrado um lugar. Mas eles ainda tinha os coraixitas como líderes. Muitos que perceberam a verdade do Islam não podiam verbalizar sua fé por medo dos coraixitas. Eles sabiam que a declaração do Islam resultaria em guerra contra a tribo mais poderosa da Arábia. Eles ouviram que os muçulmanos e os coraixitas tinha concordado em parar as hostilidades por dez anos. Os coraixitas não poderiam mais tomar represálias contra as pessoas que estavam se tornando muçulmanas. Agora, não havia nada que impedisse as pessoas de aceitarem o Islam. Foi como se uma grande multidão se

reunisse nos portões do Islam. O portão foi aberto com o Tratado de Hdaybiyyah e as pessoas entraram em massa.

Como Ibn Shahab al-Zahri e outros apontaram, os muçulmanos ganharam mais com o Tratado de Hdaybiyyah do que com qualquer outra de suas campanhas. O profeta tinha retornado a Meca dois anos depois com 10 mil homens, enquanto anteriormente, os muçulmanos não eram mais do que 3 mil. Isso foi resultado direto da remoção do maior obstáculo à aceitação do Islam, que era a raiva e a provocação dos coraixitas que viria contra as pessoas. Bara' era um dos muçulmanos que estava em Hdaybiyyah. Bukhari relatou como ele dizia, posteriormente, às pessoas, aquelas que consideravam que a Conquista de Meca tinha sido a maior vitória do Islam, que os companheiros do profeta achavam que o Tratado de Paz de Hdaybiyyah tinha sido uma magnífica vitória.

O bloqueio econômico a Medina estava agora suspenso. As caravanas da cidade agora tinham permissão para passar livremente por Meca. Mas Abu Jandal, Abu Basir e outros que tinham aceitado o Islam tinham que retornar aos coraixitas segundo os termos do Tratado. Porém, pouco tempo depois, eles escaparam e se refugiaram em Dhu'l Marwah. Tantos muçulmanos convertidos se juntaram naquele lugar que ele se tornou um novo centro do Islam em ascensão. De lá, eles causavam estragos nas caravanas de comércio dos coraixitas. Por fim, os coraixitas foram forçados a abandonar a insistência de qualquer um que

deixasse os coraixitas pelos muçulmanos tinha que ser retornado aos coraixitas.

A grande lição de Hudaibiyah é que devemos evitar a impaciência e não devemos julgar os assuntos apenas pela aparência. As condições aparentemente desfavoráveis do Tratado de Hudaibiyah trouxeram grandes oportunidades para os muçulmanos, que somente pessoas com visão podiam perceber. Ibn ‘Asakir registrou alguns comentários de Abu Bakr sobre o Tratado de Hudaibiyah. Ele disse: “Foi a maior vitória islâmica apesar de as pessoas estarem com a visão embaçada demais naquele dia para perceberem os segredos entre Muhammad e seu Senhor. As pessoas são impacientes, mas Deus não. Ele deixa os assuntos tomarem seus rumos até que cada coisa chegue ao ponto esperado”. O realismo traz sucesso nesse mundo, mas as pessoas querem sucesso instantâneo e não querem passar pelos longos processos necessários para alcançá-lo.

Após concluir a questão de Khaybar, o profeta começou a se preparar para outra campanha. Ele manteve o alvo em segredo, não contou nem para Abu Bakr para onde eles estavam indo. Somente no Ramadan do ano 8, quando o exército muçulmano foi direcionado para ir para Meca, é que as pessoas se deram conta de para onde estavam indo. O avanço foi tão furtivo e discreto que eles chegaram em Marruz-Zahran sem que os coraixitas soubessem que os muçulmanos estavam próximos. O profeta tinha suplicado antes de partir pedindo “que os espiões e informantes

dos coraixitas” fossem contidos até que os muçulmanos adentrassem a cidade de Meca.

O profeta percorreu grandes distâncias para manter os preparativos para o avanço secreto até Meca. Ele ordenou que Medina se isolasse do resto da Arábia: não era permitido a ninguém entrar ou sair da cidade. Um grupo liderado por ‘Ali foi enviado para proteger as estradas que iam até Medina. Eles prenderam o mensageiro de Hatib ibn Abi Balta’ah que estavam carregando uma carta para o povo de Meca alertando-os do perigo para a cidade. Conforme relata Tabarani, da autoria de Ibn ‘Abbas: “todas as tribos forneceram homens e armas ao máximo possível”.

Ninguém ficou para trás. O exército de 10 mil homens estava dividido em grupos de centenas. Cada divisão marchava em fileiras, liderada por um comandante com um estandarte. O profeta pediu a seu tio Abbas para deixar Abu Sufyan, um antigo inimigo do profeta, testemunhar a marcha dos muçulmanos. Aby Sufyan assistiu pelo lado de uma passagem estreita na montanha, fileira após fileira, os muçulmanos passarem. Ele mal podia acreditar em seus olhos. “Quem tem poder para enfrentar esse exército? Eu nunca vi nada parecido com isso”, ele exclamou. O profeta foi longe para impressionar Abu Sufyan. Ao mesmo tempo, ele anunciou que qualquer um que entrasse na casa de Aby Sufyan estaria seguro. O resultado foi que o próprio Abu Sufyan apelou para que o povo de Meca se rende-se a Muhammad, pois ninguém era forte o suficiente para combatê-lo. Os eventos que se seguiram à conquista da

cidade provaram que as extensivas preparações não tinha intenção de derramar sangue, mas sim de assustar os mecenos até eles se submeterem, para que a cidade pudesse ser conquistada pelo Islam sem necessidade de fazer nada. Conforme os muçulmanos se aproximavam de Meca, um de seus líderes, Sa'id ibn 'Ubadah, disse: "Hoje é dia de batalha!". O profeta disse a ele que não, que era dia de misericórdia. Então, Saad foi ordenado a sair e entregar o estandarte a seu filho.

Houve alguns compromissos após a Conquista de Meca, totalizando em oitenta o número de expedições militares conduzidas pelo profeta. Mas agora que os muçulmanos tinham ganhado controle da capital da Arábia, faltava apenas pequenos desentendimentos para que toda a Arábia se rendesse e aceitasse o profeta como líder.

## VITÓRIA E POSTERIDADE

Vencedores tendem a ser susceptíveis a dois tipos de sentimento: orgulho ou vingança. No entanto, após a conquista de Meca no ano 8 da Hégira, o profeta do Islam não demonstrou nenhum desses sentimentos. Sua vitória foi a de um profeta de Deus. De acordo com Ibn Ishaq, quando o profeta entrou em Meca, ele curvou tanto sua cabeça que as pessoas viram sua barba encostar na cela do camelo. Tal era a humildade do profeta, mesmo na hora do triunfo. Em pé diante da porta da Ka'bah, o profeta fez um discurso, no qual disse:

Não há ninguém que mereça ser servido a não ser O Deus Único. Ele cumpriu Sua promessa e socorreu Seu servo. Somente Ele rebaixou as hostes dos inimigos.<sup>155</sup>

Em outras palavras, ele não declarou crédito pela vitória, mas a atribuiu inteiramente a Deus. Depois, no mesmo discurso, ele disse o seguinte aos coraixitas:

“O que vocês acham que eu vou fazer com vocês agora?”. Eles responderam: “Achamos que você vai nos tratar bem, pois você é nosso irmão nobre e filho de nosso irmão nobre”. Então o profeta disse: “Eu digo a vocês o que José disse a seus irmãos: não há reprovação a vocês hoje. Vão, vocês estão livres”.<sup>156</sup>

No princípio de tudo, o profeta deixou de lado a vingança, eliminando qualquer possibilidade de reação por parte de seus novos súditos. Uma nação derrotada no campo de batalha normalmente recorre à resistência clandestina. Ao garantir anistia geral, o profeta eliminou a resistência na raiz. Forças que poderiam ter buscado destruir a fortaleza do Islam foram então empregadas em construí-la.

Quando o profeta entrou em Meca após a conquista da cidade, ele deu ordens a seus comandantes de não travarem batalha com ninguém, a menos que fossem atacados. Ele perdoou todos os que tinham cometido injustiças contra ele. Somente alguns poucos, que seriam mortos “mesmo se eles tivessem buscado refúgio no manto da Ka’bah”, foram sentenciados a morte. Ibn Hisham e outros biógrafos do profeta, os mencionaram individualmente. Estes são os nomes e na natureza se seus crimes:

1. ‘Abdullah ibn Sa’d, que tinha se tornado muçulmano e nomeado pelo profeta como escriba da revelação. Ele depois apostatou e se juntou aos infiéis. Após a Conquista de Meca, quando ele soube que o profeta tinha ordenado sua execução, ele apelou para seu irmão de leite, ‘Uthman. Este lhe deu abrigo depois o levou ao profeta com o pedido de que aceitasse novamente sua conversão ao Islam. O profeta ficou em silêncio. Então, ‘Uthman pediu de novo que o profeta aceitasse o juramento de fidelidade de ‘Abdullah ibn Sa’d. Ele posteriormente se tornou governador do Egito durante os califados de ‘Umar e ‘Uthman, desempenhando um papel importante na conquista da África.

2. ‘Abdullah ibn Khatal, que tinha anteriormente aceitado o Islam e havia sido enviado pelo profeta para recolher os impostos. Um servo e um dos Ansar foram junto com ele. Chegando em uma parada da viagem, ‘Abdullah ibn Khatal disse ao servo que preparasse um frango para a refeição, mas o servo dormiu e não preparou a comida a tempo. ‘Abdullah ibn Khatal ficou furioso e matou o servo. Temendo que, se retornasse a Medina, o profeta exigisse compensação pela morte do servo, ele apostatou e juntou-se aos infiéis. Sendo um poeta, ele recitava versos xingando o profeta. No dia da conquista da Meca, ele se enrolou no manto da Ka’bah. Quando o profeta foi informado, ele ordenou que ‘Abdullah ibn Khatal fosse executado ali mesmo. Abu Burzah e Sa’id ibn Harith o executaram entre a pedra negra e a estação de Abraão.

3. Fartana era uma escrava de ‘Abdullah ibn Khatal. Ela também costumava recitar poemas xingando o profeta. Suas danças era uma característica regular nas orgias alcoólicas dos coraixitas. Ela também foi executada junto com seu amo.

4. Quraybah, também escrava de ‘Abdullah ibn Khatal, tinha a mesma profissão de Fartana. Foi dada a ordem de sua execução, mas o pedido dela foi atendido pelo profeta quando buscou asilo. Ela então se tornou muçulmana.

5. Huwayrith ibn Nafidh ibn Wahab, outro poeta que se desprezava muito o Islam, fez sua fama desonrando o profeta. Quando Abbas ibn ‘Abdul Muttalib e as filhas do profeta, Fatimah e Umm Kulthum, estavam no caminho

de Medina para Meca, Huwayrith ibn Nafidh os seguiu e atingiu o camelo com uma lança. O camelo empinou e as filhas do profeta caíram no chão. Foram dadas ordens de sua execução, realizada por ‘Ali

6. Miqyas ibn Subabah, irmão de Hisham ibn Subabah. Na campanha de Dhu Qarad um Ansari matou Hisham se querendo. Após isso, Miqyas foi até Medina e aceitou o Islam. Ele pediu ao profeta compensação pela morte do irmão e seu pedido foi atendido. Ele ficou em Medina por alguns dias, depois matou a pessoa responsável pela morte do irmão, fugiu de Medina e apostatou. O profeta ordenou que ele fosse morto, a Numaylah ibn ‘Abdullah Laythi o executou.

7. Sarah, uma escrava de ‘Ikrimah ibn Abi Jahl, adorava difamar o profeta. Foi dada permissão para ela ser morta, mas ela foi até o profeta pedindo proteção. Ela recebeu proteção e aceitou o Islam. Ela viveu até o califado de ‘Umar.

8-9. Harith ibn Hisham e Zubayr ibn Abi Umayyah também seriam mortos, mas se refugiaram na casa de uma parente, Umm Ham bint Abi Jahl. ‘Ali os seguiu e jurou que não os deixaria vivos. Umm Ham bloqueou o caminho de ‘Ali e, trancando os dois fugitivos em sua casa, foi ter com o profeta. Ela disse a ele que ‘Ali estava tentando matar duas pessoas a quem ela tinha dado abrigo. O profeta disse a ela: “Qualquer pessoa a quem você abrigue, nós também abrigaremos, e quem buscar refúgio com você, nós também daremos refúgio”. ‘Ali foi ordenado a deixá-los e assim ele fez.

10. 'Ikrimah ibn Abu Jahl, seguindo os passos de seu pai, era um ferrenho adversário do Islam. Vendo que iria certamente encontrar sua morte em Meca, ele fugiu para o Iêmen. Sua esposa, Umm Bakim bint Barith, que tinha aceitado o Islam, apelou para o profeta pedindo proteção para seu marido. Seu pedido foi atendido e ela foi até o Iêmen buscar o marido. Ele retornou com ela e se tornou muçulmano com o profeta. Depois de sua conversão, ele fez grandes sacrifícios pessoais pelo Islam, encontrando por fim sua morte em Ajnadin enquanto lutava contra os apóstatas durante o califado de Abu Bakr.

11. Habbar ibn al-Aswad, que tinha sido responsável por uma grande perseguição aos muçulmanos. Quando Zaynab, filha do profeta, esposa de Abu'l 'As estava no caminho de Medina para Meca, ele atingiu o camelo dela com uma lança. O camelo entrou em desespero e Zaynab caiu. Ela está grávida naquela época. Ela não apenas sofreu um aborto como também ficou com sequelas do acidente pelo resto da vida. Foi dada a ordem de sua execução mas ele foi até o profeta pedir proteção. Ele disse: "Ó profeta de Deus, perdoe minha ignorância. Deixe que eu me torne muçulmano". O profeta o perdoou.

12. Wahshi ibn Harb, responsável pela morte de Hamzah, tio do profeta. Percebendo que os muçulmanos o matariam se o encontrassem, ele fugiu de Meca para Ta'if. Depois, ele se apresentou ao profeta para aceitar o Islam. O profeta o aceitou no Islam e o perdoou. Então, ele se juntou à luta contra o falso profeta Musaylimah durante o califado de Abu

Bakr. He finalmente assassinou Musaylimah com a mesma arma que martirizou Hamzah.

13. Ka'b ibn Zuhayr, um famoso poeta que escrevia poemas xingando o profeta. Ele fugiu de Meca quando a cidade foi conquistada e sua execução ordenada. Mas ele foi para Medina, pediu perdão e implorou ao profeta que aceitasse sua fidelidade. O profeta assim fez, presenteando Ka'b com seu manto.

14. Harith ibn Talatil, um poeta que escarnecia do profeta por meio de sua poesia. Os muçulmanos foram autorizados a matá-lo e 'Ali o executou.

15. 'Abdullah ibn Zib'ari, mais um poeta que expressava seu desprezo pelo profeta em versos. Quando o profeta ordenou que ele fosse morto, ele fugiu para Najran. Posteriormente, ele foi até o profeta, se arrependeu e aceitou o Islam. O profeta o perdoou.

16. Hubayrah ibn Abi Wahab Makhzumi, também poeta, costumava zombar da missão do profeta. Ele também estava na lista dos que seriam executados. Ele fugiu para Najran, onde morreu como infiel.

17. Hind bint 'Utbah, esposa de Abu Sufyan. Seu ódio pelo Islam era tão grande que era arrancou o coração de Hamzah na Batalha de Uhud e mastigou um pedaço. Ela também seria executada mas foi até o profeta pedindo perdão e aceitou o Islam. Após o profeta perdoá-la, ela quebrou todos os ídolos em sua casa, dizendo: "Verdadeiramente, vocês nos desviaram".

Fica claro, então, que todos os dezessete homens e mulheres que foram sentenciados a morte após a Conquista de Meca eram culpados de crimes específicos. Mesmo assim, quem deles pediu perdão ou o perdão foi pedido para eles, foi perdoado. Nenhum dos que pediram clemência foi morto. Onze dos dezessete sentenciados a morte foram perdoados diretamente ou por um mediador. Cinco pessoas não apelaram e foram executadas. Um fugiu de Meca e morreu um morte natural em uma terra distante.

Na sequência da Conquista de Meca, como é possível que o profeta perdoasse pessoas que eram culpadas aos olhos de Deus? Quando Fatimah, que pertencia à tribo de Banu Makhzum, cometeu roubo, seus amigos e parentes temeram que a mão dela fosse cortada. Eles foram até Usamah ibn Zayd que, eles pensavam, sendo um aliado próximo ao profeta, estaria em posição de garantir a ela uma forma de escapar da punição. Usamah foi até o profeta e apelou e pediu clemência por Fatima Makhzumi. O profeta ficou visivelmente irritado quando ouviu as palavras de Usamah. Ele perguntou: “Você está tentando me persuadir dos limites que Deus determinou?”. O profeta então reuniu o povo e fez um discurso: “Se minha filha Fatimah roubasse, eu certamente cortaria sua mão”. Fatimah Makhzumi recebeu a devida punição, após o que ela se arrependeu e se tornou correta e devota<sup>157</sup>.

Isso mostra que ninguém pode perdoar os injustos quando Deus prescreve uma punição. Como então o profeta perdoou as pessoas magnanimamente após a Conquista de

Meca? A razão era que havia uma diferença entre crimes de guerra e crimes cometido em circunstâncias normais. As pessoas não podem ser redimidas da punição pelos crimes desse tipo. Os crimes cometidos em época de guerra, por sua vez, podem ser perdoados quando seus perpetradores renunciam ao antagonismo e buscam clemência. Crimes cometidos em circunstâncias normais são anulados quando a punição de Deus é aplicada, enquanto crimes de guerra são neutralizados através da rendição e da apelação por clemência. Os inimigos do Islam na Arábia tinha cometido os crimes mais hediondos contra os muçulmanos. Mesmo assim, o Alcorão anunciou que o que tinha acontecido antes seria perdoado se eles se arrependessem<sup>158</sup>. Além disso. Se o inimigo intenta a paz, a paz deve ser estabelecida, mesmo que haja o risco de os termos de paz serem violados.

E se eles se inclinam à paz, inclina-te também a ela e confia em Deus. Por certo, Ele é O Oniouvinte, O Onisciente. E se desejam enganar-te, por certo, Deus bastar-te-á. Ele é Quem te amparou com Seu socorro e com os crentes.<sup>159</sup>

Um dos que foram sentenciados a morte e depois foram perdoados foi 'Ikrimah ibn Abi Jahl. Junto com seu pai, ele tinha sido um adversário ativo do Islam e tinha sujeitado o profeta e seus companheiros a todas as formas de perseguição. Ainda assim, quando veio a notícia de que 'Ikrimah estava chegando para aceitar o Islam, o profeta disse a seus companheiros para não insultarem o pai de 'Ikrimah “pois o xingamento dos mortos machuca os vivos”.

Após a Conquista de Meca, tal magnanimidade transformou os inimigos mais implacáveis do Islam em fiéis guardiões da fé.

# PARTE TRÈS



## O ENCERRAMENTO DA PROFECIA

**N**os primeiros anos da missão do Profeta Muhammad, perguntaram a um homem que tinha ido até Meca para a peregrinação, ao retornar para seu país, quais eram as novidades em Meca. “Muhammad alegou profecia”, ele respondeu, mas a única pessoa que tinha algum destaque e que tinha se tornado um seguidor seu era Abu Qahafah (Abu Bakr). A partir dessa resposta, já se pode dizer o que as pessoas pensavam do Profeta no ano 610, quando ele iniciou sua missão. Naquela época, seus opositores se referiam a ele como um jovem da vila, chamavam-no Ibn Abi Kabshah (filho de um pai adotivo), para ridicularizá-lo. Por outro lado, aqueles que preferiam ser mais educados o chamavam de “um jovem dos coraixitas”.

Era assim que se referiam ao Profeta durante sua vida. Agora, séculos depois, as coisas mudaram. A profecia de Muhammad não é mais motivo de controvérsia; ela é um fato. Quando se pensa no Profeta Muhammad, vem-se à mente uma grande personalidade histórica, que vem sendo objeto de discussão há gerações ao longo dos últimos 1500 anos. Se essa história fosse tirada do Profeta do Islam, ele voltaria a ser Ibn Abu Kabshah aos olhos dos homens. Se isso acontecesse, não restaria uma sombra de dúvida de que o número de muçulmanos no mundo hoje seria

contado às dezenas e não às centenas de milhões. É um desafio reconhecer um profeta de Deus quando ele aparece disfarçado de Ibn Abi Kabshah.

Por outro lado, aceitar aquele que se tornou uma personalidade histórica concreta é relativamente fácil. O Profeta do Islam agora tinha garantido o que o Alcorão chama de posição de louvável preeminência<sup>160</sup>. Não é de se admirar que o número dos que proclamam seus louvores está na casa dos milhões.

Este fator contribuiu, mais do que qualquer coisa, para a negação dos profetas por seus respectivos povos em épocas anteriores. “Ele é só uma pessoa comum” dizia seu povo. “Até agora, nós o conhecíamos por seu nome. Como ele de repente se tornou um profeta de Deus?”. Sempre que um profeta surge em meio a um povo, surge também essa objeção, que é um impedimento severo à aceitação dos ensinamentos do profeta por seus contemporâneos.

Na época em que apareceram, todos os profetas foram recebidos com suspeita e ascetismo. A barreira psicológica que impedia as pessoas de acreditarem em alguém que, aos seus olhos, parecia com qualquer pessoa, provou ser intransponível para a maioria das pessoas. Porém, quando elas falhavam em acreditar nos profetas, elas eram punidas de acordo com a lei de Deus.

Agora Deus tinha decidido enviar um profeta que quebraria essa barreira. Não haveria espaço para dúvidas sobre se a alegação da profecia ser genuína ou ser resultado de uma

ambição excessivamente zelosa. Ele assumiria seu lugar na história como um profeta de Deus. Seu nome se destacaria nos mares do tempo, como um farol iluminando a crença para as pessoas. Não haveria dificuldade para as pessoas o reconhecerem como um profeta de Deus, crerem nele e ganharem um pouco das bênçãos eternas de Deus.

Há diversas tradições de acordo com as quais é relatado que o Profeta disse que seus seguidores seriam mais numerosos do que os de qualquer outro profeta. Após Muhammad, não haveria nenhum outro profeta. Nunca mais seus seguidores teriam de escolher entre a crença e a incredulidade. Eles continuariam a crescer em número até o Último Dia.

Um olhar para a história israelita vai ajudar a ilustrar essa questão. Os judeus que viviam na época de Jesus acreditavam na lei de Deus revelada a Moisés. Ainda assim, quando um novo profeta – Jesus, filho de Maria – surgiu dentre eles, eles o renegaram. Eles continuaram a acreditar em seu profeta histórico e se recusaram a acreditar no profeta de sua época. 700 anos mais tarde, o Profeta da Arábia foi enviado para o mundo. Nessa época, o número de cristãos no mundo inteiro tinha aumentado consideravelmente. No entanto, a história iria se repetir. Os cristãos não estavam preparados para acreditar em um profeta ismaelita em vez de um profeta israelita. Novamente, eles mantiveram sua crença em um profeta historicamente estabelecido – Jesus – mas não acreditaram em um contemporâneo – Muhammad. Com exceção de alguns cristãos que aceitaram o Islam, aqueles que tinham sido crentes em Jesus se tornaram descrentes em seu sucessor.

Graças ao término da profecia, os seguidores de Muhammad jamais terão de escolher entre um profeta antigo e um moderno. Jamais – pelo menos neste mundo – eles serão forçados a optar pelo velho em vez do novo – algo recorrente na comunidade de um profeta histórico quando um profeta contemporâneo os visita. A instalação do Profeta Muhammad no ápice da história, no que o Alcorão chama de posição de louvável preeminência<sup>161</sup>, contribui com ele ser “uma misericórdia para os mundos”<sup>162</sup>. Historicamente, a posição de Muhammad como um Profeta de Deus não pode ser questionada. Essa é a natureza de sua posição de louvável preeminência neste mundo. No Dia da Ressurreição, ela se manifestará como um favor divino especial conferido a ele.

Seria um erro pensar que a elevação do Profeta Muhammad a tal ponto foi uma simples questão de seletividade. Ao contrário, foi para trazer uma revolução na história humana. Sendo assim, somente um indivíduo do mais alto calibre moral, somente alguém capaz de realizar feitos púnicos de sacrifício pessoal e retidão poderia ser considerado a escolha certa. Para essa tarefa, o Senhor viu que caberia aí a convocação de Muhammad:

Ó agasalhado! Levante-te e admoesta os incrêus.  
E a teu Senhor, magnifica-O. E a teus trajés,  
purifica-os. E ao abominável, abandona-o. E não  
faças mercê, esperando receber mais. E quanto à  
determinação de teu Senhor, paciente. <sup>163</sup>

A grande alma do “agasalhado” atendeu à convocação e participou do plano divino dedicando-se com todo o

coração, apesar das muitas provações e tribulações antes que se completasse a missão profética que seria uma misericórdia para os mundos. A repetida vinda de profetas ao mundo, um após o outro, foi um teste severo para a humanidade. Agora, essa era tinha passado e haveria então um só profeta reconhecido para todas as épocas, permitindo que as pessoas entrassem na esfera na misericórdia de Deus em uma procissão sem fim.

Com a escolha de Deus por Muhammad, a profecia recebeu credibilidade histórica. Isso significou que nenhum outro profeta precisaria ser enviado ao mundo no futuro. Mas a profecia não era meramente uma questão de proclamação divina. Certas condições tinham que ser atendidas antes que ela pudesse acontecer. Primeiramente, as ordens de Deus relativas a todos os aspectos da vida humana precisavam ser reveladas. E isso foi devidamente cumprido conforme afirma o Alcorão: “...Ele é Quem fez descer para vós o Livro aclarado”<sup>164</sup>. Em segundo lugar, era preciso apresentar um padrão perfeito à humanidade. O Profeta Muhammad forneceu à humanidade um “belo paradigma”<sup>165</sup> e essa condição foi atendida. Terceiro, tinha de haver um arranjo para a preservação permanente do Alcorão. Essa tarefa Deus Todo-Poderoso assumiu: “Por certo, Nós fizemos descer o Alcorão e, por certo, dele somos Custódio”<sup>166</sup>.

A maneira de Deus enviar os profetas anteriores era enviá-los com milagres e sinais específicos. Os profetas, por sua vez, não deixaram uma pedra sem ser revirada para cumprirem sua tarefa de transmitir a palavra de Deus a

seus respectivos povos. No processo, a realização de atos maravilhosos provava que Deus os havia enviado. Se as pessoas não acreditassem neles mêm com tudo isso, então não havia mais nada que os profetas pudessem fazer. Aí seria a vez dos anjos de Deus entrarem em cena, trazendo o castigo para os incrédulos.

No entanto, com o último profeta, foi decidido que as pessoas a quem ele se dirigisse não seriam sujeitadas a essa forma de punição divina. Em vez disso, foi dito ao profeta e seus companheiros que os muçulmanos puniriam aqueles que não acreditassem e que atacassem o Islam<sup>167</sup>. Em outras palavras, as tarefas que eram antes realizadas pelos anjos seriam agora cumpridas pelas mãos dos homens.

Foi devido a esse veredito divino que mesmo após a migração e após ter transmitido completamente a palavra de Deus a eles, até que não houvesse mais meios racionais de negação, e ainda assim, diferentemente dos povos anteriores, eles não foram acometidos por nenhuma manifestação da ira de Deus. Em vez disso, o profeta e seus companheiros tiveram de confrontá-los no campo de batalha. O socorro de Deus auxiliou os crentes contra seus inimigos e eles saíram vitoriosos. E foi assim que a religião de Deus foi estabelecida na Península Árabe em forma de Estado.

É a forma de Deus de revelar Suas ordens no contexto de circunstâncias relevantes. Uma vez que a religião que o profeta deixou para o mundo tinha que ser completa em cada detalhe, assim também sua missão tinha que abranger todos os aspectos da vida humana. Somente assim se estabeleceria

para as gerações posteriores um padrão correto de vida que tratasse dos assuntos de interesse individual e coletivo. Enquanto os muçulmanos continuavam empenhados em neutralizar os não muçulmanos que se recusavam a crer e que os atacavam, a concessão da revelação de Deus se aproximava de sua conclusão. As ordens referentes às diferentes situações estavam sendo revelados, não todas ao mesmo tempo, mas gradualmente, de acordo com as condições prevalecentes. Então, a decisão de que os incrédulos fossem punidos pelas mãos dos muçulmanos e não dos anjos foi uma parte essencial na conclusão da *Shari'ah*, pois somente se o profeta passasse por todas as formas de situações humanas ele seria capaz de exibir todas as faces da vida islâmica. O curso que os eventos tomaram permitiu ao profeta mostrar como viver em casa, como se portar no campo de batalha e em uma posição de poder. O modelo que ele deixou para as gerações futuras abrange todos os aspectos da vida e permanece preservado até a chegada do Último Dia.

A provisão de Deus para o encerramento da profecia também provocou circunstâncias que conduziram à preservação do Alcorão, a palavra de Deus revelada. Se as escrituras anteriores não tivessem sido preservadas em sua forma original, nenhum poder protetivo teria surgido para salvaguardá-las. Mas o profeta e seus companheiros lutaram contra seus adversários e estabeleceram o governo islâmico em uma porção substancial do globo para que o Livro de Deus estivesse protegido, sendo garantida sua imunidade

frente a todas as tentativas de alterá-lo ou destruí-lo. O Alcorão foi preservado desta maneira por mil anos, com uma geração o passando para a próxima debaixo da asa protetora do governo islâmico. Depois, a humanidade entrou na era da imprensa, e aí não havia mais nenhum perigo de o Alcorão ser destruído.

Seria um erro pensar que tudo isso foi alcançado de forma fácil. Para estabelecer o Islam como religião predominante e assim garantir a preservação do Livro de Deus, o profeta e seus companheiros tiveram que sofrer tormentos de intensidade insuportável. Os pagãos queriam ver milagres. O profeta também teria gostado de poder ter produzido os sinais milagrosos de sua profecia. Mas não era para ser. Em vez disso, o caráter e o proceder do Profeta tiveram de substituir os milagres. Os opositores do Profeta não receberam a visita de nenhuma punição celestial ou terrestre de Deus, como foi o caso com aqueles que negaram os profetas anteriores. Em vez disso, o profeta e seus companheiros tiveram que eles mesmos fazer o que terremotos e vulcões fizeram anteriormente fizeram para punir os incrédulos.

O Livro de Deus não foi revelado todo de uma só vez. O período da revelação se estendeu por cerca de 23 anos. Durante esse período, os muçulmanos, sob a liderança do Profeta, tiveram que atravessar todos os ruis profundos e escalar cada montanha da vida para mapearem completamente o caminho que Deus desejou que Seus servos sigam.

As provações pelas quais o profeta e seus companheiros passaram durante esse período chegaram à mais alta intensidade, que o Alcorão chamou de “veemente estremecimento”<sup>168</sup>. Foi dada ao profeta uma diretiva árdua de não se comprometer com seus opressores<sup>169</sup>. Por mais difíceis que fossem as circunstâncias, ele e seus companheiros não tiveram licença para “ficar para trás”<sup>170</sup> perante a convocação de Deus. As esposas do profeta, se exigissem mais de suas refeições ao dia, recebiam aviso de escolher entre “a vida terrena e seus ornamentos” ou Deus e Seu Mensageiro<sup>171</sup>.

Estabelecer a profecia, que se tornaria objeto de “louvor e glória”, foi o projeto mais perigoso em todos os anais da história humana. Mesmo o profeta foi forçado a admitir que ele tinha sido perseguido “como nenhum outro profeta” tinha sido antes. Nas palavras de sua esposa ‘Aisha, ele ficou “destruído” pelo tratamento dispensado a ele apesar de ele e seus companheiros terem recusado para si os confortos, até mesmo a satisfação das necessidades da vida, para fazer da profecia de Muhammad “uma misericórdia para os mundos”.

Esse é o grande favor que o profeta Muhammad concedeu à raça humana. Por causa disso, seus seguidores foram intimados a invocar paz e bênçãos sobre ele até o fim dos tempos. Sua família e seus companheiros também se incluem nessa prece, pois eles ficaram junto ao profeta na felicidade e na adversidade, permanecendo com ele ao longo das aflições mais exaustivas. Naturalmente aqueles

que reconhecem o favor do Profeta do Islam deveriam expressar sua gratidão a ele. A paz e bênçãos que os muçulmanos invocam sobre o profeta são uma expressão de gratidão em forma de oração. Como o profeta disse: “É miserável aquele que ouve a menção do meu nome e não invoca que a paz e as bênçãos estejam sobre mim”<sup>172</sup>.

## O ALCORÃO – O MILAGRE CONCEDIDO AO PROFETA

**T**odo profeta recebeu um milagre, um sinal. O milagre do Profeta do Islam é o Alcorão. A profecia de Muhammad tinha que ser válida até o Último Dia. Portanto, era imperativo que o seu milagre também fosse um que durasse por todo o tempo. O Alcorão, então, foi designado ao profeta como seu milagre eterno.

Os opositores do profeta exigiram milagres como aqueles que foram realizados pelos profetas anteriores, mas o Alcorão afirmou claramente que aqueles milagres não aconteceriam<sup>173</sup>. O Alcorão disse isso ao profeta:

E se te é grave que eles deem de ombros, então, se puderdes buscar um túnel na terra ou uma escada no céu e fazer-lhes chegar um sinal, para que creiam, faze-o. E se Allah quisesse, juntá-los-ia na orientação. Não sejas, pois, de modo algum, dos ignorantes.<sup>174</sup>

Em vez disso, o Livro de Deus revelado foi feito como milagre do profeta:

E eles dizem: “Que se faça descer sobre ele sinais de seu Senhor!”. Dize, Muhammad: “Os sinais estão, apenas, junto de Allah, e sou apenas evidente admoestador”. E não lhes basta que façamos descer

sobre ti o Livro que se recita para eles? Por certo nisso há misericórdia e lembrança para um povo que crê.<sup>175</sup>

Há muitos aspectos diferentes da natureza milagrosa do Alcorão. Porém, vamos nos concentrar aqui em apenas três:

1. O idioma do Alcorão – o árabe – diferente nas línguas internacionais, vem permanecendo uma forma viva de comunicação ao longo das eras.
2. O Alcorão é único dentre as escrituras divinas cujo texto permaneceu intacto em sua forma original.
3. O Alcorão desafiou quem duvidou dele a produzir um livro parecido. Mas infelizmente ninguém foi capaz de superar esse desafio e produzir qualquer coisa comparável ao Livro de Deus.

Os idiomas nos quais todas as escrituras antigas foram reveladas ficaram trancados nos arquivos da história. A única exceção é o árabe, o idioma do Alcorão, que ainda é usado no mundo hoje. Milhões de pessoas ainda falam e escrevem o idioma no qual o Alcorão foi revelado há quase 1500. Isso fornece uma prova assombrosa da natureza milagrosa do Alcorão, pois não há nenhum livro na história que tenha sido capaz de impactar seu idioma. Nenhum outro livro moldou todo um idioma de acordo com seu estilo e depois o manteve em tal forma ao longo dos séculos.

Veja o exemplo do *Injil*, conhecido como Novo Testamento, do qual a cópia mais antiga está em grego e não em aramaico, que era o idioma que, acredita-se, era falado por

Jesus. Isso significa que nós possuímos apenas um relato traduzido do que o profeta Jesus disse e fez, e isso também em grego antigo, que é consideravelmente diferente do grego moderno. Ao final do séc. XIX, a língua grega mudou tanto que o significado de pelo menos 550 palavras no Novo Testamento – cerca de 12% do texto inteiro – ficou comprometido. Naquela época, um erudito alemão, Adolf Deissman, descobriu alguns pergaminhos antigos no Egito. A partir dele surgiu o grego bíblico, que na verdade era uma versão coloquial do grego clássico. Esse idioma era falado na Palestina durante o primeiro século da era cristã. Deissman conseguiu atribuir significados a alguns das palavras desconhecidas, mas restaram outras 50 palavras cujos significados permanecem desconhecidos<sup>176</sup>.

Ernest Renan (1823-1894) realizou uma extensa pesquisa sobre as línguas semíticas. Ele escreveu um livro sobre os vocabulários semíticos, no qual ele disse o seguinte sobre a língua árabe:

“A língua árabe é a realização mais impressionante da história humana. Desconhecida durante o período clássico, ela surgiu de repente como uma língua completa. Após isso, ela não passou por nenhuma alteração notável, então não se pode definir para ela um estágio inicial ou tardio. Ela é hoje assim como era antes quando primeiro surgiu”.<sup>177</sup>

Ao reconhecer essa “realização mais impressionante da história humana”, Renan, um orientalista francês, está na

verdade reconhecendo a natureza milagrosa do Alcorão. Foi o estilo literário fenomenal do Alcorão que preservou a língua árabe da alteração, diferente do que aconteceu com outras línguas. O cristão Jurgi Zaydan (1861-1914) é um dos estudiosos que admitiram esse fato. Em um livro sobre literatura árabe ele escreveu:

“Nenhum livro religioso teve tanto impacto na língua em que foi escrito como o Alcorão teve na literatura árabe”.<sup>178</sup>

As línguas do mundo mudaram tanto ao longo do tempo que nenhum especialista em qualquer língua moderna é capaz de entender sua forma antiga sem o auxílio de um dicionário. Há duas causas principais para a alteração de uma língua: perturbações da ordem social de uma nação e o desenvolvimento da literatura em tal língua. Ao longo dos séculos, esses fatores influenciaram a língua árabe assim como outras línguas. A diferença é que eles não conseguiram mudar a estrutura da língua árabe. O árabe que é falado hoje é o mesmo que era falado em Meca quando o Alcorão foi revelado. A *Ilíada* de Homero (850 a.C.), *Ramáiana* de Tulásidas (1623 d.C.) e os dramas de Shakespeare (1564-1616) são considerados obras-primas da literatura de suas respectivas línguas. Eles foram lidos e apresentados continuamente desde a época em que foram escritos até os dias atuais. Mas nem seu valor literário nem sua forma foram capazes de impedir que as línguas em que foram escritos fossem alteradas. O grego de Homero, o sânscrito de Tulásidas e mesmo o inglês de Shakespeare são

agora línguas clássicas e não línguas modernas.

O Alcorão é o único livro que moldou uma língua e a manteve no mesmo formato com o passar dos anos. Houve diversas agitações políticas e intelectuais nos países árabes, mas a língua árabe permaneceu como era quando o Alcorão foi revelado. Nenhuma mudança na ordem social árabe conseguiu alterar qualquer aspecto da língua árabe. Esse fato é um a clara indicação de que o Alcorão é advindo de uma fonte sobrenatural. Ninguém precisa pesquisar a fundo na história dos últimos 1500 anos para ver a natureza milagrosa do livro revelado ao Profeta Muhammad.

## Perturbações Sociais

O exemplo do latim mostra como as perturbações sociais afetam as línguas. Embora em época não distante a Itália tenha se tornado o centro do latim, tal língua não era produto original do país. Mais ou menos no séc. XII a.C., durante a Idade do Ferro, muitas tribos da Europa Central se espalharam por regiões em seu entorno. Algumas delas, principalmente as tribos dos Alpes, adentraram a Itália e se estabeleceram dentro e em volta de Roma. Sua própria língua se misturou com a de Roma, e foi assim que o latim se formou. No séc. III a.C., Livius Andronicus traduziu alguns contos e dramas gregos para o latim, tornando-o assim uma língua literária. O Império Romano foi estabelecido no primeiro século d.C. e o latim se tornou a língua oficial. A força do latim foi ainda mais enfatizada com a difusão do cristianismo. Com o apoio de instituições políticas e

religiosas e de forças sociais e econômicas, o latim continuou a se espalhar até que por fim chegou a dominar quase toda a Europa antiga. Na época de Agostinho de Hipona, o latim estava em seu ápice, e foi considerado o principal idioma internacional até a Idade Média.

O séc. VIII d.C. foi a época das conquistas muçulmanas. Os romanos foram forçados a se refugiar em Constantinopla, que se tornou a capital da metade oriental do Império, até que em 1453 os turcos tomaram Constantinopla e baniram os romanos de sua última fortaleza. A queda do Império Romano fez com que várias línguas florescessem, notadamente o francês, o italiano, o espanhol e o português. O latim teve uma forte influência em todas essas línguas, sendo a língua de origem delas, mas em si sobreviveu somente como língua oficial da Igreja Católica Romana. Não sendo mais uma língua viva, passou a gerar interesse apenas histórico, apesar de ainda continuar a fornecer as bases linguísticas de termos técnicos, legais e científicos. Sem um bom entendimento do latim, por exemplo, não é possível ler *Principia*, de Newton, no original.

Toda língua clássica seguiu o mesmo padrão, mudando no compasso das circunstâncias sociais, até que, por fim, a língua original deu lugar a outra, completamente modificada. Integração étnica, revoluções políticas e choques culturais sempre deixaram uma marca profunda nas línguas afetadas. Esses fatores influenciaram a língua árabe por cerca de 1500 anos, mas surpreendentemente ela permaneceu intacta. Essa

extraordinária resiliência da língua árabe se deve puramente ao “feitiço milagroso” que o Alcorão lançou sobre ela.

Em 70 d.C. algumas tribos judaicas que saíram da Síria e se estabeleceram em Medina, onde residia a tribo ‘Amaliqa, falante do árabe. Junto com ‘Amaliqa, os judeus adotaram o árabe como língua, mas o árabe falado por eles era diferente do árabe comum, preservando uma forte influência hebraica. Após a vinda do Islam, os árabes se estabeleceram em diversas partes da África e da Ásia, onde outras línguas, além do árabe, eram faladas. Porém, sua mistura com outras raças não teve nenhum efeito na língua dos árabes, que permaneceu em seu estado original.

No primeiro século após a revelação do Alcorão, o árabe foi exposto a uma série de influências que poderiam ter feito o árabe mudar radicalmente. Isso foi quando o Islam se espalhou dentre diversas tribos árabes, que começaram a congregar em cidades muçulmanas maiores. Existia uma variedade de entonação e sotaques dentre as diferentes tribos árabes. De tal forma que Abu ‘Amr ibn al-ula teve que destacar que “a tribo Himyar não fala nosso idioma; seu vocabulário é diferente do nosso”. ‘Umar ibn Khattab certa vez levou ao profeta um árabe que ele havia escutado recitando o Alcorão. O árabe pronunciava as palavras do Alcorão de uma maneira tão estranha que ‘Umar foi incapaz de distinguir qual parte do Livro de Deus ele estava lendo. O profeta uma vez falou a uma delegação de uma tribo árabe, que o estava visitando, no dialeto deles. Pareceu à ‘Ali que o profeta estava falando em uma língua diferente

A principal razão para essa diferença foi a variação do sotaque. Por exemplo, a tribo de Banu Tamim, que vivia no leste de Najd, não conseguia dizer a letra “j” (jiim), pronunciando o “y” (ya) em vez disso. A palavra para “mesquita” (“*masjid*”) era pronunciada por eles como “*masyid*”, e em vez de “*shajarat*” (árvores), eles diziam “*shárat*”. “Q” (letra Qaf) era pronunciada por eles como “j”, chamavam uma ‘*tariq*’ (estrada) de ‘*tarij*, um ‘*sadiq*’ (amigo) de ‘*sadij*, ‘*qadr*’ (valor) ‘*jadr*’ e ‘*qasim*’ (distribuidor) ‘*jasim*’. De acordo com padrões linguísticos normais, a união de tribos que falam dialetos variantes deveria ter provocado um processo de mudança na língua árabe, mas isso não aconteceu. A eloquência suprema da língua do Alcorão preservou o árabe de qualquer transformação do tipo. O que aconteceu, em vez disso, foi explicado pelo Dr. Ahmad Hasan Zayyat:

Após o advento do Islam, a língua árabe não continuou monopolizada por uma nação. Ela se tornou a língua de todos aqueles que adentraram na fé.<sup>179</sup>

Então esses árabes muçulmanos abandonaram sua terra natal, conquistando territórios de Casgar no leste até o Gibraltar no oeste. Persa, copta, beribéri, hebraico, grego, latim, aramaico e siríaco estão entre as línguas faladas pelos povos com quem eles tiveram contato. Algumas dessas nações eram política e culturalmente mais avançadas do que os Árabes. O Iraque, baluarte de uma antiga civilização e centro cultural de maioria das tribos, foi um dos países em

que eles entraram. Eles se misturaram com os iranianos, mestres de um dos dois maiores impérios do mundo. A civilização romana altamente avançada e uma religião cristã em expansão foram duas forças que se chocaram. Dentre os países que eles ocuparam estava a Síria, onde tribos de fenícios, gassânidas, gregos, egípcios e cananeus tinham abandonado tradições marcantes na literatura e na ética. E então teve o Egito, ponto de encontro da filosofia oriental e ocidental. Esses fatores eram suficientes para transformar a língua árabe, como foi o caso com outras línguas expostas a forças parecidas. Mas elas foram ineficazes perante o Alcorão, uma espécie de excelência literária sem paralelo em tal nível que força alguma poderia sobrepujar o domínio da língua na qual ele foi escrito.

Com as conquistas do Islam, o árabe não mais pertencia a um só povo: ele se tornou o idioma de diversas raças e nações.. Quando os ‘Ajamis<sup>180</sup> da Ásia e da África aceitaram o Islam, eles gradualmente adotaram o árabe como sua língua. Naturalmente, esses novos convertidos não eram proficientes em falar a língua dos árabes antigos. Então os árabes, por sua vez, foram afetados pela língua falada por seus novos correligionários. A deterioração da língua árabe foi especialmente evidente de forma geral em cidades cosmopolitas, onde havia maior mistura de raças. Primeiro foram afetadas as massas, aqueles que não davam muita atenção a questões de beleza linguística. Mas a elite cultural também não permaneceu imune. Certa vez, um homem foi até a corte de Ziyad ibn Umayya e lamentou: “Nossos

pais morreram, deixaram filhos pequenos”, dizendo “pais” e “filhos” no caso gramatical incorreto. Erros dessa natureza se tornaram comuns, no entanto a língua árabe continuou sendo essencialmente a mesma. Amparado pela eloquência suprema do Alcorão, o árabe escrito não foi corrompido pela degradação da versão falada. Ele permaneceu no formato do Alcorão.

Para provar a natureza milagrosa do Alcorão, basta olhar para todas as experiências traumáticas pelas quais os árabes passaram nos últimos 1500 anos. Se não fosse pela asa protetora do Alcorão, a língua árabe certamente haveria sido modificada. Porém, o modelo insuperável que foi estabelecido pelo Alcorão permaneceu como marca imutável do árabe padrão.

A queda da dinastia Omíada no segundo século da hégira lançou uma grande ameaça à língua árabe. Os Omíadas foram uma dinastia puramente árabe. Fortes apoiadores do nacionalismo árabe, eles levaram a promoção da literatura e da língua árabe quase que ao ponto da parcialidade. Sua capital estava situada em Damasco, no coração árabe. Em sua época, tanto a administração civil como a militar eram controladas pelas árabes.

Agora os Abássidas assumiam as rédeas do poder. O apoio iraniano tinha trazido o califado para os Abássidas. Era inevitável que os iranianos permanecessem sendo forte influência no governo deles. Essa influência levou a capital a ser transferida para Bagdá, quase na fronteira com a

Pérsia. Os Abássidas deram carta branca aos iranianos nos assuntos dos governos, mas desprezaram os árabes e sua civilização, fazendo esforços consideráveis para enfraquecê-los, diferente dos Omíadas que haviam sempre preferido os árabes para os postos mais altos.

Com o declínio do favoritismo árabe, elementos iranianos, turcos, sírios, bizantinos e beribéris recuperaram o controle de todos os assuntos da sociedade e do estado. Casamentos entre árabes e não árabes tornaram-se algo comum. Com a miscigenação das civilizações Ariana e Semita, a língua e a cultura árabe enfrentaram nova crise. Os netos dos imperadores e senhores da Pérsia rebelaram-se para ressuscitar a civilização de seus antepassados.

Esses eventos afetaram profundamente a língua árabe. O nível que ela havia alcançado na época do poeta Mutanabbi (915-965 d.C.) é expresso nas seguintes frases:

As construções do Irã ultrapassam as demais em beleza tal qual a primavera vence todas as outras estações. Um jovem árabe vai a elas. Seu rosto, suas mãos, sua língua, um estranho em seu meio. Salomão, dizem, conversava com os gênios. Mas se ele fosse visitar os iranianos, precisaria de um tradutor.<sup>181</sup>

Foi somente a grandiosidade literária do Alcorão que impediu o árabe de ser permanentemente marcado por essas perturbações. A língua sempre retornou à sua base corânica, como um navio que após resistir a tempestades passageiras no alto mar retorna a salvo a seu porto.

Durante o reinado do califa Mutawakkil (822-861 d.C.) um grande número de ‘Ajamis – principalmente iranianos e turcos – entraram no território árabe. Em 1258 d.C., o guerreiro mongol Hulagu Cã saqueou Bagdá. Posteriormente, o império islâmico teve mais um revés, quando a Andaluzia foi tomada pelos cristãos. A dinastia Fatímida, que controlava o Egito e a Síria, também não durou muito: por volta de 1070, eles foram substituídos pelos turcos em vastas áreas do território árabe. Depois, o centro do governo islâmico mudou do Cairo para Constantinopla; o idioma oficial passou a ser o turco otomano em vez do árabe, que continuou a absorver diversas palavras e frases estrangeiras.

O mundo árabe passou 550 anos sob o estandarte dos reis ‘Ajamis (não árabes). Governantes persas, turcos e mongóis até tentaram erradicar todos os traços de língua árabe. Bibliotecas árabes foram incendiadas, escolas foram destruídas; os estudiosos da linguística se encontravam em desgraça. Os imperadores otomanos lançaram uma campanha antiárabe, convenientemente chamada de “*Tatrik ul-arab*” (“turquificação” dos árabes) pelo famoso reformador Jamal al-Dim al-Afghani (1838-97d.C.). Mas nenhuma tentativa foi forte o suficiente para infligir qualquer marca permanente na língua árabe. Houve ataques ferozes contra a língua e a literatura árabe, pelos tártaros em Bucara e Bagdá, pelos cruzados na Palestina e na Síria, depois por outros europeus na Andaluzia. De acordo com a história de outras línguas, esses ataques contra a cultura árabe deveriam

ter sido suficientes para erradicar completamente a língua árabe. Era de se esperar que o árabe tivesse seguido o mesmo caminho das outras línguas, misturando-se com outras línguas semíticas. De fato, podemos dizer com sinceridade que se o árabe não tivesse sido alvo da ignorância dos turcos e da discriminação dos persas, teria se tornado a língua falada em todo o mundo muçulmano hoje. Mesmo assim, a própria sobrevivência do mundo árabe foi totalmente devido ao efeito milagroso do Alcorão. A grandiosidade do Alcorão forçou as pessoas a manterem a ligação com a língua árabe. Ela inspirou alguns sábios árabes – Ibn Manzur (1233-1311 d.C.) e Ibn Khaldun (1332-1406 d.C.) são dois que surgem na mente – a produzirem, desafiando o governo de então, obras de grande excelência literária e acadêmica. A entrada de Napoleão no Cairo (1798) inaugurou a era da imprensa no Oriente Médio. A educação se tornou a ordem do dia. A língua árabe ganhou uma injeção de vida. Porém, os séculos de violência que a língua árabe havia recebido deixaram sua marca: em vez do árabe puro, uma mistura de árabe e turco foi estabelecida como língua oficial no Egito e na Síria.

A situação mudou novamente com a ocupação britânica do Egito em 1882. Eles se opuseram ao árabe com toda a força, instituindo a língua inglesa de forma obrigatória nas escolas e eliminando outras línguas do currículo. Foi o mesmo com o francês em outras áreas onde eles haviam tomado o controle. Com os poderes coloniais forçando seus súditos a aprenderem seus respectivos idiomas, o

árabe viveu sob a sombra do inglês e do francês pode cerca de cem anos. Mas ainda assim, permanecia em sua forma original. Certamente, ele assimilou novas palavras – a palavra “*dabbaba*”, significando “tanque”, por exemplo, que era anteriormente usada para se referir a um aríete<sup>4</sup>. Novos estilos de escrita surgiram. Se qualquer um fosse escrever um livro sobre o motivo de as pessoas adotarem o Islam, iria chamá-lo de “*Limaadha aslamna*” (Por que aceitamos o Islam?) ao passo que em tempos mais antigos, preferiam-se os títulos rítmicos e decorativos. Muitas palavras foram adotadas pela língua árabe – a palavra inglesa “*doctor*”, por exemplo. Mas tais mudanças foram apenas na superfície. O árabe em si permaneceu o mesmo, conforme era séculos antes, quando o Alcorão foi revelado.

## Avanço Literário

Veza ou outra aparecem escritores de status excepcional no cenário literário de uma língua. Quando isso ocorre, a língua em que eles escrevem passa por uma mudança, pois suas obras primas literárias influenciam o modo da expressão popular. Desta forma, as línguas estão continuamente atravessando estágios evolutivos, até que finalmente se tornem um tanto diferentes de sua forma original. Com o árabe isso não aconteceu. No princípio da história da língua árabe, o Alcorão fixou um padrão literário que não

---

4 N.T. Um aríete era um tipo de máquina de guerra usada para derrubar muralhas, portões etc. de cidades fortificadas, constituído por um tronco de madeira resistente e por uma ponta de ferro ou outro metal em formato de cabeça de carneiro.

podia ser superado. O árabe manteve seu estilo que havia sido estabelecido pelo Alcorão. Nenhuma obra prima que pudesse se comparar ao Alcorão poderia ser produzida após ele; então o árabe permaneceu moldado na forma daquela sinfonia divina.

Veja o exemplo do inglês. No século VII d.C. ele era apenas um simples dialeto local, não orientado para a expressão do profundo pensamento intelectual. Essa situação perdurou por mais quinhentos anos. Os normandos conquistaram a Inglaterra em 1066; quando Geoffrey Chaucer – fundador da língua – nasceu, em 1340, a língua oficial da corte ainda era o francês. O próprio Chaucer tinha domínio do latim, do francês e do italiano, além do seu inglês nativo. Esse, junto com outros de seus grandes dons intelectuais, possibilitou a ele tornar o inglês uma língua acadêmica. Usando as palavras de Ernest Hauser, ele deu à língua inglesa um “impulso firme” com sua obra “Os contos da Cantuária”. Chaucer transformou um dialeto em uma língua, pavimentando o caminho para o progresso por vir.

Por duzentos anos os escritores e poetas ingleses seguiram as diretrizes de Chaucer. Quando William Shakespeare (1564-1616) surgiu no cenário, o inglês deu mais um passo adiante. Seus dramas e poemas criaram um novo padrão literário, fazendo o inglês marchar ainda mais para frente. A chegada da era científica duzentos anos depois causou um impacto tremendo em todas as camadas da sociedade. A língua agora começava a seguir as determinações da ciência. A prosa se tornou mais popular do que a poesia, expressão

factual mais eficaz do que contar histórias. Dezenas de poetas e escritores, de Jonathan Swift (1667-1745) a T.S. Eliot (1888-1965) foram representantes dessa tendência. Eles foram criadores da era moderna da literatura inglesa pela qual estamos passando agora.

O mesmo se deu com outras línguas. Escritores ou grupos de escritores continuaram surgindo e se tornando mais populares do que seus antecessores. Quando apareciam, conduziam a língua por um novo curso. Por fim, todas as línguas mudaram tanto que se tornou impossível a uma pessoa entender a forma antiga de sua própria língua sem o auxílio de dicionários e comentários.

Só existe uma exceção a essa tendência universal, que é a língua árabe. A afirmação do Alcorão, de que ninguém jamais seria capaz de escrever um livro igual a ele, foi levada ao pé da letra. Para ter mais provas disso, basta olhar para as várias tentativas de se produzir uma obra igual ao Alcorão que foram feitas ao longo dos séculos. Todas as tentativas falharam tristemente. Musaillema ibn Habib, Tulaiha ibn Khuwailid, Nadhr ibn al Harith, Ibn al Rawandi, Abu al Ala al Ma'arri, Ibn al Muqaffa, Al Mutanabbi e muitos outros tentaram, mas seus esforços (como a extraordinária referência de Musaillema à “benção de Deus sobre as mulheres grávidas, extraindo delas uma alegre vida, saída de entre seu estômago e a membrana fetal”<sup>182</sup>) soam ridículos quando comparados à majestade literária do Alcorão.

Mas a maior comprovação da afirmação do Alcorão de que ninguém será capaz de escrever um livro como ele<sup>183</sup> vem

do que Ernest Renan chamou de “milagre linguístico” da língua árabe. Assim como eu outras línguas, os mestres da língua árabe – grandes poetas e escritores – surgiram ao longo do tempo. Mas, nos mais de 1400 anos desde que o Alcorão foi revelado, ninguém foi capaz de produzir uma obra que o superasse. Seu padrão jamais foi melhorado e a língua árabe permaneceu no curso que lhe foi estabelecido pelo Alcorão. Se o Alcorão tivesse sido melhorado, a língua árabe não permaneceria estável. Ela teria recebido um novo impulso e tomado um novo curso.

O impacto que o Alcorão teve na língua árabe é como o de um escritor que produz uma obra prima de excelência literária insuperável bem no início da história da língua. Depois de tal personalidade deixar sua marca, nenhum escritor menor conseguirá mudar a cara da língua. O Alcorão, revelado no árabe de então, foi moldado em uma forma literária mais elevada do que jamais foi visto antes ou depois dele.

Inserindo acréscimos vitais aos modos tradicionais de expressão, o Alcorão abriu as portas para a expansão da língua árabe. O uso da palavra “um” (*ahad*) no 112º capítulo do Alcorão, cujo título é “unicidade”, é um bom exemplo. Anteriormente, ela era usada no caso genitivo para expressar “um de nós”, por exemplo, ou para o “primeiro dia” da semana, Domingo, ou “*yawm al ahad*”. Ela foi usada para negações em geral, como em “*ma ja’ni ahadun*”, ou “nem uma pessoa veio me ver”. Mas ao usar *ahad* como um atributo de Deus Todo-Poderoso, o Alcorão coloca a

palavra em um uso totalmente novo. O Alcorão trouxe o uso de muitas palavras estrangeiras no árabe, por exemplo: *istabraq* do persa, *qaswara* da língua abssínia, *sirat* do grego, *'yamm'* do siríaco, *ghassaq* do turco, *qistas* do latim, *'malakut'* do aramaico e *'kafoor'* do hindi. O Alcorão nos diz (cap. 25 vs 60) que os idólatras de Meca ficaram perplexos com a palavra “*rahman*”. Eles diziam: “O que é esse ‘*rahman*’?”. Isso porque essa palavra não era árabe: ela tem origem nas línguas sabaico e himiarita. Os cristãos do Iêmen e da Abissínia chamavam Deus de “*rahamnan*”. Os mecenos consideravam essa palavra estrangeira quando ela apareceu no Alcorão em forma arabizada. Eles questionaram o que significava “*rahman*”, pois desconheciam sua origem linguística. Cerca de cem palavras não árabes dessa natureza são usadas no Alcorão, oriundas de línguas distantes como persa, latim, língua nabateia, hebraico, siríaco, copta e muitas outras.

Apesar de o Alcorão ter sido revelado majoritariamente na língua dos Coraixitas, as palavras usadas por outras tribos árabes também foram incluídas. Abdullah ibn ‘Abbas, um muçulmano coraixita, ficou intrigado quando a palavra “*fatir*” apareceu no Alcorão: “Eu não conhecia o que a expressão ‘Originador dos céus e da terra’ significava”, explicou ele. “Então, eu ouvi um árabe dizer que ele tinha ‘originado’ também, quando ele tinha começado a cavar, e eu soube o que ‘*fatir*’ significava”. Abu Huraira disse que ele nunca tinha ouvido a palavra ‘*sikkin*’ até que ele a ouviu no capítulo de José no Alcorão. “Nós sempre chamamos faca de ‘*mudiya*’”, disse ele.

Como apontou Jalaluddin Suyuti em seu livro *Al-Itqan*, muitas palavras eram pronunciadas de formas diferentes pelas várias tribos árabes. O Alcorão pegou algumas dessas palavras e as usou em suas formas mais refinadas. Os coraixitas, por exemplo, usavam a palavra “*a’ata*” para “ele deu”, enquanto os himiaritas pronunciavam-na “*anta*”. O Alcorão preferiu “*a’ata*” em vez de “*anta*”. Da mesma forma escolheu “*asabi*” em vez de “*shanatir*” e “*dhi’b*” em vez de “*kata*”. A tendência geral de preferir formas coraixitas foi às vezes revertida, como na frase “*layalitikum min a’amalikum*” ou “nada será retirado de suas ações”, que foi emprestado do dialeto de Bani’ Abbas

Ao conceder nova profundidade e beleza a palavras e expressões do árabe antigo, o Alcorão estabeleceu um padrão de excelência literária que nenhum escritor futuro poderia melhorar. Além disso, ele revisou certas metáforas, rephraseando-as de um modo mais eloquente do que já havia sido ouvido antes. Foi assim que um antigo poeta árabe descreveu a impermanência do mundo:

Mesmo que ele desfrute de um longo período de vida segura, o filho de toda mãe será carregado em um caixão.

O Alcorão coloca a mesma ideia nas palavras pungentemente sucintas: “Toda alma experimentará a morte”<sup>184</sup>. A matança e a pilhagem constituíam um grande problema na antiga Arábia. Certas frases tinham sido cunhadas para expressar a ideia de que apenas a matança pode colocar um fim à matança, e essas eram consideradas altamente

eloquentes na época pré-islâmica. “Matar alguém é dar vida ao todo”, disse alguém. “Matem mais, para que possa haver menos morte” e “A matança coloca fim na matança”, são alguns exemplos. O Alcorão expressou essa ideia nestas palavras: “E no talião há vida para vós, ó dotados de discernimento”<sup>185</sup>.

Na época pré-islâmica, a poesia tinha uma posição de importância no árabe, assim como em outras línguas do mundo. A expressão poética das ideias tinha uma posição de destaque no cenário literário. O Alcorão, no entanto, saiu desse caminho batido e usou a prosa em vez da poesia. Isso em si é prova de que o Alcorão veio de Deus, pois no século VII d.C., somente Deus – que conhece o futuro assim como conhece o passado – poderia saber que a prosa, e não a poesia, seria escolhida como meio para a escritura divina que duraria por todo o tempo. O Alcorão se dirigia às gerações futuras, e logo a poesia se tornaria menos importante como meio de comunicação em massa. A linguagem retórica também estava em voga antes do Alcorão, mas pela primeira vez na história literária, o Alcorão introduziu o estilo factual em vez do retórico. Os assuntos mais famosos tratados na literatura anteriormente eram as façanhas militares e românticas. O Alcorão, ao contrário, continha um espectro mais abrangente, incluindo em seu escopo assuntos de importância ética, legal, científica, psicológica, econômica, política e histórica. Em épocas antigas, as parábolas eram um modo popular de expressão. Aqui também o Alcorão pisou em terreno novo, adotando um método mais direto de dizer as coisas. O método do raciocínio empregado no

Alcorão também foi consideravelmente diferente daquele usado em épocas pré-corânicas. Enquanto tudo que o mundo conhecia antes eram provas puramente teóricas e analógicas, o Alcorão introduziu o raciocínio empírico e científico. E para coroar todas essas conquistas, o Alcorão expressou tudo isso em um estilo literário refinado, que se provaram imperecíveis em tempos por vir.

Havia um ditado árabe que dizia: “o poema mais doce é aquele que tem mais mentiras”. O Alcorão modificou isso, introduzindo um novo modo articulado de se expressar (cap. 55 vs 4) baseado em fatos verificáveis em vez de fábulas hipotéticas. Agora o árabe seguia o Alcorão. A literatura árabe pré-islâmica foi registrada e compilada, tendo em mente a preservação e o entendimento da língua do Alcorão. Grandes departamentos de aprendizado, facilitando o entendimento do Alcorão e explicando suas ordens e proibições, passaram a existir. O aprendizado da gramática árabe, sua sintaxe e etimologia, tradições e teologia islâmica, assim como estudos corânicos, tinham o objetivo de nos ajudar a entender a mensagem do Alcorão. Mesmo os assuntos de história e geografia foram inicialmente considerados como parte da tentativa dos árabes de entender e praticar os ensinamentos do Alcorão. Não há nenhum outro exemplo na história do mundo de qualquer outro livro que tenha tudo um impacto tão grande em um povo e em sua língua.

O Alcorão ficou conhecido como uma esplêndida obra prima literária através do desenvolvimento e do aperfeiçoamento

da língua árabe. Qualquer um que conheça o árabe pode apreciar a qualidade única do estilo do Alcorão se comparado ao de qualquer outra obra da literatura árabe. O Alcorão foi escrito em um estilo divino diferente de qualquer coisa a que os humanos possam almejar. Nós vamos encerrar este capítulo relatando uma história que demonstra claramente a diferença entre a obra de Deus e a do homem. Retirado do comentário do Alcorão do Sheikh Tantawi:

“Em 13 de junho de 1932, eu conheci um escritor egípcio, Kamil Gilani, que me contou uma história impressionante. Um dia ele estava com um orientalista americano chamado Finkle, com quem ele tinha um profundo relacionamento intelectual. “Diga-me, você ainda é um dos que consideram o Alcorão um milagre?”, sussurrou Finkle no ouvido de Gilani, acrescentando uma risada que indicava que ele ridicularizava essa crença. Ele pensava que os muçulmanos só podiam ter essa crença se tivessem fé cega. Ela não poderia ser baseada em nenhum raciocínio sólido e objetivo. Pensando que tinha conseguido atirar bem no alvo, Finkle estava visivelmente satisfeito consigo. Vendo essa atitude, Gilani também começou a rir. Ele disse: “Antes de emitir qualquer pronunciamento no estilo do Alcorão, deveríamos ver primeiro se podemos produzir qualquer coisa comparável a ele. Só quando empreendermos uma tentativa é que vamos poder dizer de forma conclusiva se os humanos podem produzir algo comparável ao Alcorão ou não”.

Então Gilani convidou Finkle a se juntar a ele para

colocar uma ideia corânica em palavras árabes. A ideia foi: o inferno é extremamente vasto. Finkle concordou e ambos se sentaram com papel e caneta. Juntos, eles criaram cerca de vinte frases em árabe. “*O inferno é extremamente vasto*”, “*o inferno é mais vasto do que vocês podem imaginar*”, “*O intelecto do homem não consegue apreender a vastidão do inferno*” e muitos outros exemplos dessa natureza foram algumas das frases que eles escreveram. Eles tentaram até que não conseguiram pensar em nenhuma outra frase que expressasse essa ideia. Gilani olhou para Finkle triunfante: “Agora que fizemos o nosso melhor, devemos conseguir ver como o Alcorão é superior a todas as obras dos homens”, disse ele. “Como? O Alcorão expressou essa ideia mais eloquentemente?”, questionou Finkle. “Nós somos iguais a crianças pequenas se comparados com o Alcorão”, disse-lhe Gilani. Impressionado, Finkle perguntou o que estava no Alcorão. Gilani recitou este versículo de Surat Qaf: “Um dia, diremos ao inferno: ‘Já estás repleta?’, e ele dirá: ‘Há mais, ainda?’”<sup>186</sup>.

Finkle ficou estarecido ao ouvir esse versículo. Impressionado com a eloquência suprema do Alcorão, ele admitiu abertamente sua derrota: “Você está certo, você está certo”, ele disse, “Eu reconheço a derrota sem restrições”. Gilani respondeu: “Você reconhecer a verdade não é nada estranho, pois você é um homem das letras, bem ciente da importância do estilo na língua”. Esse orientalista em particular era fluente em inglês, alemão, hebraico e árabe, e passou o resto de sua vida estudando a literatura dessas línguas.<sup>187</sup>

## OS COMPANHEIROS DO PROFETA

Os Companheiros do Profeta – *Sahabah* – ficam lado a lado com ele na história assim como ficaram durante sua vida, pois eles foram os eleitos por Deus para auxiliar Seu mensageiro. Eles se uniram a ele em levar a cabo sua missão até o final. Como disse ‘Abdullah ibn Mas’ud: “Deus os escolheu para acompanharem Seu profeta e estabelecerem Sua religião”.

Vamos ver algumas das maiores qualidades dos Companheiros que deram a eles seus lugares na história.

### O Islam era algo que eles amavam

Uma das qualidades dos Companheiros descritas no Alcorão era seu apego à fé<sup>188</sup>, da qual o amor é a maior expressão. É o maior sentimento que podemos ter por alguma coisa, ele substitui tudo o mais em nossos pensamentos. Nossa conduta para com o amado é algo instintivo. Nós sabemos o que fazer e o que não fazer porque desenvolvemos o sentimento natural pelo objeto de nosso amor. Sua alegria e tristeza se tornam nossas. Essa era a intensidade do sentimento que os Companheiros tinham pelo Islam. Eles se alegravam com o sucesso da fé como um pai se alegra quando seu filho está crescendo. Quando o Islam sofria um retrocesso, eles

não descansavam enquanto não o colocassem de volta nos trilhos.

Quando alguém se associa com uma causa – como os Companheiros e o Islam – ninguém precisa dizer a ele qual deve ser sua conduta. Um entusiasmo sincero mostra o caminho. A pessoa quer dar tudo pelo que ama e coloca seu interesse na causa acima de tudo. Nossas perdas por ela se tornam nossos ganhos e não é possível haver qualquer sentimento de diminuição de nosso valor face às reivindicações da causa. As dificuldades que encontramos ao adotar tal causa são facilmente superadas por causa do fervor com que estamos imbuídos.

Não há nada de extraordinário ou sobrenatural nos Companheiros. Eles eram seres humanos comuns. O que os destacava dentre o resto da humanidade era que o sentimento de amor verdadeiro, que a maioria das pessoas sentiam somente por si mesmas, eles sentiam pela fé no Islam. Eles construíram o futuro do Islam como pessoas comuns constroem seus próprios futuros. Assim como as pessoas colocam seu empenho e riqueza na busca por seus interesses, eles também colocaram tudo de si na busca pelos interesses do Islam. A profundidade de seu apego ao Islam fez com que eles estabelecessem a supremacia da fé.

## Reconhecimento do Profeta no início de tudo

Uma qualidade única dos Companheiros era que eles reconheciam o profeta como seu contemporâneo. É muito difícil identificar e acreditar em um profeta se sua própria

época. Isso pode ser entendido pelo fato de que nenhum grupo, que não o dos Companheiros, conseguiu fazer isso. Em cada estágio da história antiga, os profetas foram renegados e ridicularizados quando apareceram dentre as pessoas. “Vocês fizeram pouco de Meus profetas”, a bíblia diz. Quem eram essas pessoas que “fizeram pouco” dos profetas? Eram os mesmo que acreditavam tanto na profecia como na revelação divina. Elas criaram grandes instituições em nome dos profetas. Foi com grande entusiasmo que elas acrescentaram em seus calendários datas de recordação de vários profetas. Mas foram somente os profetas antigos que elas reverenciavam desta maneira. Quanto aos profetas de sua época, elas os tomaram por objeto de ridicularização escárnio.

Os judeus desacreditaram no profeta Jesus apesar de acreditarem em Moisés. Apesar de sua veneração por Jesus, os cristãos negaram o profeta Muhammad. Mesmo os coraixitas de Meca se orgulhavam de serem herdeiros de Abraão, mas quando o herdeiro do legado profético de Abraão surgiu dentre eles, eles os atacaram e o expulsaram da terra.

Por que houve essa discrepância no tratamento que as pessoas dispensaram aos profetas antigos de um lado e, do outro, aos profetas contemporâneos? A razão era que a força da tradição história apoiava profetas antigos. Eles tinham se tornado parte essencial da herança nacional do povo. As pessoas das gerações posteriores olhavam para os profetas antigos como heróis sagrados, forjadores da identidade

nacional. Poucos resistem à fé quando há o incentivo para crer. Agora, com um profeta contemporâneo, a situação é bem diferente. Sua profecia ainda é uma questão controversa. Um manto de dúvida cerca sua missão. Para crer nele, a pessoa precisa ver além das aparências. Para segui-lo, a pessoa precisa enterrar todos os pensamentos de si mesma. A dúvida prevalece sobre a verdade de sua missão. Sua profecia ainda não recebeu validação da história. Sob essas condições, é um desafio crer em um profeta e participar ativamente de sua missão. Mas foi isso, nada menos, que os Companheiros fizeram: crer em um profeta de seu tempo como se ele fosse um profeta de tempos antigos.

Durante a Batalha das Trincheiras (ano 5 da hégira), Medina estava cercada pelos coraixitas e por todos os clãs árabes que estavam aliados a eles. O cerco se intensificou até que ficou impossível para os muçulmanos conseguirem suprir necessidades básicas da vida. “Muhammad nos prometia que os tesouros de Cosroes e De César seriam nossos, mas agora estamos aqui sem poder aliviar nossas necessidades em paz”. Quando essa batalha aconteceu, a promessa do profeta era exatamente isso, uma promessa, e não estava nada próxima de se cumprir – apesar de afora ser um assunto da história antiga. Não obstante, os Companheiros reconheceram a grandeza do profeta antes de suas promessas se tornarem história. Aqueles que reconheceram sua grandeza hoje o fazem depois do cumprimento de suas promessas, depois de a história colocar nele um selo de grandiosidade. Há um abismo entre esses dois tipos de reconhecimento. Um não

se compara ao outro. Hoje, mesmo os historiadores não muçulmanos foram obrigados a atribuir na história humana uma posição de destaque para o profeta Muhammad. Mas, ao longo de sua vida, o reconhecimento de sua grandiosidade era extremamente difícil, tanto que isso só era feito por aqueles a quem Deus tinha concedido uma graça especial.

### Adesão ao Alcorão quando ele ainda era objeto de controvérsia

A maneira de os Companheiros pregarem a fé eram pegar uma porção revelada do Alcorão e recitá-la para as pessoas. Por esta razão, os Companheiros que foram pregar o Islam em Medina foram chamados de *muqris*, recitadores do Alcorão. Em um ambiente moderno, isso não seria nada extraordinário. Mas se retirarmos 1400 anos de história entre os Companheiros e nós e imaginarmos as condições da época deles, sua ação se mostra grande em uma perspectiva totalmente nova. Naquela época, era algo gigantesca ficar diante das pessoas e recitar o Alcorão, algo que nenhum grupo, a não ser os Companheiros, realizou.

A imagem que vem à mente hoje quando se menciona a palavra “Alcorão” é a de um livro que por 1400 anos estabeleceu sua grandiosidade sem a menor sombra de dúvida. Milhões de pessoas em todo o mundo o aceitam como o Livro de Deus. Manifestar crença no Alcorão se tornou uma questão de orgulho pessoal. No entanto, o Alcorão não possuía esse status na época da revelação. Muitos dos contemporâneos do Companheiros o trataram

como objeto de zombaria. “Nós já ouvimos”, diziam alguns sobre o Alcorão. “Se quiséssemos, haveríamos dito algo igual a isso; isso não são senão fábulas dos antepassados”<sup>189</sup>. “E dizem: ‘São fábulas dos antepassados que ele pediu fossem escritas; e elas lhe são ditadas ao amanhecer e ao anoitecer’”.<sup>190</sup>

Crer no Alcorão em tais circunstâncias era como ver eventos futuros como se eles já tivessem acontecido. Era preciso visão para enxergar a verdade oculta antes de ela se concretizar diante dos olhos dos homens. Fazer do Alcorão a base da missão de pregação deve ter sido desafiador. E fazer isso com a negação de grandeza pessoal e aceitação da grandiosidade de outro, um cuja grandiosidade ainda não tinha sido aceita pelo mundo! Quando Labid, famoso poeta árabe, aceitou o Islam, ele desistiu de fazer poesia. Quando alguém. Quando alguém lhe perguntou por que tinha feito isso, ele respondeu: “O que? Depois do Alcorão?”. Se um poeta hoje fosse renunciar sua escrita pela mesma razão, receberia grande aclamação e respeito de todos. Ao dizer: “Como posso escrever poemas após o advento do Alcorão?”, ele estava olhando para um Alcorão com uma história gloriosa. Labid disse essas palavras no começo da compilação do Alcorão. Não tem comparação entre reconhecer a grandiosidade de alguma coisa depois de a história lhe dar o manto da majestade e reconhecer antes disso. O Alcorão explicou a diferença com estas palavras:

Não se iguala dentre vós quem despendeu e  
combateu antes da conquista a quem despendeu

e combateu após. Esses têm escalão mais elevado que os que despenderam e combateram após.<sup>191</sup>

## Gasto da riqueza em prol de uma verdade que ainda será estabelecida

O incidente a seguir foi relatado a Ibn Abi Hatim, da autoria de ‘Abdullah ibn Mas’ud. Quando foi revelado o versículo do Alcorão que diz: “Quem empresta bom empréstimo a Allah, Ele o multiplicará e ele terá generoso prêmio”<sup>192</sup>, Abu Dahdah, dos Ansar, perguntou ao profeta se Deus queria que eles “emprestassem um empréstimo”, e o profeta respondeu que sim. Abu Dahdah disse ao profeta: “Me dê sua mão”. O profeta colocou sua mão sobre a de Abu Dahdah e este disse a ele que emprestaria todo o seu pomar (600 tamareiras) a seu Senhor. Sua esposa, Umm Dahdah, estava no pomar com os filhos. Abu Dahdah foi até ela e disse para ela sair pois ele tinha doado o pomar ao Senhor Altíssimo. “Que excelente negócio você fez!” exclamou Umm Dahdah, imediatamente tirando os filhos e seus pertences do pomar. “Quantas árvores exuberantes e carregadas de frutas Abu Dahdah vai ter no Paraíso!” disse o profeta sobre essa doação.

Esse incidente representa um anseio generalizado dentre os Companheiros de doarem suas riquezas em prol da fé. Devemos lembrar que isso aconteceu 1400 anos atrás. Qualquer um que um ato semelhante de caridade em nome de sua religião hoje, muito possivelmente teria grandes honras atribuídas a ele pelos muçulmanos, que se excediam

largamente em seus gastos. Mas as coisas eram bem diferentes na época dos Companheiros. Gastar pela causa da religião naqueles dias seria algo chamado de insanidade pela sociedade. Longe de levar o doador ao ápice da fama, seria como se enterrar em esquecimento. A causa à qual os Companheiros devotaram suas vidas e propriedades estava permeada de dúvida. Ainda não havia evidência histórica acumulada para validá-la. A verdade do Islam ainda não havia sido estabelecida na sociedade em geral. Mesmo assim, os Companheiros doaram suas riquezas pela causa de sua religião naquela época incerta da história islâmica. Agora, mais de 1400 anos depois, a grandiosidade do Islam se tornou um fato, apoiado por séculos de história. O gasto por uma causa que não estava consolidada na sociedade é muito diferente.

## Colocar a própria coroa na cabeça de outra pessoa

Antes de o Profeta migrar para Medina, ‘Abdullah ibn Ubayy se destacava socialmente como líder nato. Seu caráter e inteligência levaram o povo de Medina a escolhê-lo como rei. Eles o consideravam a pessoa certa para acabar com as brigas e conflitos que existiam entre eles há muito tempo. Foi planejada uma cerimônia em que ‘Abdullah ibn Ubayy seria coroado Rei de Medina.

Os preparos para a coroação de ‘Abdullah ibn Ubayy estavam completos quando o Islam surgiu em Medina. O povo de Medina aceitou naturalmente a nova religião e

o Islam ganhou seguidores em cada casa. Uma delegação viajou até Meca, onde eles encontraram o profeta e ouviram de seus lábios os ensinamentos do Islam. A impressão que eles receberam era de que a pessoa que eles precisavam para reinar em sua sociedade não era ‘Abdullah ibn Ubayy mas sim o Profeta Muhammad. Em nome no povo de Medina, eles pediram ao profeta que fosse com eles até sua cidade e assumisse como líder deles. Eles juraram aliança ao profeta em ‘Aqabah, evento que foi um divisor de águas na história islâmica.

Sem contar as grandes consequências históricas, esse ato de aliança foi um feito extraordinário. Foi como se o povo de Medina estivesse tirando a coroa de sua própria cabeça e colocando-a na de um estranho. As pessoas sempre relutaram em ter alguém de fora de sua nação ou tribo como líder; Tal decisão era desconhecida na antiga Arábia. E era ainda mais difícil neste caso, porque o “Muhammad” que eles estavam recebendo não era a grande personalidade histórica que conhecemos hoje. Ele era uma pessoa cujo próprio povo havia expulsado. Ele não só era uma figura controversa, como também era um sem-teto, destituído. O povo de Medina estava entregando tudo a ele, prometendo nada em troca. No séc. XX, nós ouvimos alguns pensadores ocidentais (destacando Bernard Shaw) mencionarem que líder exemplar para o mundo ocidental seria Muhammad. Porém, oferecer algo assim em pleno séc.VI era um assunto totalmente diferente, pois naquela época, as qualidades singulares de liderança que o profeta possuía não estavam gravadas nas páginas da história.

## Percepção das limitações

O profeta costumava se reunir com seus Companheiros quando surgia alguma questão. Após explicar a situação, ele pedia a opinião deles. Apesar de parecer que ele estava consultando todos, o que acontecia era que ele ficava em silêncio por um tempo, depois Abu Bakr levantava e dizia brevemente sua opinião. ‘Umar fazia o mesmo, e assim outros faziam antes de chegarem a uma decisão unânime. As consultas seguiram o mesmo procedimento durante o período de Califado de Abu Bakr. ‘Umar era o primeiro a falar, depois alguns outros davam suas opiniões. Finalmente, a decisão final era aprovada por todos. Somente durante o Califado de ‘Umar, quando havia aumentado o número de muçulmanos que não tinham visto o profeta, começaram as alternações no processo de consulta.

Essa pode parecer ser uma questão simples, mas ela é importante. Ela mostra a humildade dos Companheiros e a consciência de suas falhas e limitações. Tal procedimento pode ser seguido por quem for humilde o suficiente para reconhecer o valor do outro em detrimento do seu próprio. Uma particularidade dos Companheiros era que eles olhavam uns para os outros de forma objetiva como pessoas comuns olham umas às outras.

Devemos lembrar que Abu Bakr e ‘Umar, de quem nós falamos, não eram as personalidades históricas que conhecemos hoje. Era muito mais desafiador reconhecer o valor de Abu Bakr e ‘Umar do que é agora. Os dois homens ainda estavam para ser apreciados quando a história estava

em seu estágio de formação, enquanto nos dias de hoje, nós estamos em posição de avaliá-los com uma retrospectiva histórica. Para os Companheiros, eles eram apenas dois em número; para nós, eles se tornaram dois grandes pilares destacados no cenário da história. Nós falharmos em reconhecer Abu Bakr e ‘Umar seria desafiar a história. Os Companheiros reconhecerem esses dois seria negar a si mesmos, uma tarefa infinitamente mais difícil que os Companheiros executaram de forma exemplar.

### Assumir responsabilidades

Dhat al-Salasil era um local no deserto da Síria ocupado pelas tribos gassânidas e kalb, para as quais o profeta enviou uma expedição liderada por ‘Amr ibn al’As. Porém, quando ele chegou no local e viu os preparativos do inimigo, ele percebeu que seu regimento era fraco demais para batalhar contra eles. Então ele montou acampamento e enviou uma mensagem para o profeta pedindo reforços. O profeta então preparou um exército de 200 *Muhajirs*, despachados sob a liderança de Abu ‘Ubaydah ibn al-Jarrah.

Quando o exército de Abu ‘Ubaydah se juntou ao de ‘Amr ibn al-‘As, foi levantada a questão de quem seria o líder dos dois exércitos juntos. ‘Amr ibn al-‘As não tinha dúvidas de que deveria ser ele, pois o reforço veio a pedido dele. Mas os companheiros de Abu ‘Ubaydah discordaram. Eles achavam que Abu ‘Ubaydah deveria ser o líder do exército inteiro, do contrário a divisão ficaria sob um comando separado. Quando a discussão ficou séria, Abu ‘Ubaydah se dirigiu

a ‘Amr, dizendo que a última promessa ele havia feito ao profeta era de que eles deveriam concordar em trabalhar juntos. Ele disse: “Mesmo se você me desobedecer, eu prometo obedecer a você”.

Se Abu ‘Ubaydah quisesse, ele poderia ter ficado obstinado e deixado para ‘Amr ceder. Ele encontraria argumentos substanciais a favor de seu posicionamento. Mas ele evitou essa decisão e assumiu a responsabilidade de acabar com a discussão de forma unilateral. Na vida comunitária, as pessoas devem ser capazes de fazer isso. É somente quando as pessoas são magnânimas o suficiente para aceitar suas responsabilidades, em vez de discutir sobre seus direitos, que a comunidade funciona harmoniosamente.

É preciso coragem excepcional para fazer isso, mas não há outra forma de preservar a unidade em uma sociedade.

## Não guardar ressentimentos

Khalid ibn al-Walid era um soldado corajoso e habilidoso que ficou como comandante do exército muçulmano na Síria, da época do Profeta até a época do Califado de Abu Bakr. Porém, ‘Umar não aprovava alguns dos hábitos de Khalid e pediu a Abu Bakr que tirasse Khalid do comando. Abu Bakr não agiu de acordo com o conselho de ‘Umar, mas ‘Umar estava tão firme em sua opinião que, ao se tornar califa, ele dispensou Khalid. Como resultado, o comandante do exército muçulmano foi rebaixado a um mero soldado.

Quando a ordem veio, Khalid estava deitado enquanto a

marcha dos muçulmanos triunfantes pela Síria continuava. Então, de repente veio a notícia de sua dispensa e a designação de Abu ‘Ubaydah ibn al-Jarrah em seu lugar. A notícia chocou o exército de Khalid e os soldados se reuniram da tenda do líder. Eles garantiram seu apoio e o pressionaram a desafiar a ordem do Califa. Khalid os mandou embora dizendo que ele não lutava pela causa de ‘Umar, mas sim pela causa do Senhor de ‘Umar. Antes, ele lutou como comandante, agora, ele lutaria como um simples soldado.

Somente uma pessoa que está que eleva acima de ressentimentos e rancores consegue agir dessa maneira. Uma pessoa que tem uma atitude positiva perante a vida e se abstém de reagir de forma adversa. As palavras de Khalid mostram o quão profundamente ele estava envolvido em cumprir a vontade de Deus. Tanto que ele recebeu a decisão de ‘Umar com calma total.

### Fazer mais do que se tem obrigação perante a lei

No mês de Sha’ban no ano 6 da hégira, o profeta recebeu a notícia de que um exército de mil homens tinha se reunido sob a liderança dos coraixitas e estava avançando para Medina. 600 deles estavam armados e uma unidade de elite da cavalaria era composta de 100 homens. Havia muita tensão em Medina quando o profeta convocou uma reunião com os *Muhajirs* e os Ansar para perguntar a eles o que deveria ser feito. Como acontecia normalmente em

tais ocasiões, os membros sêniores dos *Muhajirs* levantavam e davam suas opiniões. Eles disseram: “Ó profeta de Deus, vá em frente e faça o que quer que seu Senhor ordene. Nós ficaremos ao seu lado. Nós não diremos a você que saia e lute com seu Senhor enquanto nós ficamos aqui, como fizeram os judeus antes de nós<sup>193</sup>. Mas nós dizemos a você: nós iremos lutar com você. Não iremos desertá-lo enquanto um de nós ainda tiver vida”.

Mas, apesar da firmeza dos Muhajirs, o profeta continuou perguntando às pessoas o que ele deveria fazer. Finalmente, Sa’d ibn Mua’dh, um dos Ansar, se levantou e disse ao profeta: “Talvez você esteja pensando em nós”. O profeta disse que sim. Então Sa’d ibn Mua’dh, em nome dos Ansar, assegurou o profeta com essas palavras: “Nós acreditamos em você e o reconhecemos como profeta de Deus. Nós testemunhamos a verdade de seus ensinamentos. Nós juramos solenemente ouvi-lo e obedecê-lo no que quer que diga. Então faça o que achar melhor, Profeta de Deus. Nós ficaremos com você. Juramos por Aquele que o enviou com a verdade, mesmo que você nos leve até a beira do oceano e nos mergulhe em suas águas, nós o seguiremos. Nenhum de nós ficará para trás. Não temos qualquer receio em nos juntarmos a você na batalha contra o inimigo amanhã. Somos determinados no campo de batalha, honrando nossa palavra em tempos de conflito. Talvez Deus nos permita provar isso de forma que lhe seja aprazível. Então leve-nos com você, confiando na graça de Deus”. Quando Sa’d ibn Mua’dh terminou, foi tomada a decisão de enfrentar o inimigo.

Durante a Batalha de Badr (ano 3 da hégira), o profeta ficava olhando para os Ansar. Ibn Hisham explicou o motivo de sua preocupação. Ele escreve: “Quando os Ansar fizeram o segundo juramento de aliança em ‘Aqabah, eles não tinham jurado aceitar a responsabilidade por sua segurança fora de Medina. Eles disseram: ‘Enquanto você estiver em nossa terra, nós o defenderemos como defendemos nossas mulheres e crianças’. Isso era muito bom, mas o profeta temia que os Ansar se considerariam obrigados a auxiliá-lo somente se o inimigo entrasse em Medina e que não se sentiriam sob a obrigação de lutar contra um inimigo fora dos muros da cidade”.

É verdade que, apesar de os Ansar terem feito um pacto de defesa em ‘Aqabah, de acordo com os termos, eles não tinham obrigação de lutar em Badr, a 150km de Medina. Mas os Ansar não usaram isso como desculpa. Ao contrário, foi puro mérito deles irem além dos termos do acordo e, junto com o profeta, ofereceram suas vidas no campo de Badr.

## Evitar controvérsia e concentrar-se no objetivo

O historiador Tabarani nos conta, da autoria de Masar ibn Makhramah, sobre como, em uma ocasião, o profeta se dirigiu aos Companheiros com essas palavras: “Deus me enviou como uma misericórdia para todos, então transmitam o que vocês ouvirem de mim. Deus vai manifestar Sua misericórdia. E não discutam uns com os outros, como

os discípulos de discutiram sobre Jesus, filho de Maria. Ele os chamou para realizar a mesma missão que eu estou confiando a vocês agora. Mas aqueles que viviam longe não gostaram da ideia e pediram para não irem. Jesus reclamou disso para seu Senhor”. Os Companheiros garantiram a ele dizendo: “Nós transmitiremos sua mensagem. Envie-nos onde quiser”.

Conflitos internos são um problema grande em uma comunidade, impedindo que seus membros escolham agir de forma construtiva. Os Companheiros não se deixaram afundar no atoleiro de controvérsias insignificantes. O temor a Deus estava inculcado nele com um profundo senso de responsabilidade. Eles se concentravam em cumprir essas responsabilidades e não tinha tempo para discussões, o que os impediria de fazerem o que deveriam. Mesmo durante a vida do profeta, eles levaram o Islam até as fronteiras da Península Árabe. Após seu falecimento, eles continuaram a agir conforme ele havia pedido. Cegos quanto a quaisquer pensamentos de autoengrandecimento, eles se dispersaram pelas terras vizinhas. Suas casas eram como pequenas escolas onde eles partilhavam com as pessoas o conhecimento da língua árabe, do Alcorão e da Sunnah do profeta. Desta forma, eles transmitiram o que ouviram do profeta. Essa foi uma época de grandes conquistas islâmicas e uma porção específica da comunidade muçulmana tinha que assumir as responsabilidades políticas de expandir um império. Esperava-se que os Companheiros tivessem glória política, mas eles não mostraram nenhuma inclinação a tais coisas.

Em vez disso, a maioria deles usava as condições criadas pelas conquistas do Islam para continuar pregando a missão. Foram a firmeza e os esforços discretos deles e de seus discípulos que criou, no espaço de 50 anos, a vasta expansão do território conhecido como mundo árabe. Eles mudaram a religião dos povos espalhados em três continentes e trouxeram para eles uma nova língua e cultura.

### Contentar-se com permanecer na obscuridade

O primeiro assunto a ser resolvido após a morte do profeta foi a eleição de um Califa. Os Ansar definiram como candidato Saad ibn 'Ubadah. Quando os *Muhajirs* souberam da indicação, correram a *Thaqifah* (galpão) de Banu Sa'dah, onde os Ansar estavam reunidos. Abu Bakr falou a eles: "Não há dúvida de que vocês possuem as qualidades que vocês mencionaram. Mas para a liderança do povo árabe, nós devemos buscar alguém dentre os coraixitas. Geograficamente e etnicamente, eles ocupam uma posição central na vida árabe. Por isso, eu proponho a vocês dois nomes: 'Umar e Abu 'Ubaydah ibn al-Jarrah. Jurem lealdade a qualquer um dos dois que vocês quiserem.

'Umar se levantou depois disso e imediatamente jurou lealdade a Abu Bakr como Califa. Os Ansar fizeram o mesmo, mas alguns deles levaram isso tão a sério que disseram ao Muhajirs que isso seria tão bom quando matar Sa'd ibn Ubadah.

Os Ansar tinham feito grandes sacrifícios pela causa do Islam. Eles tinham dado abrigo ao navio perdido do Islam

quando ele foi forçado a deixar o mar. E apesar desses sacrifícios, eles concordaram em se sacrificar mais uma vez. Eles desistiram de participar no poder e se uniram sob a liderança de um califa coraixita. Havia uma boa razão para isso. Os coraixitas, clã ao qual os *Muhajirs* pertenciam, tinham sido considerados líderes da Arábia por séculos. Um líder de qualquer outra tribo não teria comandado com o apoio necessário para administrar um império em desenvolvimento. Os Ansar foram realistas o suficiente para reconhecer suas falhas nesse sentido e aceitar a decisão unilateral dos *Muhajirs*. É difícil encontrar um exemplo comparável de realismo altruísta na história do mundo.

### Decisões racionais em meio a crises emocionais

A Batalha de Uhud (ano 4 da hégira) foi a mais severa da história islâmica. Todos os guerreiros coraixitas, sedentos por vingança após a derrota em Badr, foram contra os muçulmanos. Quando a luta estava no auge de ferocidade, o Profeta pegou sua espada e perguntou a seus Companheiros quem deles iria empunhá-la e exigir seu valor total. O profeta não entregou sua espada aos primeiros que se voluntariaram. Então Abu Dujanah se aproximou e perguntou ao profeta qual era o valor total da espada. “O profeta respondeu: “É que você atinja o inimigo até ele cair”. “É assim que eu a empunharei”, disse Abu Dujanah ao se oferecer para pegar a espada. O profeta deu a ele. O orgulho no rosto de Abu Dujanah era claro quando ele se

pôs a andar com a espada. “Empertigar-se assim não agrada a Deus”, disse o profeta, “mas a ocasião justifica”. Abu Dujanah amarrou um pano vermelho na cabeça, sinalizando que estava pronto para lutar. Ele se comportou com incrível bravura, golpeando todos que vinham enfrentá-lo. Foi então que ocorreu algo impressionante, mais tarde narrado pelo próprio Abu Dujanah: “Eu vi alguém incitando os inimigos de uma forma particularmente violenta. Corri até ele e ergui minha espada para matá-lo. A pessoa gritou e eu vi que era uma mulher. Então eu me contive para não rebaixar a espada do profeta matando com ela uma mulher”.

Outro Companheiro descreveu o incidente assim: “Eu vi que Abu Dujanah tinha erguido sua espada para matar Hind bint ‘Utbah. De repente ele tirou a espada de cima da cabeça dela”. Uma das ordens que o profeta tinha dado em tempos de guerra era que mulheres, crianças e idosos não devem ser mortos. Abu Dujanah lembrou das ordens do profeta no calor da batalha, e mesmo com a espada já em cima dela, ele recuou assim que percebeu que era uma mulher.

A partir disso podemos ver como era forte o controle emocional que os Companheiros tinham. Mesmo em momentos de dominação das emoções, eles conseguiam tomar decisões racionais e julgar os assuntos sem emoção, não importando o quão extrema era a provocação que enfrentavam. Mesmo quando sentimentos de raiva e desejo de vingança extrapolavam todos os limites, eles adotavam um pensamento correto. Mudar a direção quando se está viajando à máxima velocidade pode parecer bem fácil, mas é

desafiador na prática. Só quem consegue fazer isso é aquele que faz com temor a Deus e é como se Deus estivesse diante dele com todo o Seu poder e glória.

## Crescer como uma árvore

O Alcorão se refere tanto à Torá quanto ao evangelho (Velho e Novo Testamento) quando descreve duas qualidades dos Companheiros. Citações da Torá explicam suas qualidades individuais, enquanto o Evangelho ilustra suas qualidades como membros de suas comunidades:

E seu exemplo, no evangelho, é como a planta que faz sair seus ramos, e esses a fortificam, e ela se robustece e se levanta sobre seu caule. Ela faz se admirarem dela os semeadores. Assim, Allah fez, para suscitar, por causa deles, o rancor dos renegadores da fé. Allah promete aos que creem e fazem as boas obras, dentre eles, perdão e magnífico prêmio.<sup>194</sup>

Algo parecido é apresentado no Novo Testamento da seguinte forma:

E dizia: O reino de Deus é assim como se um homem lançasse semente à terra.

E dormisse, e se levantasse de noite ou de dia, e a semente brotasse e crescesse, não sabendo ele como.

Porque a terra por si mesma frutifica, primeiro a erva, depois a espiga, por último o grão cheio na espiga.

E, quando já o fruto se mostra, mete-se-lhe logo a foice, porque está chegada a ceifa.

E dizia: A que assemelharemos o reino de Deus?  
ou com que parábola o representaremos?

É como um grão de mostarda, que, quando se  
semeia na terra, é a menor de todas as sementes  
que há na terra;

Mas, tendo sido semeado, cresce; e faz-se a maior  
de todas as hortaliças, e cria grandes ramos, de  
tal maneira que as aves do céu podem aninhar-se  
debaixo da sua sombra<sup>195</sup>.

Essa parábola tanto no Alcorão como na Bíblia nos fala sobre como a evolução social dos Companheiros do Profeta era como a de uma árvore. Começando como uma pequena semente, o pilar da sociedade se desenvolvia em um tronco, gradualmente consolidando suas raízes no solo e estendendo seus galhos na superfície. Eles cresciam devagar em estágios naturais, por fim chegando ao ápice. Seu esplêndido desenvolvimento causava a glorificação dos homens de fé a frustração dos inimigos.

Os Companheiros do Profeta foram escolhidos para cumprir a vontade de Deus Magnífico de que o Islam deveria crescer como uma árvore. O fato de que Deus assim desejou não significa que a tarefa seria fácil. Foi exigido deles afastarem-se da facilidade, resolverem as coisas rapidamente e seguirem o caminho da paciência. Eles tiveram que enterrar seus desejos e preferências pessoais, sempre dando precedência à vontade de Deus. Os Companheiros tiveram que dar tudo para fazer existir a árvore do Islam, sem se importar com qualquer retorno neste mundo. Eles tiveram de se envolver incondicionalmente no esquema de Deus. Como resultado

de seus esforços, o Islam cresceu e se tornou um jardim com floresce permanentemente, que nenhum poder no mundo pode destruir.



## PARTE QUATRO



## MANIFESTAÇÃO DA PROFECIA NA ATUALIDADE

Deus decretou que o último profeta, Muhammad, estabeleceria a predominância da verdadeira religião sobre todas as demais religiões<sup>196</sup>. Essa tarefa específica confiada ao profeta do Islam também foi designada a seus seguidores. A predominância da religião que Muhammad estabeleceu foi o ápice do grande plano divino, com suas bases sendo formados ao longo de 2.500 anos. Tudo que o profeta tinha que fazer era concluir o plano. E assim também com sua *ummah* – sua comunidade. Nos últimos mil anos, o solo foi preparado para o estabelecimento da prevalência da verdadeira religião. Se os seguidores de Muhammad fizerem uso sábio e consciente das oportunidades, o manto do socorro de Deus será colocado sobre eles assim como foi colocado sobre o profeta. Essa é a promessa de Deus.

O artigo “*Man and His Gods*”, na *Encyclopaedia Britannica*, fala que a revolução islâmica conduzida pelo profeta Muhammad “mudou o curso da história humana”<sup>197</sup>. O autor cristão orientalista não teve escolha a não ser reconhecer o impacto histórico único do Islam.

O que o Islam trouxe não foi nada menos do que uma libertação espiritual da humanidade. Sem o fardo da

superstição e do politeísmo sobrecarregando, as pessoas puderam avançar em todos os âmbitos da vida. Resultados naturais da revolução islâmica, esses avanços podem outra vez ser usados para beneficiar o Islam. As condições são perfeitas para uma revitalização da prevalência islâmica. Ela pode se tornar uma realidade tão fácil quanto plantar em um solo úmido e fértil.

A revolução que o profeta e seus companheiros lideraram foi espiritual, bem fundamentada na crença em um só Deus e na outra vida. Porém, houve também uma ampla repercussão mundial. Pregar a religião da verdade se tornou consideravelmente mais fácil do que era no passado. Os obstáculos maiores que surgiram no caminho de quem convocava a humanidade para Deus ficaram submersos em uma enorme onda de mudança social.

Quando foi revelada a surata do Alcorão chamada “O Arrependimento”, o profeta enviou ‘Ali à Meca com a mensagem de que nenhum politeísta poderia realizar o Hajj no futuro. Com força e persistência, ele proclamou que sua voz estava agora rouca. Hoje em dia, ele poderia ter feito a mesma coisa com mais eficiência usando um megafone. Claro que isso é só um exemplo, mas ilustra como os recursos modernos podem ser usados para proclamar a verdade.

Houve duas grades eras na pregação da verdadeira religião: a primeira foi antes da missão do último profeta e a segunda foi em seguida. Antes da vinda de Muhammad, o ônus da preservação das escrituras sagradas estava sobre

os seguidores dos profetas. Nas palavras do Alcorão, foi pedido a eles que “custodiavam o Livro de Deus”<sup>198</sup>. Com o Alcorão, porém, Deus deixou claro que “Por certo, Nós fizemos descer o Alcorão e, por certo, dele somos Custódios”<sup>199</sup>.

Foi a vontade de Deus que, com a missão do profeta, o politeísmo fosse erradicado e o monoteísmo reinasse supremo no mundo. Somente Ele pode criar as circunstâncias propícias para uma transformação tal no pensamento humano. E foi assim que ao longo dos 2.500 anos que antecederam a vinda de Muhammad foram colocadas as bases para a revolução islâmica. Isso para que o profeta Muhammad trabalhasse nessa fundação e trouxesse a prevalência do monoteísmo sobre o politeísmo.

A época revolução islâmica do profeta erradicou para sempre o politeísmo. Através da obra do profeta e de seus companheiros, erradicou-se em definitivo a possibilidade de o politeísmo controlar o mundo. No entanto, o pensamento monoteísta outra vez fortaleceu sua predominância na presente época. No mundo atual, o pensamento ateu tem orgulho de sua posição e o monoteísmo foi relegado a uma posição de importância secundária.

Deus certamente tem total conhecimento do fato de que o ateísmo iria vir logo a seguir no mundo. Por isso, Ele enviou Seu socorro, preparando condições globais para combater o ateísmo e restabelecer a prevalência do pensamento monoteísta. Esse processo vem ocorrendo ao longo do último milênio e agora chegou ao clímax. Apesar de o

ateísmo ainda ter seu lugar ao sol, as condições são perfeitas para se reafirmar a supremacia do pensamento monoteísta. Cerca de 4 mil anos atrás, o profeta Abraão pregou a palavra de Deus em Ur, capital do antigo Iraque. Ele impressionou as pessoas ao dizer que Deus tem o total controle das perdas e dos ganhos. Que Ele não possui sócios. Que apenas d'Ele nós buscamos ajuda e que Ele apenas é merecedor de adoração. Infelizmente, essa mensagem do monoteísmo provou ser mais do que rei da época, Ninrode, podia aguentar. Sua reação à pregação de Abraão foi tão violenta que ele ordenou que o profeta de Deus fosse jogado na fogueira, destino do qual ele foi salvo pela intervenção divina. Apesar de ainda hoje existir politeísmo no mundo, nenhum governante de atualidade reagiria de forma tão violenta à mensagem de Abraão se ela fosse divulgada em seu país.

A razão para isso é a mudança na filosofia de governo. Na época de Ninrode, o politeísmo era um credo político. Agora, ele apenas tem o status de um credo religioso limitado. O governo no mundo antigo era geralmente baseado em alicerces politeístas. Ninrode, como qualquer outro monarca de sua época, era um representante desse sistema. Ele tinha que ser uma encarnação do deus sol, investido de um direito sobrenatural de governar o povo. Nenhum governante atual fundamentaria seu governo com tal ideia. Apoio popular e não força sobrenatural é o que faz uma pessoa governar. É por isso que a mensagem pura do *tawhid* (monoteísmo) não apresentaria desafio

algum a qualquer governante atual. Para Ninrode e seus contemporâneos, por sua vez, seria o mesmo que tirá-los da própria fonte do poder que tinham.

Bem no início de suas missões, os antigos profetas enfrentavam a resistência ativa dos detentores do poder. A pregação dos profetas era uma heresia, pois contradizia diretamente os poderes divinos que eles alegavam possuir. A negação dele significava o fim de seu direito de governar. A única forma de alguém ser elevado à realeza naquela época era fazendo de si um descendente ou uma encarnação de Deus. Qualquer indivíduo que apresentasse os ensinamentos do monoteísmo a uma sociedade daquelas pareceria estar atacando os pilares dessa estrutura politeísta de poder. O estabelecimento surgiu para resistir à ameaça. Com o Islam, foi mostrado ao mundo que nenhum ser humano era imbuído de poder sobrenatural: somente Deus é a fonte de toda força. O Islam proclamou ao mundo a igualdade dos seres humanos. Ensinou que ninguém tem uma superioridade inerente sobre os outros. Instituições políticas foram então separadas do âmbito das crenças religiosas. No futuro, o poder do governante viria de baixo, das camadas populares. A alegação de poderes celestiais não seria mais critério de qualificação para uma pessoa governar as demais.

Igualmente foi o caso dos antigos médicos “sobrenaturais”. Se qualquer pessoa quisesse ter sucesso como médico na antiguidade, ele deveria fingir dominava forças ocultas e que recebia conhecimento sobre mistérios da medicina de uma

entidade sobrenatural. Imagine que se alguém dissesse, em tal sociedade, que a medicina era aprendida, e não oriunda de comunhão com forças sobrenaturais, em faculdades de medicina. As primeiras pessoas a se oporem a tal ideia seriam aqueles que viviam da “medicina sobrenatural”. Médicos da atualidade mostram reações muito diferentes. Longe de se oporem a aprenderem nas escolas de medicina, eles encorajam e seguem essa mesma prática.

O século VII marcou o início de um período de mudança histórica que foi possível graças a revolução islâmica do profeta Muhammad. Agora, esse processo de mudança está chegando ao ápice. Pregadores da verdadeira religião podem divulgar respaldados por ampla gama de evidências oriundas do próprio conhecimento humano. Modificações sociais e legais permitiram a divulgação livre e aberta da religião. Nenhum Ninrode ou Faraó pode aparecer para acabar com a convocação à verdade agora. Incursões massivas foram feitas no mundo da natureza e nosso conhecimento de como ela funciona aumentou consideravelmente. Esse conhecimento nos dá um respaldo intelectual sólido para os ensinamentos da verdadeira religião. Se abriu o chão bem debaixo dos pés onde pisavam as pessoas que se opunham violentamente à convocação à verdade.

Uma enorme revolução intelectual, conhecida como revolução científica, aconteceu na era moderna. As mudanças de perspectiva que ela trouxe para as pessoas fundamental completamente a convocação à verdade. Se as oportunidades do presente forem corretamente

utilizadas, a prevalência do pensamento monoteísta pode ser estabelecida por meio de se apelar ao bom senso de forma escrita ou falada. Não há necessidade de se recorrer às armas, como se fazia antigamente.

A revolução científica da modernidade é, na verdade, um resultado da revolução islâmica da época do profeta. Por meio da revolução trazida pelo profeta, Deus alguns elementos entrarem em cena. Foi iniciado um processo de mudança história, por fim culminando na revolução científica da modernidade. Ao estabelecer a prevalência do pensamento monoteísta sobre o politeísmo no início da era islâmica, Deus também criou fatores que posteriormente permitiram que o monoteísmo triunfasse mais uma vez, sobrepunhando o pensamento ateu e agnóstico.

Antes da chegada do Islam, o pensamento politeísta reinou supremo no mundo. O que resume o politeísmo é a adoração das formas. A urgência politeísta das pessoas as fazia voltarem-se em adoração a qualquer coisa que fosse particularmente impactante ou qualquer fenômeno mundano espetacular, fosse o sol no céu ou um rei na terra. Por essa razão, a pesquisa científica não foi possível durante a era politeísta. Como destacou o historiador Arnold Toynbee, fenômenos naturais eram considerados objetos de adoração, portanto não poderiam se tornar objetos de investigação. Com o Islam e o avanço do monoteísmo, o temor causado pelos fenômenos mundanos se extinguiu.

As pessoas perceberam que todas as coisas que não fossem Deus era objetos de Sua criação. Por isso, não havia motivo

para considerar os fenômenos mundanos como sagrados: a natureza deles poderia ser analisada e investigada. A liberação do intelecto humano, trazida pelo Islam, começou no início da era islâmica, na época do profeta. Na ocasião de um eclipse lunar, o profeta Muhammad explicou que os eclipses lunares e solares eram sinais de Deus. Eles não eram sinais do nascimento ou da morte de nenhum ser humano, como se pensava durante a era de superstição que antecedeu o Islam. Dessa maneira, o profeta refutou o engrandecimento humano e material, atribuindo grandiosidade somente a Deus. Ele iniciou uma tendência no pensamento humano que acabou chegando até a Europa e resultou na revolução científica moderna.

Uma importante vantagem da revolução islâmica foi que ela encerrou a era de superstição. A superstição baseia-se na crença em noções e especulações vagas e não em fatos, como, por exemplo, era a situação da Arábia pré-islâmica, quando as pessoas pensavam que os eclipses lunares e solares eram sinais de morte de alguém importante. A superstição era o maior obstáculo na aceitação do Islam. A pessoas cuja mente é dominada por noções supersticiosas não consegue fazer uma comparação objetiva entre o Islam e outras crenças. Em vez de julgar os assuntos com base em evidências reais e tangíveis, esse indivíduo aceita um conjunto de ideias específicas e rejeita qualquer coisa que as contradiga. Veja o exemplo do aspecto histórico da religião. Qualquer pessoa que objetivamente considerar a credibilidade histórica do Islam em comparação com outras

religiões verá que a autenticidade do Islam não pode ser contestada do ponto de vista histórico. Já outras religiões estão envoltas em mistérios e lendas. Mas a credibilidade histórica não era considerada um fator essencial durante a era de superstição, ao passo que em nossa era moderna ela é de suma importância. As críticas agora receberam um status de ramo separado de aprendizagem. Suas descobertas revelam de forma conclusiva que o Islam é a única religião com credibilidade histórica impecável. Outras religiões estão baseadas mais em mito do que em história real.

A mente científica buscou entender o universo sob a luz de experimentos e observações. Como resultado da pesquisa científica, foram desvendados mistérios do universo que confirmam os ensinamentos do Islam em um alto nível intelectual. A pesquisa humana revelou, por exemplo, que ao longo de todo o universo, aplica-se uma lei natural. Um mesmo conjunto de leis inquebrantáveis determinam circunstâncias celestiais e terrestres. Isso mostra que o Senhor do Universo é apenas um. Se existissem vários deuses, também existiriam várias leis.

Outro obstáculo à aceitação do monoteísmo foi a filosofia antiga. Na época pré-islâmica, as mentes das pessoas estudadas estavam condicionadas a pensar em termos filosóficos. Os filósofos quase sempre buscavam descobrir a verdade da realidade, mas 500 anos de história gloriosa não os aproximaram de seu objetivo. A principal razão foi insucesso dos filósofos em entenderem as limitações humanas. Os esforços para compreender a verdade da

realidade foram comprometidos porque o ser humano, com sua limitada capacidade mental, não consegue apreender uma realidade infinita e ilimitada. Por isso, foi necessário a sabedoria profética, mas o apego humano ao pensamento filosófico os impediu de responder positivamente à mensagem ensinada pelos profetas.

Por muitos séculos os teólogos, influenciados pelo padrão filosófico de pensamento, buscaram definir e especificar as premissas básicas que fundamentam todo o conceito de monoteísmo. O que eles não conseguiram perceber é que essas são todas realidades invisíveis. Nossos intelectos não são equipados para compreender tais fatos em sua totalidade. Do ponto de vista religioso, a conquista mais impressionante da ciência moderna foi eliminar a noção errônea de que a verdade pode ser vista com os olhos. Nosso escopo de entendimento foi conclusivamente exposto como limitado. Sob influência científica, a filosofia foi obrigada a ficar em segundo lugar, deixando a ciência guiar nosso curso intelectual. No processo, o caminho do monoteísmo ficou limpo. Ficou claro que, ao menos de forma indireta, restou apenas um caminho para nós descobrirmos a realidade: devemos dar atenção à convocação do profeta. As pessoas podem desejar ver antes de crer, mas a estrutura filosófica delas está na defensiva na atual era científica. A exigência de ver realidades invisíveis, como Deus, a revelação e o mundo da eternidade – bases da religião monoteísta – se tornou academicamente insustentável.

Pela primeira vez na história, as limitações naturais do

escopo do conhecimento humano ficaram estabelecidas de forma conclusiva. A pesquisa científica sobre os mistérios do universo nos mostrou uma verdade com absurda clareza: apreender o mundo das realidades é algo que está além de nossa limitada capacidade intelectual. A descoberta é significativa do ponto de vista islâmico, pois evidencia a necessidade da profecia. De um lado, temos cientistas desesperadamente ansiosos por entender a realidade. Do outro, temos aqueles que são incapazes de entender devido às limitações inerentes. Como resultado, há um vácuo em nossa composição espiritual que só pode ser preenchido pela orientação divina, ou a profecia. Ao reconhecer nossas limitações intelectuais, a ciência indica, em nível puramente acadêmico, a necessidade da revelação. Não há nada mais que possa fornecer o que falta à humanidade.

Em épocas antigas, as pessoas normalmente não tinham liberdade de expressão. A principal razão para isso era a veneração aos monarcas e às personalidades da liderança. As pessoas que, por alguma razão, alcançavam uma alta posição social eram consideradas sagradas e abençoadas. Suas opiniões eram muito mais respeitadas do que as de outras pessoas. O fascínio excessivo que provocavam no povo dava a elas a capacidade de forçar os demais a fazerem o que elas queriam. A revolução monoteísta do Islam deitava fora esse mito de grandiosidade humana, igualando todos os seres humanos no mesmo nível. Como resultado, surgiu uma nova tendência filosófica que, por fim, se desenvolveu na democracia nos países ocidentais. Um dos princípios da

democracia é que as pessoas são todas iguais. Ela concede a todos o direito de expressar suas ideias na fala ou na escrita. No sistema democrático foi possível, pela primeira vez, pregar a religião divina sem medo de supressão ou represália.

A ciência revelou inúmeras bênçãos materiais, que estavam antes, durante séculos, ocultas de nossa visão. No que diz respeito à pregação islâmica, a mais importante dessas bênçãos foi o desenvolvimento dos métodos modernos de comunicação. A grande mídia, meios de transporte rápidos e eficientes, o computador, as revoluções midiáticas, todas essas coisas podem ser usadas a favor do Islam, permitindo que os ensinamentos sejam compartilhados com as pessoas em escala universal.

Essas oportunidades são altamente conducentes a um prosseguimento da causa islâmica. No início da era islâmica, Deus criou – ao longo de 2500 anos – condições que auxiliariam o estabelecimento da prevalência islâmica. Agora também. O processo continuou nos últimos mil anos, período após o qual surgiram condições conducentes a um restabelecimento da prevalência islâmica. Não há falta de oportunidades, mas elas devem ser utilizadas da maneira correta para que haja resultados positivos. É preciso uma comunidade dinâmica para essa missão, uma que possa aproveitar ao máximo as oportunidades existentes, tal qual o profeta e seus Companheiros aproveitaram as oportunidades existentes no tempo deles.

Se uma comunidade desse tipo surgir, não vai demorar até

que aconteça a prevalência islâmica sobre o pensamento ateu ou não-religioso, assim como subjugou o politeísmo no começo da era islâmica.

Durante cerca de cem anos essas possibilidades ficaram à espera dessa comunidade, mas, infelizmente, tal comunidade não surgiu. É verdade que incontáveis grupos e movimentos muçulmanos surgiram nesse período, mas é necessário dizer que esses grupos passaram a existir como reação à determinados acontecimentos. Condições políticas tiveram papel vital no surgimento deles. O que se precisa, de fato, é um grupo de pessoas intensamente conscientes das oportunidades que Deus criou durante o último milênio, um grupo que se encaixe no esquema divino e explore toda a gama de possibilidades que Deus preparou para a revitalização do Islam que Ele deseja.

Um dos incidentes durante a Batalha de Badr é relatado nas biografias do profeta como segue. A força dos incrédulos era muito maior que a dos muçulmanos. Quando seu poderoso exército se lançou sobre o profeta e seus companheiros, o profeta – abalado pela intensidade de suas próprias emoções – se colocou aos pés de seu Senhor e clamou: “Senhor! Se esse grupo for dizimado, o Senhor nunca mais será adorado na terra!”. Não foi exagero da parte do profeta. O fato era que aquelas 313 almas que entraram no campo de batalha em Badr não eram um grupo qualquer de pessoas. Visivelmente fracos e mal equipados, eles representavam o ápice de 2.500 anos de história. É preciso hoje um grupo como esse. Os únicos que podem formar um grupo assim são

aqueles que estão plenamente cientes do esquema divino, que vem se desenvolvendo ao longo do último milênio, e que intencionaram em seus corações serem parte desse esquema. Aqueles que são tão fortes e inabaláveis em seu comprometimento com a tarefa que irão a qualquer lugar, que farão qualquer sacrifício, para completar a missão. Esse é o verdadeiro “partido de Deus”. E é o partido de Deus que vai triunfar<sup>201</sup>.

Em seu livro “*History of the Arabs*”, o Professor Philip K. Hitti escreveu que: “após a morte do profeta, a Arábia infértil parece ter se convertido, como se fosse mágica, em um ninho de heróis cujo número e qualidade são difíceis de encontrar em qualquer outro lugar”<sup>202</sup>.

Para que o Islam reine supremo no mundo, toda a forma de pensar das pessoas deve ser alterada. O pensamento islâmico ganhou ascensão sobre todos os demais sistemas de pensamento. Essa foi a tarefa que Deus escolheu que o profeta e seus companheiros realizassem, e não podemos subestimar a imensidão dela. Se os sucessores do profeta puderam continuar a realizar essa tarefa, foi precisamente porque eles foram criados nesse “ninho de heróis”, pois foi somente após enfrentarem perigosos obstáculos que eles tiveram sucesso em estabelecer a prevalência do Islam sobre o pensamento politeísta. Hoje, o Islam perdeu sua antiga prevalência – desta vez, para o pensamento ateu. Para recuperar sua ascensão, outro “ninho de heróis” deve ser formado. Se o profeta e seus sucessores imediatos foram obrigados a passar por uma fase inicial tão rigorosa, seus

mais recentes sucessores não devem mostrar nenhuma relutância em fazer o mesmo.

Assim como os seguidores do profeta, em sua época, sofreram todo tipo de privação e enfrentaram todos os perigos para levar o Islam a uma posição de supremacia no mundo, assim também os muçulmanos de hoje fizeram esforços titânicos para sua restauração. Eles sacrificaram suas vidas e seus bens e despenderam tempo e energia em preparar literatura e aulas em apoio ao Islam. Eles viajaram longas distâncias para promover a causa islâmica. Em relação ao tamanho do esforço, a luta dos muçulmanos de hoje no caminho do Islam ultrapassou muito os contemporâneos do profeta e seus sucessores imediatos. Mas em relação aos resultados, a história é bem diferente. Enquanto os esforços do profeta e de seus companheiros mudaram todo o curso da história humana, os esforços dos muçulmanos de hoje apenas agravaram sua condição.

O paradoxo nasce das diferentes psicologias por trás do esforço dos primeiros muçulmanos e do esforço dos muçulmanos de hoje. Um senso de descoberta movia os primeiros, ao passo que hoje os muçulmanos são movidos por um senso de perda. Por exemplo, quando os coraixitas enviaram dois homens para garantir o retorno dos muçulmanos que tinham sido forçados e emigrar para a Abissínia, Negus (o rei) convocou os muçulmanos em sua corte e os questionou sobre a religião. A resposta de Ja'far deu uma imagem clara dos sentimentos que moviam os companheiros. Ele disse: “Ó Majestade, nós éramos um

povo afundado em ignorância, adorando ídolos, comendo carnes não sacrificadas, cometendo abominações, fortes oprimindo os fracos. Assim nós éramos até que Deus nos enviou um Mensageiro vindo de nosso meio, de quem nós conhecíamos a linhagem, a veracidade, a lealdade e a integridade. Ele nos convocou para Deus, para testemunhar Sua unicidade e adorar a Ele, e a renegar as pedras e os ídolos que adorávamos. Ele nos ordenou a falar a verdade, cumprir as promessas, respeitar os laços de parentesco os direitos dos vizinhos, e a nos afastarmos dos crimes e do derramamento de sangue. Então nós adoramos somente a Deus, sem associar ninguém a Ele, consideramos proibido o que Ele proibiu e lícito o que Ele permitiu. Por essas razões nosso povo se voltou contra nós e nos perseguiu para que abandonássemos nossa religião, saíssemos da adoração e Deus e voltássemos à adoração dos ídolos. É por isso que nós viemos ao seu país, tendo escolhido este lugar dentre todos os outros, e aqui temos sido felizes sob sua proteção, e essa é nossa esperança. Ó Majestade, que aqui, nós não sejamos injustiçados”.

Podemos ver nas palavras de Ja’far o quanto o Islam significava para ele e para aqueles em nome de quem ele falou. Para eles, o Islam era uma vida iluminada, ao contrário da ignorância. Era uma descoberta do Deus Único e o abandono dos ídolos. Eles tinham abandonado uma vida desregrada por uma vida de orientação divina, revelada a eles por intermédio do profeta Muhammad. Eles agora buscavam a eternidade, não o mundo. A permissividade de

outrora estava no passado. O que eles tinham descoberto era a alegria de uma vida conduzida pela boa moral, o caminho da justiça no lugar da opressão, da bondade no lugar da crueldade.

Um senso de descoberta confere à pessoa um espírito insaciável, dotando de vitalidade os pensamentos, de irresistível dinamismo as ações. Um senso de perda, por sua vez, condena os esforços ao fracasso. Aquele que fica empestado desse sentimento se torna incapaz de pensamento ou ação construtivos. Um sendo de descoberta movia os primeiros muçulmanos. É por isso que eles produziram um exemplo único de dinamismo. Os movimentos muçulmanos modernos brotaram de um sentimento de perda, fazendo surgir uma saga sem precedentes de políticas mal concebidas e iniciativas falhas. Esse senso de ter perdido na vida é um sentimento que os líderes deles expressão inequivocadamente:

Nós perdemos todo o legado de nossos antepassados. Fomos derrubados do céu, das altas plêiades para a terra.

Praticamente todos os movimentos muçulmanos da atualidade surgiram a partir desse sentimento de perda e perseguição. Mas, é claro, eles podem diferir em como expõem seus pontos de vista. Alguns usam a linguagem da política nacionalista, ao passo que outros se restringem à terminologia religiosa. Mas em essência são todos os mesmos, derivados de um sentimento de perda de sua glória passada.

Quando o matemático grego Arquimedes (287 a.C. – 212 a.C.) descobriu a lei do centro de gravidade, seu entusiasmo não tinha limites. Ele esqueceu de si mesmo quase que literalmente diante da alegria de sua descoberta. Em tempos mais recentes, o Xá do Irã perdeu seu trono, mas essa perda puramente material o privou mesmo da vontade de viver. Essa é a natureza da descoberta e da perda. Tudo o que se vê é o objeto que se descobriu ou que se perdeu.

Sem dúvidas, um sentimento de descoberta gera um caráter positivo. A maneira nobre com que os muçulmanos da primeira fase conduziam seus assuntos resultou em sua positividade. Eles se curvaram perante a verdade. Eles eram magnânimos o suficiente para reconhecer as contribuições de outras pessoas. Eles eram fiéis à suas palavras. Eles tinham a coragem para perdoar. Eles estavam acima do sentimento de queixa. Eles tinham a força para tomar decisões puramente racionais. Eles conseguiam pensar com objetividade, ficando acima da psicologia reacionária.

Oposto a isso, um senso de perda produz uma psicologia negativa. Pessoas guiadas por suas emoções e impulsos em vez de princípios caem vítimas do ódio e do ressentimento. Uma falta de realismo domina seu comportamento para com os outros. Eles estão constantemente imersos em divergências e contendas. Eles não conseguem reconhecer a verdade. Eles não estão prontos para aceitar a derrota. Graças à sua mentalidade negativa, até mesmo os êxitos logo se tornam fracassos. Essa é a razão para a diferença

gritante entre os resultados dos movimentos iniciados pelos muçulmanos de hoje e dos da fase inicial.

A revolução trazida pelo Profeta do Islam foi resultado de uma ética positiva. Se os muçulmanos quiserem alcançar o mesmo resultado enquanto são guiados pela ética negativa, eles devem buscar outro Deus, pois não é a vontade de Deus que isso aconteça. Eles devem também buscar outro profeta, pois esse não era o caminho do Profeta.

## NOTAS

1. Dr Michael Hart, *The Hundred*, Nova Iorque, 1978.
2. Philip K. Hitti, *The Arabs: A Short History*, Londres, 1960, p. 23.
3. Quran, 33:40.
4. Quran, 16:35.
5. Quran, 36:30.
6. Bíblia, Habacuque, 2.14.
7. Quran, 61:6.
8. Prio e género do profeta.
9. *World Muslim Gazette* Editora Mu'tamaral- 'Alam-al-Islami, 1971
10. Ibn Hisham, *Sirah*, vol 1, p. 644.
11. O reino árabe era proeminente como aliado dos bizantinos no séc.VI d.C.
12. Konstan Virgil George (b 1917), *The Prophet of Islam*.
13. Quran, 93:7.
14. Quran, 94:1-3.
15. Hadith DE Razin (*Jami' al-Usul fi Ahadeth ar-Rasul* por Ibn Athir, Hadith no. 9317).
16. Ibn Hibban, *Sahih*, Hadith n°. 361.
17. *Miswak*, um graveto usado para higienizar os dentes.
18. Al-Bukhari, *Sahih*, Hadith n°. 7018.
19. *Rak'at*, uma parte da oração.
20. Quran, 3:128.
21. Muslim, *Sahih*, Hadith n°. 1792.
22. Quran, 68:5
23. Al-Tirmidhi, *Sunan*, Hadith n°. 2007.
24. Imam Ahmad, *Musnad*, Hadith n°. 17452.
25. Quran, 3:159.
26. Quran, 24:22.
27. Quran, 4:58
28. Quran, 33:21.
29. Al-Tirmidhi, *Sunan*, Hadith n°. 1421; Al-Nasa'I, *Sunan*, Hadith n°. 4106.
30. Ibn Hisham, *Sirah*, vol. 1, p. 320.
31. Ibn Hisham, *Sirah*, vol. 2, p. 29.
32. Quran, 9: 19 - 20.
33. Ibn Hisham, *Sirah*, vol. 2, p. 205. and Ibn Kathir, *Sirah*, vol. 3, p. 162-64, e *Al-Bayhaqi, Dala'il al-Nubuwwah*, vol 3, p. 374.
34. Ibn Hisham, *Sirah* vol. 2, p. 64.
35. Ibn Hisham, *Sirah* vol. 2, p. 64.
36. *Tarikh al-Tabari*, vol 3, pp. 40-41.
37. Ibn Hisham, *Sirah* vol. 2, pp. 30910.
38. Uma peregrinação menor que, diferente do Hajj, não precisa ser realizada em um dado momento do ano e que envolve menos rituais.

NOTAS

39. Quran, 4:26.
40. Quran, 26:3.
41. Al-Bukhari, *Sahih*, Hadith n° 4993.
42. Quran, 9:28.
43. Uma parte dos bens, concedida como caridade.
44. Biblia, Leviticus, Cap.26.
45. Quran, 48:1-3.
46. Quran, 47:7.
47. Quran, 2:213.
48. Quran, 36:30.
49. Quran, 40:83.
50. Templo de Salomão em Jerusalem.
51. Quran, 2:143.
52. Quran, 16:25.
53. Quran, 61:8-9.
54. Quran, 2: 129.
55. Quran, 3: 30.
56. Quran, 14:37.
57. Quran, 2: 128.
58. Ibn Kathir, *Tafsir*.
59. Philip K. Hitti, *History of the Arabs*, 253.
60. Quran, 3: 110.
61. Quran, 14:35-37.
62. Quran, 49: 7.
63. Ibn Hisham, *Sirah*, vol. 1, p. 441.
64. O povo de Medina que ajudou o profeta.
65. Ibn Hisham, *Sirah*, vol 1, p. 69.
66. Ibn Kathir, *Sirah*, vol 2, p. 168.
67. Quran, 48: 1.
68. Ibn Kathir, *Sirah*, vol.3, p. 79.
69. Al-Waqidi, *al-Maghazi*, vol 3, p. 1112.
70. Quran, 74:1-7.
71. Quran, 6:15.
72. Muhammad Marmaduke Pickthall, *The Glorious Quran*, Londres, 1938.
73. Sardar Pooran Singh, Artigo “Bravery.”
74. Quran, 9:26.
75. Ibn Hisham, *Sirah*, vol.2, p. 538.
76. Abu Dawud, *Sunan*, Hadith n° 3025.
77. Ibn Hisham, *Sirah*, vol 2, pp. 499500.
78. Ibn Hisham, *Sirah*, vol 1, p. 296.
79. Al-Bazar, *Musnad*, Hadith v. 456; Imam Ahmad, *Musnad*, Hadith n° 883.
80. Imam Ahmad, *Musnad*, Hadith n° 16691.
81. Quran, 3:146.
82. Quran, 30:60.
83. Quran, 14:12.
84. Quran, 33:19.
85. Quran, 8:12.
86. Quran, 8:44.
87. Quran, 8:61-62.
88. Quran, 48:29.
89. Al-Maqdisi, *Al-Ahadith alMukhtarah*, Hadith n°. 79; *Mustadrak Al Hakim*, Hadith n°. 5706.
90. Ibn Hisham, *Sirah*, vol.1, p. 297.
91. Al-Bukhari, *Sahih*, Hadith n°. 3; Muslim, *Sahih*, Hadith n°. 160.
92. *Al-Bidayah wa al-Nihayah*, vol. 3, p. 24.

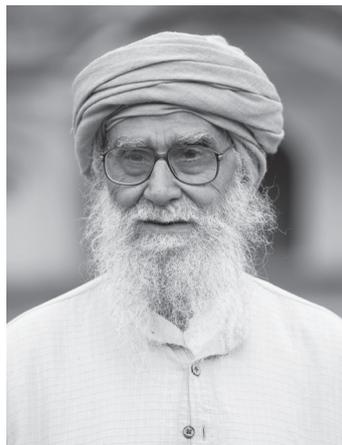
NOTAS

93. Imam Ahmad, *Musnad*, Hadith n° 883 & 1371.
94. Ibn Hisham, *Sirah*, vol.1, p. 298.
95. Ibn Hisham, *Sirah*, vol.1, pp. 41718.
96. Ibn Kathir, *Al-Bidayah wa alNihayah*, vol 3, p. 80.
97. Al-Tabarani, *Al-Mu'jam al-Awsat*, Hadith n° 6615.
98. Ibn Khuzaymah, *Kitab al-Tawhid*, vol 1, p. 277.
99. Ibn Kathir, *Al-Bidayah wa alNihayah*, vol 5, p. 53.
100. Abu Nu'aym, *Hilyat al-Awliya*, vol 9, p. 279; Al-Bayhaqi, *Al-Zuhd alKabir*, Hadith no. 970.
101. Imam Ahmad, *Musnad*, Hadith n° 2749.
102. *Ibid*.
103. Imam Ahmad, *Musnad*, Hadith n° 2380.
104. Ibn Kathir, *Al-Bidayah wa alNihayah*, vol. 3, p. 162.
105. Ibn Hisham, *Sirah*, vol.1, pp. 417.
106. Al-Waqidi, *al-Maghazi*, vol 2, p. 746.
107. *Tarikh al-Tabari*, vol. 3, p. 522.
108. Al-Bukhari, *Al-Tarikh al-Awsaf*, Hadit no. 14 .
109. Ibn Hisham, *Sirah*, vol.1, p. 427.
110. Ibn Hajar, *Al-Isaba fi Tamyiz alSahaba*, vol 3, p. 424.
111. *Ibid*, vol 7, p. 107.
112. Ibn Hisham, *Sirah*, vol.1, pp. 34243.
113. Al-Tabarani, *Al-Mu'jam al-Kabir*, Hadith n°. 849.
114. Abu Nu'aym, *Dala'il al-Nubuwwah*, Hadith n°. 222.
115. Imam Ahmad, *Musnad*, Hadith n°. 16633
116. Abu Ya'la al-Mawsili, *Musnad*, Hadith n° 1818.
117. Abu Nu'aym, *Dala'il al-Nubuwwah*, Hadith n°. 187.
118. Ibn Asakir, *Tarikh Dimashq*, vol 46, p. 345
119. Ibn Kathir, *Sirah*, vol 1, p. 507.
120. Quran, 56: 82.
121. Ibn Hisham, *Sirah*, vol.1, p. 416.
122. Ibn Majah, *Sunan*, Hadith n° 150; Imam Ahmad, *Musnad*, Hadith n°. 3832.
123. Abu Nu'aym, *Hilyat al-Awliya*, vol 8, p. 308.
124. Al-Tabarani, *Al-Mu'jam al-Kabir*, Hadith n°. 2926.
125. Quran 11: 91.
126. Ibn Hisham, *Sirah*, vol.2, p. 266.
127. Ibn Kathir, *Al-Bidayah wa alNihayah*, vol. 3, p. 170.
128. Abu Nu'aym, *Dala'il al-Nubuwwah*, Hadith no. 221.
129. Ibn Hisham, *Sirah*, vol.1, p. 420.
130. Ibn Hisham, *Sirah*, vol.1, p. 419.
131. *Ibn Kathir, Al-Bidayah wa alNihayah*, vol. 2, 159.
132. *Abu Nu'aym, Dala'il al-Nubuwwah*, Hadith n°. 222.
133. Al-Tabarani, *Al-Mu'jam al-Kabir*, Hadith n°. 566.
134. Ibn Kathir, *Al-Bidayah wa alNihayah*, vol. 3, p. 144.
135. Ibn Hisham, *Sirah*, vol.1, p. 424.
136. Ibn Kathir, *Al-Bidayah wa alNihayah*, vol. 3, p. 145.

137. Al-Haythami, *Majmu' al-Zawa'id wa Manba' al-Fawa'id*, Hadith n°. 9902.
138. Ibn Hisham, *Sirah*, vol.1, p. 429.
139. Imam Ahmad, *Musnad*, Hadith n°. 3251.
140. Ibn Kathir, *Al-Bidayah wa alNihayah*, vol. 3, p. 145.
141. Abu Nu'aym, *Dala'il al-Nubuwwah*, Hadith n° 224.
142. Al-Maqdisi, *Al-Ahadith al-Mukhtarah*, Hadith n°. 1145.
143. Imam Ahmad, *Musnad*, Hadith n°. 15988.
144. Abu Nu'aym, *Dala'il alNubuwwah*, Hadith n°. 215.
145. Quran, 8:60.
146. Quran, 9:60.
147. Al-Waqidi, *al-Maghazi*, vol 2, p. 855.
148. Ibn Kathir, *Al-Bidayah wa alNihayah*, vol. 6, p. 305.
149. Ibn Hisham, *Sirah*, vol.1, pp. 501-3.
150. Quran, 61:5.
151. Al-Bukhari, *Sahih*, Hadith n° 2731.
152. Abu Nu'aym, *Dala'il al-Nubuwwah*, Hadith n°. 185.
153. Ibn Kathir, *Al-Bidayah wa alNihayah*, vol 4, p. 174.
154. Quran, 48:20.
155. Ibn Hisham, *Sirah*, vol.2, pp. 412.
156. Ibn al-Qayyim, *Zad al Ma'ad*, vol 3, p. 359.
157. Al-Bukhari, *Sahih*, Hadith n°. 4304.
158. Quran 8:38.
159. Quran 8:61-62.
160. Quran, 17:79.
161. Quran, 17:79.
162. Quran, 21:107.
163. Quran, 74:1-7.
164. Quran, 6:114.
165. Quran, 33:21.
166. Quran, 15: 9.
167. Quran, 9:14.
168. Quran, 33:11.
169. Quran, 17:75.
170. Quran, 9:119.
171. Quran, 33:28.
172. Al-Tirmidhi, *Sunan*, Hadith n° 3546.
173. Quran, 17: 59.
174. Quran, 6:35.
175. Quran, 29: 50-51.
176. Xavier Lean-Dufour S. J., *The Gospels and the Jesus of History*, Desclee Co. Inc., Nova Iorque, 1970, pp. 79 – 80.
177. Ernest Renan (1823-1894).
178. Jurji Zaydan, *Adab al-Lughat al-'Arabiyyah*, p. 393.
179. Dr. Ahmad Hasan Zayyat.
180. Non-Arabs.
181. Mutanabbi, *Sharh Diwan al-Mutanabbi*, Beirut, 1983, p 384.
182. Ibn Hisham, *Sirah*, vol.2, pp. 577.
183. Quran, 17:88.
184. Quran, 3:185.
185. Quran, 2:179.
186. Quran, 50:30.
187. Sheikh Tantawi, *al-Jawahiri fi Tafsiral-Quran al-Karim*, Cairo,

NOTAS

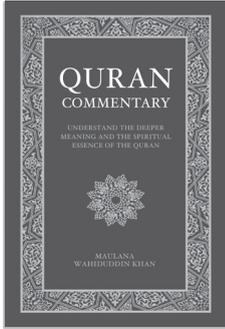
- A.H. 1351, vol. 23, pp. 111-112. 188. Quran, 49: 7.
189. Quran, 8:31.
190. Quran, 25:5.
191. Quran, 57:10.
192. Quran, 57:11. 193. Quran, 5: 24.
194. Quran, 48:29.
195. Biblia, Marcos, 4.26-32.
196. Quran, 61:9.
197. *The Encyclopaedia Britannica* (1984), Artigo de “*Man and his God*,” p. 389.
198. Quran, 5:44.
199. Quran, 15:9.
200. Quran, 8:39.
201. Quran, 58:22.
202. Philip K. Hitti, *History of Arabs* (1979), p. 142.



Maulana Wahiduddin Khan (1925-2021) foi um sábio do Islam, líder espiritual e ativista pela paz. Sua obra recebeu reconhecimento internacional por suas contribuições seminais rumo à paz mundial. São de autoria do Maulana mais de 200 livros que tratam da sabedoria espiritual do Islam, da abordagem não-violenta do Profeta, da relação do Islam com a modernidade e outras questões contemporâneas. Sua tradução do Alcorão para a língua inglesa é amplamente aceita como simples, clara e de fácil compreensão. Ele fundou o Centro Internacional pela Paz e Espiritualidade em 2001 para popularizar a cultura da paz e compartilhar a mensagem espiritual do Islam com as pessoas.

[www.quran.me](http://www.quran.me)  
[www.mwkhana.com](http://www.mwkhana.com)

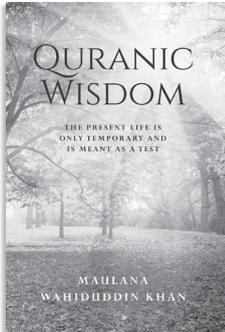
[www.goodwordquran.com](http://www.goodwordquran.com)  
[www.cpsglobal.org](http://www.cpsglobal.org)



## **Quran Commentary**

by Maulana Wahiduddin Khan

Concise and easy-to-read guide to understand the deeper meaning of the Quran and reflect upon its relevance in the present world.



## **Quranic Wisdom**

by Maulana Wahiduddin Khan

This book explains that if you read the Quran, you will find that it gives wisdom on all the subjects relating to human beings.

[www.goodwordbooks.com](http://www.goodwordbooks.com)  
[www.quran.me](http://www.quran.me) [www.cpsglobal.org](http://www.cpsglobal.org)

## SABEDORIA E LEGADO ESPIRITUAL DO PROFETA

Esta abrangente biografia do profeta ilumina o leitor quanto à pessoa que Muhammad foi, o caráter que possuía, como ele viveu entre as pessoas e os pensamentos que mais o preocupavam. O autor oferece uma visão da sabedoria e dos princípios que o profeta adotou que trouxeram a ele sucesso excepcional. Em *A vida de Muhammad*, o leitor vai descobrir o significado de ter confiança em Deus Todo-Poderoso, como mostrar humildade mesmo na vitória e o caminho da transformação espiritual. O livro é essencialmente sobre o caminho que o profeta gostaria que seus seguidores trilhassem hoje.

Goodword Books  
Center for Peace and Spirituality, USA